



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MATHEUS ALEXANDRE DE ARAÚJO

**TORNANDO-SE UM EVANGÉLICO PROGRESSISTA: TRAJETÓRIA E
FORMAÇÃO DE VALORES POLÍTICOS**

FORTALEZA
2022

MATHEUS ALEXANDRE DE ARAÚJO

TORNANDO-SE UM EVANGÉLICO PROGRESSISTA: TRAJETÓRIA E
FORMAÇÃO DE VALORES POLÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia. Área de concentração: Processos de trabalho, Estado e transformações capitalistas.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Danyelle Nilin Gonçalves

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A37t Alexandre de Araújo, Matheus.
Tornando-se um evangélico progressista : trajetória e formação dos valores políticos /
Matheus Alexandre de Araújo. – 2022.
172 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves.
1. Evangélicos progressistas. 2. Trajetória de vida. 3. Tipo ideal. I. Título.

CDD 301

MATHEUS ALEXANDRE DE ARAÚJO

TORNANDO-SE UM EVANGÉLICO PROGRESSISTA: TRAJETÓRIA E
FORMAÇÃO DE VALORES POLÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia. Área de concentração: Processos de trabalho, Estado e transformações capitalistas.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Danyelle Nilin Gonçalves

Aprovado em: 26/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Danyelle Nilin Gonçalves (orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Monalisa Soares Lopes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Esther Solano Gallego
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Ao Eterno, que me fez perder o medo quando descobri que eram suas as mãos que me sustentavam;

À minha ancestral-avó Francisca Candido de Oliveira, falecida em julho de 2020, com 90 anos, e ao meu ancestral-avô José Soares da Costa, falecido novembro de 2022, com 88 anos, e que, juntos, deram ao mundo 13 filhos, 39 netos e 28 bisnetos. Que sejam benditas as suas memórias;

Aos ancestrais cujos nomes são muitos e aqueles cujos nomes não conheço. Para eles, os meus mortos, os lugares que lhes são devidos. Sou porque foram e são em mim. Essa conquista é por eles e para eles, que um dia proferiram palavras de bênção para a sua descendência. Que sejam benditas as suas memórias!

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará (UFC), que acolheu este jovem oriundo da classe trabalhadora e que me formou como um profissional pronto para o mundo;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que me financiou e tornou esta pesquisa possível;

À professora Danyelle Nilin Gonçalves, minha orientadora, que durante parte significativa da minha graduação e toda a pós-graduação me inspirou, incentivou, ofereceu compreensão quando os tempos eram maus e deu lições valiosas sobre o ofício do sociólogo;

Às professoras Monalisa Soares e Esther Solano, que desde o primeiro momento aceitaram participar da qualificação deste trabalho, oferecendo contribuições sociológicas valiosas para que este trabalho fosse possível;

Aos governos populares de Lula e Dilma Rousseff, que implementaram políticas públicas essenciais para mudança de vida da minha família e tornaram possível o meu ingresso na universidade pública;

À minha mãe, Antônia de Maria, que sempre me cobrou a devida dedicação aos estudos e que, na sua pia da lavar-louças e na mesa simples em que almoçávamos, me transmitiu ensinamentos que contribuíram para formação do homem que sou hoje;

Ao meu pai, Antônio dos Santos, que tendo uma bicicleta como meio de transporte, trabalhou incansavelmente para que meus irmãos e eu tivéssemos as oportunidades que ele mesmo não pôde ter;

Ao meus irmãos, Pedro e Débora, que me provam todos os dias a possibilidade de amizade e infinito amor em família;

Ao meu companheiro, Carlos Mourão, com quem nos últimos anos dividi não apenas o pão, mas também as lágrimas de alegria e tristeza, quem aparou meu corpo quando fraco quase caiu;

Às minhas amigas e amigos Vanessa Pereira, Ana Letícia Lins, Marcus Vinícius, Lorena Gomes, Luciana Pascoal, Lucas Lopes, Janaellen Lima, Talita Brasil e André Feitosa, que foram coragem no desânimo, presença na angústia e força na adversidade. Como disse o sábio Salomão, em todo tempo ama o amigo, mas na aflição nasce um irmão. Para estas amizades, guardo meu profundo carinho e desejo que sejam benditos com longa vida com saúde.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a formação dos valores políticos de um grupo de evangélicos progressistas de diversos estados do Brasil a partir de marcadores de trajetórias de vida. Valores políticos foram compreendidos, nessa pesquisa, como o conjunto de representações simbólicas que compõem o campo da política e são apropriados pelos indivíduos de uma sociedade em formato de crenças sobre como o mundo social deve ser organizado em suas diversas esferas, reverberando, por isso, no voto e na preferência partidária. O principal achado desse trabalho é de que, excluindo as particularidades, existem elementos comuns nas biografias desses fiéis que os inclinaram às perspectivas políticas do progressismo ou da esquerda. Foi de interesse desse trabalho, ainda, discutir o processo de secularização e a formação do pluralismo religioso no Brasil, bem como percorrer a formação do campo evangélico brasileiro e a genealogia dos diversos tipos de denominações que existem no país. A metodologia utilizada neste trabalho foi a investigação qualitativa, no contexto da sociologia compreensiva weberiana, que toma como centralidade os sentidos construídos pelo indivíduo sobre os fenômenos sociais. Para isso, foram realizadas entrevistas guiadas semiestruturadas. Ao final da pesquisa, foi construído, a partir dos marcadores biográficos comuns aos interlocutores, um tipo ideal do evangélico progressista ou de esquerda, sendo este o indivíduo que teve contato com a pobreza, enfrentou conflitos ou decepções na comunidade religiosa, se conectou com perspectivas teológicas críticas, teve experiência com organizações políticas de esquerda e passou por um processo de autoidentificação racial ou LGBTQIA+, ou teve contato com movimentos dessa natureza.

Palavras-chave: evangélicos progressistas; trajetória de vida; tipo ideal.

ABSTRACT

This work aimed to study the formation of political values of a group of progressive evangelicals from different states of Brazil based on indicators of life trajectories. Values, such as a society, a society, a set of policies, which are chosen by your organization, as the field of society, are dedicated to this, revering in organized beliefs about the society's world. in voting and party preference. The main thing about this work is that there are, as common portraits in biographies, elements that lean towards the perspectives of political progress or the left. It was also of interest in this work to contest the process of secularization and the formation of religious pluralism in Brazil, as well as to go through the formation of the Brazilian evangelical field and the genealogy of the different types of denominations that exist in the country. The methodology used is a qualitative methodology, not comprehensive of the Weberian, which takes as its context the sociology centrality of the constructed principles. For this, semi-structured guided interviews were carried out. At the end of the research, from the biographical indicators common to the interlocutors, an ideal type of progressive or left-wing evangelical was built, being this the individual who had contact with poverty, conflicts, or disappointments in the religious community, connected with perspectives Critical theologians, he had experience with self-left political organizations and went through a process of racial or LGBTQIA+ identification, or had contact with movements of this nature.

Keywords: progressive evangelicals; life trajectory; ideal type.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Dividindo as águas – ascensão do bolsonarismo e formação da coalização neoconservadora.....	14
1.2. Crescimento e inserção dos evangélicos na política brasileira.....	18
1.3. A multiplicidade da religião e o significado de categorias políticas:	22
1.4. Percursos metodológicos.....	25
1.5. Pergunta de pesquisa e objetivos.....	36
1.6. Estrutura da dissertação.....	37
2. ESTADO, RELIGIÃO E SOCIEDADE NO BRASIL	38
2.1. O processo de secularização e a formação do pluralismo religioso no Brasil	38
2.2. Religião e política – desafios da democracia contemporânea	43
3. QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS?	48
3.1. Tipologia das denominações evangélicas brasileiras	49
3.2. Genologia das denominações evangélicas brasileiras.....	53
3.3. Os evangélicos na história brasileira	66
3.4. Evangélicos progressistas – uma presença histórica	82
4. OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS IDENTIDADES “EVANGÉLICO” E “PROGRESSISTA”	84
4.1. “É complicado falar que é evangélico hoje” – a negação de uma identidade:.....	85
4.2. “O Cristo do povo”: reinterpretação do evangelho e construção de uma identidade contra-hegemônica:	91
4.3. Usos interacionais do ser evangélico	104
5. SOCIALIZAÇÃO, HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOS VALORES POLÍTICOS DOS EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS	110
5.1. A experiência não-institucional da fé evangélica e a formação dos valores políticos dos “desigrejados”	111
5.2. Trajetória e formação dos valores políticos de evangélicos progressistas da Assembleia de Deus	122
5.3. Trajetória e formação dos valores políticos de evangélicos progressistas de igrejas protestantes históricas	139

5.4. Trajetória e formação dos valores políticos de evangélicos progressistas de igrejas inclusivas	149
5.5. Evangélicos progressistas – um tipo ideal:	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	163
REFERÊNCIAS:	168

1. INTRODUÇÃO

“Evangélicos criam movimentos contra Bolsonaro por todo o país”¹. Foi assim que, em outubro de 2018, o jornal *Brasil de Fato* noticiou a mobilização de evangélicos de diversas denominações em torno de uma frente política nacional chamada de “Evangélicos contra Bolsonaro”. Essa mobilização ocorreu em um período de forte associação, por parte dos veículos de comunicação, entre os evangélicos e a candidatura de Jair Bolsonaro, que naquele momento de fato liderava as pesquisas eleitorais entre fiéis desse grupo, fazendo com que evangélicos contrários à extrema-direita sentissem necessidade de demarcarem seus posicionamentos contrários a adesão da maioria hegemônica dos evangélicos a extrema-direita. Ao mesmo tempo que se posicionavam dessa forma, reafirmavam também sua identidade evangélica somada a uma postura a favorável aos Direitos Humanos e a políticas de combate as diversas desigualdades. É a partir desse momento que se populariza no debate público o chavão “evangélicos progressistas”.

A mobilização desses evangélicos politicamente progressistas ou de esquerda, no Brasil, no entanto, já existia. Desde a deposição da, então, presidente Dilma Rousseff, em 2016, começaram a surgir movimentos minoritários no interior do campo evangélico brasileiro para se contrapor a uma maioria favorável ao impedimento da então presidente da República, fato que já demonstrava as disputas, as contradições e a heterogeneidade desse subcampo religioso.

Esses movimentos também objetivaram combater a ideia de que “todos os evangélicos são de direita e conservadores” (CUNHA, 2017) – uma caricatura impregnada no imaginário político, especialmente de esquerda, em razão das ações parlamentares da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que teve fundamental participação no *impeachment* de 2016 e no novo governo de Michel Temer². Um caso emblemático dessa movimentação foi a fundação, naquele mesmo ano, da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e da Frente de Evangélicas pela Legalização do Aborto em 2017.

¹ “Evangélicos criam movimentos contra Bolsonaro por todo o país”: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/22/evangelicos-criam-movimentos-contra-bolsonaro-por-todo-o-pais/>>. Acessado em 10/06/2022.

² “Pastores orando na posse de Michel Temer”: <https://www.youtube.com/watch?v=IKtizeQQTJM&feature=emb_title>. Acessado em 10/10/2021.

Dois anos após o impedimento de 2016, Jair Bolsonaro é eleito como presidente da República tendo parte dos evangélicos como seu principal grupo de apoio. O candidato não renunciou a sua filiação católica, mas ofereceu diversos acenos aos evangélicos, através de batismo religioso no rio Jordão³, em Jerusalém, da participação da Marcha para Jesus, em São Paulo, e se aliando com as principais lideranças evangélicas conservadoras do país.

Se esse processo eleitoral se mostrou um momento de ruptura intersubjetiva para sociedade brasileira (AVRITZER, 2019), um divisor de águas que foi capaz de promover cisões no interior de famílias, relacionamentos e ambientes de trabalho, ficou evidente, também, que o movimento evangélico não era uma bolha, nem um grupo alheio às tensões sociais e polarizações políticas. Na esteira no movimento “Ele Não”⁴, em 2018, surgiu não apenas a frente política “Evangélicos Contra Bolsonaro”, mas vários outros coletivos evangélicos antibolsonaro por todo o país. Um desses coletivos é o Cristãos Contra o Fascismo, que hoje também conta com a participação de cristãos-católicos.

Após a eleição de Bolsonaro como presidente, outros movimentos nasceram como o Movimento Negro Evangélico e a Rede de Negras Evangélicas, com uma proposta evangélica antirracista, o movimento Evangélicos pelo Clima, que pauta o socioambientalismo a partir de uma leitura bíblica, e a iniciativa eleitoral da Bancada Evangélica Popular, fundada em 2020, que pretende oferecer formação e apoio para candidaturas evangélicas com um projeto esquerda. No interior de partidos progressistas também surgiram iniciativas como o Núcleo de Evangélicos e Evangélicas do PT, fundado em 2019, e o Movimento de Cristãos Trabalhistas do PDT, fundado em 2021.

Lideranças e personalidades evangélicas progressistas também passaram a ganhar importante notoriedade, após 2018. Uma delas é a pastora Odja Barros da Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió, que celebra casamentos LGBTs em sua

³ O rio Jordão possui grande importância para tradição cristã, pois segundo os relatos bíblicos esse teria sido o lugar onde Jesus Cristo foi batizado por João Batista. Jair Bolsonaro foi batizado, no local, em 2016, pelo pastor Everaldo da Assembleia de Deus e do Partido Social Cristão (PSC): <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/05/12/interna_politica,762037/bolsonaro-e-batizado-em-israel-enquanto-impeachment-corria-no-senado.shtml>. Acessado em 10/10/2021.

⁴ O movimento “Ele Não” foram manifestações populares ocorridas em todo o país, em setembro de 2018, contra o então candidato Jair Bolsonaro. As manifestações foram organizadas por mulheres e levou milhares de pessoas às ruas em pelo menos 114 cidades: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>> . Acessado em 11/10/2021.

congregação e pauta uma teologia feminista e popular. O pastor Henrique Vieira da Igreja Batista do Caminho, no Rio de Janeiro, que é militante antirracista, filiado ao PSOL e uma das lideranças fundadoras do movimento Esperançar, que é um coletivo de evangélicos progressistas fundado na cidade do Rio de Janeiro.

Como afirmei, esses elementos apontam para transformações no interior do campo evangélico, que não atravessou ileso os momentos de tensão no seio da sociedade. Ao contrário, as disputas também são levadas para o interior do seu campo. Foi nesse momento que os atores evangélicos progressistas sentiram a necessidade de demarcar quais são as diferenças entre eles e os atores conservadores, organizando e ampliando o seu discurso para a esfera pública.

Para entender a atuação contemporânea desses grupos de evangélicos, foi necessário, antes, compreender o contexto social na qual essa atuação ocorre, a saber: o crescimento numérico de evangélicos no Brasil das últimas décadas, desafiando a hegemonia religiosa do poder católico, bem como o clima social e político construído pela eleição de Jair Bolsonaro, um divisor de águas no interior do movimento evangélico brasileiro.

1.1. *DIVIDINDO AS ÁGUAS – ASCENSÃO DO BOLSONARISMO E FORMAÇÃO DA COALIZÃO NEOCONSERVADORA:*

O sociólogo estadunidense Charles Wright Mills, em sua importante obra *A Imaginação Sociológica* (1969), aponta que quando uma parcela da sociedade estima certos valores e sobre eles não circundam nenhuma ameaça, as pessoas experimentam o bem-estar. Quando, ao contrário, certos valores estimados são ameaçados, experimentamos uma crise ou total ameaça de pânico. O papel da sociologia, portanto, seria compreender as transformações que suscitam o sentimento de ameaça, que fragilizam a confiança coletiva e colocam em risco a vida social.

Como parte desse propósito sociológico estimulado por Mills, Christina Vital Cunha (2020) discute como o processo eleitoral de 2018, no Brasil, momento em que a identidade cristã ganha centralidade, foi caracterizado por um clima de ameaças e perigos, uma “retórica da perda”, que fez parte das narrativas da maior parte dos candidatos vitoriosos. Essa retórica localizava no presente e na projeção de futuro

mudanças que ganhariam força e aumentariam a desordem, a instabilidade e a impureza.

Centrando-se na recuperação de valores perdidos, o discurso eleitoral de Jair Bolsonaro teria sido atravessado por essa retórica. Os três principais eixos valorativos mobilizados pelo candidato e que teriam sido perdidos em razão da hegemonia cultural das esquerdas seriam: 1) os valores familiares (contra a “ideologia de gênero”); 2) a segurança (contra a “bandagem” e os Direitos Humanos) e 3) a moral nacional (contra o comunismo e a corrupção). A retórica da perda, portanto, é uma tática discursiva articulada por lideranças religiosas e políticas baseada em um principal imperativo: retornar à ordem onde supostamente haveria previsibilidade, segurança, unidade e autoridade.

Trata-se de um discurso que se contrapõe às mudanças sociais experimentadas no mundo a partir da década de 1990 (VITAL, MOURA, 2021) como forma de resgatar a sensação de segurança coletiva. Todavia, a retórica da perda, segundo Vital (2020), também exige mudanças. Seu discurso é construído identificando o sentimento social que anseia por transformações. Estas, por sua vez, não são em direção ao futuro, ao novo, mas ao passado. O retorno de um lugar de memória supostamente harmônico e seguro. Vale lembrar que essa “utopia do passado”, o desejo de “mudança para trás”, constitutivo da retórica da perda, também foi analisado por Zygmunt Bauman em sua obra póstuma *Retrotopia* (2017).

Foi nesse contexto que se dá o processo eleitoral de 2018, marcado pela participação e ascensão de uma nova força política, o “bolsonarismo”. Ainda são poucas as produções que definem com clareza o significado dessa categoria política⁵. Neste trabalho, a compreendemos como a expressão de um movimento político neoconservador (LACERDA, 2019; CUNHA, 2020; BIROLI, MACHADO, VAGGIONE, 2020) e de extrema-direita, sustentado por valores como o militarismo, o anticientificismo, o anticomunismo, o punitivismo, o fundamentalismo e o

⁵ O termo “bolsonarismo” foi usado pela primeira vez em 2014 pelo, então, professor de Direito da Universidade de São Paulo, Conrado Hubner, em artigo para o jornal *Estadão*. “Reféns do Bolsonarismo”: <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,refens-do-bolsonarismo-imp-,1140280>>. Acessado em 10/01/2020.

neoliberalismo, e que tem Jair Bolsonaro, atual presidente da República, como seu principal líder.

O neoconservadorismo, segundo Biroli, Campos Machado e Vaggione (2020), tem como um dos aspectos fundamentais a aliança entre neoliberais e conservadores. Essa aliança se constitui em uma temporalidade específica marcada pelo avanço dos movimentos antirracistas, feministas e LGBTs. A origem do termo, na segunda metade do século XX, remete às reações de intelectuais conservadores aos movimentos de contracultura.

Na aliança neoconservadora, neoliberais e conservadores, ainda segundo Biroli, Campos Machado e Vaggione (2020), convergem em uma narrativa da crise que tem como *locus* a família. Dessa forma, políticas para inserir mulheres no mercado de trabalho de trabalho, o divórcio, políticas de autonomia sexual teriam fomentado a desestabilização do casamento. As políticas de erosão e desregulamentação do Estado, por outro lado, responsabilizariam as famílias por demandas anteriormente direcionadas para políticas sociais, fortalecendo também o poder patriarcal-familiar e sobrecarregando mulheres no ambiente doméstico.

Compreender o bolsonarismo como a expressão de um movimento político é importante, pois como destaca a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2018; 2022) o bolsonarismo não deve ser tomado como um fenômeno restrito à figura de sua liderança, mas como um movimento pulverizado que corresponde a uma nova roupagem do discurso conservador, um estilo de fazer política e uma conjunção de forças reacionárias que possui forte enraizamento nas redes sociais. Em uma abordagem semelhante, o professor João Cezar de Castro Rocha (2021) aponta que a guerra cultural é um elemento que está na origem e na forma do bolsonarismo e que a ascensão da nova direita ultraconservadora, nas últimas décadas, não é uma agitação com propósitos passageiros, mas um movimento orgânico, com consequentes e duradouras transformações na política brasileira.

Diante do descrédito das instituições e da política, da crise econômica que teve efeitos deletérios nas condições de vida da maioria dos brasileiros e da mobilização da retórica perda, essa nova força ascendeu ao poder na esfera federal e em alguns estados da federação nas eleições gerais de 2018. Esse movimento, que culminou na

eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República, pelo Partido Social Liberal (PSL), também conseguiu eleger a segunda maior bancada da Câmara Federal, com 52 deputados, para a 56ª legislatura. Nos estados, pelo menos 15 governadores foram eleitos com o apoio do então candidato à presidência. Como uma aliança entre diversos grupos e pautas, o bolsonarismo também conseguiu aglutinar um importante setor da política nacional e que tem conquistado muita relevância na esfera pública, nos últimos anos: os evangélicos.

Nesse pleito, os evangélicos se voltaram não apenas para a disputa legislativa, mas agiram como um dos pilares de sustentação da candidatura de Jair Bolsonaro, imprimido na disputa sua agenda, símbolos e discurso. Não se tratava mais de apenas pressionar os candidatos laicos por um comprometimento com determinadas pautas em troca de apoio eleitoral. Os evangélicos, nesse novo momento, tinham seu próprio candidato⁶ (DIP, 2018).

Após a posse do novo governo, figuras evangélicas e fundamentalistas passaram a ocupar cargos importantes na esfera federal. A pastora Damares Alves, da Igreja Batista da Lagoinha, tornou-se chefe do Ministério da Mulher, da Família dos Direitos Humanos. Em 2020, também tomaram posse o pastor Milton Ribeiro, da Igreja Presbiteriana de Santos, como chefe do Ministério da Educação, André Mendonça, da Igreja Presbiteriana Esperança de Brasília, como chefe do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Benedito Guimarães Aguiar Neto, da Igreja Presbiteriana do Brasil, como presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Tasso Lycurgo, da Comunidade Cristã Ministério da Fé, como diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O presbiteriano André Mendonça, no ano seguinte, foi indicado pelo presidente Jair Bolsonaro para ocupar o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), em cumprimento a promessa feita à comunidade evangélica de que uma das suas indicações seria de um nome “terrivelmente evangélico”⁷.

⁶ “Como Bolsonaro se tornou o candidato dos evangélicos”: <<https://epoca.globo.com/como-bolsonaro-se-tornou-candidato-do-evangelicos-23126650>>. Acessado em 19/01/2021.

⁷ “Bolsonaro diz que vai indicar ministro terrivelmente evangélico para o STF”: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml>>. Acessado em 20/02/2022.

1.2. CRESCIMENTO E INSERÇÃO DOS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA BRASILEIRA:

Para entender a relevância político-institucional evangélica, no Brasil do presente, é necessário, antes, compreender como esse grupo de constituiu como força política proeminente na esfera pública, a partir da redemocratização. Os últimos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram um relevante aumento no trânsito de fiéis em direção aos grupos evangélicos. Enquanto os católicos diminuíram de 83,3%, em 1991⁸, para 73,8%, em 2000⁹, e 64,2%, em 2010¹⁰, os evangélicos cresceram de 9% para 15,6% e 22,2%, nos mesmos períodos.

Esse rápido crescimento foi impulsionado pela acelerada expansão dos evangélicos pentecostais¹¹, que, a partir do Censo de 1991, já representavam 65,1% dos evangélicos nacionais, apresentando um crescimento médio de 111,7%, em detrimento dos protestantes históricos, os quais permaneceram estagnados, com um crescimento de apenas 9,1%. Segundo os dados do último Censo, os pentecostais representam 60% dos evangélicos e 13,3% da população brasileira¹².

Paralelo a esse crescimento, observou-se um florescimento de movimentos políticos de caráter religioso e tradicionalista na esfera pública – não apenas no Brasil (MACHADO, PICCOLO, 2010, p. 13). Esses movimentos confessionais, tendo

⁸ “Censo demográfico 1991: resultados do universo relativos as características da população e dos domicílios”: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=782&view=detalhes>>. Acessado em: 15/03/2019.

⁹ “Censo demográfico 2000: características gerais da população”: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>. Acessado em: 15/03/2019.

¹⁰ “Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião”: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao&view=noticia>>. Acessado em: 15/03/19.

¹¹ Os evangélicos pentecostais diferenciam-se dos protestantes históricos por sua ênfase na experiência pessoal e direta com Deus, através do “batismo no Espírito Santo”. Sua principal evidência seria a *glossolalia*, um dos dons espirituais que dá ao fiel a capacidade de falar a “língua dos anjos” em um momento de êxtase. A palavra pentecostal, por sua vez, deriva de Pentecostes, uma tradicional festa judaica e que, conforme a descrição de Atos dos Apóstolos capítulo 2, marcou a descida do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus Cristo.

¹² Esse dado pode ter se modificado consideravelmente nos últimos 10 anos, tendo em vista que o último censo demográfico foi realizado em 2010. No entanto, essas são as únicas cifras oficiais sobre o assunto.

destaque no Brasil para os evangélicos, tinham em comum a utilização de modernas tecnologias comunicacionais para realizar ativismo religioso.

Apesar de terem mantido uma postura distante da política, durante grande parte do século XX, os evangélicos passaram a chamar atenção no cenário político nacional a partir da década de 1980, quando o número de representantes desse seguimento saltou de 02 para 18, nas eleições de 1986, e quando na Assembleia Constituinte de 1988 seus representantes atuaram de forma inédita como uma “bancada evangélica” (MACHADO, 2006; 2012; 2015). Esse episódio surpreendeu, pois até o final da década de 1970, o apartamento da política e das mobilizações sociais eram características desse grupo religioso (MACHADO, 2015).

Anos depois, no âmbito legislativo, o número de evangélicos, na Câmara Federal, saltou de 57, na 51ª legislatura (1999-2002), para 71 na 52ª legislatura (2003-2006) (MACHADO, 2012). Na 55ª legislatura (2015-2019), havia pelo menos 75 parlamentares ligados às igrejas evangélicas. A Frente Parlamentar Evangélica, fundada em 2003, contou, na 55ª legislatura, com 198 signatários¹³. Embora nem todos sejam evangélicos, esse número revela uma enorme capacidade de mobilização desse grupo religioso no Congresso Nacional. O número de membros oficiais chegou a 75.

Tabela 1 – Membros da bancada evangélica eleitos por legislatura

Legislatura	Anos	Nº de membros da bancada evangélica
51ª	1999-2002	57
52ª	2003-2006	71
53ª	2007-2010	46
54ª	2011-2014	69
55ª	2015-2018	75
56ª	2019	84

Fonte: elaboração própria com dados de Lacerda (2019); Diap (2018).

Essa inserção organizada da religiosidade evangélica na esfera política, seguindo a perspectiva de José Casanova (1994), representaria uma tendência

¹³ “Frentes Parlamentares da Câmara Federal”: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>>. Acessado em: 19/03/2019.

contemporânea de desprivatização e publicização da religião (BURITY, 2001). Nesse contexto, há uma “repolitização” das esferas religiosa e moral privadas. A religião alcança as múltiplas formas de fazer política e passa a integrar os fóruns públicos de discussão. Já para Renato Janine Ribeiro (2002), o ingresso de igrejas evangélicas na política nacional estaria revelando uma ampliação do desgaste e da descrença na coisa política. A “fertilidade”, a “vitalidade” e as “novas energias” que movimentam nossa sociedade estariam pulsando em áreas não tradicionais da política, como seria o caso dos partidos, mas em outros campos sociais, como esfera religiosa. Essa “vitalidade” social seria absorvida pela política. No entanto, aponta o autor, ao ser transferida para o debate público, essa energia de aparência transformadora torna-se estéril.

Diante desse contexto, não têm sido possível para a academia ignorar a crescente presença dos evangélicos na esfera pública. Além do pleito presidencial de 2018, nas corridas de 2010 e 2014 questões religiosas e morais também assumiram o centro do debate em diversos momentos, impulsionados por lideranças evangélicas com nítidos objetivos eleitorais.

Em 2010, um caso paradigmático marcou o pleito: Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores, foi acusada de apoiar a descriminalização do aborto, o que a fez enfrentar uma enorme queda de popularidade nas pesquisas de opinião, enquanto líderes eclesiais advertiam seus fiéis publicamente sobre os perigos de eleger uma candidata que apoia “práticas abortistas” (DANTAS, 2011; MIGUEL, 2012). O mesmo ocorreu com relação aos direitos dos homossexuais. A pressão fez com que a candidata lançasse a “Carta ao Povo de Deus”¹⁴ para tentar driblar os ataques e dialogar com o eleitorado cristão, especialmente os evangélicos.

Em 2014, uma situação semelhante se repete. Os candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) travaram corrida em disputa do eleitorado evangélico. Enquanto a petista visitava templos evangélicos, como a Assembleia de Deus do Brás¹⁵ e recebia apoio de políticos evangélicos como Eduardo Cunha (PMDB), o

¹⁴ “Em carta ‘povo de Deus’, Dilma evita tomar posição sobre o aborto”: <<https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/em-carta-ao-povo-de-deus-dilma-evita-tomar-posicao-sobre-aborto-4990009>>. Acessado em: 12/06/2020.

¹⁵ “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”, discursa Dilma em encontro com evangélicos”: <<https://oglobo.globo.com/brasil/feliz-a-nacao-cujo-deus-o-senhor-discursa-dilma-em-encontro-com-evangelicas-13535253>>. Acessado em: 12/06/2020.

candidato tucano fazia negociações com lideranças políticas da bancada evangélica¹⁶ e recebia apoio de sacerdotes como Silas Malafaia¹⁷, Marco Feliciano e o ex-candidato Pastor Everaldo¹⁸.

É antes de 2014, no entanto, que há um relativo aumento do protagonismo evangélico em torno das pautas morais no Congresso Nacional, sobretudo com relação às pautas do movimento LGBT¹⁹. Essa ofensiva ocorreu entre 2011 e 2012 – um contexto não eleitoral – em razão de três eventos importantes daquele período: 1) o julgamento pelo Judiciário da constitucionalidade da união homoafetiva; 2) as discussões do PLC 122/2006, no parlamento, sobre a criminalização da homofobia; e 3) o lançamento pelo Ministério da Educação do Programa Escola Sem Homofobia, que ficou conhecido como “kit gay” (LACERDA, 2019; DANTAS, 2011). Sobre este último, no dia 24 de maio de 2011 a Agência Câmara divulgou que a Frente Parlamentar Evangélica liderou uma ofensiva de católicos e evangélicos contra o governo, que acabou recuando e suspendendo o lançamento do material educativo. As ameaças falavam desde a convocação do então ministro da Casa Civil, Antônio Palocci, para prestar esclarecimentos sobre o crescimento de seu patrimônio pessoal, até à obstrução de todas as votações, bem como a articulação de uma CPI para investigar o Ministério da Educação²⁰.

Esses eventos demonstram, na prática, o engajamento militante de grupos religiosos nas instituições públicas e a instrumentalização da política como ferramenta de proselitismo. Esse movimento crescente, desde o final da década de 1980, levou diversos pensadores a questionarem a chamada “tese da secularização” e a refletirem

¹⁶ “Aécio se reúne com Marco Feliciano e outros evangélicos”: <<http://www.valor.com.br/eleicoes2014/3736808/aecio-se-reune-com-marco-feliciano-e-outros-evangelicos>>. Acessado em: 12/06/2020.

¹⁷ “Edir Macedo apoia Dilma, eu apoio Aécio”, diz Silas Malafaia”: <<https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/felipe-paturo/noticia/2014/10/bedir-macedo-apoia-dilmab-eu-apoio-aecio-diz-silas-malafaia.html>>. Acessado em: 12/06/2020.

¹⁸ “Pastor Everaldo anuncia apoio do PSC a Aécio Neves no segundo turno”: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/pastor-everaldo-anuncia-apoio-do-psc-aecio-neves-no-segundo-turno.html>>. Acessado em: 12/09/2020.

¹⁹ Iniciativas parlamentares como a proposta de sustar a portaria do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que vedava o oferecimento de terapias de “reversão sexual”, ou o projeto de plebiscito para decidir sobre a união civil de pessoas do mesmo sexo em reação à decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que reconheceu a legalidade do casamento homoafetivo, movimentaram o parlamento e mobilizaram o debate político na sociedade.

²⁰ “Deputados cristãos ameaçam convocar Palocci se governo mantiver “kit anti-homofobia””: <<https://www.camara.leg.br/noticias/215169-deputados-cristaos-ameacam-convocar-palocci-se-governo-mantiver-kit-anti-homofobia/>>. Acessado em: 12/06/2020.

sobre o “redesenho” das fronteiras entre religião e política e entre o público e o privado, no Brasil (BURITY, 2001; GUIGOU, 2006; DANTAS, 2011), como discutiremos no capítulo 2.

Maria das Dores Campos Machado (2006; 2011; 2015) nos mostra, em suas pesquisas, que há uma predominância, entre os atores políticos evangélicos, de pessoas com cargos religiosos no conjunto dos deputados federais. Assim, haveria uma preferência desse grupo religioso, sobretudo os pentecostais, por candidaturas de lideranças religiosas. Como aponta a socióloga, a maior parte dos deputados eleitos declara ter assumido funções religiosas (como pastores e missionários) ou posições privilegiadas no meio evangélico antes de se aventurar na política partidária. Uma estratégia política que se diferencia dos católicos carismáticos, os quais têm preferência por preparar fiéis leigos para a vida política.

1.3. A MULTIPLICIDADE DA RELIGIÃO E O SIGNIFICADO DE CATEGORIAS POLÍTICAS:

Antônio Gramsci, filósofo comunista sardo, explicita a necessidade de alterar a visão de que a filosofia seria uma atividade intelectual própria de determinada camada de cientistas e filósofos profissionais. Para ele, “todos os homens são filósofos” (GRAMSCI, 1999, Caderno 11, p. 93). Isso que Gramsci chamou de “filosofia espontânea” estaria presente e se manifestaria na linguagem, no senso comum, no bom-senso e na religião popular. Em todas estas coisas estariam contidas concepções de mundo²¹. Dessa forma, os sujeitos subalternos são entendidos como “filósofos espontâneos”, cujo pensamento coexistiriam ideias e opiniões esparsas que se combinam, por vezes, de formas disparatadas (PAVEZ, 2015).

A religião também pode ser entendida como uma filosofia-ideologia, segundo ele. Toda religião, sob a aparência de homogeneidade ideológica, abrigaria, na verdade, uma multiplicidade de sub-religiões distintas e até mesmo contraditórias, pois a religião seria interpretada e reinterpretada de diferentes formas, de acordo com as diferentes classes e grupos sociais que a praticam.

Toda religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer “superficialmente” unitária,

²¹ A expressão “concepção de mundo” é utilizada por Gramsci para indicar os diversos graus de capacidade do sujeito de interpretar sua realidade. Segundo o pensador italiano, a partir de uma concepção de mundo sempre pertencemos a um determinado grupo.

a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequeno-burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo (GRAMSCI, 1981).

Assim, seguindo a perspectiva gramsciana, que também foi utilizada no trabalho “Entre a Religião e o Lulismo: um estudo com pentecostais em São Paulo” de Vinicius Valle (2019), haveria uma ‘religião do povo’ bem diversa da religião da hierarquia eclesiástica. Nesse sentido, como fez Valle (2019), seria possível pensar a religião evangélica como sub-religiões ligadas ao alto escalão das igrejas, aos fiéis comuns, aos jovens ativistas que experimentaram o acesso à universidade, às mulheres e homens trabalhadores da periferia e que são beneficiários de programas sociais etc.

Essa perspectiva gramsciana foi útil para o nosso problema de estudo pois nos ajudou a pensar como uma mesma religiosidade poderia adquirir diferenciadas facetas. Neste caso, nosso interesse de pesquisa é pensar o público progressista e de esquerda das comunidades evangélicas, que comumente são lidas como um bloco ideológico homogêneo, a saber: conservador e de direita.

Para pensar as categorias políticas “direita” e “esquerda”, “conservadorismo” e “progressismo” que serão mobilizadas neste trabalho, parti da compreensão de Norberto Bobbio (2004), que toma a díade progressismo-conservadorismo como posições que se excluem reciprocamente. O progressismo é apontado por ele como a crença de que a história é um processo aberto repleto de possibilidades, uma perspectiva essencialmente “revolucionária”, portanto. Para o progressismo, a sociedade seria o *locus* da autorrealização do indivíduo e a ação política racional o instrumento libertador da humanidade, através do domínio cada vez maior da natureza. O conservadorismo, por sua vez, como antítese dessa perspectiva racionalista e aberta à bruscas mudanças, é identificado pelo autor como o movimento que não acredita na modificação da natureza humana pela ação prática, porque suas raízes estariam mergulhadas em uma realidade sobre-humana, a vontade divina. Esta não poderia ser alterada nem pelo conhecimento racional, nem pela ação política.

Bobbio (1995), em outra obra, delinea os conceitos de direita e esquerda. Sua definição ampla dessas categorias se restringe às díades igualdade/desigualdade e liberdade/autoridade. Segundo ele, a esquerda valoriza a igualdade, enquanto a

direita a desigualdade. Já o quesito liberdade/autoridade seria transversal às duas correntes políticas, existindo esquerdas libertárias e autoritárias (associadas pelo autor à centro-esquerda e à extrema-esquerda), assim como direitas libertárias e autoritárias (centro-direita e extrema-direita).

Os evangélicos progressistas ou de esquerda, a partir dessa explanação, supostamente seriam os fiéis abertos a mudanças em diversos âmbitos da vida social e que valorizam a igualdade. Para Burity (2010), as questões-chaves que separam os evangélicos progressistas dos evangélicos conservadores seriam:

regulação estatal sobre o corpo, particularmente a sexualidade: aborto, homossexualidade e manipulação genética. (...) O segundo embate refere-se mais ao acerto de contas entre fé evangélica e pluralismo sociocultural, esposado por diversas formas de esquerda não ou pós-marxista influenciadas pelos movimentos de direitos civis, estudantil, feminista, ecológico e gay dos anos de 1960 em diante, que ganharam visibilidade desde fins da década de 1980 (BURITY, 2010).

Nessa perspectiva, os fiéis progressistas seriam favoráveis às políticas de distribuição de renda e de combate às desigualdades sociais. Seriam, ainda, simpáticos a medidas afirmativas e promotoras da igualdade racial; favoráveis ao casamento igualitário para pessoas do mesmo sexo e educação de gênero e sexualidade nas escolas; contrários a LGBTfobia e favoráveis ao tratamento do aborto como uma questão de saúde pública.

Essa delimitação de Burity (2010), entretanto, é demasiadamente restritiva. Como será possível perceber ao longo deste trabalho, mesmo entre evangélicos que se identificam como progressistas ou de esquerda, nem sempre há completa adesão a algumas bandeiras. Existem, portanto, contradições que não devem ser desconsideradas. Alguns fiéis possuem resistência a pautas específicas, especialmente nas temáticas da sexualidade e dos direitos reprodutivos, mas que ainda assim se identificam na esquerda do espectro político. Como se sabe, embates em torno dessas bandeiras ocorrem até mesmo no interior dos partidos progressistas e de esquerda brasileiros. Diante disso, não acredito ser papel da pesquisa sociológica negar a estes atores, os evangélicos progressistas, a identidade que estes atribuem a si mesmos. Porém, é papel da sociologia buscar compreender estas complexidades e contradições que os acompanham, enfatizando as nuances existentes em ser evangélico e progressista. Analisei essas resistências entre os evangélicos progressistas entrevistados para esta pesquisa no capítulo 5.

1.4. PERCURSOS METODOLÓGICOS:

Para este trabalho, utilizei uma metodologia de cunho qualitativa na perspectiva da sociologia compreensiva (WEBER, 2004; SCHÜTZ, 2018), buscando compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às ações e relações sociais. Para a sociologia compreensiva, o papel central das ciências sociais é compreender o sentido que o ator designa à sua própria ação, não se tratando de um sentido objetivamente “correto” ou “verdadeiro”. Dessa forma, a busca pela compreensão da ação se dá no sujeito através do individualismo metodológico.

Para que o leitor compreenda melhor a minha escolha metodológica e a construção do meu objeto é conveniente, portanto, apresentar o percurso da pesquisa – cheio de mudanças – e os concomitantes desafios metodológicos.

O interesse inicial dessa pesquisa era compreender os valores políticos dos evangélicos – sem distinção de denominação ou posicionamento no espectro político. Pretendia-se traçar um perfil do evangélico brasileiro e compreender se haveria, de fato, uma associação entre evangélicos e comportamento político conservador e à direita. Associação que, aliás, é historicamente feita pelas caricaturas midiáticas e especialmente pelas esquerdas políticas brasileiras.

Dito isso, em meados de janeiro de 2020, comecei a costurar uma rede de contatos com evangélicos em Fortaleza. Parte deles, estabeleci em visitas a igrejas e, também, através de terceiros que mantinham algum tipo de relação com pessoas evangélicas. A fim de expandir essa rede, elaborei um formulário on-line para convidar outros interlocutores para participar da pesquisa. Pedi aos contatos já estabelecidos repassassem para outras pessoas também evangélicas, não importando a denominação ou bairro de Fortaleza. Assim, alcancei um número razoável de pessoas para realizar a fase de pré-teste do questionário de pesquisa.

Iniciei a aplicação presencial do pré-teste em março de 2020. No entanto, essa fase foi interrompida em razão da pandemia do COVID-19, que chegou ao Ceará no dia 15 do mesmo mês. Fui colocado diante do desafio de adequar minha pesquisa ao novo momento da vida social em que o isolamento e o distanciamento físico se tornaram uma determinação das autoridades públicas e sanitárias. A pesquisa, no entanto, não poderia ser interrompida pelas circunstâncias pandêmicas que se

impunham. Orientado pela professora Danyelle Nilin, dei continuidade ao pré-teste com aplicações virtuais, através de chamadas de vídeo.

Durante duas semanas, realizei chamadas de vídeo via aplicativo *Skype* com três interlocutores por dia. Essa etapa foi importante para apreender as dificuldades dos respondentes e melhorar o questionário para a fase seguinte, a aplicação definitiva. Após esse período, o questionário foi expandido de 40 para 54 questões e tornei sua aplicação on-line através do aplicativo *Google Forms*. Além disso, para aproveitar as novas circunstâncias de pesquisa, ampliei as fronteiras de aplicação do questionário para todo o Brasil.

O questionário foi dividido em cinco partes, sendo quatro correspondentes aos eixos temáticos específicos de interesse da minha pesquisa e uma correspondente ao perfil do entrevistado, com perguntas sobre estado e cidade de origem, sexo, idade, estado civil, situação profissional, ocupação, renda familiar etc. Com essas perguntas, pretendia perceber como as diferenças de gênero, renda e origem interferiam na adesão valorativa dos evangélicos participantes.

Com o novo questionário pronto e já inserido na plataforma digital, iniciei sua divulgação em maio de 2020. Alcançar evangélicos de todos os estados da federação se colocava como um enorme desafio para um pesquisador com instrumentos limitados. Comecei divulgando a pesquisa nas redes sociais e patrocinando essa divulgação na rede social *Instagram*, que possibilitou que 1 mil pessoas fossem alcançadas pela publicação. Além disso, mobilizei minha rede de contatos já estabelecida na capital cearense para que respondessem e, também, compartilhassem o *link* do questionário em seus grupos de vivência das igrejas que faziam parte.

A principal estratégia de divulgação, no entanto, foi a postagem do questionário em grupos no *Facebook*. Conforme dezenas de pessoas se disponibilizavam para responder, alguns respondentes contatavam-me via e-mail ou *Facebook* para destacar incômodos com algumas perguntas do questionário: um respondente entrou em contato comigo para realizar crítica a uma das questões que tinha o objetivo de medir o nível de confiança em outros tipos de pessoas por raça, gênero, orientação sexual, origem, religiosidade ou questões de saúde. O interlocutor relatava que a questão era tendenciosa, pois “poderia parecer preconceituoso sem ser”. Outro

interlocutor, no mesmo sentido, sentiu incômodo em itens sobre o aborto e a eutanásia. Para ele, essas eram questões muito complicadas para serem respondidas em uma pergunta fechada.

Um terceiro interlocutor da Igreja Presbiteriana do Brasil me enviou e-mail demonstrando incômodo com inúmeras perguntas e, além disso, argumentando que as questões fechadas não deixavam margem para suas argumentações, de forma que ele pudesse explicar seu posicionamento de forma mais complexa. Um dos seus incômodos que me chamou atenção foi a rejeição de outras denominações que, segundo ele, não deveriam ser classificadas como evangélicas, por exemplo: Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Igreja do Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Segundo o interlocutor, essas igrejas não são igrejas evangélicas, mas “seitas cristãs”, e não deveriam ser colocadas em um mesmo grupo pela minha pesquisa.

Outro evento interessante que merece ser destacado ocorreu no grupo “Assembleia de Deus”. Dentre alguns comentários na publicação de divulgação, um deles dizia que não iria responder por “não saber nada de política”. Um outro dizia que poderia responder se eu enviasse as questões por mensagem para ele, pois tinha “desconfiança de *links*”.

Sem dúvida, estabelecer uma relação de confiança com os interlocutores através de uma pesquisa realizada no “mundo virtual” foi um desafio ainda maior que presencialmente. Isso trouxe-me algumas dificuldades: as administrações de alguns grupos de denominações não permitiram que eu realizasse a divulgação do questionário. Entre eles, estão a “Família Universal (oficial)” e os “Membros da Igreja Mundial do Poder de Deus”.

Outro desafio, nessa “mudança de rota”, diz respeito ao público alcançado pelo questionário on-line. De maio a agosto, realizei uma divulgação contínua e semanal do questionário, alcançando a marca de 896 respostas. No entanto, desse número, apenas 34 respondentes eram idosos com idade a partir dos 60 anos, sendo apenas um com mais de 69 anos, enquanto 737 tinham idade entre 15 e 49 anos. O relacionamento com as novas tecnologias estabelece, nesse caso, um nítido recorte geracional que limita o alcance de uma pesquisa realizada através das redes.

Além da limitação geracional, o questionário teve dificuldades de alcançar evangélicos com baixa e média escolaridade (figura 1 e 2), e com renda inferior mensal menor que dois salários-mínimos (figura 3 e 4). Dos 896 respondentes, 438 tinham ensino superior completo ou incompleto, e 330 possuíam curso de pós-graduação. Apenas 127 tinham ensino médio ou ensino fundamental completo ou incompleto. No quesito renda, dos 896 respondentes, apenas 206 tinham renda mensal familiar de um (1) a dois (2) salários-mínimos.

Figura 1: Gráfico de barras do salário dos evangélicos do gênero masculino

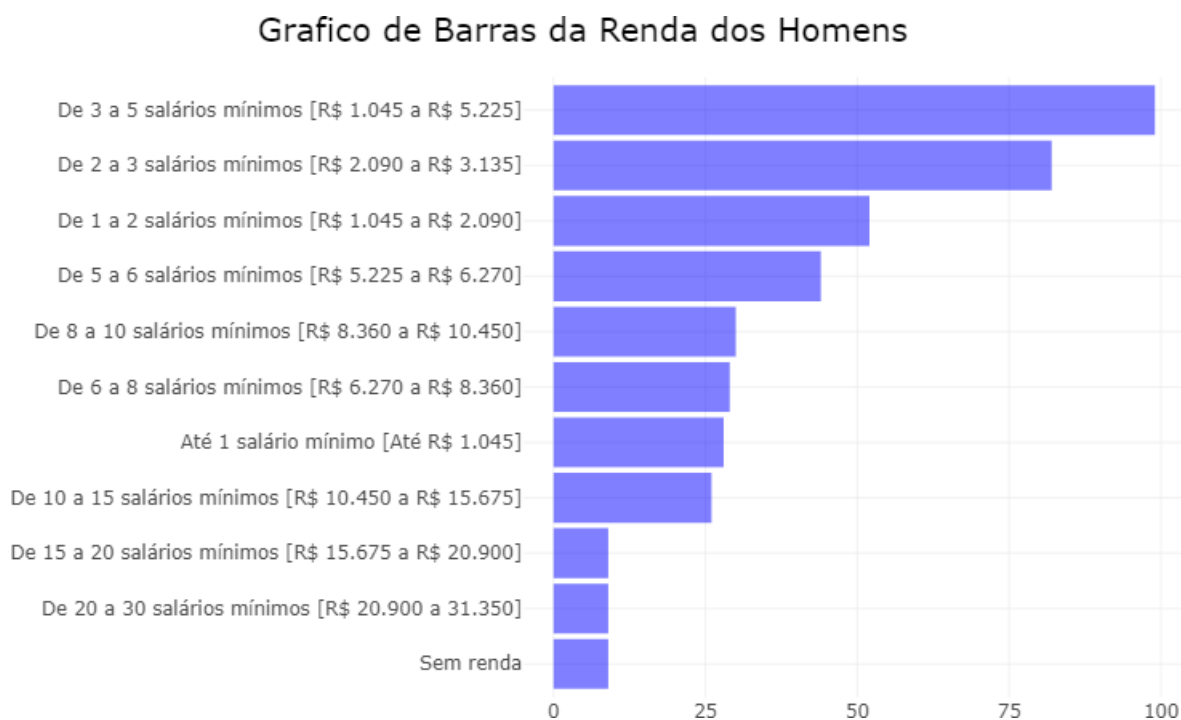


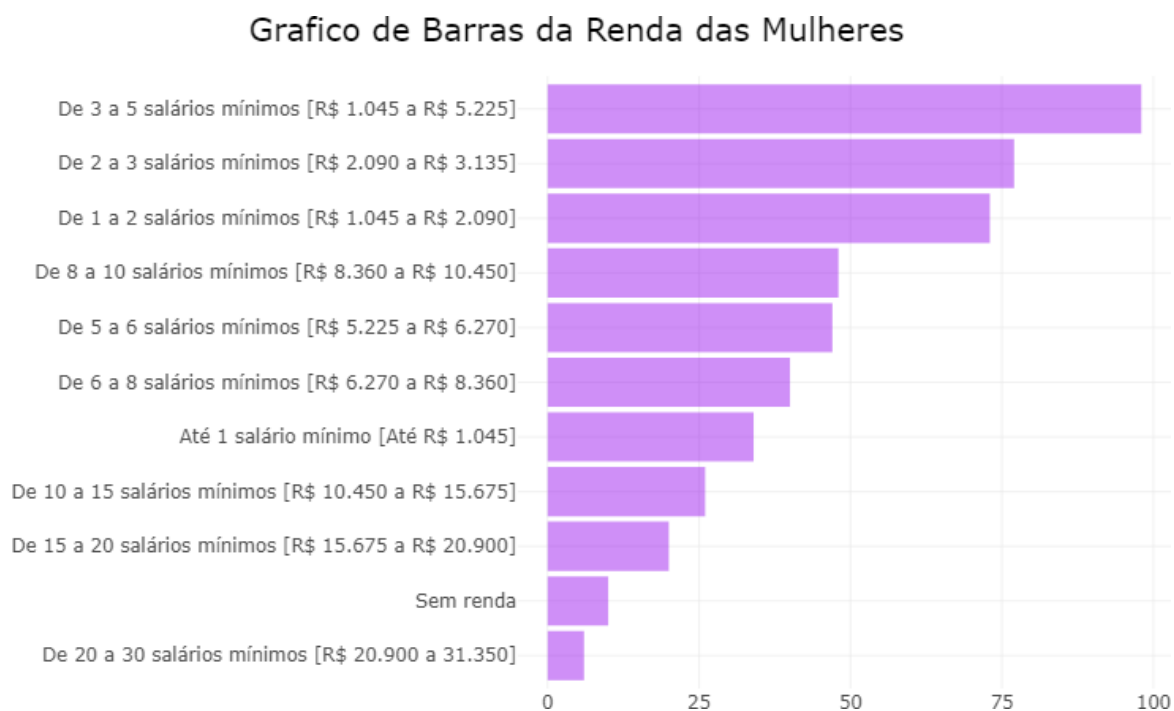
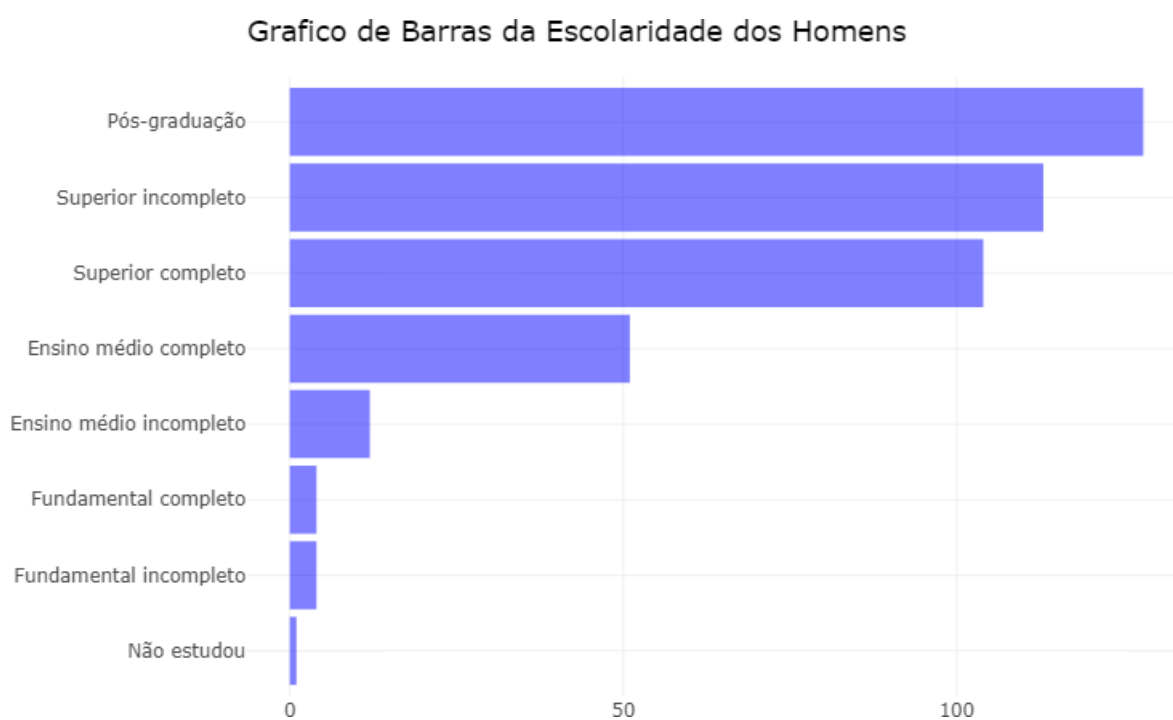
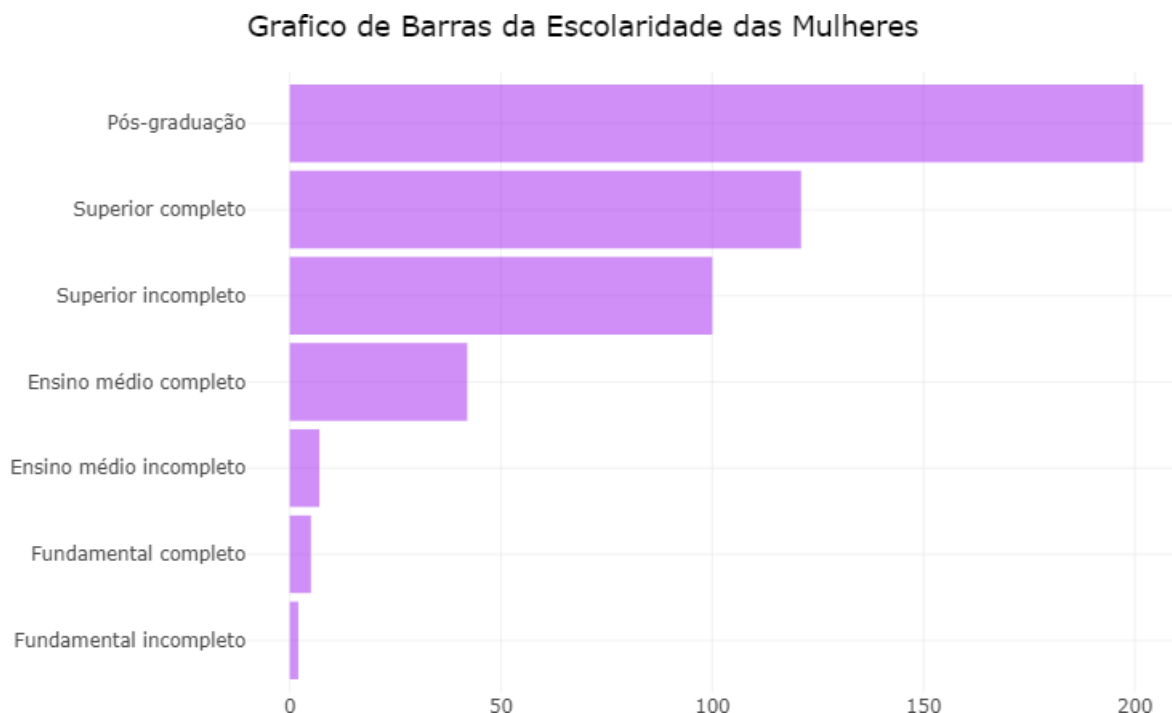
Figura 2: Gráfico de barras do salário das evangélicas do gênero feminino**Figura 3:** Gráfico de barras da escolaridade dos evangélicos do gênero masculino

Figura 2: Gráfico de barras da escolaridade das evangélicas do gênero feminino

Apesar dessas dificuldades metodológicas, o caminho de pesquisa parecia se solidificar até o exame de qualificação, em março de 2021. Na ocasião, a banca examinadora formada pelas professoras Monalisa Soares (UFC) e Esther Solano (UNIFESP), e presidida pela professora Danyelle Nilin (UFC), avaliou os avanços e limites da pesquisa. Tudo, então, se “desmancha no ar” e um novo caminho é refeito, diante da necessidade de melhorar os recortes, diminuindo a amplitude da pesquisa, e obter êxito no alcance do público pesquisado sob condições sociais e sanitárias ainda adversas, visto que o recortes pretendidos anteriormente eram demasiadamente abrangentes para um universo tão heterogêneo como os evangélicos brasileiros.

Diante de uma segunda onda de contaminação de COVID-19 e o consequente *lockdown*, o tempo para a pesquisa e as ferramentas oferecidas para a continuidade do recorte anterior foram substancialmente subtraídas. Isso impôs a necessidade de um novo desenho do objeto, atenuando sua amplitude, e tornando possível, ao mesmo tempo, a realização de um bom trabalho.

A partir do exame de qualificação, meu problema de pesquisa se transformou, bem como o meu objeto. Agora, o meu trabalho de pesquisa estava voltado para

avaliar a formação dos valores políticos dos evangélicos progressistas através de suas trajetórias de vida. Para isso, fiz uso também de novas abordagens metodológicas, sobretudo da entrevista semiestruturada. Mario Cardano (2017) chama essa modalidade de “entrevista discursiva guiada”. Nela, o entrevistador guiaria a conversa seguindo um roteiro que reúne um conjunto de temas considerados importantes a serem tratados. O roteiro, nesse modelo de entrevista, desempenha a mera função de sugerir ao locutor os temas para abordar, sendo critério deste último a formulação linguística e a ordem de sucessão que, por sua vez, são dependentes do nível de interação com o interlocutor.

Jean Poupart (2008), ao ressaltar as vantagens das entrevistas qualitativas, ressalta que estas permitem múltiplas possibilidades analíticas porque são processos mais ou menos controlados de envolvimento entre quem quer saber e quem se dispõe a falar sobre determinado assunto. Essa troca fornece ao pesquisador não apenas um conjunto de informações sobre o entrevistado para submeter a análise, mas também discursos que instituem relações de sentido e as motivações que fortalecem suas afirmações (CARDANO, 2017).

Com essa opção metodológica, realizei dezenove (19) entrevistas semiestruturadas com interlocutores de variadas denominações, faixa-etárias e regiões do país (tabela 02). Para cada um dos entrevistados, criei um codinome a fim de preservar as suas identidades. Esses interlocutores também atenderam a uma diversidade de gênero, raça e formação educacional.

Nessa nova fase da pesquisa, o trabalho executado com a aplicação do questionário on-line não foi descartado, mas considerado como uma pesquisa exploratória e de conhecimento inicial do campo. Os dados coletados, embora limitados, eram de grande valia para compreender o pensamento político de determinado grupo de evangélicos. Optei por cruzar os dados coletados de gênero, renda e escolaridade com a preferência partidária para fazermos uma avaliação do perfil dos evangélicos progressistas ou não que responderam ao questionário.

Estabelecer contato com evangélicos progressistas, uma especificidade dentro de um vasto campo religioso, se tratou, sem dúvida, de um desafio metodológico. Fazer isso levando em consideração as diversas matrizes denominacionais foi um desafio ainda maior que exigiu tempo e a construção de uma nova rede de contatos.

À princípio, os únicos evangélicos que se autointitulavam como progressistas com quem eu mantinha contato faziam parte do ambiente universitário e, comumente, eram amigos próximos. Dessa forma, estava diante da necessidade de adotar táticas para “furar a bolha” e chegar até outros evangélicos progressistas. Como pontapé inicial, utilizei estes contatos como “iscas” para, então, contatar outros evangélicos progressistas. Foi assim que conquistei meus primeiros interlocutores. Através deles pude conhecer outros fiéis de diferentes comunidades religiosas e estados brasileiros.

Uma outra estratégia foi a criação de perfis profissionais nas redes sociais para entrar em contato com potenciais interlocutores. Esses perfis, especialmente nas redes *Facebook* e *Instagram*, não tiveram a finalidade de postar quaisquer conteúdos pessoais ou de posicionamentos. Através deles, observava comentários em postagens sobre evangélicos em grandes noticiários como Folha de São Paulo e Estadão, e jornais locais como Diário do Nordeste e OPovo.

Em razão do contexto de polarização política e da constante associação dos evangélicos ao bolsonarismo em diversas notícias da mídia nacional, pude observar em diversos comentários que muitos fiéis performavam de forma incisiva seu desacordo com o atual presidente da República e com os evangélicos que o apoiavam. Tentei entrar em contato com algumas destas pessoas, cinco (5) delas me responderam, duas (2) aceitaram e três (3) negaram participar da pesquisa. As que aceitaram participar, indicaram outras pessoas.

Durante o processo de construção dessa rede de interlocutores, estive diante da dificuldade de acessar alguns perfis. Sem dificuldade conseguia contatar jovens inseridos em ambientes universitários e igrejas protestantes históricas. No entanto, isso não se repetia com pessoas acima dos quarenta (40) anos, com baixa ou média escolaridade e integrante de denominações pentecostais, sobretudo, homens.

Essa facilidade e dificuldade para acessar diferentes perfis que, à priori, parecia curiosa, se revelou, na verdade, como um dado sobre o campo: jovens que fazem parte de ambientes universitários e de igrejas protestantes históricas possuem maior facilidade para se inserir em círculos de ativismo e de grupos evangélicos progressistas. Apesar dos esforços da pesquisa para alcançar homens acima de quarenta (40) anos, com baixa ou média escolaridade e integrantes de denominações

pentecostais, isso não foi possível. Essa dificuldade, no entanto, não foi observada com mulheres.

O roteiro da entrevista elaborado possuía dezenove perguntas-base com eixos semelhantes aos que fizeram parte do questionário anteriormente aplicado. O eixo 1 sobre trajetória religiosa do entrevistado e sua sociabilidade na comunidade de fé; o eixo 2 sobre acerta de temas como gênero, sexualidade e raça; o eixo 3 sobre valores econômicos e preferências político-partidárias e o eixo 4 com perguntas avaliativas dos governos petistas, considerados pela literatura como governos progressistas na história recente do Brasil.

Tabela 02: Perfil dos entrevistados por codinome, idade, cidade, denominação, ocupação e formação.

	Codinome	Idade	Cidade (estado)	Denominação	Ocupação	Formação
1	Giovana	23	Serra (ES)	Igreja Anglicana Comunidade Âncora (inclusiva)	Analista de prevenção de fraudes	Cursando ensino superior
2	Daniel	24	Fortaleza (CE)	Igreja Batista (histórica)	Desempregado	Cursando ensino superior
3	Matias	25	Vila Velha (ES)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Professor de sociologia	Ensino superior
4	Otávio	26	Serra (ES)	Desigrejado	Pesquisador	Pós-graduação
5	Larissa	31	Fortaleza (CE)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Vereadora	Ensino superior
6	Sophia	35	Ipatinga (MG)	Comunidade Cristã Missão Para Todos (inclusiva)	Estagiária	Cursando ensino superior
7	Bárbara	36	São Paulo (SP)	Igreja Cidade de Refúgio (inclusiva)	Analista de planejamento financeiro	Ensino superior
8	Gisele	38	Fortaleza (CE)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Atendente de call-center	Cursando ensino superior
9	Gustavo	39	Fortaleza (CE)	Igreja de Cristo (histórica)	Socioeducador	Ensino médio
10	Jônatas	45	Fortaleza (CE)	Desigrejado	Assessor Técnico	Pós-graduação
11	Zilda	45	Fortaleza (CE)	Desigrejada	Coordenadora de projetos	Pós-graduação

12	Lia	50	Araranguá (SC)	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil <i>(inclusiva)</i>	Reverenda	Pós-graduação
13	Marcelo	55	Fortaleza (CE)	Igreja A Ponte <i>(histórica)</i>	Educador Social	Ensino Médio
14	Natanael	55	Fortaleza (CE)	Igreja Batista <i>(histórica)</i>	Desempregado	Ensino médio
15	Afonso	56	Fortaleza (CE)	Desigrejado	Porteiro	Ensino fundamental
16	Mariana	57	Fortaleza (CE)	Igreja Adventista do Sétimo Dia <i>(sabatista)</i>	Microempresária	Ensino médio
17	Miriam	58	Fortaleza (CE)	Assembleia de Deus <i>(pentecostal)</i>	Enfermeira aposentada	Ensino superior
18	Roberto	60	Mossoró (RN)	Assembleia de Deus <i>(pentecostal)</i>	Servidor público aposentado	Ensino Superior
19	Laura	61	Guarujá (SP)	Igreja Presbiteriana Independente <i>(histórica)</i>	Trabalhadora doméstica aposentada	Analfabeta

Como já relatado, foi uma opção metodológica utilizar nomes fictícios, codinomes, para nomear os interlocutores que participaram da minha pesquisa. Isso faz parte de um procedimento ético, já que as entrevistas foram realizadas através de plataforma on-line e não foi possível coletar uma autorização para divulgação das suas identidades dos participantes.

Um outro dado importante a ser colocado sobre o perfil dos entrevistados é o tempo integram as comunidades evangélicas. Este é um dado da maior importância pois informa há quanto tempo estes estão em interação com o campo e a capacidade alcançada ao longo do tempo de produzir questionamentos às regras do campo através de elementos como maturidade intelectual, contato com teologias críticas e conflitos no interior dessas comunidades, como poderá ser constato ao longo desse texto.

	Codinome	Tempo de evangélico
1	Giovana	Nasceu em uma família evangélica
2	Daniel	Nasceu em uma família evangélica

3	Matias	Nasceu em uma família evangélica
4	Otávio	Nasceu em uma família evangélica
5	Larissa	Nasceu em uma família evangélica
6	Sophia	Seis anos
7	Bárbara	Vinte e cinco anos
8	Gisele	Nasceu em uma família evangélica
9	Gustavo	Vinte e cinco anos
10	Jônatas	Nasceu em uma família evangélica
11	Zilda	Vinte e cinco anos
12	Lia	Trinta e dois anos
13	Marcelo	Trinta e um anos
14	Natanael	Nasceu em uma família evangélica
15	Afonso	Vinte e dois anos
16	Mariana	Trinta e dois anos
17	Miriam	Trinta e cinco anos
18	Roberto	Nasceu em uma família evangélica
19	Laura	Vinte e dois anos

Esse trabalho de pesquisa, como é possível notar, não conseguiu alcançar evangélicos progressistas com uma trajetória de fé recente. A interlocutora com conversão mais recente, Sophia, tornou-se evangélica há seis anos e em uma igreja de tradição inclusiva e progressista. Todos os outros interlocutores evangélicos acompanhados por essa pesquisa, no entanto, possuem longa trajetória no campo, o que por si só já se constituiu como um dado desta pesquisa.

1.5. PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS:

Neste trabalho, não tomamos como objeto de compreensão os coletivos, movimentos ou instituições de evangélicos progressistas, mas fiéis que assim se identificam em seus diversos locais de atuação, mesmo em igrejas que possuem lideranças nacionalmente conhecidas como conservadoras, e que em algum momento de suas trajetórias aderiram às pautas e partidos progressistas/à esquerda. Portanto, o interesse dessa pesquisa foi compreender a trajetória do evangélico comum que “torna-se” evangélico progressista.

As problemáticas que guiaram a minha pesquisa foram: como se constitui o posicionamento progressista do fiel evangélico, em um contexto de polarização política? Estes fiéis, ainda que se autointitulem progressistas ou de esquerda, possuem restrições a pautas desse campo político em razão dos seus valores religiosos? Como as suas trajetórias de vida se conectam à construção do comportamento político?

Tomando essas problemáticas como ponto de partida, o objetivo dessa pesquisa foi i) compreender os sentidos subjetivamente atribuídos a identidade “evangélico”; ii) discutir como os fiéis progressistas operam uma reinterpretação da mensagem bíblica de Jesus Cristo sob perspectivas de justiça social, antirracismo e feminismo; iii) analisar a importância dos marcos biográficos para a formação de um comportamento político progressista ou de esquerda e iv) construir um tipo ideal do evangélicos progressistas a partir de marcadores presentes em suas trajetórias individuais e que são determinantes para a construção de uma visão de mundo progressista ou de esquerda.

Delineados quais são os objetivos desta pesquisa, apresento que a relevância desse trabalho se dá por provocar a reflexão sobre a heterogeneidade no interior de um campo religioso que possui forte presença e influência nas instituições democráticas brasileiras, apontando, além disso, para uma compreensão dos valores políticos de um novo grupo social que se insere, hoje, na esfera pública nacional, os evangélicos progressistas. Valores políticos são compreendidos, aqui, como o conjunto de representações simbólicas que compõem o campo da política e são apropriados pelos indivíduos de uma sociedade em formato de crenças sobre como o

mundo social deve ser organizado em suas diversas esferas, reverberando, por isso, no voto e na preferência partidária.

Por não ter foco exclusivo nas lideranças do movimento evangélico progressista e de esquerda, este trabalho também pode ser relevante para a análise das contradições e ambiguidades no interior desse mesmo agrupamento, sobretudo no que se refere a identificação dos fiéis com umas ou outras pautas.

1.6. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO:

No capítulo 2, discutiremos o processo de separação da Igreja e do Estado no Brasil, entendendo que o processo de secularização não diz respeito ao completo desaparecimento da religião da esfera pública, e que, diferente da secularização de tipo europeia, no Brasil o processo de secularização não significou, necessariamente, o arrolamento da religião para a esfera privada.

No capítulo 3, apresentarei, a partir do acúmulo da literatura especializada, tipos-ideais das denominações evangélicas brasileiras, compreendendo as diferentes origens históricas, tradições doutrinárias e vínculos institucionais. Nesse mesmo capítulo, descreverei a genealogia das igrejas evangélicas presentes no Brasil, com suas origens e cisões.

No capítulo 4, analisarei os sentidos construídos subjetivamente e atribuídos à identidade evangélica pelos 19 interlocutores que participaram da pesquisa. Discutirei as suas reinterpretações da mensagem bíblica de Jesus Cristo para uma reelaboração ou negação da identidade evangélica. Apresentarei, ainda, os usos estratégicos da identidade evangélica.

No capítulo 5, analisarei, ainda, aspectos diferenciados na trajetória de vida dos interlocutores que influenciaram na formação de suas visões de mundo com características progressistas ou de esquerda. Será analisado, a partir das entrevistas dos 19 (dezenove) interlocutores, a presença de variáveis como: experiência com movimentos sociais, contato ou vivência em realidades de pobreza, beneficiamento de políticas públicas de governos de esquerda, vivência em espaços universitários, autoidentificação racial e/ou sexual e/ou influência política de esquerda familiar etc. Ainda no capítulo 5, discutirei a construção de um tipo-ideal weberiano do evangélico progressista a partir dos marcadores biográficos comuns aos interlocutores.

2. ESTADO, RELIGIÃO E SOCIEDADE NO BRASIL

2.1. O PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DO PLURALISMO RELIGIOSO NO BRASIL:

As reflexões sobre a religiosidade na esfera pública das democracias contemporâneas nos levam de volta a um debate clássico das Ciências Sociais, sobretudo na subárea da Sociologia da Religião, a saber: a secularização. É em Max Weber (2004; 2012) que se referenciam os alicerces fundamentais desse debate. Trarei, portanto, a contribuição da teoria weberiana para, então, analisar como se procede, na realidade brasileira, a emergência de um Estado secular e a formação do pluralismo religioso.

Weber dedicou-se a compreender a modernidade. O seu principal ponto de análise e, segundo ele, a principal característica desse novo momento da sociedade ocidental era o racionalismo (ARON, 2008). Ao analisar essas transformações societárias, o sociólogo tratou de dois *processos* – e é importante destacar dessa forma – que, por vezes, são confundidos como coisa igual, e que fizeram parte do abrangente processo de racionalização da sociedade: o desencantamento do mundo (WEBER, 2004) e a secularização (WEBER, 2012).

Antônio Flávio Pierucci (1998) pontua que o conceito de “secularização” foi usado de forma escassa na obra weberiana e que o conceito, na forma como foi utilizado por Max Weber, não significava que as formas de religiosidade necessariamente desapareceriam com a ascensão da moderna civilização capitalista, mas que, além de a religião haver perdido muitíssimo valor cultural em comparação com outrora – a época medieval –, de forma que nós, “homens modernos”, somos incapazes de imaginar o valor cultural do mundo espiritual no outro tempo (WEBER, 2004, p. 167), o processo de secularização (*Säkularisationsprozess*) implicava, principalmente, a emancipação jurídico-política do Estado com relação à religião e o declínio de sua função integradora da sociedade.

Aponta Pierucci (1998) que é a separação das esferas normativas que, para Weber, caracteriza o processo de secularização, ou seja, quando as leis sagradas são diferenciadas da jurisdição secular e, por meio de uma racionalização jurídica,

desenvolve o conceito de “ordenamento jurídico-legal legítimo”, o qual é, por sua vez, um ordenado legitimamente revisável. A lei, a ordem legal do Estado, é dessacralizada, laicizada. Esse processo descrito por Max Weber, no entanto, não é universal nem linear. Max Weber não teria feito alguma previsão da “morte da religião” ao final de um desenvolvimento histórico teleológico, que comumente o atribuem (CASANOVA, 1994; NEGRÃO, 1994) e é tão comum à filosofia da história hegeliana, assim como sua teoria trata do desenvolvimento desse racionalismo somente nas sociedades Ocidentais. A secularização seria um fenômeno complexo, irregular e que se manifesta de múltiplas formas.

Já o “processo de desencantamento do mundo” (*Prozess der Entzauberung der Welt*) não pode ser tomado como sinônimo do “processo de secularização”, pois, como aponta ainda Pierucci (1998), em Max Weber ambos os conceitos significam coisas distintas. Para Pierucci (1998; 2013), o desencantamento do mundo é um processo essencialmente religioso e corresponde ao processo de racionalização da própria religião que “repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca da salvação” (WEBER, 2004, p. 96). Esse processo teria começado com os profetas do judaísmo antigo, sendo estes os primeiros propagadores, e teve seu ponto de chegada as seitas puritanas das modernas sociedades euro-norte-americanas.

Paula Montero (2006; 2009; 2013) destaca que a emergência de um Estado secularizado, no Brasil, não significou, necessariamente, o arrolamento da religião para a esfera privada. Diferente dos processos de secularização nos países europeus, especialmente na França, que ocorreram em decorrência de guerras religiosas entre protestantes e católicos, no Brasil esse processo ocorreu de forma conciliatória: em vez de se apresentarem como um obstáculo à emergência de um Estado independente da autoridade religiosa, foi a própria hierarquia católica que abriu caminho para esse processo, pois não aceitava se sujeitar à uma estrutura política dominada por maçons e liberais, defendendo a autonomia de sua estrutura eclesiástica na constituinte de 1890. Além disso, não se tratou do resultado de um processo de luta pelo reconhecimento de uma convicção religiosa. O regime republicano ocupou-se unicamente de delimitar os limites e funções, assim como fiscalizar os bens da Igreja Católica.

Essa peculiaridade do nosso processo de secularização conferiu um caráter igualmente distinto à formação do pluralismo religioso e da própria sociedade civil²² brasileira. Paula Montero (2006; 2009; 2013) destaca que ao passo que o processo de laicização retirou do poder católico facilidades de acesso ao centro do poder, bem como de intervenção na moral familiar e na educação, também deu jurisdição e autonomia para que a Igreja lançasse forças na construção da sociedade civil. Dessa forma, o clero conseguiu garantir, por longo período, a identificação simbólica entre sociedade brasileira e catolicismo e, mais tarde, com apresentação dos limites do Estado brasileiro em implementar políticas assistenciais abrangentes, tendo a Igreja Católica se tornado apoio estatal para ofertar serviços de “caridade”, como atendimentos de saúde.

Esse processo de secularização que tomou a Igreja Católica como única referência de religião e que manteve a sua supremacia na sociedade civil e na construção da esfera pública brasileira, tornou adversa a prática de crenças populares, tais como o espiritismo, a umbanda e o candomblé, que não eram reconhecidas como religião, mas como “curandeirismo” ou “feitiçaria”, como práticas “mágicas”, e que, portanto, não possuíam liberdade religiosa, sendo tratadas pelo Estado brasileiro como questão de saúde pública ou caso de polícia (MONTERO, 2006, 2009, 2015). O pluralismo religioso brasileiro se constitui, então, a partir de um jogo de forças e de diferenciação entre o que possui legitimidade social como “religião”, o catolicismo, e aquilo que é definido como “mágico”, as demais crenças populares. A presença do protestantismo como religião minoritária, apesar de não ser tratada como caso de polícia e saúde pública, não era capaz de gerar reconhecimento da existência de uma diversidade religiosa no Brasil. Importante fazer esse destaque, pois, como Paula Montero (2006) nos mostra, é a partir do não reconhecimento institucional de cultos não-católicos como “religiões” que fez com que esses emergissem na esfera pública na forma de associações civis filantrópicas afim de serem reconhecidas como tal.

²² Aqui opero com uma dupla dimensão categorial habermasiana de sociedade civil: sistema e mundo da vida. O primeiro é composto por coletividades, associações e organizações especializadas, correspondem a grupos que se interpõem entre a administração pública e a organização privada. O último, por sua vez, corresponde à esfera privada, a intimidade, que é protegida da publicidade (MARQUETTE; VANZELLA, 2018).

É essa hegemonia da matriz católica na esfera pública que “convida” outras religiosidades a procurarem ocupar lugares na sociedade ou disputar a garantia dos mesmos privilégios já conferidos à Igreja Católica. Como exemplo disso, já no início da República os protestantes tentam marcar sua presença no espaço público através dos chamados “colégios americanos” (TORRES, 1968) e, nas décadas seguintes, organizam-se politicamente, através de associações, para incidirem no debate público a favor da contínua expansão e consolidação da liberdade religiosa no Brasil (CAMPOS, 2006; FRESTON, 1994).

De toda forma, a laicização do Estado brasileiro abriu caminho para o rompimento com o monopólio católico e a construção da liberdade religiosa no Brasil. Isso não ocorreu de maneira rápida, diga-se de passagem, mas paulatina. Como aponta Ricardo Mariano (2003), até a década de 1950 os cultos afro-brasileiros sofriam perseguição policial. Hoje, no entanto, não há dúvidas de que, pelo menos em teoria, as religiões são tratadas de maneira isonômica.

Não parto, portanto, da compreensão de que o nosso processo de secularização teria sido incompleto ou de que a presença religiosa na esfera pública do Brasil contemporâneo represente a transição de uma sociedade secular para uma “pós-secular” ou um “fenômeno de dessecularização”, o “retorno do sagrado”. Na minha perspectiva, o apartamento jurídico entre Igreja e Estado, mas com a permanência e fortalecimento dos agentes religiosos na sociedade civil, caracteriza um processo de secularização que é próprio da formação política brasileira.

Ricardo Mariano (2003), nessa direção, propõe que, com o processo de secularização do Estado, foi aberto um caminho para o recrudescimento da concorrência religiosa, do ativismo militante de agentes religiosos e a oferta de novos serviços religiosos. Isso, por sua vez, levaria a uma maior mobilização religiosa da população, como que em uma equação: quanto maior a oferta de bens e serviços religiosos, mais religiosa será a população. Para ele, nada disso comprometeria a racionalização do ordenamento jurídico-político. Em realidade, essa seria a sua consequência: com o fim do monopólio estatal da religião, há aumento no número de grupos religiosos. Esses, por sua vez, são compelidos a concorrer e disputar no mercado religioso, seja através do reforço do proselitismo ou da especialização na oferta de novos serviços específicos para atrair

determinados estratos sociais (MARIANO, 2003). A situação de liberdade e de pluralismo religioso força os agentes do campo religioso a diversificarem as suas ofertas de bens de salvação.

No Brasil, esse contexto se consolida a partir da segunda metade do século XX, com a consolidação dessa situação de liberdade religiosa. Desse momento em diante, o país assiste ao crescimento de novos grupos religiosos que alcançam o auge de crescimento, sobretudo a partir da redemocratização do país na década de 1980, os evangélicos. Além do aumento numérico, esses novos atores não passam ao largo das influências de uma economia de mercado cada vez mais globalizada: em uma situação de concorrência crescente, as igrejas têm sido pressionadas a burocratizarem suas estruturas administrativas e a utilizarem, cada vez mais, a comunicação e o *marketing* como instrumento para conquistar novos fiéis, inclusive com investimentos em canais midiáticos de amplo alcance. Nessa perspectiva, o pluralismo religioso, a concorrência inter-religiosa e o *ethos* empresarial de muitas igrejas estão “umbilicalmente associados” (MARIANO, 2003) e, em vez de invalidar o processo de secularização das modernas civilizações capitalistas descrito por Weber (2004; 2012), a confirma.

Na perspectiva de Joanildo Burity (2001), o momento que vivemos aponta para uma nova configuração do religioso. Há um deslocamento de fronteiras entre o público e o privado em que os sentidos do político e do religioso foram desterritorializados. Não se trata de um apagamento dessas fronteiras, mas de um redesenho: enquanto o Estado passa a regular atividades privadas ou íntimas, como o controle da natalidade e garantia da igualdade de gênero, ele também terceiriza a implementação de programas sociais a organismos religiosos, e a competição religiosa faz com que grupos emergentes busquem assegurar para si espaços de representação política na esfera pública.

Quanto ao “processo de desencantamento do mundo” (*Prozess der Entzauberung der Welt*), Pierucci (2004) aponta que esse movimento, no Brasil, ocorreu de maneira inversa: enquanto o movimento descrito por Max Weber das seitas protestantes, na Europa e na América do Norte, significou um processo de racionalização do campo religioso a fim de eliminar a “magia” e o “irracionalismo” do seu interior, aqui as igrejas protestantes foram, pouco a pouco, dividindo-se e dando origens a cultos evangélicos que dão ênfase aos “transes de inspiração”

(AUBREÉ, 1985), curas sobrenaturais, rituais de exorcismos etc., estratégias religiosas místicas. Esse seria um processo de “reencantamento” da religiosidade, segundo o autor.

Diferente dos países europeus, o primeiro projeto político protestante de reformar a igreja brasileira foi frustrado mesmo antes de existir qualquer chance de ser colocado em prática (FREESTON, 1994; LÉONARD, 1951). Com a inviabilidade da reforma brasileira, o projeto foi substituído pela importação do “denominacionalismo norte-americano” (FREESTON, 1994) e contou com o apoio dos liberais brasileiros. No entanto, esses “protestantes históricos” (MARIANO, 2015), como já destacado, sempre constituíram minoria pouco influente e com pouca capacidade de impulsionar amplas mudanças culturais. A partir da década de 1950, as igrejas pentecostais tornam-se o maior peso no campo protestante. Esse grupo ascendente, por sua vez, não carrega valores racionalistas como os outros que foram analisados pela obra de Max Weber (2004) e que, até hoje, são minoria no campo evangélico brasileiro.

Outro fator para que, segundo Pierucci (2004), os valores do “desencantamento do mundo” não tenham encontrado terreno fértil na vida religiosa brasileira foi o próprio desenvolvimento do nosso capitalismo industrial. A nossa modernização não incluiu as massas populares. Dessa forma, não houve uma ampla divulgação dos valores culturais do capitalismo, fator que fez deixar aberto o caminho para “o estímulo de práticas mágicas” (PIERUCCI, 2004). Esse processo, porém, não altera as conquistas secularizantes do Estado brasileiro, mas produz um tipo de convivência nacional de éticas contraditórias. Como analisado Oro e Ureta (2007), na América Latina, há a articulação de forças antagônicas: o desencantamento do mundo e a efervescência da magia, a racionalização da esfera pública e a sacralização da vida privada.

2.2. RELIGIÃO E POLÍTICA - DESAFIOS DA DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA:

Em face do panorama apresentado, não cabe a este trabalho indagar a legitimidade da participação das religiões na esfera pública. Cabe, porém, compreender quais as consequências e impactos dessa participação para a contemporânea democracia brasileira.

Luis Felipe Miguel (2012) aponta que a separação entre religião e política não é apenas fundamental para a saúde das instituições republicanas, mas uma condição para a possibilidade do sistema democrático, uma vez que a democracia moderna reivindica o poder de toda autoridade política na sua origem a partir de baixo, no povo, não de cima, na vontade divina. Assim, para Miguel (2012), a instrumentalização da política ou do Estado por parte dos grupos religiosos seria incongruente com a democracia liberal. A diminuição das fronteiras entre essas esferas representaria um perigo tanto para liberdade religiosa, quanto para as instituições democráticas.

Jürgen Habermas, um dos principais expoentes da perspectiva deliberativa da democracia, na obra “Teoria do Agir Comunicativo” (2012), defendia que a religião, nas sociedades secularizadas, deveria ser tratada como crença privada e que, por isso, não poderia desempenhar nenhuma influência na esfera pública. Nas instituições públicas, só poderiam ser apresentados e compreendidos como válidos argumentos racionais que possibilitassem, através das trocas comunicativas, a construção de um consenso igualmente racional. Segundo Júlio Paulo Tavares Zabatiero (2008), essa posição, mantida até a primeira década de 1990, foi revista pelo filósofo quando ele se dedica a compreender melhor o fenômeno religioso nas sociedades contemporâneas.

Nessa virada analítica, Habermas introduz uma nova expressão na tentativa de melhor captar as novas transformações em andamento no interior das sociedades ocidentais secularizadas: “pós-secular” (2013; 2019). O termo “pós” não significaria o abandono do horizonte pós-metafísico da modernidade, nem mesmo a desconsideração de que a laicização da autoridade política é a viga mestra do processo de secularização. “Pós” corresponderia a uma mudança de mentalidade no autoentendimento secularista das sociedades em que a presença da religião persiste. O que Habermas está propondo, com o “pós-secular”, é um tipo secularização cultural e social que envolve um duplo processo de aprendizagem para as tradições iluministas e para as doutrinas religiosas. Essas estariam obrigadas a refletirem sobre os seus próprios limites e caíam sobre elas a exigência de uma consciência reflexiva que compreenda a necessidade de um dissenso no relacionamento com crentes de outras religiões e descrentes. Da

mesma forma, cairia essa exigência para os descrentes no relacionamento com os religiosos: uma autorreflexão sobre os limites do iluminismo.

Caberia ao cidadão secular, segundo Habermas (2013; 2019), compreender a relevância da religião para a vida política e a necessidade de eliminar cargas mentais e psicológicas sobre os cidadãos crentes que têm sua participação atalhada. O Estado liberal, ao permitir liberdades comunicativas, incentiva a participação de todos os cidadãos sobre temas que dizem respeito igualmente a todos. É preciso, pois, ajudar à sobrevivência das comunidades religiosas e acomodar essas vozes na esfera pública democrática. O vínculo que unificaria essas visões opostas seria o próprio agir comunicativo recíproco como processo de construção de um consenso democrático. Isso exigiria dos dois lados a aceitação da perspectiva do outro, o pluralismo das visões de mundo. Uma secularização não aniquiladora.

Essa aceitação habermasiana da voz religiosa na esfera pública democrática, porém, não é sem critérios. O sociólogo pontua que além de ter que se submeter à autoridade da ciência, adequar-se às premissas do Estado constitucional, os grupos religiosos também devem traduzir sua linguagem religiosa para uma linguagem secular na esfera pública (HABERMAS, 2013). Falando a partir do contexto político-religioso da Europa, que se deparou com a emergência do fundamentalismo religioso desde o início do século XXI, Jürgen Habermas aposta que adequar a religiosidade na esfera pública democrática é a opção viável para evitarmos uma “guerra de culturas” (HABERMAS, 2013, p. 4).

Chantal Mouffe (2006) parte de um ponto de vista diferente de Jürgen Habermas, mas sua conclusão é semelhante. Alega que a separação entre Igreja e Estado não implica, necessariamente, na rejeição absoluta da religião e dos símbolos religiosos para os espaços privados, mas na legitimação do Estado, não as religiões, como detentor do monopólio da violência e do poder coercitivo. Haveria, para a teórica, uma diferenciação da separação entre Igreja e Estado, entre religião e política e entre público e privado.

Mouffe (2006, 2015) rejeita a lógica racionalista da democracia deliberativa habermasiana que entende a política democrática como o lugar do consenso generalizado e da dissolução das divergências. Segundo ela, essa perspectiva que

quer eliminar o conflito e o dissenso acaba por eliminar o próprio “político” da esfera pública democrática. Distinto do conceito de “política”, percebido como práticas institucionais, o “político” representa o plano de poder em que se manifestam os conflitos e “antagonismos constitutivos das sociedades humanas” (MOUFFE, 2015, p. 8). O dissenso é tomado pela autora como inerradicável das sociedades humanas e elemento fundamental da vida democrática. A partir disso, ela propõe um modelo de democracia que traria de volta o conflito para o centro do debate político e, a partir de uma perspectiva liberal-pluralista, transformaria o “antagonismo entre inimigos” em “agonismo entre adversários” (MOUFFE, 2006, p. 23).

Como Mouffe, Hannah Arendt também toma o agonismo²³ como elemento fundamental da política (ZILIO, 2014). Na sua perspectiva, o cristianismo, em sua origem, foi forjado com sentimento de negação da coisa política e de desdém do espaço público (ARENDR, 2018). Isso não significou, porém, que os cristãos abandonaram o mundo dos assuntos humanos. Em realidade, deslocaram os assuntos do mundo público para o interior da comunidade religiosa. É partir de Santo Agostinho e sua interpretação da coisa política que isso se modifica, aponta Hannah Arendt (2018). A consciência e a radicalidade antipolítica dos cristãos são transformadas em uma “política cristã”. Mais tarde, com a Reforma Protestante foram lançadas as bases para o surgimento do moderno Estado secular e a garantia da liberdade religiosa (ARENDR, 2018, p. 72). Porém, a separação Igreja-Estado não foi suficiente para apagar a herança judaico-cristã no entendimento da política moderna: a ideia do bem absoluto e da verdade platônica. Ao negar a condição humana plural, frágil e mortal, o projeto moderno acaba por ameaçar o pluralismo, a liberdade e o próprio agonismo entre as diferentes perspectivas de esfera pública, levando a política a ser substituída por algo mais “estável” e “seguro”, a mera administração (ARENDR, 2010; ZILIO, 2014).

Ao contrário dessa visão consensual e técnico-administrativa da política democrática, que requer a exclusão de identidades ditas irracionais para esfera

²³ Entre os gregos, o sentido mais comum atribuído ao *agon* era o de disputa, entendido como meio de alcançar a imortalidade e a excelência. Essa noção positiva do *agon* retoma o próprio sentido grego original da palavra: “estar junto”. É a partir dessa leitura da cultura grega pré-filosófica, que Arendt não entende a *polis* grega como consensual e harmônica, nem associa o agonismo ao conflito destrutivo, antagonismo ou guerra (ZILIO; COSTA, 2013).

privada, no “pluralismo agonístico”, segundo Mouffe (2006, p. 24), o conflito, as paixões e a disputa não seriam eliminadas da esfera pública, mas enquadrados pelas instituições para propósitos democráticos. As religiões, assim, encontrariam lugar de intervenção no debate público para se pronunciarem contra ou a favor de certas causas, pois o que o regime democrático-liberal requer é que essas intervenções sejam realizadas dentro dos limites constitucionais. O modelo agonístico reconhece a importância das identidades religiosas como motivos legítimos para mobilizar a ação política.

Joanildo Burity (2001) também compartilha do entendimento pluralista de que a presença de atores religiosos nas instituições políticas não representa nenhuma ameaça à consolidação e ao amadurecimento da democracia. No entanto, ele destaca que o vínculo entre religião e política não deve ser algo acolhido como inequivocamente positivo. Em alguns casos, essa redefinição de fronteiras pode dar lugar a retrocessos e um recrudescimento da intolerância – aquilo que Freud teria chamado de “narcisismo das pequenas diferenças” (2015). O autor percebe que existem lacunas desafiadoras que a perspectiva pluralista mouffeana, apesar de oferecer um caminho alternativo no interior da democracia-liberal, não consegue responder: 1) impossível definir quanto espaço será permitido à expressão da religião na esfera pública, assim como 2) há grande risco de os atores religiosos trazerem para a esfera pública intransigências e imposições que são típicas do próprio campo religioso.

3. QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS?

“Protestantes”, “crentes”, “evangélicos”. São variadas as formas já utilizadas, no Brasil, para classificar esse mesmo grupo religioso. Por vezes representados por telenovelas como fanáticos que possuem um único linguajar e modo de se vestir e, por muito tempo, imaginados pelas esquerdas brasileiras como um grupo homogêneo de fundamentalistas e conservadores, neste capítulo irei abordar a complexidade do campo evangélico, através do seu estabelecimento histórico no país, da origem das suas denominações e das suas diferenças doutrinárias, sendo, portanto, impossível falar de um tipo único de evangélico. Antes de discutir a formação histórica e doutrinária dos evangélicos brasileiros, no entanto, convém refletir de quem está sendo falado quando se menciona “os evangélicos”.

Durante o meu percurso de pesquisa, fui motivado a buscar compreender o uso desse termo para compreender um subcampo religioso tão vasto e diverso. Minha reflexão se deu no período de pesquisa exploratória, na aplicação do questionário online entre fiéis das diversas denominações cristãs-evangélicas. Dentre os itens do questionário, em um deles ofereci uma lista com centenas de nomes de igrejas brasileiras para que o respondente escolhesse a que ele frequenta ou frequentou. Nesse percurso, recebi e-mails, mensagens e comentários de diversos interlocutores que reclamavam da inclusão de denominações que não consideravam poder ser incluídas na identidade evangélica. A Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Adventista do Sétimo Dia foram algumas das citadas por crentes das denominações Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Batista e Assembleia de Deus. Tais ocorridos me geraram certa surpresa.

Lembrei imediatamente da lição de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999), que apontaram que é preciso combater a “sociologia espontânea” que, por vezes, imprime suas marcas em nossos trabalhos através de conceitos e termos que, aparentemente eruditos, não passam de pré-noções irrefletidas. Seria necessário, portanto, manter uma vigilância epistemológica para evitar essa contaminação. Para o autor, é possível fazer isso submetendo nossas categorias e esquemas de uso comum à crítica sociológica e a uma verificação permanente. Assim, é possível para o cientista controlar as significações flutuantes.

Foi nesse sentido que me perguntei: do que e de quem estamos falando quando falamos dos “evangélicos”? Quais grupos essa palavra abarca? Segundo Machado (2006) e Mariano (2014), o termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado por denominações cristãs nascidas e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI e designa tanto as igrejas protestantes históricas como as pentecostais e neopentecostais. Demarcaremos as diferenças entre essas vertentes mais adiante. No Brasil, o primeiro templo protestante legalmente inaugurado no Brasil carregava esse termo: Igreja Evangélica Fluminense, no Rio de Janeiro, em 1858 (LÉONARD, 1951). Maria Lucia Montes (2012) destaca que o termo é usado ora englobando o conjunto de denominações dessas três tradições, ora refere-se apenas às diversas modalidades do pentecostalismo e neopentecostalismo. Assim, trata-se de uma categoria “nativa”, um rótulo identitário para demarcar uma fronteira que, por vezes, inclui-se ou não determinados segmentos no interior do grupo de acordo com aquele que dele se utiliza nesse constante processo de desconstrução e reconstrução de identidades (MONTES, 2012). Assim, o ato de negar ao outro o “ser evangélico” expressa uma contínua construção identitária que, por sua vez, envolve uma disputa simbólica por sua reivindicação.

Apesar de tratar-se de uma difícil delimitação categorial, não há dúvida de que, nesse processo relacional de construção da identidade, o “evangélico” remete a uma série de características que englobam um número cada vez maior de pessoas no Brasil. Portanto, esse será usado aqui como uma identidade “guarda-chuva” não homogeneizadora, onde abrigam-se grupos religiosos diversos, mas com características comuns. No próximo tópico trataremos dos diversos grupos religiosos que são, hoje, reconhecidos como evangélicos.

3.1. TIPOLOGIA DAS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS BRASILEIRAS:

O campo evangélico brasileiro é diverso. Há enorme diversidade cultural e teológica no seu interior. Não é possível, portanto, entender quem são os fiéis evangélicos e compreender seu comportamento político, do ponto de vista sociológico, a partir de hegemonizações. O sociólogo deve buscar o que há de comum entre os diversos tipos de evangélicos, mas sem prescindir das especificidades. Importante fazer isso para que os deslizes simplificadores possam ser evitados. Estes não contribuem para uma compreensão científica dos fenômenos sociais.

Desse ponto de vista, o sociólogo Ricardo Mariano, em “Neopentecostais: a sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (2015), oferece uma excelente contribuição para a classificação tipológica das denominações evangélicas. Dentre os diversos intelectuais brasileiros que empreenderam algum esforço de ordenar as igrejas brasileiras a partir de uma análise da sua dinâmica histórico-institucional (BRANDÃO, 1980; MENDONÇA, 1989; FRESTON, 1993), penso que ele foi quem obteve melhor êxito, pois conseguiu compreender as diferentes origens históricas, tradições doutrinárias e vínculos institucionais. Seguindo a tradição sociológica weberiana, as construções tipológicas propostas pelo autor, e que serão adotadas aqui, não possuem o objetivo de dar conta do universo evangélico inteiro, assim como também não são retratos literais da realidade. Os tipos ideais (WEBER, 2015), na verdade, são instrumentos de análise do real, para melhor ordená-lo, pensá-lo e compreendê-lo.

Mariano (2015) propõe compreender os evangélicos brasileiros a partir de quatro tipologias: o 1) protestantismo histórico; o 2) pentecostalismo clássico; o 3) deuterpentecostalismo e o 4) neopentecostalismo.

O primeiro tipo ideal, o protestantismo histórico, faz referência às principais igrejas oriundas da Reforma Protestante europeia do século XVI, como a Congregacional, a Luterana, a Presbiteriana, a Anglicana, a Metodista e a Batista, que chegaram ao Brasil em meados do século XIX através da imigração ou pela chegada de missionários norte-americanos.

O segundo, o pentecostalismo clássico, remete às primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil no início do século XX. Apesar destas portarem diversos elementos nacionais, o movimento pentecostal nasce nos Estados Unidos como herdeiro do metodismo e do movimento de santidade (*holiness*). O fenômeno glossolálico, o falar em outras línguas²⁴, foi a síntese doutrinária que permitiu com que o pentecostalismo surgisse a partir de 1900, sob a liderança de Charles Parham, um famoso admirador do Klu Klux Klan (FRESTON, 1994), no estado norte-americano Kansas. No entanto, o principal propagador do pentecostalismo será W.J. Seymour,

²⁴ O dom de falar em outras línguas, desde o início do pentecostalismo, se constituiu como sua marca distintiva, e remete ao episódio bíblico do dia de Pentecostes em que o Espírito Santo teria se manifestado entre os crentes e estes falaram em línguas estranhas. O episódio é relatado em Atos 2. Essa crença teve centralidade na teologia pentecostal.

um missionário negro nascido como escravo, que fundou a Missão de Fé Apostólica na Rua Azuza, em Los Angeles. Os primórdios do pentecostalismo estadunidense foram marcados pela liderança de negros e mulheres. O pentecostalismo clássico chega ao Brasil através de dois missionários suecos e um missionário presbiteriano de origem italiana, que tiveram contato com esse movimento nos Estados Unidos. A liderança que constituída no Brasil era majoritariamente de brancos e isso imprimiu características peculiares ao pentecostalismo que aqui foi fundado (REINA, 2017). As duas principais igrejas do pentecostalismo clássico são a Congregação Cristã no Brasil (São Paulo, 1910) e a Assembleia de Deus (Pará, 1911).

A terceira tipologia, ou segunda onda do pentecostalismo brasileiro, o deuteropentecostalismo, se inicia em meados da década de 1950, na cidade de São Paulo, com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1953, e seu braço evangelístico, a Cruzada Nacional de Evangelização. A denominação era ligada à *International Church of The Foursquare Gospel*, que nasceu do mesmo corpo doutrinário do pentecostalismo da primeira década do século XX, nos Estados Unidos, e que deu origem a CC e a AD, no Brasil. A igreja utilizou instrumentos inovadores para propagação de sua mensagem, especialmente o rádio, o teatro, o cinema etc., que, por sectarismo, eram considerados, até então, como instrumentos diabólicos pela CC e AD. A ênfase teológica dessa fase do pentecostalismo era na cura divina, não mais no dom de línguas. Isso foi crucial para impulsionar o seu crescimento e diversificação institucional. Outras igrejas surgiram nessa segunda onda do pentecostalismo: a Igreja Pentecostal Brasil para Cristo (São Paulo, 1955), a Igreja Pentecostal Deus é Amor (São Paulo, 1962) e a Igreja Casa de Benção (Belo Horizonte, 1964). O radical “*deutero*” significa “segundo” ou “segunda vez”. Esse corte histórico-institucional é justificado por Mariano (2015) tendo em conta que o deuteropentecostalismo, apesar de se estabelecer 40 anos depois do pentecostalismo clássico, mantém o seu núcleo teológico, se diferenciando apenas pela ênfase que confere a um ou outro dom e pelo distinto estilo evangelístico.

O quarto tipo ideal, ou terceira onda do pentecostalismo brasileiro, o neopentecostalismo, compreende o período iniciado na década de 1970 e com potente fortalecimento nas décadas de 1980 e 1990. A deuteropentecostal Igreja Nova Vida está na origem nas principais igrejas neopentecostais fundadas posteriormente, como a Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1977), a Igreja

Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1980) e a Igreja Cristo Vive (Rio de Janeiro, 1986). Segundo Mariano (2015), são quatro as características fundamentais do neopentecostalismo: 1) a exacerbação da guerra espiritual contra o diabo, através da Teologia da Guerra Espiritual²⁵, 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade²⁶, 3) a liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade, e 4) a estruturação dessas igrejas como empresas. Dessas características resultaria uma forte ruptura com sectarismo e o ascetismo intramundano, que caracterizaram o pentecostalismo clássico e o deuteropentecostalismo, os levando a uma afirmação constante do mundo terreno através da ênfase na participação política, nos meios de comunicação de massa e do crescimento financeiro individual. A categoria “neopentecostal”, portanto, é construída a partir de parâmetros relacionais. O prefixo *neo*, portanto, se mostra como apropriado por remeter tanto à sua formação recente, como também ao seu caráter inovador.

Nem toda igreja fundada em determinado período histórico faz parte da onda que lhe é contemporânea. Assim, uma igreja fundada na década de 1980 pode possuir muito mais afinidades doutrinárias e comportamentais com a Assembleia de Deus ou a Congregação Cristã que com qualquer outra igreja neopentecostal, por exemplo. Para ser enquadrada como neopentecostal, a igreja deve também apresentar as características teológicas e culturais distintivas dessa corrente. Para isso, é importante levar em consideração as genealogias e os vínculos institucionais das denominações brasileiras. Trabalharemos isso com mais detalhes no próximo tópico

²⁵ A teologia da guerra espiritual ou da batalha espiritual (MARIZ, 1999), conhecida nos Estados Unidos como “Dominion Theology”, refere-se à luta dos cristãos contra o diabo. Essa teologia prega que tudo o que se passa no “mundo material” é resultado da guerra travada entre as forças divinas e as demoníacas no mundo espiritual. Problemas como enfermidades, fome, pobreza e desemprego são problemas espirituais. A pobreza seria, portanto, causada pelo “espírito da pobreza”, a doença pelo “espírito da doença”, as dificuldades financeiras na família pelo “espírito devorador” etc. Sendo esses problemas sociais transformados em problemas espirituais, a solução seria igualmente espiritual: uma intervenção divina por meio da oração com fé. Uma guerra espiritual em que os fiéis são “soldados” e essa coletividade, um “exército de Cristo”.

²⁶ A teologia da prosperidade, conhecida entre os norte-americanos como “Health and Wealth Gospel”, chega ao Brasil em meados da década de 1970 e subverte a crença de desvalorização do mundo predominante entre os pentecostais, promovendo a ideia de que o mundo é o locus da felicidade, do sucesso financeiro e da abundância de bens materiais para os cristãos, os quais são “herdeiros de Deus”, e este o criador do mundo. Para ser próspero, ter o corpo saudável e ser feliz é necessário, apenas, ter fé e ser dizimista. Sim, dar o dízimo, pois é “dando que se recebe” (MARIANO, 2015). Com esses dois elementos, os fiéis reuniriam as condições espirituais necessárias para cobrarem de Deus uma vida melhor e determinar – pela palavra – as suas bênçãos. Nessa teologia, os males materiais e naturais também são espiritualizados. A explicação comumente está na falta de fé, na não contribuição dizimista ou, ainda, nas ações diabólicas.

Deve-se levar em conta, também, dois processos importantes, a pentecostalização de igrejas históricas e a neopentecostalização de igrejas pentecostais clássicas e deuteropentecostais. O primeiro fenômeno começa ocorrer durante a década de 1960, a partir de cisões oriundas de igrejas do protestantismo histórico e que se autorrotulam como “renovadas”. Estas acreditam na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo e adotam a teologia pentecostal, como a Igreja Batista Renovada ou a Igreja Presbiteriana Renovada. São contemporâneas do deuteropentecostalismo, mas classificadas comumente como “histórico renovadas” (MARIANO, 2015). O segundo fenômeno diz respeito à crescente influência que as igrejas neopentecostais exercem no campo evangélico (ORO, 2003). Isso faz com que, na ânsia por crescimento, as igrejas pentecostais clássicas e deuteropentecostais absorvem e reproduzem novas práticas de sucesso com o público. Igrejas como Nova Vida e Evangelho Quadrangular já são consideradas neopentecostais pela literatura (MARIANO, 2015).

3.2. GENEALOGIA DAS DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS BRASILEIRAS:

Com o objetivo de compreender como se expande o campo evangélico brasileiro e de onde é oriunda sua diversidade teológica e comportamental, percebi no trajeto de pesquisa, a importância de construir uma “árvore genealógica” das principais denominações evangélicas do país. Por motivos de viabilidade, não seria possível coletar os dados genealógicos de todas as milhares de igrejas evangélicas do Brasil para esse trabalho. Decidi, então, pesquisar a história de fundação e as dissidências das principais. Esse empreendimento foi feito tanto a partir da literatura especializada, que oferece relatos da história das denominações, como também a partir da busca em fontes disponibilizadas pelas igrejas, sempre tendo a permanente cautela de comparar informações divergentes e buscar fontes alternativas. Construir essa genealogia histórico-institucional dos evangélicos é de suma importância para melhor entender as tipologias já apresentadas que abrangem os diversos momentos do protestantismo brasileiro, bem como as origens dessa diversidade cultural e teológica.

- *Congregacionais:*

A primeira igreja evangélica no Brasil foi Igreja Evangélica Fluminense (IEF), fundada em 1858, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), pelo missionário escocês de

origem presbiteriana, Robert Reid Kalley. Em 1873, Kalley fundou também, no Nordeste brasileiro, a Igreja Evangélica Pernambucana, em Recife. Anos depois, em 1878, da igreja fluminense surge o movimento protestante adenominacional, que ficou conhecido no país como “Casa de Oração” e foi fundado pelo missionário inglês Richard Holden. Em 1916, a IEF impulsiona a fundação da Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais que, posteriormente, facilitou a fundação da Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, em 1967, pelo pastor Karl Splitter com o auxílio da Igreja Evangélica Congregacional da Argentina. Em 2009, também dissidente da IEF, é fundada a Igreja Puritana Reformada do Brasil, antes conhecida como Igreja Congregacional Kalleyana.

Considero importante salientar sobre as diferentes formas de governo assumidas pelas igrejas. As denominações já citadas assumem o congregacionalismo, uma das ramificações do protestantismo inglês oriundo da Reforma Anglicana, no século XVI, e que reivindicava a autonomia e independência da paróquia com relação as instâncias externas e superiores. Com essa autonomia e a participação dos membros, cada congregação estaria apta para eleger seus ministros, praticar sua liturgia e reflexão teológica, bem como administrar seus recursos e relações com outras congregações.²⁷ Essa forma de governo também é assumida pelas Igrejas Batistas brasileiras.

- *Luteranos:*

A segunda igreja protestante a se formar no país foi a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), originária da imigração alemã para o Brasil, que formou inúmeras comunidades luteranas, a partir de 1824. Essas congregações, em 1886, se organizam e formam a IECLB com comunidades, paróquias, sínodos e o concílio.

Em 1900, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) é fundada pelo pastor estadunidense Christian J. Broders, em São Pedro do Sul, no estado do Rio Grande do Sul²⁸.

²⁷ Para ler mais sobre o congregacionalismo: “Os congregacionais: origem, inserção e contribuições”: <<https://teologiabrasileira.com.br/os-congregacionais-origem-insercao-e-contribuicoes/>>. Acessado em: 22/01/2021.

²⁸ “História da IELB”: <<https://www.ielb.org.br/institucional>>. Acessado em 31/01/2021.

- *Presbiterianos:*

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) é fundada, no Brasil, em 1862, através do missionário estadunidense Ashbel Green Simonton, também no Rio de Janeiro. Da IPB, em 1879 dissidiu a Igreja Evangélica Brasileira, fundada pelo engenheiro e antigo brasileiro Miguel Ferreira Vieira, ou Dr. Miguel, por divergir da igreja e acreditar na experiência mística com o divino que se dirige diretamente aos seres humanos. Conflitos internos na IPB em razão da liderança estrangeira e a oposição à maçonaria provocou outra cisão, dando origem a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI), em 1903, cuja principal liderança era Eduardo Carlos Pereira. Em 1958, influenciados pelo crescimento do pentecostalismo e após terem experimentado o “batismo com Espírito Santo” com *glossolalia*, um grupo de membros são expulsos da IPI e fundam a Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia (ICPB). Em 1986, o casal Estevam e Sonia Hernandez, que eram membros da ICPB, fundam na sala do apartamento que moravam a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, hoje uma das maiores igrejas neopentecostais do país.

Em 1956, como resultado da tensão surgida no meio presbiteriano estadunidense entre “Teologia Fundamentalista” e “Teologia Liberal”, é fundada, a partir de uma dissidência da IPB, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil por Israel Gueiros.

Em 1968, ainda como processo de “pentecostalização” das igrejas históricas (MARIANO, 2015), surgiu a Igreja Cristã Presbiteriana, dissidente da IPB, que, em 1975, se fundiu à Igreja Presbiteriana Independente Renovada, fundada em 1972, e juntas deram origem à Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. Outra igreja pentecostal dissidente da IPB foi a Igreja Cristã Maranata, em 1968, a partir de um grupo presbiteriano que teve contato com a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo. Ocorreu processo semelhante com a fundação da Igreja Presbiteriana da Graça, em 1995.

Em 1978, alguns líderes da IPB estavam insatisfeitos com o apoio dado pela maioria dos dirigentes da IPB à ditadura civil-militar. Esses decidem fundar a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), considerada uma igreja progressista e inclusiva para pessoas LGBTQ+.

Em 1993, como reação ao movimento pentecostal, que já era hegemônico no campo evangélico brasileiro, é fundada a Igreja Presbiteriana Tradicional pelo pastor Banon Wanderley Paes, que acusava a IPB de tolerância com o movimento pentecostal.

A forma de governo assumida pelas igrejas presbiterianas é o Presbitério. O presbiterianismo surge na Europa, no século XVI, e está teologicamente atrelado ao calvinismo. A estrutura de administração presbiteriana se caracteriza pelo governo de presbíteros, indivíduos membros com suficiente experiência de vida cristã que os dê capacidade para atuar junto do pastor/reverendo nas decisões sobre a igreja. Esses presbíteros compõem o Presbitério, que, por sua vez, compõe associações regionais que reúnem os Presbitérios locais, os chamados Sínodos. Os Sínodos, por sua vez, formam o Supremo Concílio nacional²⁹³⁰.

- *Metodistas:*

A Igreja Metodista é fundada em 1867 pelo estadunidense Junius Estaham Newman, que veio para o Brasil, junto de tantos outros metodistas do Sul dos Estados Unidos, após o fim da Guerra Civil, tendo servido como capelão às tropas derrotadas. A igreja brasileira foi fundada em Santa Bárbara do Oeste, no interior de São Paulo. Em 1934, ocorre a primeira cisão da denominação que deu origem a Igreja Metodista Ortodoxa, fundada pelo pastor José Henriques da Matta. A igreja permaneceu fiel à doutrina do protestantismo histórico até que, em meados de 1980, as lideranças vivem o processo de pentecostalização³¹. Também da Igreja Metodista do Brasil surgem outras três importantes denominações pentecostais, são elas: a Igreja Evangélica do Avivamento Bíblico, fundada em 1946, por um grupo de seminaristas, e a Igreja Metodista Wesleyana, em 1967.

As igrejas metodistas assumem a forma de governo episcopal. Esse sistema eclesiástico é centralizador e verticalizado, e tem como maior autoridade a figura do bispo dirigente ou pastor presidente, responsável pelas decisões e destino da igreja. É o oposto do sistema congregacional, que é mais democrático e descentralizado.

²⁹ “Presbiterianismo”: <<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/presbiterianismo/>>. Acessado em 31/10/2020.

³⁰ “Onograma da IPB”: <<http://www.ipb.org.br/ipb/organograma-da-ipb>>. Acessado em 31/10/2020.

³¹ Ricardo Mariano, em “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (2015), fala sobre o processo de “pentecostalização” das igrejas protestantes históricas.

Além dos metodistas, esse modelo também é adotado pela Igreja Anglicana, a Assembleia de Deus Ministério Madureira, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Nova Vida, a Igreja Universal do Reino de Deus etc. Essa forma de organização já estava presente na Igreja Católica antes da Reforma Protestante.

- *Batistas:*

Ainda no século XIX, em setembro de 1871, é fundada no Brasil a primeira Igreja Batista por um grupo de colonos do Sul dos Estados Unidos refugiados da Guerra Civil. A igreja é fundada em Santa Bárbara do Oeste, no interior de São Paulo, sob a coordenação do pastor estadunidense Richard Ratcliff. Assim como a Igreja Metodista, a Igreja Batista brasileira é organizada, à priori, via imigração. Apenas em 1882, chegam os primeiros missionários batistas no Brasil, o casal William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, no mesmo ano em que é fundada a primeira Igreja Batista em Salvador, capital do estado da Bahia³². Em 1932, a Convenção Batista dos Estados Unidos foi dividida. Os batistas do Sul acusavam os batistas do Norte de liberalismo teológico. Algo semelhante ocorreu também entre os presbiterianos. Surgiu, então, a Igreja Batista Regular de orientação fundamentalista e conservadora. Ela chegou ao Brasil também em 1935 e 1936, nas cidades do Rio de Janeiro, capital fluminense, e Crato, no Ceará, através dos missionários estadunidenses William A. Ross e Edward Guy McLain respectivamente³³. Em 1950, a Igreja Batista Central é fundada por missionários estadunidenses.

Na década de 1950, influenciados pelo crescimento das igrejas pentecostais, surgem as primeiras batistas renovadas. A Igreja Batista da Lagoinha (IBL), conhecida como Sexta Igreja Batista em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, foi fundada em 1957 pelo pastor José Rego do Nascimento. Após contato do pastor o movimento pentecostal, a igreja é expulsa da Convenção Batista Brasileira³⁴. No ano seguinte, em 1958, há a fundação da Igreja Batista Renovada, que durante a década de 1960 agregaria mais igrejas batistas e que, em 1965, formariam a Convenção Batista Nacional, que reuniria as congregações batistas pentecostais³⁵. Em 1982, é fundada

³² “Nossa História”: <http://www.batistas.com/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24>. Acessado em 31/10/2020.

³³ “Breve história dos batistas regulares”: <<https://www.batistasregulares.com.br/post/breve-historia-dos-batistas-regulares>>. Acessado em 31/01/2021.

³⁴ “Sobre nós”: <<https://lagoinha.com/pagina/13059/sobre-nos>>. Acessado em 31/01/2021.

³⁵ Quem somos”: <<https://www.cbn.org.br/institucional/quem-somos>>. Acessado em 31/01/2021.

a Igreja Batista Vale de Bençãos, que no início dos anos 2000 adquire características neopentecostais.

Em março de 1994, a missionária batista, Valcine Milhomens Coelho, após longo período no exterior e ter contato com o movimento pentecostal, funda a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC)³⁶, em São José dos Campos, no estado de São Paulo, reconhecida por suas características neopentecostais e por ser sabatista³⁷, divergindo da maioria dos protestantes que não guarda o sábado.

- *Anglicanos:*

Após a Independência do Brasil, em junho de 1890, chega ao Brasil a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), fundada em Porto Alegre pelos reverendos missionários Lucien Lee Kinsolving e James Watson Morris enviados pela Igreja Anglicana Episcopal de Virgínia, nos Estados Unidos. Desde 1997, a igreja se tornou inclusiva ao aceitar homossexuais como parte da igreja. A IEAB se identifica como uma igreja inclusiva e oferece acolhimento para grupos historicamente marginalizados, como mulheres, LGBTs, indígenas e sem-terra³⁸. Isso fez com que em 2005 a Diocese Anglicana de Recife, insatisfeita com a adoção da “teologia liberal”, saísse da IEAB e fundasse a Igreja Anglicana no Brasil. Em 2018, a IEAB elege sua primeira bispa, a Reverenda Marinez Bassotto. As igrejas anglicanas assumem a forma de governo episcopal.

- *Adventistas:*

A primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) foi fundada, em 1896, no distrito de Gaspar de Alto, no estado de Santa Catarina, pelo pastor estadunidense

³⁶ “Resenha da História da INSEJEC (Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo)”: <<https://www.insejec.com.br/quem-somos/nossa-historia/>>. Acessado em 20/12/2020.

³⁷ O sabatismo é uma doutrina presente em algumas igrejas cristãs que defende a observância do sábado, como determinado por Deus ao povo hebreu através do 4º mandamento de Moisés (Êxodo 20: 8-11). Os cristãos que “guardam” o sábado não realizam nenhuma atividade de trabalho ou estudo do pôr-do-sol da sexta-feira ao pôr-do-sol do sábado. Esse é um dia separado para o descanso e as celebrações religiosas.

³⁸ “A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, ao contrário de outras denominações cristãs, tem uma abordagem mais abrangente para pregar o Evangelho. Oferece um evangelho social à sociedade brasileira, defendendo os direitos de gays e lésbicas, iniciando conversas voltadas para o enfrentamento do problema epidêmico da violência contra a mulher, e apoiando os indígenas e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. Ver mais: <<https://www.anglicannews.org/news/2015/06/episcopal-anglican-church-of-brazil-to-celebrate-125-years.aspx>>. Acessado em 20/12/2020.

Frank Henry Westphal³⁹. Em 1913, um grupo de lideranças da IASD do Paraná rejeita as profecias de Ellen Gould White e, em 1916, funda a Igreja Evangélica Adventista. Esse nome vigorou até 1950, quando mudou para Igreja Batista do Sétimo Dia. Em 1960, é aprovada a associação da igreja brasileira à Federação Mundial Batista do Sétimo Dia⁴⁰.

- *Cristãos evangélicos:*

A Igreja Cristã Evangélica do Brasil (ICEB) foi fundada no Brasil, em agosto 1901, pelo jovem missionário canadense Reginaldo Young na capital paulista. No início, era conhecida como Igreja Cristã Paulistana⁴¹. Dissidente da ICEB, foi fundada em 1979 a Igreja Cristã Evangélica Renovada do Brasil, influenciada pelo movimento pentecostal. Oito anos depois, em 1987, também dissidente da ICEB, é fundada pelo Apóstolo Sinomar Fernandes da Silveira a Igreja Luz Para os Povos, em Goiânia, capital do estado de Goiás⁴². Ordenados como pastores na Igreja Luz para os Povos, os pastores Aluízio A. Silva e pastor Marcelo Almeida fundam, em 1997, a Igreja Videira. Estas últimas denominações são reconhecidas como neopentecostais.

- *Congregação Cristã no Brasil:*

A Congregação Cristã no Brasil (CCB) foi fundada em 1910, em Santo Antonio da Platina, no Paraná, pelo missionário Luigi Francescon, que era italiano radicado nos Estados Unidos, onde teve contato com o movimento pentecostal em Chicago. A CCB foi a primeira igreja do pentecostalismo brasileiro (FREESTON, 1994). Da CCB, é fundada a Congregação Cristã do Sétimo Dia, em 1993, por um grupo dissidente liderado pelo ancião Luis Bento Machado, que compartilhava a crença no sabbatismo, a guarda do sábado.

- *Assembleianos:*

³⁹ “História da Igreja Adventista na América do Sul”: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/historia-na-america-do-sul/>>. Acessado em 20/12/2020.

⁴⁰ “História da Igreja Batista do Sétimo Dia”: <<https://ib7.org/a-igreja/historia-da-igreja>>. Acessado em 20/12/2020.

⁴¹ “Igreja Cristã Evangélica – Origem e Objetivos”: <<https://www.igrejacristaevangelica.com.br/historia>>. Acessado em 20/12/2020.

⁴² “Igreja Luz para os Povos – Nossa História”: <<https://luzparaospovos.com.br/nossa-h/>>. Acessado em 31/01/2020.

Em 1911, os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, após terem contato com o movimento pentecostal nos Estados Unidos, fundaram a Assembleia de Deus no Brasil (AD), em Belém, capital do estado do Pará. Essa denominação viria a ser, décadas depois, a maior denominação evangélica do Brasil. O órgão máximo dessa denominação é Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), que reúne diversas outras Assembleias de Deus fundadas posteriormente. Uma das principais integrantes era a Assembleia de Deus Ministério Madureira, fundada em 1929, no bairro Madureira, na capital do Rio de Janeiro, pelo pastor gaúcho Paulo Macalão. Por divergências com a direção – que por muito tempo era hegemônica pelos missionários suecos –, a denominação acabou sendo expulsa da CGADB em 1989, possibilitando o surgimento da Convenção Nacional das Assembleias de Deus de Madureira (CONAMAD) no mesmo ano (FREESTON, 1994). Outras dezenas de Assembleias de Deus foram fundadas ao longo dos anos, dissidentes ou não da CGADB, como a Assembleia de Deus Ministério Montese, em 1961; a Assembleia de Deus Ministério Bela Vista, em 1963; a Assembleia de Deus Betesda em 1981; a Assembleia de Deus Canaã, em 2000.

A Assembleia de Deus Betesda, liderada pelo pastor Ricardo Gondim, se tornou inclusiva em 2005. Fato que fez com que parte da liderança da igreja a abandonasse e fundasse a Igreja Cristã Gileade, em 2007. A igreja original passou a ser conhecida apenas como Igreja Betesda sem fazer referência a antiga tradição da AD. Outra denominação fundada a partir de uma cisão com a AD foi a Comunidade Cidade do Refúgio, fundada em 2011 pelo casal de pastoras Lana Holder e Rosania Rocha. A primeira era uma renomada missionária assembleiana, que viajou o mundo para contar o seu testemunho de ex-lésbica. A segunda era uma cantora conhecida do meio evangélico e esposa de pastor assembleiano⁴³.

Da Assembleia de Deus Canaã, fundada pelo pastor Jecer Góes Ferreira, em Fortaleza, em 2000, saíram diversos líderes que fundaram suas próprias igrejas. Entre algumas dessas igrejas dissidentes, estão: a Comunidade Cristã Logos, referência neopentecostal na capital cearense, fundada em 2000; a Igreja Evangélica Renovada Senhor dos Exércitos, em 2003; a Comunidade Evangélica Emanuel, em 2009; a

⁴³ “Lésbicas, casadas e pastoras de uma igreja evangélica”: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/politica/1425335261_284235.html>. Acessado em 20/01/2020.

Missão Evangélica Resgatai, em 2010; a Comunidade Cristã Sal e Luz, em 2013; a Igreja Cristã Hebrom, em 2015; a Assembleia de Deus Bíblica, em 2017, etc.

- *Igreja de Deus:*

Em 1934, através do trabalho missionário de Caroline Mathilda Paulsen chega ao Brasil enviada pela Igreja Evangélica Calvário Pentecostal. Aqui, ela funda uma pequena igreja no estado de Goiás com esse mesmo nome. Anos depois, a denominação estadunidense ficou impossibilitada de manter o apoio financeiro ao trabalho missionário. Em 1954, Paulsen recorre a pentecostal Igreja de Deus, uma denominação também estadunidense, e é oficializada como missionária desta, no Brasil. A igreja fundada em 1934 passa, então, a ser chamada de Igreja de Deus no Brasil.⁴⁴

- *Missão Evangélica:*

Em 1924, um grupo de cristãos protestantes que se reuniam para estudar a bíblia, em Seattle, nos Estados Unidos, tiveram uma experiência pentecostal. Algum tempo depois, esse mesmo grupo deu início, então, sob a liderança da irmã Hannah Gorenson, a Igreja da Beira da Estrada. O nome fazia referência ao local da propriedade, que ficava entre a Estrada Militar e a Rodovia do Pacífico. Anos depois, em 1939, a igreja envia ao Brasil os missionários Harland Edwin Graham e Hazel Evelyn Rader Graham. Estes fundam o primeiro templo da igreja Missão Evangélica Pentecostal do Brasil (MEPB) em 1941⁴⁵.

- *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra:*

Em 1944, surge em diversas cidades dos Estados Unidos um movimento evangelístico conduzido por jovens evangélicos. Os líderes dessas cidades se juntaram e formaram o movimento interdenominacional *Youth For Christ*. Em 1947, o trabalho do movimento é iniciado no Brasil com o nome de Mocidade Para Cristo (MPC). O movimento só se consolida, no entanto, na década de 1950 com a chegada do casal de pastores estadunidenses Paulo e Jane Overholt⁴⁶. Em 1970, o jovem

⁴⁴ “Conheça a nossa história – Igreja de Deus no Brasil”: <<https://igrejadedeus.org.br/novoImpreza/institucional/>>. Acessado em 01/02/2021.

⁴⁵ “História – MEPB”: <<https://www.mepb.org.br/quem-somos/historia>>. Acessado em 01/02/2021.

⁴⁶ “Trajetória MPC”: <<https://mpc.org.br/trajetoria/>>. Acessado em 01/02/2021.

Robson Lemos Rodovalho, da IPB, passa a integrar o MPC. Logo se tornou presidente da organização em Goiás e na região Centro-Oeste do Brasil. Anos depois, ainda com 17 anos, tem contato com o movimento pentecostal através de igrejas protestantes históricas renovadas e pela Assembleia de Deus. Rodovalho recebe o “batismo do Espírito Santo”⁴⁷ e em 1976, após se casar e ser consagrado pastor, funda com Cirino Ferro a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, hoje uma das mais conhecidas igrejas neopentecostais do Brasil.

- *Igreja Quadrangular:*

Como desdobramento tardio do pentecostalismo clássico norte-americano, nos anos 1950 chegam em São Paulo os missionários Harold Williams e Raymond Boathight, vinculados à *International Church of The Foursquare Gospel* (Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular⁴⁸). Aqui deram início à Cruzada Nacional de Evangelização, em 1951, centrando a suas mensagens na “cura divina” (MARIANO, 2015). A Cruzada passou por diversas capitais brasileira, como Belém (PA), Fortaleza (CE), Recife (PE), Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ). Dessa forma, surgiu a Igreja do Evangelho Quadrangular, no Brasil⁴⁹. No rastro das campanhas de cura de divina surgiu, também, a Igreja Evangélica Pentecostal Brasil para Cristo, fundada em 1955, São Paulo, por Manoel de Mello e Silva, que havia sido ordenado como ministro na Igreja do Evangelho Quadrangular. Dissidentes da Brasil para Cristo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor é fundada em 1962, também em São Paulo, pelo missionário David Martins Miranda, e a igreja Casa de Bênção, em 1964, em Belo Horizonte, pelo casal Doriel de Oliveira e Ruth Brunelli de Oliveira. Essas igrejas compuseram a segunda onda do pentecostalismo brasileiro, o deuteropentecostalismo, como discutido por Ricardo Mariano (2015), embora a Igreja do Evangelho Quadrangular seja, hoje, reconhecida como neopentecostal.

- *Igreja Nova Vida:*

⁴⁷ “Batismo no Espírito Santo” é como os pentecostais se referem ao avivamento espiritual individual em que tem como principal manifestação a glossolalia, que é a capacidade de falar em “línguas estranhas” ou “língua dos anjos” (Atos 1:5; Atos 2).

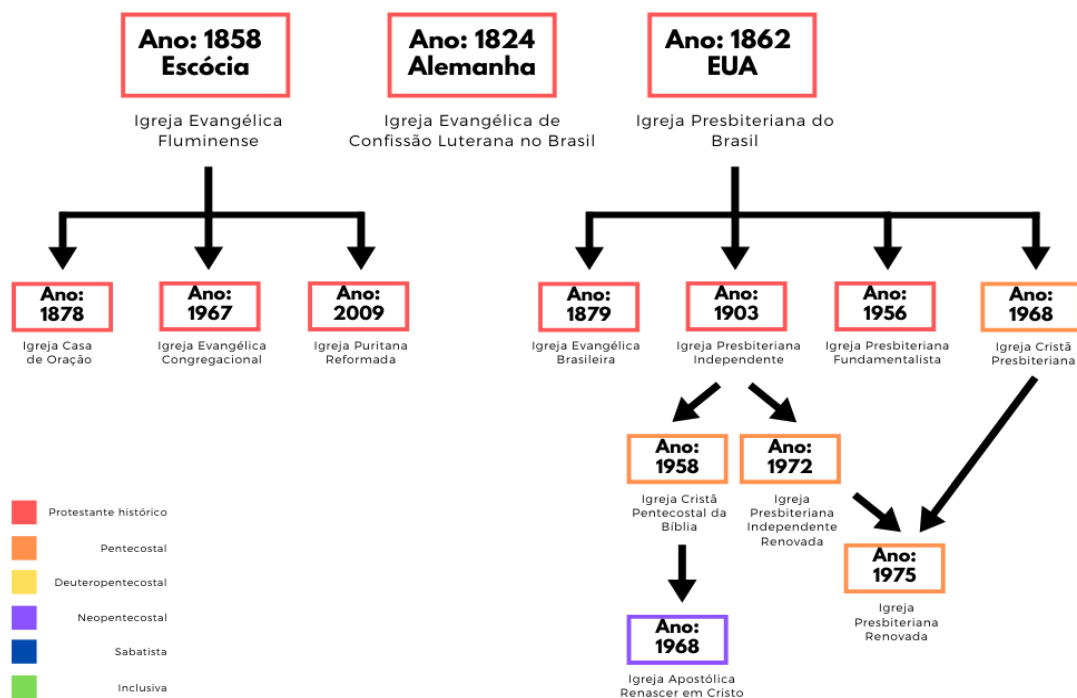
⁴⁸ O nome “quadrangular” faz referência aos quatro atributos de Jesus Cristo que baseiam a mensagem da igreja: Jesus salva, Jesus cura, Jesus Batiza no Espírito Santo e Jesus voltará.

⁴⁹ “Nossa história”: < <http://www.portalbr4.com.br/Artigo/6845/materia>>. Acessado em 01/02/2021.

A Igreja Nova Vida, segundo Ricardo Mariano (2015), também foi parte deuteropentecostalismo. Ela foi fundada em 1960, na cidade do Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Walter Robert McAlister. Como típico das igrejas da segunda onda pentecostal, essa foi fundada na esteira do programa radiofônico, “A Voz da Nova Vida”, apresentado também por McAlister. A igreja também foi pioneira no uso da televisão como meio de evangelização, protagonizando um programa na TV Tupi. O missionário, antes da fundação da igreja, já tinha vindo ao Brasil para pregar na Assembleia de Deus, em 1955, e na Cruzada Nacional da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1958. A igreja abrigava um público majoritariamente de classe média. Em 1975, após 12 anos como membro da Igreja Nova Vida, Edir Macêdo funda, junto de seus colegas Romildo Ribeiro Soares (ou RR Soares), Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, a Cruzada do Caminho Eterno. No entanto, dois anos depois, após desentendimentos no interior do grupo, Macedo, Lopes e Soares fundam a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977, também na cidade Rio de Janeiro, a primeira igreja neopentecostal brasileira.

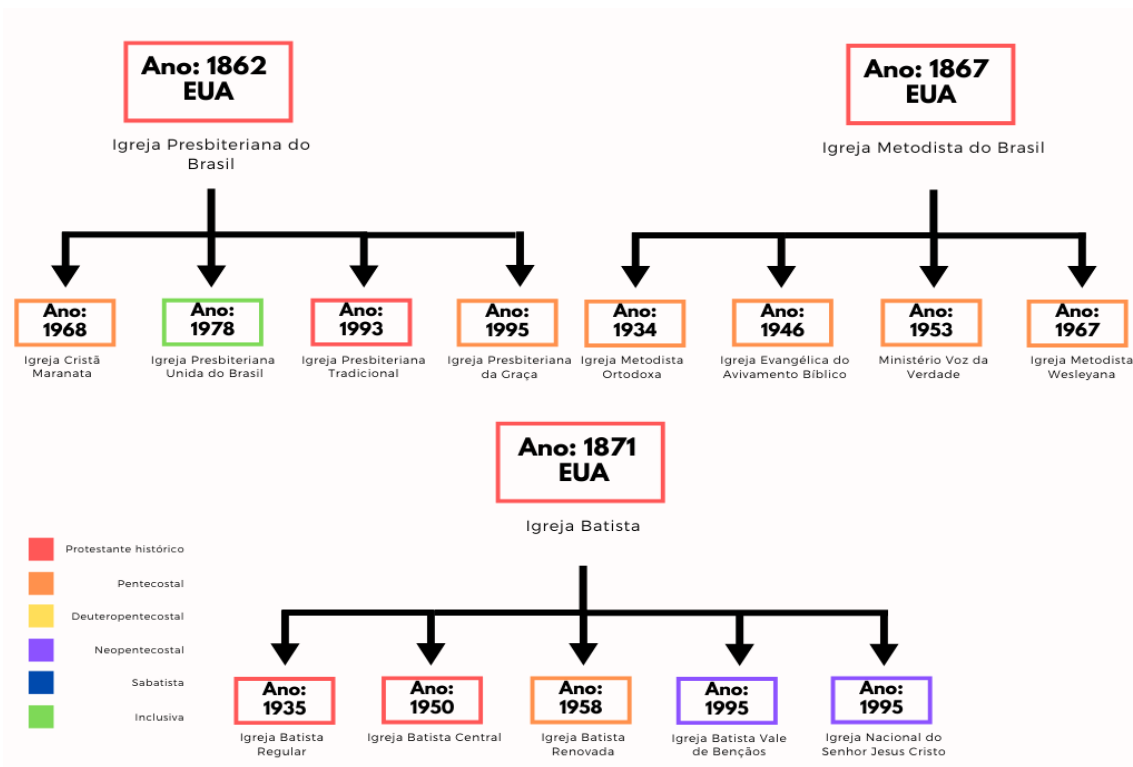
Nos primórdios da IURD, RR Soares era a principal liderança da denominação. No entanto, Edir Macedo se destacou e passou a ocupar terreno cada vez maior como liderança. Ao fim dos anos 1970, para decidir qual dos dois permaneceria liderando a igreja, o presbitério vota majoritariamente em Macedo, fato que fez com que Soares se desligasse da IURD para fundar, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus. Da IURD, também nasce a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), fundada pelo Apóstolo Valdomiro Santiago, após sair da IURD, onde foi bispo durante 18 anos.

Quadro 1 – Genealogia das denominações evangélicas brasileiras: a chegada das primeiras igrejas históricas no século XIX e as que delas descenderam durante o século XX.



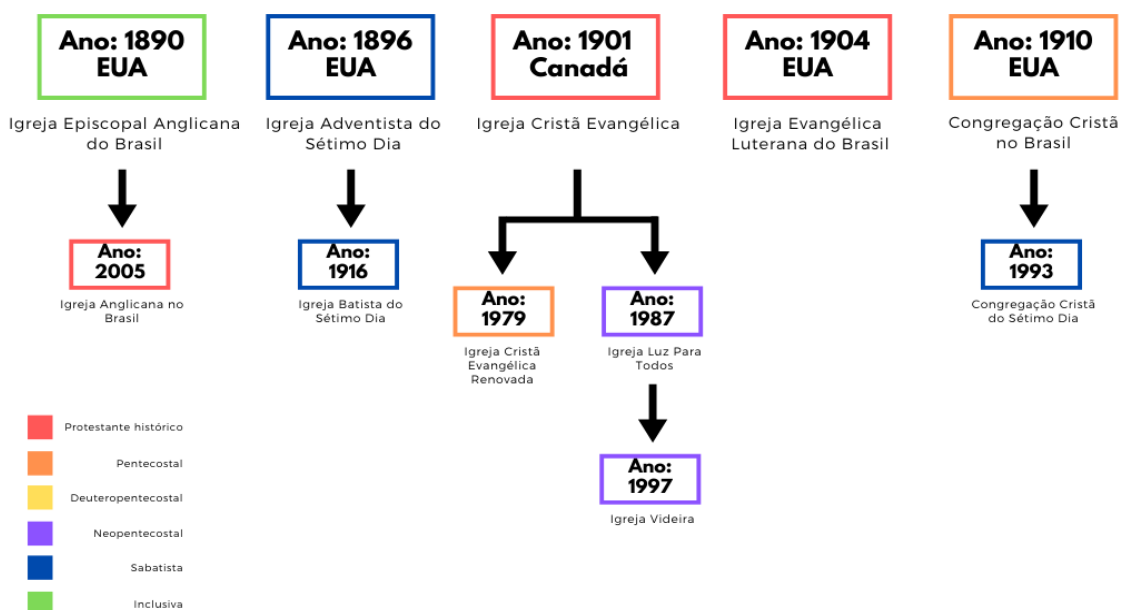
Fonte: elaboração própria.

Quadro 2 – Genealogia das denominações evangélicas brasileiras: a chegada das igrejas históricas Presbiteriana e Metodista no século XIX e as que delas descendiram durante o século XX



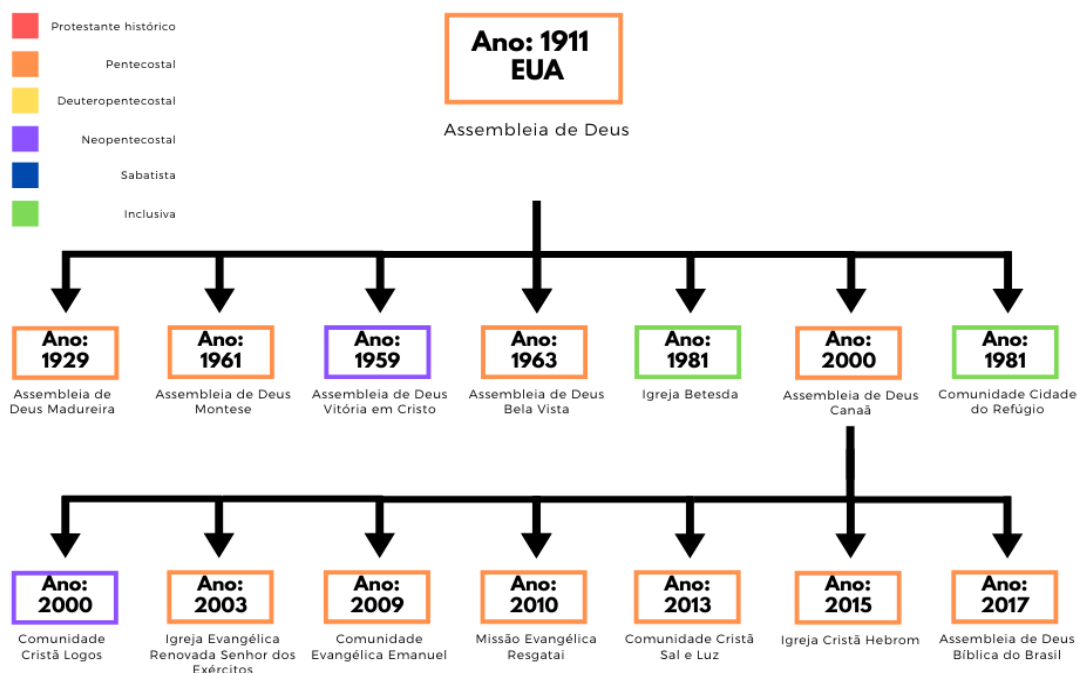
Fonte: elaboração própria

Quadro 3 – Genealogia das denominações evangélicas brasileiras: a chegada ao Brasil das igrejas históricas e pentecostais no início do século XX.



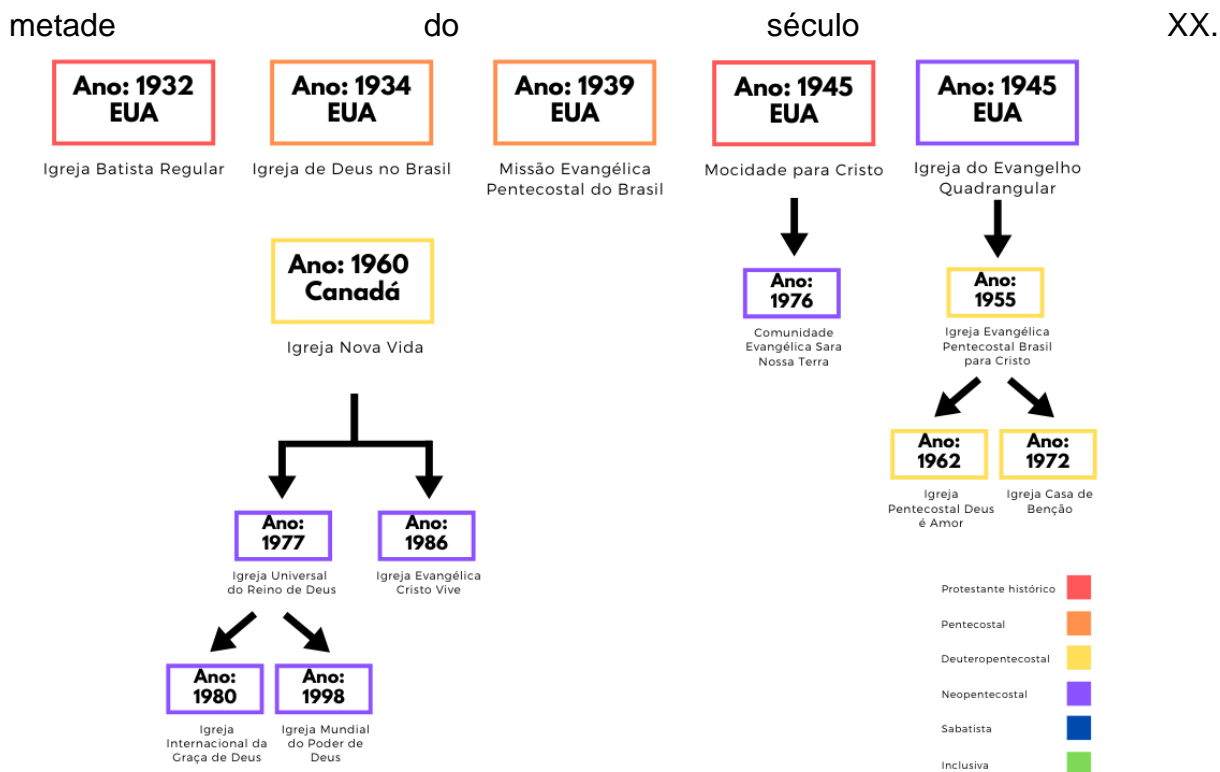
Fonte: elaboração própria

Quadro 4 – Genealogia das denominações evangélicas brasileiras: a chegada ao Brasil da principal igreja pentecostal, a Assembleia de Deus, no início do século XX.



Fonte: elaboração própria

Quadro 5 – Genealogia das denominações evangélicas brasileiras: a chegada ao Brasil de igrejas pentecostais e deuteropentecostais durante a primeira e a segunda



Fonte: elaboração própria

Como visto, há enorme pluralidade entre os evangélicos. Tanto na origem e período histórico de fundação, como na doutrina. Cada segmento foi portador de um *ethos* cultural e religioso diferente, absorvendo ou rejeitando elementos da cultura brasileira também distintos.

3.3. OS EVANGÉLICOS NA HISTÓRIA BRASILEIRA:

Como já destacado em páginas anteriores, o primeiro projeto protestante, no Brasil, materializou-se em uma tentativa de reformas a igreja nacional, separando-a de Roma e promovendo mudanças doutrinárias. Esse projeto era aspirado pelo reverendo norte-americano Daniel Kidder, o ex-padre que se tornou o primeiro pastor brasileiro, José Manoel da Conceição, mas, sobretudo, por uma importante liderança católica, o Regente Feijó (LÉONARD, 1951, FRESTON, 1994). A intenção de Antônio Feijó era aproveitar a sua autoridade como homem sacerdote, que também foi deputado, ministro da Justiça, senador do Rio de Janeiro e, por último, regente, para “elevar o nível espiritual do país” (LÉONARD, 1951, p. 129). Frustrada a sonhada reforma, o projeto foi substituído pela importação do “denominacionalismo norte-americano” com apoio dos liberais brasileiros, como Ruy Barbosa. Mesmo entre os setores conservadores não havia “preconceito” contra o protestantismo. Segundo

Émile G Léonard (1951), a simpatia que possuíam pela Inglaterra os faziam ter alguma medida de respeito pela religião do país que outrora salvara a coroa portuguesa.

Apesar das inúmeras restrições, Léonard (1951) destaca que o catolicismo brasileiro nunca se viu obrigado a lutar contra a Reforma. As reações da Igreja brasileira até a primeira metade do século XX, segundo o autor, sempre foram inofensivos, longânimes, pacientes e lentos. Exemplo dessa “tolerância” se expressou, certa vez, quando o Regente Feijó solicitou ao Marquês de Barbacena, então em Londres, que viabilizasse a vinda de missionários protestantes ingleses para educar indígenas no Brasil. Foi nesse ambiente político, ainda, que o reverendo Daniel Kidder, que veio ao país como missionário para distribuir bíblias, passou a ser solicitado por autoridades e instituições escolares afim de conseguirem obter livros gratuitamente para que seus alunos pudessem aprender a ler e aperfeiçoar seus conhecimentos. Robert Kalley, o fundador da primeira igreja protestante brasileira, em 1858, a Igreja Evangélica Fluminense⁵⁰, também conseguia realizar seu trabalho de evangelização sem muitos impedimentos. Segundo Léonard (1951), fundamental para isso foi a amizade pessoal que mantinha com Dom Pedro II, que era considerado um “anti-sacerdotal” e tinha grande entusiasmo em ouvir as histórias de viagens dos missionários protestantes.

Essa “tolerância”, no entanto, não tornou menores os obstáculos à participação política dos não-católicos. A Constituição de 1824 somente permitia que os cargos públicos fossem ocupados por fiéis católicos. Não-católicos poderiam votar, mas jamais poderiam ser eleitos (FRESTON, 1994). Segundo Paul Freston (1994), essa barreira religiosa, no entanto, em nada acrescentava as limitações já existentes: apenas homens maiores de 25 anos e com alta renda tinham permissão para votar.

É, portanto, a partir da segunda metade do século XIX que começa a formar-se um protestantismo minoritário no Brasil. Na perspectiva de Jean-Pierre Bastian (1994 apud CAMPOS, 2006), o protestantismo brasileiro “surgiu na mesma época em

⁵⁰ Outras abordagens historiográficas minoritárias, no entanto, afirmam que a primeira igreja protestante brasileira foi fundada em Recife, capital de Pernambuco, por um homem negro, alfaiate e pregador protestante. Agostinho José Pereira teria fundado a Igreja do Divino Mestre em 1841 e teria se tornado um problema para as autoridades portuguesas. Agostinho José Pereira, apelidado de “Lutero Negro”, foi preso em 1846 e chamou atenção por afirmar a negritude de personagens bíblicos como Adão, Abraão e Moisés. O líder religioso assustou as autoridades brancas portuguesas, que temiam uma “insurreição negra”, como a que ocorreu no Haiti, e que Agostinho era profundo admirador (CARVALHO, 2004; PACHECO, 2019).

que os anseios por mudanças culturais, políticas e econômicas apareciam por toda parte, estimulados pelo liberalismo”. Apesar de serem ávidos defensores de ideais norte-americanos como a liberdade de consciência, separação entre Igreja e Estado e a forma republicana de governo, os protestantes brasileiros eram conhecidos por uma ética de rejeição do mundo (CAMPOS, 2006), em contradição com o protestantismo europeu e norte-americano estudado por Max Weber (2004). Isso ocorreu, segundo Leonildo Silveira Campos (2006), em razão das condições de entrada dessa nova versão do cristianismo não-católico no Brasil: como a sociedade e o campo religioso no país eram hegemônicos pelo poder católico, os missionários de origem inglesa e estadunidense sentiam-se pouco à vontade com a cultura brasileira. Os protestantes adotaram, portanto, uma postura anticatólica e que tinha como meta principal fazer adeptos, mas sem se envolver em questões políticas e sociais. Pregavam uma ética de transformação meramente individual (CAMPOS, 2006), “indivíduos fora-do-mundo” (DUMONT, 1991). Somente décadas mais tarde esse cenário se alteraria.

O governo oriundo da Proclamação da República estabelece a separação entre Igreja e Estado, em 1890. A Constituição de 1891, por sua vez, atende reivindicações anticlericais, como o casamento civil, cemitérios seculares e ensino público leigo. Essas reivindicações também eram partilhadas pelos protestantes brasileiros. A República também pôs fim às restrições religiosas para a participação política, porém outros fatores ainda impediam a participação dos não-católicos na política da República Velha: além da manutenção do poder oligárquico, que mantinha uma enorme concentração de terras e impossibilitava uma disputa política de fato ideológica (FREESTON, 1994), o sufrágio ainda era demasiadamente limitado.

A chamada Era Vargas, no entanto, abriu novas possibilidades. Foi criada a Justiça Eleitoral, o voto feminino e o voto secreto. Essas medidas facilitaram a participação protestante, apesar de o catolicismo ainda ser o principal beneficiado da Revolução de 1930. A pressão do clero católico rendeu frutos importantes, como a autorização do ensino religioso nas escolas públicas e inauguração do Cristo Redentor. Católicos também se organizaram para disputar os pleitos eleitorais na Liga Eleitoral Católica (LEC), que tinha o objetivo de apoiar candidatos conservadores favoráveis às reivindicações da Igreja.

Como reação a esse movimento, líderes evangélicos articularam a criação Confederação Evangélica do Brasil (CEB) e, em maio de 1932⁵¹, lançaram um Memorial publicado no jornal evangélico *O Expositor Cristão*⁵² que, dentre outras coisas, conclamava os fiéis a cerrarem fileiras para garantir a representação das seguintes pautas na Assembleia Constituinte de 1934: parlamentarismo; voto secreto; completa laicidade do Estado; ensino oficial leigo e laico; educação popular obrigatória; ensino secundário, profissional e superior acessível aos mais pobres; liberdade de pensamento; direito ao divórcio; participação dos operários nos lucros das empresas; redução das despesas militares etc. Segundo Freston (1994), a admiração de segmentos católicos pelo fascismo impulsionou os autores do texto em direção à esquerda política. Isso também ficou expresso através da eleição do primeiro grande político protestante. Guaracy Silveira foi o único protestante na constituinte de 1933-34, eleito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Sua eleição surpreendeu, sobretudo pelo fato de identificar-se como “pastor socialista” e defender pautas como a instituição do salário-mínimo, a livre sindicalização e a nacionalização das jazidas minerais.

Ainda na década de 1930, o protestantismo deixa de ser minoritário e invisível e passa a ser um grupo político importante e visto com desconfiança pelas autoridades do clero católico. Segundo Elben Lens César (1999, apud ALENCAR, 2018), é de 1930 o primeiro registro histórico do catolicismo sobre o “perigo protestante” no Brasil. Trata-se do livro “Diretório Protestante Brasileiro” do Padre Ângelo Rossi.

Em 1945, período democrático, Guaracy Silveira foi novamente o único protestante eleito, apesar do crescimento número de fiéis e candidatos dessa religião. No PTB e getulista assumido, sua atuação foi diferente de 1934. Com o enfraquecimento do poder católico, outra força parecia mais ameaçadora, o comunismo. Com o propósito de combater os comunistas, juntou-se com políticos católicos em diversos momentos. Além disso, Silveira havia abandonado a pauta laicista. Sua peleja, nesse novo momento, era para garantir aos evangélicos a “igualdade de privilégios” (FRESTON, 1994) com os católicos.

⁵¹ *O Expositor Cristão*, 18/11/1932.

⁵² *O Expositor Cristão*, 22/02/1933.

Uma mudança interessante no campo evangélico brasileiro daquele período foi apontada por Gedeon Freire de Alencar (2018), que destaca que foi o nacionalismo das décadas de 1930 e 1940 que forçaram diversas denominações a celebrarem seus cultos e publicarem seus hinários em português. Até aquele momento, os hinários da Igreja Luterana e da Congregação Cristã no Brasil eram em alemão e italiano respectivamente. Nesse sentido, os pentecostais sempre estiveram mais próximos da cultura nacional, apesar de terem origem nos Estados Unidos. A Assembleia de Deus, principal denominação pentecostal no Brasil, até essa época, era dirigida por pastores estrangeiros.

O pentecostalismo chega ao Brasil através de Luigi Francescon, um missionário italiano emigrado para Chicago, nos Estados Unidos, que funda, em 1910, a Congregação Cristã no Brasil (CCB). No ano seguinte, em 1911, Gunnar Vingren e Daniel Berg, missionários suecos que tiveram contato com o movimento pentecostal em Los Angeles, também nos Estados Unidos, fundam a Assembleia de Deus (AD) em Belém, capital do estado do Pará. Durante 40 anos, a CCB seria a maior denominação pentecostal do país, sendo substituída em seguida pela AD. Ambos mantiveram, durante esse tempo, um caráter sectário e apolítico, baseada em um dualismo que colocava em oposição a Igreja e o mundo, o deus e a matéria (FRESTON, 1994). Essa é considerada a primeira onda do pentecostalismo brasileiro, também conhecida como “pentecostalismo clássico” (MARIANO, 2015).

Em 1950, os protestantes elegem pela primeira vez mais de um deputado federal. Cinco parlamentares protestantes assumiram cadeiras no Congresso Nacional. Todos de igrejas protestantes históricas (metodistas, presbiterianos e batistas), mas sem o endosso oficial de denominações. Nessa mesma década, há uma expansão do campo pentecostal no Brasil através da segunda onda do pentecostalismo brasileiro, o “deuteropentecostalismo” (MARIANO, 2015), através da chegada dos missionários estadunidenses Harold Williams e Raymond Boatright, que eram vinculados à *International Church of the Foursquare Gospel*⁵³. Aqui, eles

⁵³ Tanto Gunnar Vingren e Daniel Berg, fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, como Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã, e Aimee Semple McPherson, fundadora da *International Church of The Foursquare Gospel*, foram influenciados pelo ministério pentecostal de William H. Durham, em Chicago. Isso conferiu à essas denominações pentecostais cerca homogeneidade teológica, excetuando-se a maior ênfase em diferentes dons do Espírito Santo e a crença na doutrina calvinista da predestinação da Congregação Cristã, se distinguindo das demais igrejas pentecostais, que, por sua vez, são arminianas e acreditam na salvação através do livre-arbítrio (MARIANO, 2015).

promoveram a Cruzada Nacional de Evangelização e fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular, dando maior ênfase na cura divina, enquanto as primeiras igrejas pentecostais enfatizavam a *glossolalia* (língua dos anjos) como manifestação do Espírito Santo. Esse evangelismo baseado na cura foi crucial para aceleração do crescimento do pentecostalismo brasileiro.

Segundo Paul Freston (1994), o crescimento dos evangélicos em número de fiéis e representação política foi possibilitado por uma série de mudanças que a sociedade brasileira experimentou, como a obrigatoriedade do voto feminino e o acelerado processo de urbanização.

Na década de 1960, após a posse de João Goulart, em 1961, há enorme agitação social pelas reformas de base e se fortalecia, em setores das Ligas Camponesas e entre os nacional-brizolistas, a hipótese de luta armada (FERREIRA, 2011). Esse clima alcançou lideranças evangélicas progressistas. Em 1962, é realizado a Conferência do Nordeste, organizada pela Confederação Evangélica e que reuniu lideranças de igrejas protestantes históricas de todo o país (ALMEIDA, 2016). Outras três edições dessa Conferência já haviam sido realizadas, todas na capital do estado de São Paulo. Segundo Adroaldo Almeida (2016), o local havia sido escolhido de forma intencional e indicava a pretensão de conhecer a realidade brasileira a partir de outros contextos, sobretudo onde os conflitos sociais estavam mais agudos. O tema da Conferência foi “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro” (SILVA, 2011). Muitos pastores e reverendos defendiam uma revolução – armada ou não – e a participação dos fiéis nos movimentos sociais, estudantis e sindicatos, como o pastor presbiteriano João Dias de Araújo, de Recife:

Creio que o crente evangélico não deve estar fora de nenhum movimento que vise defender a justiça e condenar o mal. Para isso, ele deve penetrar em todas as esferas onde viva, participando de todas as suas interações. Se é operário, estar engajado, comprometido com os bons ideais de seu sindicato; se estudante, estar ativamente integrado nas promoções estudantis que estão se esforçando para melhorar a vida no seio das universidades. E assim, na administração, na política etc., o crente deve influir como um cristão e como um revolucionário,

porquanto o cristão tem de ser um revolucionário, um inconformado. Isso, no plano individual.⁵⁴

Esse clima que colocou às claras a diversidade de posicionamentos políticos entre os evangélicos fomentou, ainda, uma disputa entre progressistas e conservadores. Essa disputa acabou por motivar uma “caça às bruxas” aos pastores de esquerda no interior de algumas denominações, como a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e a Igreja Presbiteriana Independente (IPI), que eram taxados como “vermelhos”, “materialistas” etc. (ALMEIDA, 2016). Essa perseguição aos progressistas e o domínio hegemônico dos conservadores seriam acentuados pós-golpe de 1964. Por fim, as igrejas evangélicas, apesar das contribuições da Conferência Nordeste, insistiram oficialmente no combate ao “comunismo”, que era visto como ameaça ao cristianismo (ALMEIDA, 2016), e apoiaram oficialmente o golpe civil-militar. A CEB, que era presidida por Amantino Adorno Vassão, da IPB, parabenizou o Marechal Castelo Branco pela posse como presidente.

Durante a ditadura civil-militar, sobretudo a partir da década de 1970, os evangélicos tiveram relações privilegiadas com o Estado brasileiro e passaram a ser sustentáculos do regime (FREESTON, 1994). Entre as denominações evangélicas, a IPB foi a que mais se comprometeu com os governos militares e ocupou vários cargos de importância durante o período por causa da sua ligação com a classe média e o prestígio que gozava nos círculos políticos militares (ARAUJO, 1982). Em razão disso e da forte repressão dentro da hierarquia eclesiástica, em 1978 é fundada a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), dissidente da IPB. Os fundadores da nova congregação condenavam a postura conivente da liderança presbiteriana brasileira com o regime ditatorial, especialmente por parte do presidente do Supremo Concílio, e defendiam a atuação feminina nas instâncias hierárquicas da igreja. A IPU, marcada pelo contexto político e social do momento, expressou sua vocação progressista desde a fundação⁵⁵. O hino oficial da igreja fala do compromisso do cristão contra a opressão e a injustiça gerada pelas desigualdades sociais⁵⁶. Na década de 1990, a

⁵⁴ “Os evangélicos e o problema social brasileiro”. *Jornal O Batista*, ano LXIII, nº 33, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1963 (apud Adroaldo Almeida, 2016).

⁵⁵ “Manifesto do Atibaia”, documento de fundação da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil: <<http://ipu.org.br/manifesto-de-atibaia/>>. Acessado em: 20/01/2021.

“Pronunciamento Social”: <<http://ipu.org.br/pronunciamento-social/>>. Acessado em: 20/01/2021.

⁵⁶ “Hino da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil”: <<http://ipu.org.br/hino-da-ipu/>>. Acessado em: 20/01/2021.

igreja ficou conhecida por realizar casamentos entre pessoas do mesmo sexo e por ser uma das pioneiras na ordenação feminina ao pastoreio.

A Igreja Presbiteriana Independente (IPI) e a Convenção Batista Brasileira (CBB), como a IPB, mantiveram forte apoio à ditadura civil-militar. Já a Assembleia de Deus (AD), durante a década de 1960, apesar do anticomunismo, pouco se posicionou com relação ao governo (ALMEIDA, 2016), mantendo-se distante da política nacional. Segundo Elizete Silva (2010), pastores da IPI prestaram serviço para os órgãos de repressão da ditadura ao delatarem membros “subversivos”. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) também teve postura semelhante, o que fez com que a Assembleia Geral da Federação Luterana Mundial, que seria realizada em Porto Alegre, em 1970, fosse transferida para França como forma de protesto contra a situação dos Direitos Humanos no território brasileiro e contra a liderança da igreja brasileira, que era apoiadora do regime. Após isso, a IECLB passa a contestar timidamente o poder autoritário dos militares que dominavam o Estado. Mais tarde, um evangélico frequentador dessa denominação assume a presidência da República, Ernesto Geisel. Fato que fez com que a direção da AD comemorasse publicamente, através do seu jornal oficial, “Mensageiro da Paz”. Isso também foi feito pela direção da IPB, através do jornal “Brasil Presbiteriano”⁵⁷:

Um homem probo, honesto, operoso e capaz, deixa o poder e assume o seu lugar outro homem público, com folha de serviço relevante e personalidade definida e, sobretudo isso, um crente evangélico. [...] Nossas orações a Deus para que seu governo seja uma benção para todos os brasileiros de todas as crenças. Adeus Presidente Médici – Benvindo Irmão Geisel.

Enquanto parte dos evangélicos brasileiros colaborava com o autoritarismo, outros realizaram oposição ativa, como os irmãos Paulo e Jaime Wright⁵⁸. O primeiro, Paulo, foi deputado estadual de Santa Catarina e atuante da Ação Popular. Em 1973, desapareceu nas mãos dos órgãos de segurança da ditadura. A igreja “O Brasil para Cristo” foi a única denominação pentecostal a se manifestar contra o regime

⁵⁷ “Ernesto Geisel, as igrejas evangélicas e a ditadura”: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/ernesto-geisel-as-igrejas-evangelicas-e-a-ditadura/>>. Acessado em: 20/01/2021.

⁵⁸ Jaime Wright, em 1979, a convite de Dom Paulo se tornou forte defensor dos direitos humanos na Arquidiocese de São Paulo e coordenou o projeto “Brasil Nunca Mais”. Em 2012, o pastor Derval Dasílio lançou um livro que contou sua biografia com título “Jaime Wright: o pastor dos torturados”.

(FRESTON, 1994). Nesse momento político, a década de 1970, a Confederação Evangélica já não mais existia e o antigo ideário político liberal e progressista, que guiou a publicação do Memorial em maio de 1932, já tinha perdido sua força nas igrejas históricas.

Em 1977, ainda durante o período ditatorial, Edir Macêdo, Roberto Lopes e Romildo Ribeiro Soares, fundam a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Esses pastores eram dissidentes da Igreja Nova Vida, fundada em 1960 pelo missionário canadense Walter Robert McAlister. A fundação da IURD marca o surgimento dos neopentecostais e a expansão do campo evangélico no Brasil (MARIANO, 2015), sobretudo porque essa instituição, influenciada pela Teologia da Guerra Espiritual e a Teologia da Prosperidade, ao invés de negarem o mundo com um comportamento sectário típico das demais igrejas pentecostais, afirmam o mundo e a transformação da sociedade através da participação na política partidária e do uso religioso da rádio e da televisão. Esse crescimento de novas denominações acirram a disputa no interior do campo evangélico, que influenciará diretamente em como as igrejas se relacionarão com a política, sobretudo a partir da redemocratização.

A partir de 1986, há uma transformação da “política evangélica” (FRESTON, 1994). Os pentecostais da AD, pressionados pelo crescimento da IURD (ORO, 2003), ingressam de vez na política institucional e lançam candidatos oficiais por todo o Brasil para participarem da Assembleia Constituinte que escreveu a Carta Magna de 1988. Como destaca Leonildo Silveira Campos (2006), a influência da IURD provocou alterações significativas no comportamento político dos evangélicos brasileiros. Com a redemocratização, os pentecostais saíram da marginalização e assumiram uma atuação no espaço público. Por essa razão, houve mudança significativa na composição eclesial da representação evangélica, antes composta majoritariamente por protestantes históricos. Com o *slogan* de “Irmão Vota em Irmão” (SILVESTRE, 1986) AD elegeu a maioria dos parlamentos evangélicos (13). A IURD, ocupou o terceiro lugar (04), logo após os batistas, que ficaram com o segundo lugar. A Igreja do Evangelho Quadrangular conseguiu eleger dois parlamentares. A CC e a IPDA se mantiveram distantes do mundo político. Essa postura permanece até os dias de hoje.

Lideranças pentecostais, durante a campanha eleitoral, afirmavam que a disputa da política era essencial, pois haveria, na Assembleia Constituinte, ameaça à liberdade religiosa, com um hipotético retorno da Igreja Católica como religião oficial, e ameaça à família, com hipotéticas mudanças na legislação do aborto, das drogas e do casamento homossexual. Como aponta Freston (1994), a entrada desse grupo evangélico na política foi um ato de “defesa cultural”, bem como um ato de exigência de igualdade de *status* político com a religião dominante.

Pela primeira vez, os evangélicos eleitos para o parlamento atuaram com comportamento de bancada, se posicionando de forma alinhada nas discussões parlamentares. Como aponta Maria das Dores Campos Machado (2006), surge aí o que hoje conhecemos “bancada evangélica”. Esta se destacou pelo fisiologismo, o conservadorismo e o corporativismo. Se em outro momento da história brasileira, os evangélicos reivindicaram o direito ao divórcio e a completa laicidade do Estado, no final do século XX os novos atores políticos do campo evangélico apoiaram emendas contra o divórcio e comemoram o nome de Deus na Constituição, valorizando a colocação de símbolos e rituais evangélicos na esfera pública (FRESTON, 1994).

O que ocorria no Brasil, naquele momento, não se constituiu, no entanto, como fato histórico isolado dos demais países da América Latina e Caribe. Como aponta Paul Freston (1993), outros países seguiram o mesmo caminho. Em 1990, no Peru, a virada de Fujimori levou ao parlamento 19 parlamentares evangélicos, além do segundo vice-presidente. Em 1991, a Guatemala elegeu Jorge Serrano como o primeiro presidente evangélico do país.

Nas eleições presidenciais de 1989, no Brasil, as primeiras do novo período democrático, os evangélicos tiveram um importante engajamento. À princípio, diversas lideranças e denominações realizaram uma campanha para que Iris Rezende, que foi Ministro da Agricultura do governo de José Sarney, fosse candidato pelo PMDB, chegando a lançar o “Movimento de Evangélicos Pró-Iris” (FRESTON, 1993). Sem sucesso, a maioria das lideranças e denominações evangélicas, à despeito de não oficializarem apoio no primeiro no turno, migraram para a campanha de Fernando Collor. A IURD, a Brasil para Cristo e a Casa de Benção estiveram engajadas desde o primeiro turno. A primeira recebeu a campanha de Collor em suas centrais de rádio, distribuiu santinhos e retransmitiu entrevistas na TV Record.

Pastores da Assembleia de Deus, igreja oficializou apoio à Collor apenas no segundo turno, dirigiram a criação do “Movimento Evangélicos Pró-Collor”. Segundo Freston (1993), esse movimento não tinha como objetivo alcançar o eleitor comum, mas incentivar pastores a orientarem seus rebanhos.

O apoio majoritário do campo evangélico à Fernando Collor era justificado pela oposição ao candidato de esquerda, Luís Inácio Lula da Silva, que seria um representante do “marxismo ateu”, da luta armada, do retorno do poder católico e, por consequência, da perseguição ao povo evangélico. Parte dos pentecostais enxergavam a candidatura de Lula como uma aliança comunista-católica. Afirmava-se, ainda, que “toda ideologia de esquerda era oposta ao evangelho” (FRESTON, 1993).

Essa perspectiva, no entanto, não era unânime no campo evangélico. Se durante a campanha, o apoio à Collor ganhou força entre os evangélicos, se formaram, também, grupos de fiéis e lideranças em apoio a candidaturas de esquerda, como o “Movimento de Evangélicos Pró-Lula”, que foi liderado pelo bispo anglicano Robinson Cavalcanti, e o “Movimento Evangélico Pró-Brizola”, dirigido por membros da Assembleia de Deus.

O Movimento Pró-Brizola usava como propaganda a favor do candidato as restrições sofridas por Lula entre os evangélicos. Paul Freston (1993) aponta que um dos folhetos do movimento afirmavam que o ex-governador do Rio de Janeiro havia beneficiado igrejas com títulos de propriedade, declara que não é comunista e que crê em Deus, e que foi criado na casa de um pastor metodista. Silas Malafaia, pastor e televangelista assembleiano, mediou programa de TV especial com tema “Brizola e os Evangélicos”. Na ocasião, afirmou que uma das razões do seu apoio à Brizola é sua independência da CNBB, fazendo referência a relação de Lula com setores progressistas da Igreja Católica.

Diferente do Movimento Pró-Collor, o Pró-Lula não apelava aos pastores, mas aos indivíduos, eleitores comuns, apresentando a base bíblica para as reformas sociais do Programa Democrático Popular proposto por Lula e o PT. Intelectualmente mais articulado e composto majoritariamente por crentes das igrejas protestantes históricas, a ênfase dada na identidade evangélica pelo Movimento Pró-Lula, segundo

Freston (1993), tinha um duplo objetivo: mudar a imagem pública dos evangélicos, vistos como conservadores e fisiológicos, bem como produzir efeito nas igrejas, convencendo os evangélicos de que poderiam e deveriam votar na esquerda, como propósito de cumprir a vocação do evangelho para justiça social. O Movimento Pró-Lula chegou a formar 17 comitês ainda no primeiro turno.

Durante a década de 1990, como contraponto à atuação da bancada evangélica, surge o Movimento Evangélico Progressista (MEP), que chamava atenção das igrejas e suas lideranças para a ética na política e a participação responsável no processo eleitoral. O MEP também foi importante interlocutor entre partidos de esquerda e lideranças evangélicas (CUNHA, 2017). No entanto, com o refluxo de sua atuação, em meados dos anos 2000, foi aberto maior espaço para maior visibilidade da Bancada Evangélica e aliança com evangélicos conservadores por parte do governo Lula, a partir de 2003, que buscava aproximação com este segmento religioso (MARIANO, 2016).

O governo Lula se estabelece no poder sob um modelo político denominado pelo cientista político Sergio Abranches (1988; 2018) como “presidencialismo de coalizão”. Caracterizado pela combinação do sistema proporcional, multipartidarismo e presidencialismo, a peculiaridade desse modelo seria a organização do Executivo com base em grandes coalizões parlamentares, responsável pela estabilidade do mandato presidencial. Essa ampla coalizão somente é possível, no entanto, com a manutenção de acordos pragmáticos com os partidos do legislativo, especialmente em um contexto de multipartidarismo, em que são poucas as chances de um partido chefe do Executivo alcançar, sozinho, a maioria no Legislativo necessária para governar.

Em 2006, quando Lula governava com uma ampla coalizão partidária-parlamentar e a Bancada Evangélica era parte da base de apoio ao governo, surge o “escândalo dos sanguessugas”. Esse escândalo atingiu cerca de 72 parlamentares do Congresso Nacional, sendo 29 evangélicos. As revelações foram resultado de uma operação da Polícia Federal que investigou uma quadrilha que atuava para fraudar licitações para a compra de ambulâncias pelo Ministério da Saúde. Durante essa legislatura, a Frente Parlamentar Evangélica chegou a contar com 90 parlamentares.

Após o escândalo, na eleição seguinte, somente 30 parlamentares foram eleitos, chegando a 51 mandatários ao final da legislatura (VITAL, LOPES, 2013).

Christina Vital e Paulo Victor Lopes Leite (2013) apontam que é, também, nesse período que ocorre um fenômeno classificado como confessionalização da política partidária. Os evangélicos, além de terem criado uma apresentação do político definida por sua inscrição religiosa, criaram partidos próprios, como o Partido Republicano Brasileiro (PRB), hoje Republicanos, em 2005, e o Partido Ecológico Nacional (PEN), hoje Patriota, em 2012. O primeiro ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, o último ligado à Assembleia de Deus.

Para Magali Cunha (2017), é a partir de 2010 que o ativismo político evangélico começa a ganhar destaque na arena pública com engajamento de lideranças religiosas e fiéis, sobretudo em momentos eleitorais, não só para a conquista de votos, mas também para a rejeição de candidatos supostamente contrários aos princípios evangélicos. A eleição daquele ano, portanto, teria sido paradigmática. Enquanto lideranças como José Wellington Bezerra, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, Valdomiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, Bispa Sônia e Apóstolo Estevam Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo, Silas Malafaia e outros apoiavam José Serra (PSDB) por ser contrário ao aborto, ao mesmo tempo tentavam associar a imagem da candidata que liderava as pesquisas, Dilma Rousseff (PT) a “práticas abortistas” por ser favorável a descriminalização do aborto. Além disso, era acionado contra ela 3º Programa Nacional de Direitos Humanos e o PLC 122/2006, que criminalizava a homofobia, como exemplos de que o Brasil supostamente vivia uma escalada de perseguição religiosa sob o pretexto de garantia dos direitos humanos. O voto contra o PT seria uma reação a isso.

O campo evangélico, no entanto, não esteve unido naquele pleito. Na coordenação de campanha da candidata petista esteve o Bispo Manoel Ferreira, presidente da Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Brasil Ministério Madureira, responsável pela elaboração da “Carta ao Povo de Deus”⁵⁹, que pretendia recuperar o apoio perdido entre fiéis evangélicos e apresentar uma posição contrária

⁵⁹ “Em carta ‘povo de Deus’, Dilma evita tomar posição sobre o aborto”: <<https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/em-carta-ao-povo-de-deus-dilma-evita-tomar-posicao-sobre-aborto-4990009>>. Acessado em: 12/06/2020.

ao aborto e “em defesa da família”. Além disso, Dilma Rousseff recebeu, ainda, o apoio de lideranças da Igreja Universal do Reino de Deus, da Igreja Sara Nossa Terra, da Igreja do Evangelho Quadrangular, da Igreja Brasil para Cristo e da Igreja Metodista (VITAL, LOPES, 2013).

Após o pleito, com Dilma Rousseff já como presidente da República, os evangélicos permaneceram tendo relevante força política no interior do governo. Em 2012, Marcelo Crivella foi nomeado como Ministro da Pesca e da Aquicultura. Acompanhada por Crivella, a presidenta recebeu, em julho de 2013, no Palácio do Planalto, de 16 cantoras do mundo *gospel*⁶⁰. O encontro ocorreu após as grandes manifestações de rua daquele ano que, por sua vez, haviam minado a popularidade da presidente.

Em maio de 2011, anos antes, quando o governo estava prestes a lançar o Programa Escola Sem Homofobia⁶¹, a FPE, em aliança com parlamentares católicos, se mobilizou para pressionar o governo contra o material que ficou popularmente conhecido como “kit gay”. Os parlamentares, que eram base do governo petista, ameaçaram convocar o ministro da Casa Civil, Antônio Palocci, para prestar esclarecimentos sobre o crescimento de seu patrimônio pessoal, obstruir todas as votações e até a articular uma CPI para investigar o Ministério da Educação. O resultado dessa pressão foi a suspensão, por parte do governo, da produção e distribuição do material⁶².

Nas eleições presidenciais de 2014, se repetiu um cenário semelhante ao de 2010. Dilma Rousseff (PT), pleiteando sua reeleição, disputava com Aécio Neves (PSDB) o eleitorado evangélico. A petista chegou a visitar junto do, então, aliado Eduardo Cunha (PMDB), também evangélico, o templo da Assembleia de Deus

⁶⁰ “Dilma se encontra com cantoras do mundo gospel e recebe orações”: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/07/dilma-se-encontra-com-cantoras-gospel-e-recebe-oracoes.html>>. Acessado em 12/06/2020.

⁶¹ O Programa Escola Sem Homofobia visava produzir e distribuir nas escolas públicas brasileiras material para orientar a discussão sobre a homofobia e a homossexualidade no sistema educacional a fim de combater a discriminação no ambiente escolar e contribuir para maior respeitabilidade das orientações sexuais e identidades de gênero.

⁶² “Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro”: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html>>. Acessado em 12/10/2020.

Ministério Madureira e em discurso, anunciou: “feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”⁶³. Já o candidato tucano recebeu apoio de diversos parlamentares da bancada evangélica, além de lideranças religiosas como Silas Malafaia e, no segundo turno, o Pastor Everaldo (PSC).

Além do apoio recebido por lideranças evangélicas como Manoel e Samuel Ferreira, da Assembleia de Deus do Brás, Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus e outros, no segundo turno, quando a disputa pelo voto do eleitorado evangélico se acirrou, foi criado o movimento “Evangélicos com Dilma” por iniciativa de evangélicos progressistas. O movimento lançou um manifesto público justificando o apoio à reeleição da petista e contou com mais de 1 mil assinaturas, dentre pastores, lideranças e fiéis comuns⁶⁴.

Após a reeleição de Dilma em um pleito polarizado, Eduardo Cunha (PMDB), integrante da bancada evangélica, foi eleito presidente da Câmara de Deputados. Esse cenário ofereceu novos contornos para a atuação evangélica na política nacional. Além de um tom mais conservador na pauta parlamentar com o novo presidente da Câmara, grupos evangélicos alinhados com e passaram a ganhar ainda mais visibilidade e se expor publicamente (CUNHA, 2017), inclusive com apoio ao *impeachment* da presidente⁶⁵. Ao mesmo tempo, evangélicos progressistas se manifestaram e surge, durante o processo de deposição de Dilma, a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito.

Sérgio Abranches (2020) aponta que a partir a deposição da presidente Dilma Rousseff (PT), em 2016, e a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, foram momentos políticos que representaram a crise do presidencialismo de coalizão. Esse momento de crise, segundo o autor, teria desorganizado o sistema político, anteriormente sustentado pela polarização entre PT e PSDB, que marcou as disputas presidenciais

⁶³ “‘Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor’, discursa Dilma em encontro com evangélicos”: <<https://oglobo.globo.com/brasil/feliz-a-nacao-cujo-deus-o-senhor-discursa-dilma-em-encontro-com-evangelicas-13535253>>. Acessado em: 12/06/2020.

⁶⁴ “Evangélicos divulgam manifesto em apoio à reeleição de Dilma”: “<https://pt.org.br/evangelicos-divulgam-manifesto-em-apoio-a-reeleicao-de-dilma/>”. Acessado em 06/10/2020.

⁶⁵ “Bancada Evangélica declara apoio ao impeachment de Dilma”: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bancada-evangelica-declara-apoio-ao-impeachment-de-dilma/>>. Acessado em 07/12/2021

durante 24 anos, desde as eleições de 1994, e acentuado a polarização extremada de grupos políticos na sociedade.

As eleições gerais que alçaram Bolsonaro como presidente, em 2018, foram consolidadas, como já ressaltado em páginas anteriores, através da formação de uma coalizão política neoconservadora (LACERDA, 2019; BIROLI, MACHADO, VAGGIONE, 2020). A aliança neoconservadora, segundo Marina Basso Lacerda (2019), sacramentou um movimento político liderado por Bolsonaro que articulava o ideário privatista, antilbertário (a favor da interferência pública em aspectos da vida pessoal), neoliberal (contra a intervenção do Estado para redução das desigualdades), conservador (como reação aos movimentos trabalhistas, feministas, antirracistas e LGBTs) e de direita. Nessa aliança, eram também articulados valores militaristas, anticomunistas e sionistas (a defesa intransigente do Estado de Israel), tendo a direita cristã, especialmente os evangélicos, como ator central.

Como mostraram pesquisas às vésperas do pleito, os evangélicos em peso aderiram a Bolsonaro. A análise estatística realizada pelo professor e cientista político Jairo Nicolau (2020), observou que Bolsonaro venceu com pequena margem entre fiéis de todas as religiões, inclusive católicos, mas recebeu votação esmagadora entre evangélicos, chegando a cerca de 70% das intenções de votos.

O candidato também recebeu, ainda no primeiro turno, apoio de diversas lideranças nacionais do mundo evangélico, tais como Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, e Samuel Ferreira, da Assembleia de Deus do Brás, nomes que anteriormente apoiaram candidaturas petistas; José Wellington Bezerra, da Convenção Geral das Assembleias de Deus; Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo; Apóstolo Rina Seixas, da Igreja Bola de Neve; Pastor Lucinho, da Igreja Batista da Lagoinha; Apóstolo Estevam e Bispa Sônia Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, e diversos outros pastores e cantores gospel com larga influência⁶⁶.

Após a posse do presidente eleito, lideranças evangélicas passaram a ter larga influência no Governo Federal, através da indicação de ministros de governo e da

⁶⁶ “Veja quais líderes religiosos já apoiaram Jair Bolsonaro”: <<https://pleno.news/brasil/eleicoes-2018/veja-quais-lideres-religiosos-ja-apoiaram-jair-bolsonaro.html>>. Acessado em 20/03/2021.

Suprema Corte, como já citado na introdução deste trabalho. Além disto, nas pesquisas de opinião, os evangélicos se configuraram como o principal grupo social de apoio ao governo e sua agenda, mesmo em períodos mais críticos para essa administração, como na crise ocasionada pela pandemia de COVID-19. Contrário às medidas de isolamento social como forma de amenizar o impacto da crise sanitária, o presidente Jair Bolsonaro, junto de lideranças da Bancada Evangélica, convocou um jejum nacional “pelo bem e pela liberdade da nação”⁶⁷.

3.4. EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS – UMA PRESENÇA HISTÓRICA:

Como discutido ao longo do capítulo, os evangélicos progressistas figuram sua presença no cenário político e religioso brasileiro desde o anos 1930, especialmente através da Conferência Evangélica do Brasil (CEB), que teve uma atuação marcada por projetos sociais em parceria com administrações de governo, defesa dos direitos civis, combate às desigualdades sociais e a discussão pública sobre a relação entre Estado-religião-sociedade. Trata-se de uma presença histórica e constituinte da diversidade do campo evangélico brasileiro que atravessou o período varguista, com Guaracy Silveira eleito deputado federal pelo PSB; o governo de João Goulart, com a mobilização de lideranças evangélicas em defesa de uma revolução social no Brasil; a ditadura civil-militar, com a fundação da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil por parte de pastores que faziam oposição ao regime e a resistência dos irmãos Wright; a redemocratização, com os movimentos pró Lula e Brizola, nas eleições de 1989, e o Movimento Evangélico Progressista (MEP).

Joanildo Burity (2010) avalia que os evangélicos progressistas são uma importante minoria, apesar de ocuparem posição marginal no campo evangélico em razão da 1) desconfiança das esquerdas; o 2) desprezo da maioria evangélica conservadora e 3) não ocuparem posições de destaque na cobertura midiática. Sobre o ponto três, Magali Cunha (2017) discute como nas décadas passadas restavam às lideranças progressistas o uso de impressos alternativos e a realização de atividades em público como únicas formas de ampliarem sua influência na sociedade, pois eram e são invisibilizados pelos grandes veículos de mídia. Com a popularização das redes

⁶⁷ “Bolsonaro faz chamado para jejum religioso neste domingo contra coronavírus”: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-faz-chamado-para-jejum-religioso-neste-domingo-contra-coronavirus.shtml>>. Acessado em 01/02/2022.

sociais, no entanto, isso se modifica, permitindo que esse grupo alcance uma maior reverberação das suas ideias.

É na esteira do ativismo digital (CUNHA, 2017), portanto, que emerge uma atuação contra-hegemônica de evangélicos progressistas brasileiros. Atuação que foi capaz de organizar uma atuação dentro e fora das redes sociais, através da formação de coletivos de atuação política como Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, Movimento Negro Evangélico, Cristãos Contra o Fascismo, Evangélicos pelo Clima e a Bancada Evangélica Popular – este último grupo que objetiva participar de processos eleitorais e nas instituições parlamentares.

No capítulo a seguir, iniciaremos a análise das entrevistas guiadas com os interlocutores e discutiremos os sentidos subjetivamente atribuídos à identidade evangélica, discutindo as reinterpretações da mensagem bíblica de Jesus Cristo para uma reelaboração ou negação da identidade evangélica.

4. OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS IDENTIDADES “EVANGÉLICO” E “PROGRESSISTA”

Para a sociologia de Max Weber (2012), a ação social é o átomo, a unidade básica, da análise sociológica. A ação social, para ele, é toda atividade social, em instância individual, que se orienta de forma consciente ou inconsciente pela atividade social de outros. Para que essa ação do sujeito possa ser compreendida, entretanto, é preciso, antes, compreender qual o sentido atribuído à ação pelo ator. Ou seja, o sentido subjetivamente visado. É na compreensão do sentido visado da ação social que se centra a sociologia weberiana, a sociologia compreensiva. Como aponta Gabriel Cohn (1994):

no esquema analítico weberiano *tudo* passa pelas concepções ou representações que os agentes (sempre individuais, em última instância) têm dos motivos, meios e fins das ações sociais em que se envolvem. Daí a dimensão subjetiva da ação. E motivos, meios e fins têm, para o agente, caráter significativo. Daí a dimensão de sentido da ação.

Na sociologia weberiana, portanto, o ponto de partida de compreensão dos fenômenos sociais reside no indivíduo. Essa perspectiva é o que Max Weber chamou de individualismo metodológico (SELL, 2018). Esse método, no entanto, não despreza as estruturas e ordem sociais. A sua tarefa, porém, é compreendê-las a partir dos atos individuais dos sujeitos participantes, sabendo que a constituição da vida coletiva só se realiza pela interação recíproca entre os agentes. Portanto, como pondera Carlos Eduardo Sell (2018), é no indivíduo onde reside o fundamento lógico das Ciências Sociais, e a possibilidade de entender a vida social passa pela análise do comportamento dos indivíduos.

O objeto da análise sociológica não pode ser definido como a sociedade, ou o grupo social, ou mediante qualquer outro conceito de referência coletiva. No entanto, é claro que a sociologia trata de fenômenos cuja existência não ocorreria a Weber negar. O que ele sustenta é que o ponto de partida da análise sociológica só pode ser dado pela ação dos indivíduos e que ela é “individualista” quanto ao método (COHN, 1994 apud SELL, 2018).

Alfred Schütz (2018), sociólogo weberiano de origem austríaca, faz críticas ao postulado de Weber sobre a interpretação subjetiva. Schütz, diferente de Weber, entendia que o conhecimento é um processo intersubjetivo e socializado através do “Mundo da Vida”, entendido como o mundo da atitude natural, da relação entre semelhantes, da existência cotidiana e da experiência de pensamento do senso comum (GARCEZ, 2014; SCHÜTZ, 2018). Assim, a chave para que o pesquisador

possa acessar os sentidos e conhecimentos humanos é atentando-se ao “Mundo da Vida” (GARCEZ, 2014). Como defende Raymond Aron (2008), ao discutir a obra weberiana sobre a religião, “toda atitude exige a percepção da concepção global da existência que anima o ator e na qual ele vive” (ARON, 2008, p. 771). Assim também discutem Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), ao observarem que os atores percebem o sentido das ações sociais que executam porque internalizaram cognitivamente modelos de ação durante suas experiências de convívio social, a socialização.

Hermílio Santos (2018) argumenta que o *status* do sujeito na obra de Alfred Schütz não é aquele em que as normas e significados difundidos na sociedade são simplesmente internalizadas. Na sociologia compreensiva de Schütz, o sujeito é “agente consciente e responsável pela adoção ativa de códigos normativos na interpretação da realidade social” (SANTOS, 2018, p. 12). A tarefa do sociólogo, portanto, deveria ser analisar como ocorre esse processo de interpretação da realidade e suas consequências nos fenômenos sociais pelo sujeito. Em suma, o papel da investigação sociológica é analisar os fenômenos, partido dos diferentes significados (sentidos) que os indivíduos atribuem às suas experiências.

Como um trabalho que analisa um fenômeno social desde a perspectiva da sociologia compreensiva, será apresentado, neste capítulo, quais os diferentes sentidos atribuídos pelos sujeitos interlocutores da pesquisa à identidade evangélica. Será buscado, ainda, compreender como esses sentidos foram construídos a partir da experiência de socialização e convívio social, tomando, para isso, a perspectiva de Schütz (2008) a ideia de “situação biograficamente determinada”, a saber: as experiências prévias que proveram o ator de um acervo de conhecimento para uso nas ações sociais ao longo da vida (GARCEZ, 2014).

4.1. “É COMPLICADO FALAR QUE É EVANGÉLICO HOJE”. A NEGAÇÃO DE UMA IDENTIDADE:

Manuel Castells, sociólogo espanhol, na obra “O Poder da Identidade” (2018), discute a identidade como uma fonte de significado para os atores sociais que foram, eles mesmos, parte dessa origem identitária. Essa fonte de significados, a identidade, segundo o autor, é parte constitutiva da experiência de quaisquer povos. Ela é uma forma de distinção através da exclusão e negação, o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”.

Ou seja, o processo de autorreflexão se dá a partir da identificação e diferenciação dos “outros”, dos “eles”. Antônio Flávio Pierucci, em sentido semelhante, na obra “As Ciladas da Diferença” (2013), reflete que o desabrochar da diferença é um fenômeno dos tempos pós-coloniais, do processo de globalização:

Por ora, o que sabemos é que a globalização em sua fase atual tem tido um impacto contestador efetivamente pluralizante sobre as antigas identidades sociais essencializadas, seja a do colonizador, seja a do colonizado, produzindo uma variedade de possibilidades sempre novas e um “multiplicidade de posicionalidades” (PIERUCCI, 2013, p. 176).

No decorrer das entrevistas feitas (tabela 15) para esta pesquisa, uma pergunta feita de maneira recorrente era “o que é ser evangélico para você?”. Tratava-se de uma pergunta de partida em que, através dela, tentei compreender o sentido atribuído pelos sujeitos à sua identidade de fé, dado que, apesar de a experiência religiosa se realizar coletivamente, ela se impõe à individualidade e é interpretada através de sentidos atribuídos pela subjetividade. Desse ponto de vista, os discursos apresentados pelos interlocutores mediante as entrevistas guiadas serão analisados, aqui, a partir de uma perspectiva relacional, de forma que trajetórias de vida, com ênfase em suas relações com a religiosidade, e os amplos processos societários sejam enxergados como uma unidade dialética.

Charles Wright Mills (1982) foi um dos sociólogos que deu importância à uma abordagem com esse viés. Para ele, a biografia dos indivíduos e a história da sociedade não podem ser compreendidas de forma isolada. Afirma ainda que, em razão de a maioria dos homens comuns não disporem de suficiente desenvolvimento intelectual para compreenderem a complexa relação entre suas vidas e o curso da história da sociedade, é papel do sociólogo e da “imaginação sociológica” auxiliar no desenvolvimento de uma percepção lúcida sobre essa conexão, a saber: entre o que está acontecendo no mundo e o que está acontecendo dentro deles mesmos.

Dito isso, na análise dos trechos a seguir será possível perceber como as elaborações individuais sobre o “ser evangélico” se dão através da negação dessa identidade hegemônica para que, então, seja realizada a construção de uma outra identidade a partir de novos valores. Esse movimento de demarcação, como discutirei a seguir, está fortemente vinculado aos processos políticos e sociais que experimentamos na sociedade brasileira hoje, especialmente a eleição de Jair Bolsonaro e a associação de parte significativa de evangélicos ao seu governo,

fazendo com que parte dos interlocutores se sintam desconfortáveis ou não representados pela palavra “evangélico”.

Tabela 15: Perfil dos entrevistados por nome, idade, cidade, denominação, ocupação e formação.

	Nome	Idade	Cidade (estado)	Denominação	Ocupação	Formação
1	Giovana	23	Serra (ES)	Igreja Anglicana Comunidade Âncora (inclusiva)	Analista de prevenção de fraudes	Cursando ensino superior
2	Daniel	24	Fortaleza (CE)	Igreja Batista (histórica)	Desempregado	Cursando ensino superior
3	Matias	25	Vila Velha (ES)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Professor de sociologia	Ensino superior
4	Otávio	26	Serra (ES)	Desigrejado	Pesquisador	Pós-graduação
5	Larissa	31	Fortaleza (CE)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Vereadora	Ensino superior
6	Sophia	35	Ipatinga (MG)	Comunidade Cristã Missão Para Todos (inclusiva)	Estagiária	Cursando ensino superior
7	Bárbara	36	São Paulo (SP)	Igreja Cidade de Refúgio (inclusiva)	Analista de planejamento financeiro	Ensino superior
8	Gisele	38	Fortaleza (CE)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Atendente de call-center	Cursando ensino superior
9	Gustavo	39	Fortaleza (CE)	Igreja de Cristo (histórica)	Socioeducador	Ensino médio
10	Jônatas	45	Fortaleza (CE)	Desigrejado	Assessor Técnico	Pós-graduação
11	Zilda	45	Fortaleza (CE)	Desigrejada	Coordenadora de projetos	Pós-graduação
12	Lia	50	Araranguá (SC)	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (inclusiva)	Reverenda	Pós-graduação
13	Marcelo	55	Fortaleza (CE)	Igreja A Ponte (histórica)	Educador Social	Ensino Médio
14	Natanael	55	Fortaleza (CE)	Igreja Batista (histórica)	Desempregado	Ensino médio
15	Afonso	56	Fortaleza (CE)	Desigrejado	Porteiro	Ensino fundamental
16	Mariana	57	Fortaleza (CE)	Igreja Adventista do	Microempresária	Ensino médio

				Sétimo Dia (sabatista)		
17	Miriam	58	Fortaleza (CE)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Enfermeira aposentada	Ensino superior
18	Roberto	60	Mossoró (RN)	Assembleia de Deus (pentecostal)	Servidor público aposentado	Ensino Superior
19	Laura	61	Guarujá (SP)	Igreja Presbiteriana Independente (histórica)	Trabalhadora doméstica aposentada	Analfabeta

Ai, a palavra cristã e **a palavra evangélica é tão suja, né?** [Ri]. **Que às vezes dá até vergonha de falar que você é cristão e evangélico.** Digo isso porque na época de Jesus, não eram as pessoas que se autodenominavam “cristãos”, ninguém se autodenominava “Eu sou cristão”, as pessoas ao redor que diziam “Você é cristão porque você se parece com Cristo”. E eu vejo que no momento atual, eu acho que as pessoas, por tentarem se rotular para dizer “eu faço parte desse quadrado”, se rotulam como cristãs evangélicas, porque existem os cristãos católicos, né. Então ela vai lá, ela subdivide, fala “Eu sou cristã, mas eu sou cristã evangélica”, e no mundo atual, em que a gente vê diversos cristãos que dizem que são, mas não parecem com Cristo no sentido de amar a Deus, ao próximo e a si... **É muito difícil dizer o que é que define ser cristã evangélica, né.** Eu acho que o que o mundo definiu não é o que eu sou. O mundo definiu que o cristão evangélico é o que vai dia de domingo na igreja, mas que vai para dentro da sua casa e bate na sua esposa, e isso eu não sou. O cristão evangélico se definiu que é aquele cara que no domingo vai para a igreja, mas que chega na rua e ele não tem compaixão [com] aquele que é necessitado. Essa pessoa eu não sou. O cristão evangélico definiu que ele é o cara que canta na igreja, mas quando tem um encontro de família ele não consegue cantar, e não é cantar um louvor, é cantar para alegrar a sua avó. Essa cristã eu também não sou. O cristão evangélico hoje segue uma instituição, e por mais que eu faça parte de uma instituição, para mim o que mais vale é a Igreja de Cristo.

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

Bem... Primeiramente, **esse rótulo “ser evangélico” eu acho um termo muito pesado**, muito pesado de fato, porque quando o mundo olha para você e vê o evangélico em si, é como se fosse uma carga que você traga nos seus ombros de ser aquela pessoa certinha, que não pode pular a cerca, ultrapassar o limite da velocidade. Então existem diferenças, Matheus, entre ser evangélico e ser cristão verdadeiro, isso é muito sério. A sociedade hoje, de uma maneira geral, está apelando para o “ser evangélico”, esquecendo do “ser cristão”.

[Mariana, 57 anos e microempresária, grifo meu]

Olha, se tem uma coisa que eu entendo, assim, por ser... **Tem muitas questões nos termos, né, “ah, evangélico”, “crente”, “cristão”** e tal, mas uma coisa que eu prezo, que é ser seguidora de Jesus, uma marca que Jesus deixou, eu acredito em todo o tempo que Ele esteve aqui e tudo que Ele disse e sempre deixou claro é sobre o amor às pessoas.

[Giovana, 23 anos e estudante, grifo meu]

É, como evangélico, assim... [Ri]. **É meio complicado falar que é “evangélico” hoje, né.** Mas enfim, eu tenho uma trajetória sempre de

liderança nas igrejas que eu já participei, né, mas aí ultimamente tenho ficado meio decepcionado com algumas coisas também. Mas assim, eu creio na questão de Jesus, na questão do sacrifício de Jesus, e creio na questão do grande papel que Jesus teve na questão social, né, quando Ele veio, e por isso que eu faço também essa questão... **Eu me envolvo muito com essa questão social e muito com as minorias porque eu sei que para eu ser um cristão, eu preciso fazer tudo que Ele fez, né, eu não posso ser cristão e defender coisas que Ele não defendia e não apoiaria, né. Então hoje é difícil ser evangélico, dizer que é evangélico, né, eu digo assim, “Eu sou um servo de Deus” só, né [Ri], porque “evangélico” virou um negócio meio ruim hoje, né, quando você diz que é evangélico por toda essa questão que nós estamos vivendo, né, de política, de enfim.** Porque assim, tem um... A gente precisa... Essa questão “evangélico” criou mais um clichê, né. Eu diria “cristão”, né, eu definiria “cristão”, porque ser cristão, eu vou definir o que é ser cristão, né... **Porque evangélico, realmente, é um clichê e que eu vou estar muito, como se diz assim, complicado por tantas coisas que a gente tem visto, não só na questão política, mas em outros aspectos também, pessoas que usam o Evangelho para defender algumas coisas, para... É, benefício próprio, se enriquecer. A gente vê muito isso, né, pessoas que... Então assim, eu não me definiria [como] um evangélico, mas um cristão.**

[Marcelo, 55 anos e educador social, grifo meu]

Eu estava conversando assim, eu ainda me considero uma pessoa protestante. **Eu não gosto muito do nome “evangélico”.** “Evangélica”. **Não gosto. “Evangélica”, assim, é meio ruim para o meu ouvido,** eu não aguento. Mas eu me considero uma pessoa protestante.

[Zilda, 45 anos e pedagoga, grifo meu]

Bom, antes de tudo, antes de dizer o que é ser um cristão evangélico - **eu vou botar de lado esse termo evangélico porque é um termo muito utilizado para pouca ação, né** - e eu posso dizer que antes de dizer o que é ser cristão, eu posso dizer para você o que é o Evangelho. Então o Evangelho é a boa nova, e essa boa nova tem que ser transmitida por alguém, e antes de ser transmitida por alguém, veio o Cristo Jesus, então esse cara chegou... E é a imagem do Deus invisível, né, é o Deus encarnado que chegou para poder proclamar algo novo à população, ao mundo. **E temos que ser como Ele, então ser cristão - aí eu vou usar agora o termo evangélico, né, por conta de hoje como a gente conhece - ser cristão evangélico é ser esse imitador e proclamador também da Palavra,** não como Jesus porque Jesus é perfeito, mas como alguém que foi chamado como discípulo, como enviado para poder proclamar essa boa nova. E proclamar a boa nova é ter a vida baseada na boa nova, né, não se proclama algo que você não vive. **Então isso é o que se torna o cristão, você é o imitador de Cristo e proclamador da boa nova.**

[Daniel, 24 anos e estudante de psicologia, grifo meu]

Discuti em páginas anteriores que a nomenclatura “evangélico” se trata de uma categoria guarda-chuva para classificar grupos que possuem ampla diversidade entre si, mas que em comum possuem a reivindicação da reforma protestante ocorrida na Europa, no século 17. Todavia, como se pode perceber nos trechos de entrevistas acima, essa classificação encontra resistência entre os fiéis dessa tradição que são progressistas. Parte significativa dos entrevistados demonstrou não se sentir

representado pelo categoria “evangélico”. Segundo estes, o termo evocaria a tradição evangélica hegemônica, que é conservadora, alinhada à direita política e historicamente envolvida em escândalos de corrupção, e, por isso, seria motivo de constrangimento se autodeclarar como evangélico. Estes fiéis progressistas, que rejeitam essa categoria, preferem serem reconhecidos como “cristãos” ou “protestantes”.

Junto dessas categorias alternativas, os entrevistados afirmam a desimportância de rótulos classificatórios e trazem consigo uma nova leitura dos ensinamentos bíblicos de Jesus. Estes ensinamentos seriam pautados por uma perspectiva igualitária e de justiça social, a saber: uma perspectiva progressista. Assim, dão menor ênfase ao “ser evangélico” e enfatizam, em vez disso, o “ser cristão”, pois este teria maior proximidade com o que seriam os verdadeiros valores do cristianismo e estaria se referindo aos que seriam verdadeiros “seguidores de Jesus”. Esta categoria, portanto, é mobilizada como oposição ao “evangélico”, que não seria necessariamente um “seguidor de Jesus”. Uma categoria mobilizada para promover diferenciação e “exclusão dos que excluem os excluídos” (CASTELLS, 2018, p.57).

É assim, existem as nomenclaturas que se dão... **Na época que eu aceitei Jesus, a gente era chamado de protestante, né [Ri], era chamado de protestante, era crente. Depois veio, assim, acho que através da mídia, e fica com essa coisa, essa conotação de evangélico.** Tudo bem. Eu vejo isso tudo um relacionamento com Deus, entendeu, que **seja qual for o nome que se dê, o relacionamento com Deus tem que existir**, porque sem Ele, sem Deus, nada existe, nada se faz. Eu não consigo nem dar um passo sem Deus. Eu amo o meu Deus, eu sei que Ele também me ama, que Ele me escolheu para ser d’Ele, então é uma coisa que eu não consigo me separar. Eu não sou perfeita, entendeu? Claro que todo homem é mentiroso, todo homem comete pecado, todo homem falha, mas a gente sempre procura, eu sempre procuro estar junto, chegar junto do meu Deus e expressar para ele com as minhas ações que eu o amo, é isso que eu sou. **Eu sou do Senhor, não importa o nome que se dê.** E essa é a minha relação com Ele que para mim importa verdadeiramente.

[Miriam, 58 anos e enfermeira aposentada, grifo meu]

Sem dúvidas, através dessas respostas podemos ver a manifestação daquilo que o norte-americano Wright Mills (1982) discutiu, a conexão entre biografias individuais e processamento da história da sociedade. Em um momento de polarização política na sociedade brasileira, quando parte significativa dos evangélicos se constituíram como um grupo social fundamental para garantir a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República, garantindo-lhe, também, apoio

durante o governo, parte dos evangélicos, especialmente os progressistas em questão neste trabalho, não desejam serem reconhecidos pela mesma categoria de classificação usada para definir os fiéis hegemônicos nesse subcampo religioso.

4.2. “O CRISTO DO POVO”: REINTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO E CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CONTRA-HEGEMÔNICA:

Foi importante notar que, durante as entrevistas, outros interlocutores não negavam o “ser evangélico” como categoria de classificação, mas faziam uma disputa discursiva sobre os valores que essa identidade carrega a fim de justificarem e atribuírem legitimidade às suas preferências políticas pelo progressismo ou pela esquerda. Essa operação de transformação identitária, recolocando a identidade evangélica em um viés não-sectário, múltiplo e aberto à diversidade da vivência humana, era realizada através de uma reinterpretação do Evangelho para, então, construírem a ideia de que existiriam comportamentos “verdadeiros” do evangélico “verdadeiro”. Essa realocação da identidade evangélica é compreendida, aqui, como uma construção de uma identidade contra-hegemônica.

Em Cadernos do Cárcere, Antonio Gramsci formula o conceito de hegemonia, que é chave na sua formulação para analisar as relações de poder na moderna sociedade capitalista. Esse conceito gramsciano contribui no entendimento de que o Estado capitalista não baseia seu poder apenas na força, na repressão (sociedade política). Para que os grupos dominantes permaneçam como tal, seria preciso acolher reivindicações dos grupos subalternos, os subordinando à sua direção política para governar com o consentimento dos dominados. Com isso, segundo a perspectiva de Gramsci, foram constituídas mediações entre a economia e o Estado, a sociedade civil: o partido político, a imprensa, o sindicato, a escola etc.

O conceito de contra-hegemonia foi formulado por Raymond Williams (1977) como complemento a definição gramsciana, a partir da compreensão de que a hegemonia não se estabelece com a total passividade dos dominados, mas encontra resistências continuadas. Para ele, também haveria uma distinção entre hegemônico e hegemonia. O primeiro se referiria ao sentido prático e o segundo ao sentido abstrato. Este último, por sua vez, poderia ignorar e isolar formas de oposição e luta que o processo hegemônico tentou controlar, na prática (SOUZA, 2013; DORE, SOUZA, 2018).

É a partir dessa construção teórica de Williams (1977) de contra-hegemônico que analisaremos a reconstrução identitária da identidade evangélica pelos fiéis progressistas, em oposição a identidade evangélica hegemônica, que partilharia de valores sectários, conservadores e de direita. Vejamos abaixo trechos das entrevistas:

Atualmente para mim, um evangélico desinstitucionalizado, desigrejado, **ser evangélico é ter compromisso com a vida humana**. Para mim, é isso, eu parto dessa visão de mundo. Inclusive tem até o livro que é organizado pelo pessoal da Igreja Batista do Pinheiro, “Vocação para a igualdade”, em que a Odja Barros, o Paulo, outras pessoas da igreja, eles contam como foi o processo na Igreja Batista do Pinheiro de se abrir para a população LGBTQIA+, e uma das coisas que eu lembro de ter lido, o que a Odja falou acerca disso de uma teologia que é inclusiva a pessoas LGBTQIA+ é que **Deus quer a Vida, Cristo veio para a Vida, e Deus veio para a Vida, então se eu fosse um evangélico que nega qualquer tipo de vida, seja uma vida preta, uma vida travesti, uma vida LGBTQIA+, uma vida indígena, para mim isso não é evangélico. Então, para mim, ser evangélico é ter compromisso com a vida no plural, com a vida na diversidade**.

[Otávio, 26 anos e estudante de doutorado, grifo nosso]

Otávio, que afirmou a sua identidade evangélica em uma perspectiva aberta à vida humana em sua diversidade, dando ênfase às pessoas LGBTQIA+ e indígenas, como é possível ler no trecho acima, ao relatar sua trajetória como evangélico em outro momento da entrevista, acrescentou que concebe como uma incongruência professar a fé evangélica e, ao mesmo tempo, ser intolerante com outras religiões e crenças. Isso seria, segundo ele, uma “deturpação do Evangelho”:

“Então só vou amar quem é da minha mesma religião, se for macumbeiro eu não vou amar”. Para mim isso não é Evangelho, para mim isso não serve, até porque Jesus já nasceu com uma proposta de ruptura de uma visão míope de religiosidade - saiu do judaísmo e veio mudando para o cristianismo. Então Ele estava dizendo basicamente isso, “Essa religiosidade míope de vocês que só quer que o Deus de vocês só sirva para os judeus”, Jesus disse “Não, Ele veio para todos”. **Então se eu não consigo reconhecer o sagrado no outro, que o outro tem direito a esse sagrado, para mim isso não é Evangelho, para mim isso é qualquer outra coisa. É uma deturpação dele**.

[Otávio, 26 anos e estudante de doutorado, grifo nosso]

Cara, **o cristão evangélico é uma pessoa, por definição de nome, é uma pessoa que fez uma escolha radical pelo Evangelho de Jesus Cristo. A partir disso, dessa escolha radical pelo Evangelho de Jesus Cristo, Jesus de Nazaré, o Preto de Nazaré, essa escolha, essa opção radical pelo Evangelho leva você a um posicionamento radical diante da vida, né. Ora, acho que a primeira característica de alguém que fez uma escolha radical por Jesus Cristo é uma paixão incansável pelo ser humano, independente de classe, raça, gênero**. Cara, é uma paixão incurável pelo ser humano, e onde tiver um ser humano aí vai estar o compromisso do evangélico, sem fazer distinção alguma. Então é isso, eu acho que a primeira característica é essa, uma paixão invencível pelo outro ser humano. A segunda questão que eu acho que um evangélico, alguém que

fez uma escolha radical por Jesus Cristo, apresenta é **um posicionamento radical de preservação da natureza**. Ora, a natureza, o Salmo 119 diz que os céus manifestam a Glória do Senhor e o firmamento as obras do Seu poder. Ora, toda a natureza, o cosmo, tudo que a gente vê é divino e maravilhoso, então **nenhum cristão evangélico pode dormir sossegado sabendo que a Amazônia pega fogo, que o Cerrado está sendo derrubado para criar soja e criar gado, e que o Pantanal está seco, e que a Mata Branca da Caatinga está sendo destruída para dar lugar a condomínios e a pasto**. Não pode. Se a natureza é uma das expressões da Glória de Deus, eu preciso preservá-la, amá-la e fazer, empenhar minha vida para que ela continue expressando essa grandiosidade de Deus. E a terceira característica que eu acho que um cristão, um seguidor radical de Jesus Cristo, deve ter é um **compromisso inadiável com a justiça**. Ora, o profeta Amós vai dizer uma oração “que a justiça corra como um rio”. Poxa, onde é que a injustiça se manifesta? Em quais corpos a injustiça circunscreve o seu sinal? **Ora, a gente está no estado que mais mata a população LGBT no país, é o estado do Ceará. A gente tem uma população carcerária que não tem acesso à justiça, porque se tivesse sairia na audiência de custódia, né. A gente tem um projeto de hiper-encarceramento da população negra e pobre desse país através da famigerada guerra às drogas. Os mais interessados em acabar com a guerra às drogas deveriam ser os evangélicos por princípio, nós não usamos nenhum tipo de substância, mas pelo princípio evangélico e pelo apego e o apreço que nós temos à justiça nós deveríamos ser os primeiros a encampar o fim à guerra às drogas**. Por princípio. Então eu acho que essas três características definiriam um cristão evangélico no Brasil hoje.

[Joel, pastor fora de exercício e 45 anos, grifo nosso]

O que eu defino para mim é como um seguidor de Cristo. Eu entendo que a igreja deveria seguir todos os padrões que a Bíblia e Jesus ensinou. A Bíblia é dividida em Antigo e Novo Testamento, no Antigo a gente já vê Deus sendo um deus mais punitivo porque ele já lidava diretamente com o ser humano, já **no Novo Testamento a gente vê Jesus já apresentando realmente um “Novo Mandamento” em termos de acolhimento, de abraçar, em conviver mais com o pecador embora Ele abomine o pecado, mas Ele ama o pecador, a gente sempre via na Bíblia que Jesus estava rodeado de pessoas que realmente precisavam dele, né. Então eu acredito [que] quando eu sigo a Jesus, eu tenho que seguir esses mesmos ideais, essa mesma forma que Ele tinha de ver, de abraçar realmente o pecador, independente de qual seja o seu credo, independente de qual seja a sua opção, ou qualquer coisa desse tipo. Então eu vejo isso mais como uma seguidora de Jesus Cristo**.

[Gilsele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Evangélico basicamente é ser cristão, né. Eu defendo a tese de que o Evangelho, como a própria Bíblia diz, é salvação para todo aquele que crê, e dentro do cristianismo, dentro das várias vertentes do cristianismo, **eu acredito que o verdadeiro mesmo cristianismo é aquele que, como o próprio Jesus diz, né, é aquele que vê o próximo como a si mesmo**. Eu só acredito no cristão... O evangélico é mais uma ramificação do cristão, né, o católico é cristão e o evangélico é cristão. Essa divisão remonta há muito tempo e creio que não seja objeto da nossa conversa, mas **eu acredito no cristão, basicamente, obviamente que crê em Deus, mas que basicamente tem um olhar voltado para o seu próximo, né. O próprio Jesus resumiu que os maiores mandamentos é amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo. Esse é o resumo do que eu acredito que é uma verdadeira militância de um cristão, e que passa obviamente por questões de fé**.

[Roberto, 60 anos, pastor em exercício da Assembleia de Deus e servidor público aposentado, grifo nosso]

Bem, bom dia, para mim, ser um cristão evangélico é, sobretudo, **seguir a Cristo, né, seguir os ensinamentos que Cristo deixou**. A gente sabe que existe um livro de orientação para as pessoas que são cristãs, que é a Bíblia Sagrada, mas hoje, né, **eu compreendo que a Bíblia Sagrada também é atravessada pelos aspectos do tempo histórico em que ela foi escrita, né, dos sujeitos que a escreveram também**. Então, para mim, na verdade, essa relação do que está na Bíblia, mas também o que de verdade a partir dali a gente compreende que Cristo deixava, né. **Então ser cristã, para mim, é mais ou menos isso, é ser orientada pelos valores, pelos sentimentos, pelos ensinamentos, pelas práticas que Jesus deixava. Eu acho que, inclusive, a descrição das práticas dele dizem mais sobre quem ele era do que na verdade as interpretações dessas práticas, que são o que acaba tendo muito na Bíblia e nas religiões a partir dos ensinamentos dos líderes religiosos, né**. Então para mim é isso, é uma opção de fé, mas que eu acho que também vem de uma experiência, né, ser cristã é também uma experiência. Eu já fui a outros espaços religiosos, de outras matrizes religiosas, mas o que toca em mim, o que mexe comigo mesmo é de fato o cristianismo, essa relação com o Cristo, né. Tenho um profundo respeito pelas outras matrizes religiosas, entendo os nomes, né, e todos os contextos históricos em que Cristo é colocado nessas outras matrizes, mas, para mim, o nome que eu chamo é Jesus mesmo, é Deus. São essas relações que me encontram.

[Larissa, 31 anos, vereadora de Fortaleza, grifo meu]

Para mim, ser cristã é o seguinte. Cristão significa ser seguidor de Cristo, então é praticar o que Cristo ensina na Bíblia, em relação a amor, a ter misericórdia, justiça, isso para mim é ser cristã, é você colocar em prática aquilo que Cristo ensina, ao contrário de muitos religiosos que acham que ser cristão é pregar uma hipocrisia, de uma falsa santidade que não existe, porque todos nós somos falhos, é claro que a gente busca sempre melhorar, não com as nossas forças, busca em Deus a nossa melhora, essa evolução como ser humano, como pessoa, **só que muitos evangélicos distorcem muito isso, ao invés de pregarem o amor, a misericórdia, que Cristo prega, eles pregam muito ódio, a intolerância, eles se sentem superiores aos outros, quando na verdade Cristo fala que nós somos dependentes d'Ele exatamente porque nós não somos superiores a ninguém, nós somos todos iguais e pecadores de forma igual**, e é por isso que a gente precisa de um Salvador que venha estar nos renovando e buscando melhorias, estar nos lapidando a cada dia.

[Sophia, 35 anos e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Então ser evangélico para mim, tentando te resumir do que eu acredito que é ser evangélico, é alguém que acredita nas Escrituras, por mais que ele não acredite literalmente nas histórias da Bíblia do Antigo Testamento, ele acredita que a alegoria da Bíblia tem um princípio que se pode tirar como um princípio bom. **O evangélico é aquele cara que segue os Evangelhos e procura imitar Jesus Cristo na centralidade da vida dele**, né, e é isso que eu procuro fazer. No sentido de Jesus de Nazaré, eu posso me considerar ainda alguém místico, porque eu acredito na pegada sobrenatural, na Ressurreição. O credo apostólico, né, que é aquela base de fé que toda igreja tem, eu acredito nisso ainda piamente. **Então o evangélico é aquele que ainda centraliza a sua base de fé na Bíblia, certo, agora o que diferencia evangélico para evangélico é o olhar sobre a Bíblia, e isso vai fazer com que haja vários estilos diferentes. Então, no meu caso, eu tenho um olhar mais aberto, eu acredito que a Bíblia expressa a palavra de Deus, mas eu não acredito que o fim último disso, a Bíblia comporta Deus na**

sua totalidade. Não, eu acho que Deus é muito maior que a Bíblia, e, de alguma forma, eu me encaro como alguém que segue muito mais uma pessoa que viveu, que é Jesus, do que propriamente um livro, né. Então o evangélico é aquele cara que tem Jesus como base, como coluna vertebral da vida dele, da conduta dele, da ética dele, da forma dele de enxergar o mundo através das lentes de Jesus. Tanto é que tem uma definição da hermenêutica, até para você ler a Bíblia você tem que ler a Bíblia sob o olhar de Jesus, tanto o Antigo como o próprio Novo Testamento. Então se São Paulo em alguma carta fala que “Uns são pastores, outros são não sei o quê, dão cargos” e Jesus fala assim “Ninguém chama esse pai, nem líder, nem mestre”, aí você opta por Jesus, entendeu? [Ri]. Então o evangélico mais purista ainda é aquele cara que tem em Mateus, Marcos, Lucas e João o centro da sua fé e conduta, né.

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

Nota-se que a não-negação, portanto a aceitação e afirmação, do “ser evangélico” é feita pela condição de releitura dos ensinamentos do Evangelho empreendida pelos entrevistados. Essa nova interpretação é materializada sob uma perspectiva contra-hegemônica, que coloca os ensinamentos de Jesus Cristo em conexão com ideais igualitários, de justiça social, feministas, antirracistas e pró-diversidade, advertindo que “ser evangélico é ter compromisso com a vida humana”, ter “paixão incansável pelo ser humano, independente de classe, raça, gênero”, “abraçar o pecador, independente de qual seja o seu credo, de qual seja a sua opção”, ver “o próximo como a si mesmo” e “pregar amor e misericórdia”. Essas perspectivas entram em sintonia com a reflexão feita pelo teólogo Leonardo Boff (1971) sobre o Cristo cósmico, a multiplicidade das invocações de Jesus Cristo e suas mensagens no Brasil, portanto a multiplicidade de cristianismos.

Com essa mesma perspectiva, o interlocutor Natanael, 55 anos, membro da Igreja Batista, afirma não sentir vergonha de se identificar como evangélico, pois, segundo ele, apesar de uma expressiva parcela dos evangélicos ser de direita e apoiadora do governo de Jair Bolsonaro, existiriam grupos resistentes à essas ideias. Ainda segundo Neivaldo, historicamente as igrejas evangélicas teriam se associado com movimentos de luta pelos direitos civis e sociais, especialmente nos Estados Unidos, citando o exemplo do pastor Martin Luther King. Essa, em sua perspectiva, seria a verdadeira raiz dos evangélicos.

Mas o interessante é que eu acho, assim, eu não sou um sociólogo e tudo, mas eu vejo que nos anos 60 a igreja evangélica tinha muita associação com esquerda, principalmente nos Estados Unidos, né, você via líderes como Martin Luther King, que são aquelas pessoas que lutaram pelos direitos civis americanos, né. Essas pessoas tinham uma associação muito grande com a esquerda, e tem outros pastores que me fogem à lembrança agora. Mas todos esses movimentos... Inclusive

os negros, né, que a História conta que os negros eram segregados no colégio, eles aprendiam a ler nas igrejas, aprendiam a ler através da Bíblia. Então assim, existia muito, vamos dizer assim, uma filosofia de esquerda, de união, de comunhão, de socialismo, de um projeto social muito forte realmente dentro das igrejas. Eu não sei o que aconteceu, inclusive até a Sociologia explique isso, né [Ri], houve uma mutação na época da ditadura, né.

Na minha própria igreja, que é uma igreja pequena de 60 membros, desses 60 membros, 40 são bolsonistas [sic], eu vou dizer que não e que... E isso tem causado muita divisão, muita divisão, **agora que existe muita resistência dentro do núcleo evangélico existe, mas infelizmente, como não aparece muito na mídia as pessoas... Mas assim, eu não me sinto, como se diz, “Ah, você não se sente constrangido por ser evangélico?”**, eu digo assim, eu não me sinto porque eu vejo que a raiz dos evangélicos, sabe, tem muito a ver com as ideias da esquerda.

[Natanael, 55 anos e desempregado, grifo meu]

A preferência de Natanel pela esquerda, no entanto, não é justificada apenas pelas relações que os evangélicos, em outros momentos da história, tiveram com movimentos sociais. Quando questionado se ele conseguiria relacionar ensinamentos bíblicos e ideais de esquerda, o interlocutor responde com sua própria interpretação dos ensinamentos bíblicos e assinala que a solidariedade e o “amor às pessoas” são valores comuns à esquerda e ao Evangelho. Ele aponta, ainda, que a homossexualidade não deve ser uma questão a ser levada em consideração pelos fiéis, pois, ele aponta, “a salvação é individual”. Logo, tal como a salvação, a sexualidade dos indivíduos é uma questão de foro íntimo, que somente diz respeito a quem vive.

Primeiro, a solidariedade, né, eu acho que a esquerda busca a solidariedade, né. O amor às pessoas, a solidariedade, certo... Acho que você não ser a favor da injustiça, você ver uma coisa que está errada, né, e aí você buscar... Tudo isso, eu consigo fazer grandes paralelos entre a leitura bíblica e as ideias de esquerda, sabe. Principalmente a solidariedade, você amar as pessoas, respeitar as pessoas, isso são princípios bíblicos básicos que atualmente estão sendo totalmente desrespeitados, totalmente, certo. Outra coisa que as pessoas associam muito aos evangélicos, mas não tem nada a ver, que é a questão do falso moralismo, né. Eu estou há 32 anos casado, vivo muito bem com a minha esposa, procurei criar meus filhos da melhor maneira possível, mas assim, isso não quer dizer que seja uma bandeira como as pessoas fazem, sabe, não seja uma bandeira não. Então respeito a todas as pessoas, sabe, eu acho assim que... Ah, eu criei minha família assim, mas se por acaso alguém acha que deve criar de outro jeito, tem todo o direito de criar. Às vezes, as pessoas perguntam assim “Ah, mas homossexual vai para o Céu?”, né, as pessoas perguntam isso, né, eu digo assim, “Olha, rapaz, eu sou há 32 anos casado com a minha esposa, e se você me perguntar se ela vai para o Céu, eu não sei”, porque a Salvação é uma coisa muito individual. Eu sei de mim, da minha vida, das coisas que eu faço, então eu respondo por mim. Pelo meu filho, pela minha filha, eles vão... Deus diz que nós vamos cada um prestar, tá entendendo, daquilo que você fez, não é daquilo que o meu

vizinho fez ou que o cara do outro quarteirão fez não. Eu vou prestar... Então eu me preocupo, tá entendendo, se o homossexual vai... “Ah, se o bandido vai para o Céu?”... Eu não me preocupo com isso não, eu me preocupo com a minha vida, se eu estou fazendo aquilo que é certo.

Então eu acho que há uma preocupação muito grande, “Ah, eu estou preocupado porque eu estou achando que o meu filho é gay.” Poxa. [Ri]. Se o seu filho é gay... Não tem uma coisa que... Eu acho que esse tipo de conduta nas igrejas, sabe, está mascarando as igrejas, sabe. Então eu acho que as pessoas têm que passar a se preocupar com si, sabe. “Será que aquela mensagem que eu falo dentro da igreja, de amor, eu estou conseguindo levar para as pessoas?” Isso é que é a minha preocupação, tratar bem todo mundo. Então eu acho que essa questão do falso moralismo, “Ah, porque eu sou a favor da família, então porque eu sou a favor da família, eu me dou o direito de atacar outras pessoas”. Isso é falso moralismo, sabe? O fato de você ser religioso não lhe dá o direito de atacar ninguém, seja quem for, pode ser bandido, pode ser quem for, não dá direito a atacar ninguém. Então às vezes eu vejo muitas pessoas aí atacarem os outros se revestindo da armadura de religioso, né, “Ah, eu sou religioso então eu por ser religioso, me dá o direito de atacar A ou B.” Eu sou totalmente contra isso, eu nunca procurei atacar... Tenho minhas posições políticas, sabe, gosto de falar sobre política, mas eu acho que tem de haver o respeito. **Por exemplo, se o meu filho fosse homossexual, ele continuaria [sendo] meu filho, continuaria [sendo] meu filho.** Lógico, mas eu penso assim... Eu sou louco por criança, né, penso numa casa cheia de netos, tenho esses pensamentos mesmo, “Ah, mas são pensamentos ultrapassados”, poxa, não sei, são os meus pensamentos, são coisas que eu fui criado assim. Então do jeito que eu respeito as pessoas, eu quero que as pessoas me respeitem também as minhas ideias.

[Natanael, 55 anos e desempregado, grifo meu]

Semelhante a Natanael, Gisele, 36 anos e membra da igreja Assembleia de Deus Templo Central, afirma que se a igreja e a sociedade de fato seguissem “os passos de Jesus”, os pobres seriam mais assistidos. Como exemplo disso, ela cita os problemas econômicos do governo Bolsonaro, sobretudo a inflação, que está prejudicando o poder de compra dos mais vulneráveis. Segundo ela, Jesus se preocupava de fornecer aos pobres que o seguiam não somente mensagens espirituais, mas também alimentos para o corpo.

Eu acredito que se fosse viver realmente os passos de Jesus, a igreja, a sociedade e, principalmente, uma liderança que tivesse realmente os pensamentos de Jesus Cristo, eles iriam olhar bastante para o pobre, porque a gente vê que hoje quem sofre muito dentro da sociedade que a gente tem, e que é comandada pelo Bolsonaro, é justamente o pobre, com a inflação que a gente vive hoje, o Brasil voltou a ter um estado praticamente de miséria. Ele tinha saído dessa situação, tinha melhorado a situação, mas hoje a inflação não permite o pobre comer a carne, não permite o pobre consumir até mesmo alimentos que eram tão baratos, como o ovo, o pão está muito caro. Então eu acredito que seria algo voltado para o pobre, para pessoas que são realmente necessitadas, porque **a gente via que as pessoas que seguiam a Jesus seguiam em busca de alimento espiritual, mas também do alimento físico, né, também da carne, porque elas sentiam fome.** Tem passagens que os discípulos diziam para Jesus “Mestre, dispersa a multidão porque eles estão com fome”, só que Jesus não

dispersava, o que ele fazia? A multiplicação do pão, porque Ele entendia que eles tinham fome espiritual, mas também tinham fome física, eles precisavam também. E hoje, infelizmente, a política e a igreja não têm conseguido encontrar esse ponto, não têm conseguido encontrar esse equilíbrio de que Jesus saciava a fome espiritual e também a fome física.

[Gisele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Ao se afirmar como pessoa progressista ou de esquerda, ela cita que muitos ensinamentos promovidos no interior das igrejas não estão de acordo com a “palavra de Deus” (a Bíblia). Destaca que sua oposição é apesar da igreja evangélica, que seria um ambiente majoritariamente de direita. Por isso, em seguida, diz que sua identificação, na verdade, é com o “ser cristão” que com “o ser evangélica”, ser parte da igreja evangélica.

Bom, eu posso dizer que se eu fosse me definir politicamente, eu seria mais progressista, né, e mais de esquerda realmente, porque eu não concordo com grande parte desses pensamentos, porque realmente eu vejo que são mais coisas voltadas para a doutrina humana do que da própria palavra de Deus, entendeu? Então assim, eu penso que tudo que vai, assim, embora sejam coisas que vão contra o pensamento cristão, mas ainda assim não interferem na minha vida espiritual, né, então assim, se eu fosse realmente [dizer] eu seria progressista de esquerda. Entendeu? **Porque eu não me encaixo realmente com os pensamentos de direita, embora esteja na igreja cristã evangélica. Mas realmente, como eu posso dizer, eu seria mais uma categoria para cristã, porque eu me identifico mais com Cristo do que com o próprio pensamento da doutrina da igreja evangélica.**

[Gisele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Importante notar que Gisele assegura que existem pautas da esquerda política que são incongruentes com o pensamento cristão, mas que, ainda assim, ela seria de esquerda, pois estas diferenças entre o pensamento de esquerda e o cristianismo não interfeririam em sua experiência religiosa, que é íntima e pessoal.

Larissa, vereadora de Fortaleza, ao relacionar a sua fé evangélica com os valores políticos de esquerda apontou que seria incoerente se identificar dessa forma e não pautar um “novo mundo” socialista e lutar por políticas de combate às desigualdades sociais. Segundo ela, essa perspectiva foi levada a cabo, na história bíblica, pelo fato de Jesus Cristo ter nascido pobre, lutar contra poderosos, combater os mercadores do templo e estar junto de sujeitos supostamente marginalizados na sociedade de sua época.

E aí eu sempre tive muito isso, é muito contraditório um sujeito como eu, inclusive que reivindica essa perspectiva de fé, me distanciar de

valores como o combate à fome, como a igualdade, como o combate aos privilégios, porque isso também era muito Cristo, assim, a escolha que Cristo faz de nascer pobre, de lutar contra os poderosos, de se organizar, de não reivindicar o comércio do templo, de entender que a missão dele era caminhar com aqueles que eram os mais prejudicados, de acolher a prostituta, de acolher a adúltera, o cuidado que Cristo tinha com as mulheres. Então todas essas relações para mim são muito reais no que deve ser, inclusive, a nossa luta da esquerda, mas aí vem a questão, né [Ri], tanto a esquerda como a igreja, os cristãos, a gente tem muitas contradições. E é isso também, e isso também é sobre o cristianismo, né, é viver nesse mundo compreendendo que a nossa matéria tem contradições e o que nos salva é o nosso espírito, é essa nossa conexão com o Além, a nossa vontade de chegar até lá. **Então essa experiência de reivindicar o mundo novo, onde todas as pessoas possam sentar numa mesma mesa e olhar para o Rei dos Reis e comer de igual para com ele, isso para mim é muito o socialismo, o comunismo, né, onde nós não temos uma divisão de castas, onde nós não temos os donos do alimento, onde a partilha é uma realidade, onde todo mundo dá o que tem e a partir dessa multiplicação... O que é o milagre da multiplicação? É sobretudo a perspectiva de acreditar que o que nós temos é possível também, é partir ainda que sejamos muitos. Então eu acho que esses valores para mim sempre estiveram...** É isso, assim. As pessoas dizem “mulher, é uma viagem, viu”, mas na minha cabeça sempre esteve muito organizado. [Ri]. **Inclusive, para mim, me organizar politicamente na esquerda é uma tarefa da minha conduta cristã, entendeu?** Para mim, é uma tarefa da minha conduta cristã. Eu acho que se as pessoas evangélicas e cristãs lessem mais a Bíblia e se disponibilizassem a ter experiências mais reais com esse Cristo, com o **Cristo real**, com o **Cristo do povo**, eu acredito que inclusive a esquerda conseguiria avançar mais.

[Larissa, 31 anos, vereadora de Fortaleza, grifo meu]

Interessante destacar que, em consonância com a perspectiva de Boff (1971), há uma pluralidade do Cristo no discurso de Larissa. Para ela, existe um Cristo do povo, que é, ao mesmo tempo, o Cristo real. Esse Cristo real e do povo seria o aquele ensina aos seus seguidores, a partir de sua experiência terrena, valores de justiça social e os coloca a tarefa de se tornarem ativistas das por esses valores.

Apesar de a reinterpretação dos ensinamentos do cristianismo ser a chave para uma reafirmação como evangélico portador de outros valores políticos, o evangélico progressista, aqueles que negam essa identidade, em uma tentativa de se contrapor ao tipo-ideal do evangélico hegemônico, também apresentação uma nova leitura do evangelho, uma leitura contra-hegemônica, como é o caso da pedagoga e ativista pelos Direitos Humanos, Zilda. Ela, que afirmou preferir ser reconhecida como protestante, também considerou, durante a entrevista, que o Evangelho de Jesus Cristo poderia ser entendido como de esquerda radical, com ensinamentos compatíveis com políticas de distribuição de renda, de terra, antimachistas e até

comunistas. Considera, ainda, que a incoerência é professar a fé cristã e não portar esses valores políticos. Em suas palavras:

É isso que eu... **O Evangelho é, se eu for dar uma característica para o Evangelho de Jesus Cristo, ele é de esquerda, se eu for dar um posicionamento político. E ele é de esquerda radical. Não tem negociata. Eu não consigo compreender como é que o pessoal não faz essa leitura. Você vai em Atos dos Apóstolos, por exemplo, a ascensão de Jesus, Jesus foi embora, o que a galera faz? “Gente, tem muito rico aqui, vamos vender tudo que a gente tem e distribuir entre os pobres, aí fica todo mundo igual.” Como é que é isso? Comunismo. Não existe pobre. Aí tem lá no Antigo Testamento, “Não haja pobre entre vós”. Vamos fazer uma ideia de Jubileu: eu faço a distribuição de terra, todo mundo tem suas terras, daqui a 50 anos, se alguém tiver, por alguma circunstância de natureza econômica, perdido a sua terra, daqui a 50 anos vai ter que receber a terra de volta, tanto que as terras quando estavam próximas de completar 50 anos, perdiam valor porque tinham que ser devolvidas para o dono.” Como é o nome disso? Distribuição de renda. Aí fui eu que inventei esse negócio? Eu digo, “Eu não entendo a leitura que vocês fazem.” Aí Jesus pega pão e peixe e distribui para todo mundo. Distribuição de renda, gente. Que não haja pobre, olha a situação da mulher, aí a mulher foi pegue em flagrante adultério, aí fica a pergunta: “Cadê o macho da questão? Por que ele não foi condenado, ele não está aqui? Tá, mas o que a mulher fez de errado, vocês fazem às escondidas.” Então tem um monte de história que você pega na Bíblia... Aí fui eu que inventei? Não me parece ter incoerência entre o Evangelho de Jesus e o que eu acredito como militante dos direitos humanos e tal, que todos vivam em paz, que na medida do possível tenha paz um entre os outros. Como é que tem isso, senão através de uma respeitabilidade daquilo que o outro é? Eu acho incoerente é isso que é propagado hoje, é isso que eu acho que é incoerente, porque o que está se fazendo hoje é transformando em o que era essência em um manual de certo e errado. “Não faça isso, não, não, não, não, não, não, não.” Uma vez eu estava com um pastor, eu disse, “Pastor, eu vou perguntar para o senhor se eu posso chupar picolé. Porque é uma coisa assim...” Tem um cara no Instagram, eu acho que é o André Valadão, esse cara é escroto, assim, ele é muito escroto, mas ele é um manual do que pode e o que não pode. Se você for pegar, parece piada, mas é assim, “Ah, ser crente não”, aí as pessoas perguntam, “Pastor, eu posso fazer isso, isso e isso?”, aí ele vai dizer sim ou não. Para que eu quero uma Bíblia? É só o homem dizer, fazer um manualzinho. E tá lá, as pessoas seguem o cara. Enquanto isso, o cara está vivendo nos Estados Unidos com recurso, com dinheiro que vem daqui, das comunidades daqui, e aí ninguém se dá conta disso. Ninguém se dá conta, por exemplo, que a igreja dele entrou com uma ação para desapropriar comunidades que estavam há mais de 50 anos numa área em Minas Gerais, porque queriam transformar num estacionamento para a igreja dele. Como é isso, gente? E aí o pessoal descobriu e tal, entrou na Justiça, mas aconteceu isso, e aí ninguém se dá conta, e aí ele pode? **Então assim, eu não acho... O que tem na Bíblia, se você for pegar os elementos de fé, tem muito absurdo na Bíblia, tem, até porque é um livro que vai relatar as relações humanas, e as relações humanas são absurdas mesmo, tem coisa assim surreal, mas da essência do Evangelho de Jesus ele não é incoerente com uma prática de militância pelos direitos humanos, com a luta pela igualdade social, não é. É a galera que fode com esse negócio. Transforma isso em algo que se adequa, porque no fundo, no fundo, Paulo Freire está muito certo quando diz “O sonho do oprimido é se tornar o opressor”, e no espaço de igreja você vai ver essa representação. Na hora que o cara põe um terno, na hora que a pessoa tem um microfone na mão, ela tem poder. O microfone na mão, o terno, a roupinha mais coisadinha, ela é poder. E se eu****

tenho alguém que se submete a mim, pronto, a relação opressor-oprimido já está estabelecida, e aí você vai pegar o que está escrito e eu vou usar isso ao meu favor. [Ri]. Como é que se muda isso? Não sei.

[Zilda, 45 anos e pedagoga, grifo meu]

De forma semelhante, a contadora e pastora da igreja inclusiva Cidade de Refúgio, Bárbara, que em outro momento da entrevista demonstrou insatisfação com a identidade “evangélica”, também apresentou sua interpretação dos escritos bíblicos. Segundo ela, o seu posicionamento como centro-esquerda está conectado e coerente com a perspectiva bíblica do Evangelho, sobretudo através do valor cristão de amor ao próximo. Esse valor, na perspectiva de Bárbara, a levaria a uma série de outros posicionamentos, como ser contra o racismo, contra a desigualdade de gênero, que exclui a mulher do mercado de trabalho ou a coloca em condições inferiores à dos homens, e contra a criminalização do aborto, que impediria mulheres pobres e negras de acessarem um procedimento seguro à saúde. Trata-se, aqui, de uma leitura das lições cristãs que, como feito por outros interlocutores, são colocadas em conexão com pautas políticas contemporâneas do campo progressistas, a saber: o antirracismo, o feminismo, a distribuição de renda e a inclusão social.

Eu teria que relacionar com o Evangelho... **Primeiro, com o amor ao próximo, por isso que eu não consigo ser de direita, porque as pessoas de direita não pensam no capitalismo e que isso destrói um pouco as pessoas que são diferentes... Por exemplo, a população negra no nosso país sofre com o racismo estrutural, e a gente precisa não colocar eles em pé de igualdade, mas a gente precisa, como sociedade, e ainda mais pessoas brancas, dar subsídios para que eles estejam nos mesmos lugares que a gente, porque nós temos condições melhores, como pessoas brancas. E eu não vejo a direita fazendo esse tipo de direcionamento e de posicionamento, vejo mais um posicionamento empresarial, né, um posicionamento capitalista, e esse posicionamento às vezes empresarial ajuda o empresário e não a pessoa de baixa renda. É assim que eu vejo, e posso estar errada, tá?**

Então quando eu olho para o Evangelho, eu vejo que Deus diz “Não construa uma casa sem antes planejar, porque no meio da construção pode faltar um material. Quem começa a fazer uma construção sem antes planejar?”. Então eu vejo por este âmbito, e este planejamento está em envolver toda a sociedade, os que têm e os que não têm. **E digo que sou centro-esquerda porque eu vejo que Jesus Cristo incluiu todos aqueles que eram excluídos na sociedade, e hoje, infelizmente, a grande maioria, e quase a totalidade das pessoas pretas no nosso país estão excluídas. A mulher hoje vive no mercado de trabalho mas ela é inferior a outras pessoas, né, pessoas no mesmo cargo, entre homens e mulheres, o homem ganha mais. “Ah, você está falando isso porque todo mundo fala”, não, porque são dados estatísticos. Eu não posso querer impor a lei acima de todos, porque Jesus fez curas no sábado e falou “O que mais importa, cumprir a lei ou amar o outro? Se o teu boi caísse no sábado, você não iria salvá-lo? Claro que você iria salvá-lo.”** Porque não era importante a lei em si, mas o amor ao outro, esse era o significado da coisa, era que naquele momento de sábado você descansasse, porque

é importante para a nossa saúde mental, mas isso não pode ser um limitador de eu ajudar e amar e curar ao outro. E quando eu falo isso, eu estou falando sobre a descriminalização do aborto, porque mulheres periféricas morrem em abortos clandestinos, e a gente gasta mais com a nossa saúde cuidando dessas mulheres que passam por problemas de saúde após esses abortos do que realmente se a gente descriminalizasse e tivesse todo um procedimento dentro do nosso país em que a mulher que quisesse, pudesse de forma segura. Porque a mulher rica aborta, só que ela aborta num lugar seguro para ela, mesmo que seja clandestino, é num lugar seguro. A mulher pobre não. Então eu não posso impor a minha lei sem amar essa pessoa, e as mulheres com complicações depois de um aborto são muitas, as mulheres que morrem, as mulheres que ficam estéreis, e eu não posso dizer que Deus [diz] “tá vendo? Quis abortar, ficou estéril”, não, não é isso. É que a sociedade não entendeu que, “pera, o meu preceito de que eu não faria um aborto não significa que eu tenho que impor a minha fé, as minhas condições na vida de alguém”.

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

Essa perspectiva também pode ser percebida no discurso da estudante Giovana, de 23 anos, e membra da Igreja Anglicana Comunidade Âncora, no interior do Espírito Santo. Ela, que outrora disse prezar por ser identificada como “seguidora de Jesus”, aponta perceber diálogo entre a tradição progressista e o cristianismo. Segundo ela, lutar pelo bem comum é algo comum nessas tradições e todos os cristãos deveriam se responsabilizar em lutar por justiça para pessoas negras, para pessoas LGBT, para mulheres etc, que seria, segundo Gabriela, “os órfãos e viúvas da nossa atualidade”

Então, eu acho até engraçado - engraçado assim, né, curioso - ouvir, muitas vezes de algumas pessoas um pouco mais conservadoras, que não conseguem enxergar diálogo entre o progressismo e o cristianismo, por exemplo, e eu acho isso completamente o contrário. A gente entende que a visão progressista, assim, tem... Uma das principais intenções e tal é lutar pelas minorias e conquistar um status de bem comum, né, para a sociedade, para todas as pessoas por igual. E eu acho que isso tem tanto a ver com o Evangelho, eu acho que você lutar uma luta que não é sua e se disponibilizar a sentir uma dor que não dói em você tem tanto a ver com o Evangelho e tem tanto a ver com Jesus, sabe? Eu consigo enxergar no Evangelho vários momentos onde pessoas que não eram ouvidas, por exemplo, mulheres, né, que pela lei e tal elas poderiam ser mortas e aí Jesus chegar e mostrar para as pessoas que não é desse jeito que as coisas funcionam, né, não é assim que funciona. **Então buscar, de alguma forma, o bem estar e justiça e liberdade para essas pessoas. Então eu consigo ver, principalmente hoje, perfeitamente um diálogo entre essas coisas, sabe, a luta das mulheres, a luta das pessoas pretas, a luta das pessoas LGBT e de todas essas minorias, até das crianças, que muitas vezes são negligenciadas e pouco ouvidas, né.** Então eu consigo ver um diálogo muito grande, e eu sei que as pessoas, **os cristãos tinham uma responsabilidade com isso, deveriam se sentir responsáveis, né, responsáveis por lutar por essas pessoas, lutar por esses órfãos é por essas viúvas da nossa atualidade, né. Porque a Bíblia fala isso, que “a minha religião é cuidar dos órfãos e das viúvas”, e**

muitas vezes a Igreja não tem feito isso, a Igreja tem se preocupado com outras coisas e tem deixado esses órfãos e essas viúvas, essas pessoas que são negligenciadas pela sociedade, que são abandonadas, que são suprimidas, que são, enfim, né, tem deixado essas pessoas de lado. Então eu consigo ver muito diálogo entre isso, eu acho que tem muito a ver, sabe, e tem muito o que fazer em relação a isso.

[Giovana, 23 anos e estudante, grifo meu]

Mariana, também chamada de Branca, reafirma seu distanciamento da identidade evangélica ao apontar críticas ao presidente Jair Bolsonaro e aos evangélicos que fazem uma leitura literal da Bíblia, ao mesmo tempo que não se atentam para estatísticas sobre transfobia, feminicídio e estupros no país.

Tudo que o Senhor Jesus não precisa são de pessoas dessa base evangélica que tratam o próximo de maneira tão cruel. Bolsonaro está aí, Bolsonaro é um fascista, Bolsonaro não respeita nem a própria mãe dele. Eu acho que aquele homem não ama nem a própria mãe, ele desconhece o que é o amor, o que é ler a Palavra, o que é se basear no que a Palavra diz de fato, de verdade. Usa um termo, usa um verso bíblico da maneira dele, interpreta da maneira dele e não vê o lado bíblico. A Bíblia tem os seus textos históricos, né, se você for levar pelo lado histórico você não vai compreendê-la tanto, você precisa assimilar aquilo através do Espírito Santo para que Deus possa tocar no seu e no meu coração e fazer você entender que eu e você somos pessoas iguais. Nós não podemos de maneira nenhuma, em hipótese alguma, condenar o nosso próximo. O nosso país é o país que mais mata travestis. Matheus, se a gente for ver as estatísticas, 23 jovens negros são assassinados a cada minuto. É o país do feminicídio, o país da cultura do estupro, né. Gente, isso é... Isso é horrível. Isso é algo que não pode existir. **Que moral eu tenho para condenar o meu irmão? Eu não posso dizer que eu sou cristã, então eu serei evangélica eternamente se eu agir dessa forma.**

[Mariana, 57 anos e microempresária, grifo meu]

Ao apresentar seu posicionamento político como pessoa de esquerda, Mariana afirma que o conservadorismo “não é a vontade de Deus”, pois, segundo ela, o papel do cristão é exercer o acolhimento e se colocar o lado do mais fraco Além disso, diz também que se Jesus vivesse em nossos dias, agiria também como uma pessoa de esquerda.

Bem, eu me identifico de esquerda, né, porque sou totalmente contra o conservadorismo. **O conservadorismo para mim não deveria existir, porque essa não é a vontade de Deus.** Nós falamos aqui no início que o nosso país é um país de desigualdade social, onde o grande tem a sua carne para comer e o pobre não tem sequer o ovo, Matheus, isso é muito triste, muito triste. Então eu acho que tudo isso... **Que o nosso dever como cristão é olhar o lado que mais acolhe, o lado que mais está do lado do fraco. Eu não posso estar do lado do forte, né. Que cristão sou eu que estou sempre do lado mais forte? Eu preciso estar realmente do lado mais fraco. O Pastor Henrique Vieira, não sei se você conhece ele, ele sempre fala isso, que o cristão precisa estar do lado do mais fraco, não por ser fraco, não por ser negacionista, mas porque o lado mais fraco é**

realmente aquele que vai mais além, que consegue quebrar essas mazelas e ajudar o ser humano, né.

Bem, eu costumo dizer que eu estou na contramão. [Ri]. **Por ser evangélica eu estou na contramão**, né, nem todos concordam com aquilo que a gente pensa. **Eu procuro sempre ver o lado de Jesus, “o que Jesus faria ou pensaria se estivesse no meu lugar? Jesus condenaria? Jesus brigaria?”.** **Eu tenho certeza que Ele lutaria pelas causas sociais, pelo ser humano, para resgatar o ser humano, em busca desse amor que ao longo do tempo se perdeu, ficou perdido no tempo e no espaço.** Hoje em dia ser evangélico eu não vejo... Hoje em dia eu vejo mais os mercadores de fé, aqueles que se utilizam da palavra para obter bens materiais, a prosperidade. Existe muito, Matheus. Então está muito diversificado o Evangelho. **Então eu costumo dizer que eu estou na contramão desse povo, mas eu acredito, eu creio que se Jesus estivesse aqui na Terra ele agiria totalmente de esquerda, ele não seria de direita, eu não creio nisso.** [Ri]. É esse o meu modo de pensar e assim vou levando.

[Mariana, 57 anos e microempresária, grifo meu]

Ora como forma de negação da identidade evangélica hegemônica, associada a crenças de direita apoiadores de políticas neoliberais e conservadores, ora como forma de reivindicação dessa identidade para valores contra-hegemônicos, os evangélicos progressistas participantes desta pesquisa fazem uma reinterpretação da mensagem do Evangelho e dos ensinamentos bíblicos a fim de justificarem e atribuírem legitimidade para suas afinidades com movimentos sociais e pautas da esquerda política. Dessa forma, atribuem ao Evangelho sentidos progressistas, compreendido como uma mensagem religiosa que não é neutra, mas que carrega valores políticos ora associados ao socialismo, à solidariedade, à justiça social e ambiental, ora à luta contra o racismo, o machismo e a LGBTfobia. Essa leitura seria, segundo os interlocutores, a verdadeira mensagem de Cristo, o Cristo do povo.

4.3. USOS INTERACIONAIS DO SER EVANGÉLICO:

Discuti em pontos anteriores duas formas específicas de uso da identidade evangélica pelos interlocutores: a negação desta identidade para a construção de outra e a afirmação da identidade evangélica partir da reinterpretação desta sob valores progressistas. Cabe discutir, agora, os usos interacionais dessa identidade.

O sociólogo canadense Erving Goffman (1985), em “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, aponta que quando um indivíduo está diante de outros, suas ações são talhadas pela presença destes. Ou seja, quando alguém se apresenta diante de outros, este procura controlar a impressão que estes outros recebem da situação. Assim, o sujeito pode agir de maneira inteiramente calculada, expressando-se de determinada forma para dar aos outros um tipo de impressão com o objetivo de

despertar uma resposta particular naqueles que foram impressionados, e pode agir, ainda, de maneira inconsciente, sem perceber que sua atuação é moldada para emitir impressão sobre outros. O sujeito também poderá interagir, segundo o autor, de forma consciente e intencional porque a tradição ou costume do grupo do qual faz parte exige esse tipo de expressão sem, necessariamente, esperar alguma resposta dos observadores.

Goffman define, portanto, a interação como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (1985, p. 23). Quando, durante a interação, o qualquer indivíduo tenta influenciar outros participantes através de quaisquer atividades, Goffman chama isso de “desempenho”, e quando a atividade do sujeito se passa em um período determinado com sua contínua presença para um grupo de observadores, tendo sobre eles influência, o autor utiliza o termo “representação”.

Com isso, podemos discutir um fenômeno percebido durante a aplicação das entrevistas, quando dois interlocutores disseram apresentar a identidade “evangélico” de forma estratégica.

Primeiro, eu gosto sempre de dizer que essas muitas identidades que me constituem fazem com que as minhas respostas sejam várias, dependendo do público para quem eu falo, para que eu possa ter maior interação, integração, e assegurar um diálogo mais fluido com quem eu compartilho as minhas falas, eu tenho a diversidade de apresentação. Agora, comumente, eu me apresento como cristã anglicana, e em alguns espaços, sobretudo na situação atual do país em que as narrativas de pessoas que se assumem evangélicas têm infelizmente assegurado a desgraça que tem, infelizmente também, legitimado, perpetuado o genocídio que tem sido institucionalizado, não é?! Na atual gestão do governo federal na política implementada pelo atual presidente Bolsonaro... Eu aproveito às vésperas do 7 de setembro, estamos bem às vésperas, o meu registro de total repúdio a essa política de morte que está em curso, e pela apresentação que eu fiz de mim mesma eu não tenho outro posicionamento senão me opor, explicitar que eu sou veementemente contra essa política, porque inclusive eu sou alvo dessa política também, eu e meus pares, né. Então na maioria das vezes eu me apresento como cristã anglicana, e também tomo para mim a identidade de evangélica para sobretudo fazer uma disputa de narrativas com as pessoas que estabelecem um modelo de ser evangélico uniforme, infelizmente, de direita, infelizmente, apoiador da política de morte que está em curso. Eu gosto de me dizer cristã anglicana porque a tradição anglicana, que é parte do cristianismo maior, é apenas uma pequena parcela do Corpo de Cristo, da Igreja de Cristo, mas uma parte desse Corpo, que embora tenha muitas incongruências, incoerências, tem buscado se empenhar ou assegurar pautas que me são muito caras, inclusive como esta que eu acabo de mencionar, que é a questão tanto de gênero quanto a questão de raça. A de raça ainda tem muito a fazer, muito a desejar, mas é desse lugar, enquanto clériga, que eu posso assegurar, por exemplo, a existência de uma pastoral antirracista, a Pastoral Abraço Negro, que já celebrou dois anos de existência

e que promove ações educativas antirracistas desde dentro da igreja. **Então, dependendo do espaço, eu também me afirmo evangélica para dizer que é em nome do Evangelho de Jesus Cristo, a boa notícia daquele homem negro encarnado na África, na periferia da África, filho de uma jovem mulher negra da periferia, contrariando inclusive tudo isso que tem sido colocado em pauta atualmente, de uma família nada tradicional nos moldes desses evangélicos que se arvoram ser os genuínos evangélicos, né...** Pois é, é deste preso político perseguido que eu me digo, com muita honra e privilégio, seguidora. **Então eu sou aprendiz, aprendiz de Jesus Cristo, e, por sê-lo, eu também me digo evangélica.**

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Não é de agora que eu estou absolutamente insatisfeito com os rumos que uma fatia considerável da igreja evangélica tem tomado aqui no Brasil. Hoje no Brasil tem aproximadamente 43-44 milhões de evangélicos, sendo que, desse pessoal aí, pelo menos 60% votou no Bolsonaro, mais da metade votou no Bolsonaro, acho que 25% votaram branco e nulo, e 25% votou no Haddad, dentre os quais eu. **E assim, durante muito tempo, cara, eu tinha tanta vergonha de dizer que era evangélico, e eu inventava um outro nome, “Ah, eu sou cristão”, “Eu sou discípulo de Jesus”, “Eu sou que não sei quê”. Só que ora, bolas, aí o cara ia para a minha igreja, chegava lá e o cara que estava na frente era o pastor, e a liturgia era a liturgia de uma igreja evangélica. Aí o cara falava “Cara, tu é evangélico”. Eu queria dizer que era evangélico mas não era evangélico, entendeu? [Ri]. Aí eu peguei e, de certa forma, saí do armário nesse sentido,** porque o nome “evangélico” foi apropriado. Teve uma galera extremamente fundamentalista que se apropriou desse nome. [...] **Mas hoje não, hoje eu falo assim, “Cara, eu sou evangélico”, aí depois de passar meia hora explicando que eu não sou homofóbico, que eu não sou anti-vacina, que eu não sou intolerante, que eu não sou fundamentalista, eu gasto uns 40 minutos explicando isso, aí eu vou dizer quem é Jesus para mim, entendeu?**

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

No primeiro discurso, o da Reverenda Lia, nota-se que ela prefere a identidade de “cristã anglicana” ou “aprendiz de Jesus Cristo”, mas em razão da conjuntura política e social vigente no país, momento em que participava da entrevista, afirma que se apropria também da identidade “evangélica” para fazer contraposição aos chamados também evangélicos que são conservadores, de direita e integram o então governo federal de Jair Bolsonaro. Essa apropriação, no entanto, é situacional. Ela depende do público observador. Afirma-se, portanto, evangélica para, em interação com os observadores, influenciá-los a partir de outros sentidos do “ser evangélico”, que são necessariamente contrários aos valores que regem o governo de Jair Bolsonaro e a sua base aliada evangélica. A uso político-estratégico do “ser evangélico”, aqui, se dá, também, através de uma disputa de sentidos e narrativas sobre essa identidade, de uma interpretação contra-hegemônica do Evangelho de Jesus Cristo.

Eu busco assumir no meu discurso e na minha prática que o único mandamento deixado por Jesus Cristo é o Amor, a prática da

amorosidade. E a prática da amorosidade está muito explícita lá no capítulo 4 de Lucas, quando ele na sinagoga abre o livro, como judeu que era, e faz a leitura do texto do Profeta Isaías no qual ele assume para si a responsabilidade de anunciar o ano da graça, ou seja, libertar os que estão presos, alimentar as pessoas famintas, vestir as que estão nuas, saciar a sede de quem está com sede. É justamente a proposta de uma espiritualidade encarnada que vive aqui e agora um aperitivo do Reino, ou do Reinado de Deus, né, que eu costumo chamar Ruah Espírito Santo, e entendo Jesus como essa Ruah encarnada que veio nos convidar a pensar outras formas de relacionamento entre nós, outras relações humanas, com base na amorosidade. E onde há amorosidade não cabe fome, não cabe sede, não cabe desigualdade, não cabe violência, não cabe acepção de pessoas. Curiosamente, o evangelho de ontem - na tradição anglicana nós seguimos um lecionário muito comum inclusive em algumas tradições cristãs - veio acompanhado do texto de Tiago, eu gosto muito da carta de Tiago porque Tiago é bastante, como dizem no Rio Grande do Sul, "faca na bota", ele é bem objetivo, e ele falava justamente, fazia um chamado à comunidade - fazia e faz, porque o texto continua atual - que se nós julgamos as pessoas pela aparência e se somos mais gentis e afetuosos e acolhedores com quem tem posses e não sentamos ao lado de uma pessoa em situação de rua que, por óbvio, encontra o templo aberto e se sente à vontade para entrar, nós não estamos seguindo esse Evangelho, entende? Então essa radicalidade do Evangelho de Jesus Cristo busca opor-se a qualquer política de morte, porque a prática, o testemunho, a mensagem do Evangelho é de vida plena. Então eu entendo que me dizer evangélica é me sentir, e não apenas me sentir, é demonstrar com minhas atitudes, e quando necessário palavras, que me dizer seguidora de Jesus Cristo é assumir essa pauta como compromisso de vida. Então não basta eu ter, sobretudo num sistema capitalista que quantifica as pessoas, valora as pessoas pela quantidade de bens, pelos recursos que ela acumula, pelo trabalho que ela produz, não basta eu assegurar sustentabilidade digna para mim apenas, entende? Para que eu possa dormir com a consciência tranquila, é preciso promover ações de justiça social, para além de caridade, de assistencialismo. É justamente forjar ações de enfrentamento a essa estrutura injusta para que possamos ter então novas relações, e aí, por óbvio, como eu sou cristã, a partir dos ensinamentos do Evangelho, que me ensina a respeitar que Deus não é cristã, que eu não preciso me sentir proprietária - e nem posso, né, me sentir proprietária de Deus -, e respeitar inclusive as pessoas que não afirmam-se religiosas, que não têm religião, porque elas são pessoas. Agora, desde a minha perspectiva de fé, eu reconheço que o sagrado habita todos os corpos, porque somos todos [feitos à] imagem e semelhança de Deus, então seria uma incoerência me dizer cristã e desrespeitar e ser violenta com outra pessoa porque ela não é cristã, ou porque ela diz não acreditar em Deus. Eu preciso assegurar que ela numa sociedade, inclusive que deveria viver num Estado laico, tenha o direito de não ter religião, de não professar fé alguma, de poder inclusive andar livremente sem ser cobrada por isso. Também me dizer evangélica é reconhecer que, diante das injustiças sociais, é lamentável, por exemplo, que nós vivamos no país que é o 5º no ranking de casamentos de crianças, casamentos de meninas; que é um dos países mais homofóbicos do mundo; que é um país dos mais racistas do mundo, em que as desigualdades são abissais; e que, infelizmente, o sistema que rege esse país, o sistema ainda capitalista, de subserviência inclusive aos norte-americanos, infelizmente me cobra que eu me posicione contra isto, porque Jesus veio justamente para dizer o contrário de tudo isso, dizer que, sobretudo, as que estão excluídas do sistema, essas devem ser prioridade. Então me dizer evangélica é dizer "Não" às injustiças que estão vigentes, mesmo

sabendo que isso ameaça inclusive a minha vida. Mas não valeria uma vida de convivência com tudo isso que aí está posto. É saber, por exemplo, que os povos originários, dos quais eu tenho o privilégio de ter a ancestralidade, têm os seus direitos recorrentemente ameaçados, e agora com a discussão sobre o Marco Temporal essa ameaça é ainda mais gritante, eu não posso me silenciar diante de uma realidade dessa. Então, ser evangélica é estar incomodada e incomodar. [Ri]. Tem um cântico da Eucaristia que diz assim: “Comungar é tornar-se um perigo, viemos para incomodar”. E aí eu costumo dizer, citando esse Cântico, que assim como Jesus e Mafalda - a argentina, né [Ri] -, faço mesmo onde quer que eu esteja, incomodo, porque o Evangelho me cobra esse incômodo.

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

No discurso de Gustavo ocorre algo ainda semelhante no uso estratégico da identidade evangélica. Nesse caso, o interlocutor evitava e negava, antes, essa identidade por constrangimento em razão da associação desta ao público que elegeu Jair Bolsonaro como presidente da República, preferindo ser reconhecido como “cristão” ou “discípulo de Jesus”. Mudou essa postura, no entanto, ao aceitar a identidade “ser evangélico” para expropriá-la dos que ele chama de fundamentalistas. O “ser evangélico”, para ele, é acionado de forma situacional para convencer, durante a interação com o outro, de que ser evangélico não é, necessariamente, ser fundamentalista, homofóbico, anti-vacina ou intolerante. Essa expropriação do termo evangélico do grupo que seria fundamentalista e afirmação dessa identidade para si também é feita mediante uma interpretação contra-hegemônica do Evangelho.

Então ser evangélico para mim, tentando te resumir do que eu acredito que é ser evangélico, é alguém que acredita nas Escrituras, por mais que ele não acredite literalmente nas histórias da Bíblia do Antigo Testamento, ele acredita que a alegoria da Bíblia tem um princípio que se pode tirar como um princípio bom. **O evangélico é aquele cara que segue os Evangelhos e procura imitar Jesus Cristo na centralidade da vida dele, né, e é isso que eu procuro fazer.** No sentido de Jesus de Nazaré, eu posso me considerar ainda alguém místico, porque eu acredito na pegada sobrenatural, na Ressurreição. O credo apostólico, né, que é aquela base de fé que toda igreja tem, eu acredito nisso ainda piamente. **Então o evangélico é aquele que ainda centraliza a sua base de fé na Bíblia, certo, agora o que diferencia evangélico para evangélico é o olhar sobre a Bíblia, e isso vai fazer com que haja vários estilos diferentes.** Então, no meu caso, eu tenho um olhar mais aberto, eu acredito que a Bíblia expressa a palavra de Deus, mas eu não acredito que o fim último disso, a Bíblia comporta Deus na sua totalidade. Não, eu acho que Deus é muito maior que a Bíblia, e, de alguma forma, eu me encaro como alguém que segue muito mais uma pessoa que viveu, que é Jesus, do que propriamente um livro, né. Então o evangélico é aquele cara que tem Jesus como base, como coluna vertebral da vida dele, da conduta dele, da ética dele, da forma dele de enxergar o mundo através das lentes de Jesus. Tanto é que tem uma definição da hermenêutica, até para você ler a Bíblia você tem que ler a Bíblia sob o olhar de Jesus, tanto o Antigo como o próprio Novo Testamento. Então se São Paulo em alguma carta fala que “Uns são pastores, outros são não sei o quê, dão cargos” e Jesus fala assim “Ninguém chama esse pai, nem líder, nem

mestre”, aí você opta por Jesus, entendeu? [Ri]. Então o evangélico mais purista ainda é aquele cara que tem em Mateus, Marcos, Lucas e João o centro da sua fé e conduta, né.

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

Dentro de uma perspectiva sociológica goffmaniana, é possível compreender esses usos estratégicos da identidade como um “desempenho” durante a interação com os outros sujeitos. Ou seja, uma tentativa de influenciar indivíduos observadores ou participantes, durante uma representação, através da afirmação da identidade “evangélica” em contraposição ao uso hegemônico de viés sectário, conservador e de direita.

No capítulo 5, ainda em uma análise das entrevistas, refletirei sobre os aspectos diferenciados na trajetória de vida dos interlocutores que influenciaram na formação de suas visões de mundo com características progressistas ou de esquerda. Ou seja, será abordado os elementos da sua socialização e experiência de vida que os fizeram ter uma pré-disposição para se tornarem evangélicos progressistas.

5. SOCIALIZAÇÃO, HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOS VALORES POLÍTICOS DOS EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS

Peter Berger e Thomas Luckmann, em “A Construção Social da Realidade” (1985), discutem como qualquer estudo teórico sobre a sociedade deve abranger seus aspectos subjetivos e objetivos. Apontam que nenhum indivíduo já nasce como membro da sociedade. Os indivíduos nascem com predisposição para a sociabilidade, mas somente tornam-se parte da dialética da sociedade a partir de uma sequência temporal a qual são induzidos, a saber: a exteriorização, objetivação e interiorização.

A interiorização, que é a interpretação individual imediata dos acontecimentos objetivos, é a base para compreensão dos nossos semelhantes e para a apreensão do mundo como realidade dotada de sentido. Segundo Berger e Luckmann (1985), é somente após esse processo que o indivíduo se torna membro da sociedade.

Essa interiorização, por sua vez, ocorre mediante ao processo ontogenético de socialização, que nada mais é que a “ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 175). Os autores definem o processo de socialização em duas etapas, a socialização primária e a socialização secundária. A primária é a socialização experimentada na infância, através da qual o indivíduo se torna membro da sociedade. A secundária é qualquer processo subsequente que introduz o indivíduo já socializado em outros setores da sociedade.

Essa socialização do indivíduo em uma estrutura social objetiva o oferece aquilo que Berger e Luckmann (1985) chamam de “significativos”, que se encarregam de dar definições as situações objetivas que se apresentam ao longo da vida. Os significativos são a mediação entre o sujeito e o mundo objetivo. O mundo social, portanto, é filtrado de acordo com a biografia individual de cada indivíduo.

Escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e, também, em virtude de suas idiosincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na biografia de cada um. O mundo social é “filtrado” para o indivíduo através desta dupla seletividade. Assim, as crianças das classes inferiores não somente absorvem uma perspectiva própria da classe inferior a respeito do mundo social, mas absorve esta percepção com a coloração particular que lhe é dada por seus pais (ou quaisquer outros indivíduos encarregados de sua socialização primária). A mesma perspectiva da classe inferior pode introduzir um estado de espírito de contentamento, resignação, amargo ressentimento ou fervente rebeldia. Como consequência uma criança da classe inferior não somente irá habitar um mundo grandemente diferente do que é próprio da criança de uma classe superior,

mas pode chegar a ter um mundo inteiramente diferente daquele da criança de classe inferior que mora na casa ao lado. (BERGER; LUCKMANN, 1985)

Na perspectiva sociológica de Berger e Luckmann (1985), é, portanto, com os significativos mediadores do mundo social recebidos durante o processo de socialização, fundamentados nas biografias individuais, que os atores apreendem e interpretam o mundo. É a partir do seu pertencimento e de suas biografias que experimentam os eventos sociais.

Para este trabalho, esta perspectiva importa na medida em que observa a história de vida, a socialização, na formação do seu olhar para o mundo. Neste capítulo, será analisado a relação entre as biografias e a formação dos valores políticos dos interlocutores e buscado, ainda, compreender como esses sentidos foram construídos a partir da experiência de socialização e convívio social, tomando, também, da perspectiva de Schütz (2008) a ideia de “situação biograficamente determinada”, a saber: as experiências prévias que proveram o ator de um acervo de conhecimento para uso nas ações sociais ao longo da vida (GARCEZ, 2014).

5.1. A EXPERIÊNCIA NÃO-INSTITUCIONAL DA FÉ EVANGÉLICA E FORMAÇÃO DOS VALORES POLÍTICOS DOS “DESIGREJADOS”:

Tive contato com a categoria “desigrejado” em campo, durante a pesquisa. Essa categoria faz referência ao exercício da fé evangélica fora das instituições denominacionais e da experiência religiosa coletiva, sendo tratados como desnecessários para o contato com a espiritualidade. Alexandre Bivalha (2020) aponta que a essa é uma nova mentalidade na história do cristianismo, que diz “sim” à Jesus e “não” à instituição eclesiástica, vem causando mudanças no cenário religioso evangélico do Ocidente. O autor aponta, ainda, que a decisão pela desvinculação institucional geralmente está associada a decepções com o *modus operandi* das igrejas. Abordaremos, aqui, através das trajetórias biográficas, como se construíram as decisões de abandono da igreja e a sua relação com valores políticos progressistas ou de esquerda.

A interlocutora Zilda, desigrejada, pedagoga e coordenadora de projetos em uma ONG de Direitos Humanos em Fortaleza, começou sua trajetória como evangélica em 1997, na então chamada Assembleia de Deus Betesda. Segundo ela, sua trajetória foi incomum. Convertida aos 20 anos de idade, após apenas um mês,

ingressou em um seminário para estudar teologia. Após seis meses, partiu em sua primeira experiência missionária no interior do Ceará, onde teve contato direto com vivências de pobres e escassez de recursos públicos. Durante seus estudos teológicos, Zilda teve contato a perspectiva teológica conhecida como “Missão Integral”, que conecta os ensinamentos bíblicos com problemáticas sociais, especialmente as desigualdades. Como ela mesma relata, essa experiência diferenciada da maioria dos evangélicos a provocou reflexões e questionamentos sobre a condução da organização eclesial.

Eu fui participar de uma igreja evangélica a partir de 1997, então já tem aí um bom tempo, sei nem quanto tempo dá isso, só que a minha relação com a igreja tem uma diferença, **eu entro na igreja em janeiro de 1997, mas em fevereiro, o que não é comum, eu já entro num seminário, eu já vou fazer parte de um seminário que na época as pessoas que entravam no seminário normalmente eram pessoas que já tinham um longo tempo dentro da igreja, se identificavam com alguma vocação e aí iam fazer esse seminário.**

Essa é a Igreja Betesda [onde] eu começo, e aí eu vou fazer parte de um seminário chamado “Centro de Teologia Intensivo” com o curso de Teologia Básica, e aí eu já **entro na igreja em janeiro, em fevereiro eu estou no seminário, com seis meses eu já estou fazendo missão, que era ir para as comunidades, principalmente na região rural, para ir trabalhar essa questão de evangelismo e tal. No seminário, eu conheci algumas pessoas que vão começar a trabalhar com a questão que eles chamavam, na época, de “missão integral”. A “missão integral” era uma associação do Evangelho com a questão da problemática social das comunidades, que a gente iria mais ou menos dar uma equilibrada, como se fosse na Igreja Católica, com a galera da Teologia da Libertação, ou o pessoal das CEBs, né, que faziam tanto a leitura popular da Bíblia e associam às questões sociais.** E aí eu começo a entrar nessa vibe da missão integral, e, com um ano, eu já entro numa organização chamada Missão Betsaida, e a gente começa a trabalhar na região Centro-Sul aqui do Ceará, que vai ali do Iguatu até fronteira com Pernambuco, e vai viajar até João Pessoa, mas sempre na área rural, na área de vilas, sítios e povoados, não das cidades, porque a gente compreendia que as cidades já tinham um trabalho de outras denominações, outras igrejas, e que as vilas, sítios e povoados eram locais normalmente desassistidos pelo poder público, então a gente ia para esses lugares, né. **Eram lugares que às vezes não tinham nem energia elétrica, não tinham água encanada, as casas não eram estruturadas. Então a minha vivência de igreja começa meio diferente das outras pessoas que eu conheci. Eu não estou diretamente dentro da igreja, não faço parte daquele universo de igreja de segunda a domingo, “vamos lá, vamos orar”, e alguém está me doutrinando, não, eu traço um caminho diferente. E é assim por 17 anos, é bastante tempo, trabalhando nessa organização, e aí essa minha relação com a igreja, o fato de eu não estar constantemente dentro me leva a muitos questionamentos, e isso, para dentro da igreja, sempre foi motivo de muito conflito, porque eu vivi uma prática que era diferenciada, trabalhava com comunidades pobres, e aí eu vou tentar desenvolver...**

Importante notar que Zilda, ainda em sua experiência inicial de fé, além do seu imediato contato com o estudo teológico crítico, também trabalhou em uma

organização de terceiro setor, a Missão Betsaida. Através do seu trabalho como missionária, a interlocutora teve contato com comunidades pobres e periféricas próximas à Igreja, como a comunidade Coqueiral, no bairro Novo Maracanaú, em Maracanaú, cidade da região metropolitana de Fortaleza. Relata que esse trabalho a fez ter uma relação conflituosa com as lideranças da igreja, acarretando a sua primeira dissidência de uma denominação, fato tratado por ela como expulsão.

Eu era uma pessoa que atuava na área de desenvolvimento comunitário e que tinha um pensamento mais voltado para a questão da redução da pobreza, e isso sempre foi muito conflituoso. E aí essa minha primeira igreja fica no Novo Maracanaú, e na época tinha acontecido uma troca de pastores, e eu comecei a desenvolver um trabalho com crianças numa comunidade chamada Coqueiral. O Coqueiral era uma área muito pobre muito próxima do Novo Maracanaú, e era uma área de violência, então era muito forte a presença, que na época não era de facção, mas você tinha um intenso desenvolvimento do potencial de tráfico, porque você tem muita pobreza e era uma área de pouco atendimento, muito similar ao que acontecia nas vilas e sítios e povoados. E aí eu começo um trabalho nessa comunidade, peço apoio a uma escola pública para atender crianças uma vez por semana. E aí o que começa com seis, sete crianças, em menos de 30 dias, em quatro encontros, eu tenho 30, e aí as crianças começam a dar um certo trabalho para a escola, porque a escola cedia o espaço aos domingos para a gente começar a atividades às 9 da manhã, e aí os meninos chegam às 6 da manhã, e eles não se contentam em ficar esperando do lado de fora, porque eles estão muito ansiosos, e aí eles começam a pular o muro da escola, e aí a gente é convidado a se retirar da escola. [Ri]. E aí eu vou, peço à igreja que ceda o espaço para mim dentro de um horário que não atrapalhe as atividades, e eles me cedem um horário pela manhã, só que a mesma coisa que aconteceu, mesmo com toda a conversa, todo o diálogo, aí eu já não tenho mais 30 crianças, eu tenho 50 meninos. Eu tenho um grupo de voluntários que ajuda com essas crianças e esse número de crianças vai aumentando, e eles vão chegando cada vez mais cedo, né, e aí chega um dia que começa a haver conflito dentro da igreja por uma questão mais de disputa de poder mesmo, eu era uma pessoa que trabalhava desenvolvimento comunitário, e aí tinham as lideranças das atividades que eram próprias da igreja, principalmente o ministério infantil, que trabalhava com as crianças da igreja, e que não aceitavam que houvesse uma junção já que todo mundo era criança. E aí vem uma mentalidade, como se as crianças da comunidade são as “pobres” e as nossas crianças aqui da igreja são “a classe média”. Isso é muito claro, principalmente nas falas das mães, né, “Olha, nem parece que são...”, tinha muito essa fala muito preconceituosa mesmo, tipo “Olha, nem parece que são mendigos”, “Olha como eles são...”. E aí, nessa disputa, nós somos convidados, isso num espaço de mais de dois meses, a nos retirar da igreja, e aí essa é a primeira decisão que eu tenho que tomar, porque como as crianças estavam sendo expulsas, e eu fui chamada para ser notificada disso, eu aviso que eu também estou saindo da igreja. E essa minha saída me traz muitas reflexões porque os camaradas proibem que todos os jovens da igreja, porque na época eu era muito jovem, né [Ri], proibem que a juventude da igreja fale comigo porque eu era “uma fala que trazia muito conflito”. Então eles dizem, “Olha, eu não quero que vocês falem com ela, eu não quero que vocês se relacionem mais com ela”, essa foi uma ordem dada de uma maneira muito clara. Eu pego essas crianças, que estão em torno de 55 crianças, e eu já fazia parte da Missão Betsaida e eles me alugam um sítio, e eu vou ficar com essas crianças por um ano nesse sítio até que a gente consiga inserir elas em outros

espaços, porque a gente não tinha recurso para manter [para além] desse tempo previsto. **Então em 1997, acho que até 1999-2000, essa é a minha experiência com a igreja. Eu fui expulsa da primeira.** [Ri].

Após essa primeira experiência como membra de uma igreja, Zilda fez parte de outras denominações. Nelas, tentou realizar trabalhos sociais com as comunidades de forma semelhante. Seu momento de ruptura com a institucionalidade evangélica, no entanto, se deu em 2018, quando relata decepção pelo apoio majoritário das igrejas evangélicas ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro.

Foi, eu passei por essa primeira Bethesda do Novo Maracanaú, depois passei pela Bethesda do Siqueira, depois a Bethesda entrou num racha, aí eu fui participar de uma igreja que era a igreja que foi criada a partir da organização em que eu trabalhava, que era uma organização religiosa chamada Missão Betsaida. Aí depois eu saí dessa igreja [Ri], fui para uma Presbiteriana, na Presbiteriana, como o pastor era meu amigo e a gente tinha o mesmo pensamento progressista, eu fiquei nela dois anos, e aí eu trabalhava na área de cultura de paz, porque a igreja estava localizada numa área de violência, era uma igreja no Jardim Iracema, então eu fiquei acho que um ano, um ano e pouco trabalhando com crianças na área de cultura de paz, era uma igreja em que eu tinha mais liberdade, mas aí o pastor também saiu [Ri], aí eu não queria entrar numa vibe de ficar num lugar... Era a mesma questão das outras. Ah, eu fiquei por cinco anos na Igreja de Cristo do Pastor Carlos Queiroz, antes de ir para essa Presbiteriana eu fiquei numa Igreja de Cristo. **Eu fui para muitas.** [Ri]. **Depois eu desisti.** [Ri].

Então até hoje eu ainda tenho esse conflito, então a minha relação depois de 2018 foi de rompimento, a gente não tem relação. Eu gosto da fé, faço igual a Gandhi: eu gosto de Jesus, só não gosto do cristianismo. Em vosso Cristo eu creio, mas eu não creio no seu cristianismo porque ele é incoerente, ele é inconsequente, inclusive, né, egoísta e egocêntrico. “Nós somos nós e é isso.” Então hoje eu tenho essa relação meio complicada, tenho muitos amigos que são pastores, lideranças, a gente senta, a gente conversa, mas não me convida para um culto para eu sentar, para eu ouvir um... Porque eu não aguento, eu não tenho estrutura. Eu também não sei se isso vai mudar, né, mas **hoje a minha relação é essa, isso de 2018 para cá.**

A partir de 2018, eu desisti. Porque assim, em 2018, antes das eleições, eu ainda voltei a ir para a Bethesda aqui da Pontes Vieira. Eu tive muitos conflitos com a Bethesda, e todos eles tinham muito a ver com essa questão de classe, né, recorte de classe. E aí eu ainda continuo enxergando isso, então eu tenho muito o pé atrás. **E olhe que eu gosto da igreja, não é porque eu goste da igreja instituição, eu gosto das pessoas, eu gosto de estar com as pessoas e gosto de me relacionar com as pessoas, porque essa sempre foi a minha prática, mas eu não gosto da instituição porque eu acho a instituição muito perversa, principalmente quando se trata de pessoas pobres.** E aí isso é uma coisa que hoje eu tolero muito menos, eu não sei se eu tenho mais saco para administrar certas coisas que antes eu ainda entrava num processo de muita negociação, mas quando se trata do pessoal que é pobre, por ser incompreensível... **A eleição de Bolsonaro e a participação da igreja nisso... O que tinha de resto que estava assim, eu rompi.** E aí mesmo compreendendo que algumas igrejas se posicionaram a favor, o fato de as lideranças serem quem ainda são, isso ainda me traz muita desconfiança, então eu fico meio... Eu estou esperando. Eu estou de boa, mas eu estou esperando.

É digno de destaque que o rompimento se deu nas eleições de 2018, considerado pela entrevistada como o momento gota d'água para um processo de desgaste nas congregações por onde passou. A partir desse momento passou a ser "desigrejada". Sua experiência pessoal, que passou pelo seminário teológico e o contato com a teologia crítica, a entrada em comunidades pobres rurais e urbanas como missionária e o trabalho em organizações não-governamentais de Direitos Humanos, desemboca em uma identificação com valores de esquerda e a rejeição das estruturas institucionais das igrejas evangélicas.

Eu não tenho igreja, então eu entendo que eu faço parte de um grupo de protestantes "desigrejados", que hoje é maior do que muitas denominações. Aí de vez em quando eu encontro um desigrejado, aí "ei, e você...", "não, sou desigrejado", "ah, que bom, vamos nos encontrar em tal lugar para a gente ficar conversando."

Outro interlocutor que afirmou ser desigrejado foi Otávio, estudante de doutorado em antropologia. Otávio iniciou sua trajetória como evangélico ainda criança, pois nasceu em uma família com pais evangélicos. A denominação que frequentou junto de sua família até os seus 25 anos de idade foi a Assembleia de Deus Templo Central, maior igreja evangélica do Brasil e de matriz pentecostal. O interlocutor afirma o ingresso na universidade pública como um marco na sua trajetória pessoal que provocou mudanças no seu modo de enxergar o mundo. Estudante do curso de História a partir de 2014, essas mudanças provocaram conflitos no interior da sua família, que professavam valores políticos e religiosos diferentes, e até mesmo no interior da congregação assembleiana da qual fazia parte.

Eu nasci num lar evangélico. Como a gente diz, as pessoas que "nascem na fé", né, quer dizer que quando a pessoa nasceu, o pai e a mãe já eram evangélicos. Os meus pais também já eram da Assembleia de Deus, os meus irmãos também, então todos nós fomos socializados dentro da Assembleia de Deus, no Presidente Vargas lá em Fortaleza, e isso foi do meu nascimento até mais ou menos os meus 12 anos, e aí dos 12 anos a gente se mudou desse bairro, foi morar lá no Conjunto Esperança, aí no Conjunto Esperança a gente foi para essa outra igreja, que é a Igreja do Conjunto Esperança - Templo Central. **E aí lá foi que eu passei esse período de mais de 10 anos dentro dessa igreja, e eu lembro que o processo de adaptação foi difícil.** Eu lembro que várias vezes a minha mãe insistia para a gente ir aos cultos de doutrina às quintas-feiras e teve um período que eu estava bem chateado assim, no sentido de tipo "Por que eu estou sendo obrigado a ir para a igreja se eu não quero ir para a igreja hoje?", "eu não quero ir", aí depois foi quando ela mesma parou de insistir. Aí eu **passei basicamente esse período todo lá até os meus 24, 25 anos nessa Assembleia de Deus do Conjunto Esperança.**

A minha trajetória dentro do meio evangélico, até os 24 anos, 25, ela é constante dentro da Assembleia de Deus, e foi uma passagem que, durante quase todos esses 24 anos, em que eu fiz o papel de evangélico

conservador, do hegemônico, né, que a gente chama de *mainstream*. Aí depois em 2014 eu entrei na graduação em História na UFC, foi quando eu comecei a ter contato com outras ideias, com outros pensamentos, né, e aí eu comecei a ver as coisas de outra forma, né - é claro que dentro da universidade tem coisas que a gente absorve, outras entram num ouvido e saem pelo outro, que não nos servem. Até meu pai dizia que fizeram uma lavagem cerebral na minha cabeça, eu falei “não, eu fiz uma opção, eu estudei e hoje eu consigo ver as coisas de uma outra forma, da mesma forma que tem coisas lá que eu ouvi, não gostei, e não quis pra minha vida”. Aí 2018, basicamente, foi um ano chave para mim porque foi um ano de ruptura ideológica, no sentido com esse evangelismo conservador. Então eu fazia parte, também foi ano de eleição presidencial, então muitas coisas ficaram claras, passei a ver as pessoas da igreja, com as quais convivia desde jovem, a partir do momento que eu soube o que elas apoiavam e quem elas apoiavam... Aí então de 2018 para 2019 foi esse momento de ruptura, quando eu realmente decidi sair da instituição da Assembleia de Deus, principalmente a igreja onde eu estava, porque não me representava mais, não representava mais o meu ponto de vista no mundo. Muitas coisas que estavam sendo ditas nos púlpitos, inclusive o próprio pastor fazendo apologia àquela criatura hedionda que foi eleita como presidente, eu pensei “gente, não vou sair num domingo de noite para vir para o culto, me arrumar, botar minha melhor roupa, botar um perfume para ouvir esse tipo de coisa. Isso sabendo que a maioria apoia o que ele está dizendo ali no púlpito, porque para mim o púlpito tem que servir para a palavra de Deus, não é para fazer proselitismo político não, se ele quiser fazer ele faz em outro canto, mas o púlpito ali é para outra coisa. E isso foi gerando, ao longo de 2018, esse desconforto, e aí quando foi ali em fevereiro, março, mais ou menos, primeiro eu me desliguei do conjunto de jovens do qual eu era parte, o conjunto de jovens em que a gente cantava, visitava outras igrejas e tudo. Eu passei basicamente 10 anos naquela igreja, né, então foi meio que um choque para as pessoas quando o “exemplo” de crente estava saindo do conjunto de jovens, né, sendo que eu já tinha visto muita gente entrando e saindo do conjunto. E aí eu saí primeiro do conjunto, e mais ou menos duas semanas depois eu deixei de ir para a igreja. E aí a minha mãe chegou a conversar alguma coisa comigo e eu falei “Olha, não faço mais parte da igreja, vou visitar outras igrejas para ver se eu gosto de alguma” e comecei a visitar, né. Daí ela fez um estardalhaço, eu peguei e falei “Olha, eu sou adulto e eu tenho a opção e a escolha de escolher para onde eu vou, porque no momento essa igreja não me representa mais.” Comecei então a visitar uma igreja lá perto de casa, uma igreja mais recente, passei alguns meses, também não me encontrei lá, apesar dos esforços de eu tentar me incluir e eles tentarem me incluir, não rolou. Isso já é 2019, e foi quando em agosto para setembro, eu participei de um evento em Maceió, o nome do evento foi “Jovens na Contramão do Fundamentalismo”, foi organizado pela Igreja Batista do Pinheiro lá em Maceió, que é pastoreada pelo Pastor Wellington e a Odja Barros, que é esposa dele, e aquele evento me disse o que eu, naquele momento, estava buscando enquanto igreja.

Nota-se, mais uma vez, a importância das eleições de 2018 para o rompimento de relações interpessoais no interior de comunidades religiosas. Como lido acima, o apoio dos integrantes da Assembleia de Deus, inclusive das lideranças locais, à eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República foi determinante para a ampliação de um desgaste e posterior ruptura de Otávio com a igreja da qual

era membro. Ele aponta que ocorreram uma série de embates com outros membros da congregação através das redes sociais em meio ao período eleitoral:

Inclusive, parte dos embates se davam também muito pelas redes sociais. Em 2018, um dos motivos de eu ter saído da igreja era por conta disso, porque na visão conservadora assembleiana não é possível você ser cristão e de esquerda, e, no caso, especificamente, eu sou de centro-esquerda.

Após a ruptura, relata que passou a ter contato com outras lideranças evangélicas progressistas e antifundamentalistas, com destaque para o movimento “Evangélicxs”, que conheceu em um evento promovido pela Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió, conhecida no Brasil por suas lideranças progressistas, a pastora Odja Barros e o pastor Wellington. O movimento Evangelicxs é um movimento de jovens evangélicos LGBTQIA+. Após essa mudança não somente em sua perspectiva da política, mas também da interpretação do evangelho, Otávio buscou igrejas se integrar em igrejas inclusivas, mas não manteve vínculos duradouros, se reconhecendo, hoje, como um “desigrejado”.

Foi basicamente romper com aquele evangelismo que eu tinha vivido, estava submerso até os meus 24 anos de vida. Então ali eu comecei a ver uma nova possibilidade de evangelismo, uma nova possibilidade de Evangelho, de ser crente, né. E aí eu conheci lá também pessoas do Evangelicxs, que foi a partir do Evangelicxs que eu estava naquela época... Quando eu voltei para Fortaleza, isso foi setembro, mais ou menos, aí eu entrei em contato com o Italo e a gente começou a organizar o núcleo de Fortaleza do Evangelicxs, que é uma rede de jovens evangélicos LGBTQIA+ e tem vários núcleos no Brasil. e foi quando eu conheci o Sávio, e o Sávio é da Bethesda do Itaperi, e ele falou “Olha, lá a Bethesda passou por um processo de inclusão das pessoas LGBTs, então, por exemplo, eu sou gay, o pastor sabe que eu sou gay, eu canto no ministério de louvor e tudo”, então o que ele falou foi muito interessante. Então eu fui conhecer a Bethesda, outubro mais ou menos até março de 2020, que foi quando saí de Fortaleza e fui para Manaus. **Vim para Manaus e eu já tinha entrado em contato pelo Facebook, já estava procurando igrejas inclusivas em Manaus, encontrei a Inclusiva New Church, entrei em contato com o André, que é o pastor de lá. Aí quando eu cheguei em Manaus a gente foi conversando, teve célula lá em casa onde eu estava morando naquela época, depois eu me mudei, passei a morar só num apartamento, a gente fez várias células no apartamento. Aí foi depois quando eu vim para o Espírito Santo, eu fiquei ajudando mais a igreja financeiramente, né, [ininteligível], mas no geral, institucionalmente falando, eu não estou filiado a nenhuma igreja, eu transito onde eu achar mais interessante, também visitei igreja inclusiva aqui em Vitória, não me agradou tanto, mas também se tiver que ir não tem problema. Então eu estou transitando desde que eu saí da Assembleia, até então eu não sei ainda [ininteligível], digamos assim. Então tudo isso para dizer que não tem como eu dar uma resposta definitiva porque eu rompi com o “ser evangélico”, se eu ainda estivesse imerso naquele evangélico do *mainstream*, eu saberia dizer para você “É isso e isso”, hoje eu já tenho outra visão, eu ainda estou construindo o que é esse novo ser evangélico que eu quero e estou buscando.**

Importante notar que em 2018 não apenas seu posicionamento contrário à maioria dos evangélicos, em razão do apoio a eleição do candidato de extrema-direita, foi o único evento de importância pessoal para o interlocutor. Aquele ano também foi marcado por um processo de autoconhecimento, especialmente através da sua orientação sexual e sua identidade racial. 2018 também foi o ano em que o entrevistado havia ingressado no mestrado em Antropologia, no qual ele pesquisava sobre intolerância religiosa contra comunidades de matriz-africana. Através dessa junção de eventos, Otávio passou a reinterpretar para si mesmo a leitura do evangelho que recebeu desde a infância, pois considerava que esta era “muito restrita”. Otávio passa, então, a enxergar o evangelho, do qual não abriu mão, através de outras chaves identitárias, que diziam respeito a sua própria existência: o ser negro, e por isso também supostamente responsável pelo enfrentamento ao racismo religioso, e o ser LGBTQIA+.

Se deu exatamente por conta da minha inserção na universidade em 2017. Eu estava mais ou menos a um ano antes de terminar a graduação e já estava planejando o mestrado, e aí eu fiz cadeira de Introdução a Sociologia, achei bacana, mas pensei “Não, não quero Sociologia”. Quando veio a cadeira de Introdução a Antropologia com o professor Alexandre Fleming, aí eu olhei para aquilo e pensei “Gostei desse negócio aqui de Antropologia, nunca ouvi falar mas eu gostei”, aí depois no outro semestre eu fiz a cadeira de Antropologia Cultural com o Marcelo Natividade, aí foi na cadeira que eu me apaixonei perdidamente pela Antropologia. Hoje estou casado com ela e quero continuar casado. **E em 2017... Eu não sei se você já viu isso, mas existem sites que eles pedem para cadastrar o seu email, e toda vez que tiver uma atualização, [ininteligível], vem para o seu email, e aí eu me inscrevi na Revista Humanitas Unisinos, que é a revista eletrônica da Universidade Unisinos, e eu lembro que eu recebi no meu email uma edição da revista e tinham uma notícia falando sobre... Inclusive, eu abordei isso no meu livro que eu lancei esse ano, que eu falei exatamente dessa minha experiência que tem a ver com o que eu vou falar agora. Era uma notícia falando sobre traficantes evangélicos que estavam sendo expulsando mães de santo e pais de santo nos morros cariocas, e eu achei interessante, [ininteligível], abri lá para ler a notícia. Comecei a ler, e aí eu lembro que a parte que mais me chocou, que eu sempre conto para as pessoas essa parte da história, é que me chocou o fato de que lá tinha sido relatado que um dos traficantes tinha ameaçado expulsar a mãe de santo do terreiro com um taco de beisebol, eu acho que era um taco de beisebol, e no taco tinha escrito o nome de Jesus, aí ele falou: “Se você não sair daqui, eu vou lhe expulsar em nome de Jesus”, e balançando o taco. Essa metáfora foi que me pegou assim de um jeito que eu fiquei tipo assim... Foi um momento que eu olhei para trás e pensei, “Que evangélico é esse? Eu nunca ameacei a vida de ninguém em nome de Deus ou de Jesus”. Então eu entrei em contato com essa realidade do Evangelho - que não é Evangelho, é um pseudo-Evangelho, porque, para mim, o Evangelho tem que proteger a vida e não tirar a vida -, e eu pensei “Não, isso aqui tem alguma coisa errada”. Então, como aquilo mexeu comigo sobre o que eu já estava começando a formular sobre o que seria um Evangelho que eu estava vivendo até então, eu comecei a ir a fundo, me aprofundar nessa questão da**

intolerância religiosa, e aí quando a gente vai se aprofundar nisso, a gente sabe que as religiões de matriz africana são as que são mais atacadas de todas as formas possíveis. Então foi exatamente a partir do momento que eu comecei a estudar sobre isso que eu comecei ao mesmo tempo postar também nas redes sociais sobre isso. Então eu comecei a postar coisas de candomblé, de umbanda, umas coisas no sentido mesmo de frases, coisas bem basiquinhas. **E quando eu entrei no mestrado, que foi no primeiro semestre de 2018, isso se tornou mais concreto ainda, então 2018 para mim é um marco nesse sentido, foi quando eu rompi com muita coisa [ininteligível], inclusive descobri a minha verdadeira sexualidade, que até então eu sabia “Tá, eu não me sinto hétero, mas não me sinto gay, que porra eu sou?”.** E aí foi quando, mais uma vez, foi eu fiz a cadeira do professor Marcelo Natividade, que ele trouxe essas questões, eu comecei a me questionar, a me informar também, e eu me descobri bissexual, até então nunca tinham falado para mim que bissexual existia, e eu ficava perdido sem saber o que é que eu era. E também comecei a me questionar no sentido do meu pertencimento racial também, né, e foi quando eu rompi com esse tipo de Evangelho. Então, para mim, o marco de ruptura foi exatamente esse meu interesse pela intolerância religiosa, o tema de pesquisa, depois [ininteligível] e eu acabei inclusive revertendo o conceito, porque na dissertação eu propus o conceito de “racismo religioso” porque existe uma coisa muito mais profunda nesses ataques, que na verdade é o ódio àquilo que o negro produziu no plano da cultura e no plano da religião, então, para mim, é isso o conceito de racismo religioso. **Então esse foi o momento de ruptura, porque eu comecei a me expor no Facebook, aí as pessoas iam vendo, as pessoas iam questionando, chegou até gente a me mandar no WhatsApp algumas provocações e eu ia lá e respondia todas e calava a boca de todo mundo, porque eu pensei assim, “Se você não pisou num terreiro, não venha falar comigo como se você soubesse o que é um terreiro”, “Ah, você tem macumba”, “Você sabe o que é macumba? Não sabe? Então pronto. Não fale daquilo que você não sabe. Eu sei, eu estou num terreiro, eu me relaciono com pessoas de terreiro e pesquiso sobre terreiro. Então eu sei muito bem o que é. Então se você não souber o que é, não venha falar comigo sobre isso. Se você quiser saber o que tem lá ao invés de acusar e falar preconceituosamente sobre terreiro, aí tudo bem, a gente dialoga, mas se for só para atacar e falar merda, eu não sou essa pessoa.”** Então foi esse mesmo interesse de pesquisa pela intolerância e o racismo religioso que foi mais um adendo a essa ruptura, **foi exatamente ali que eu comecei a perceber que eu realmente era diferente, que aquele Evangelho não me representa, que aquela igreja não me representava, que aquelas pessoas não me representavam porque a visão de Evangelho delas era muito restrita.**

Outro interlocutor que se identificou como desigrejado foi Joel. Joel era pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Hoje, no entanto, não exerce mais essa função e abandonou a institucionalidade eclesiástica, mantendo sua prática de fé também como um “desigrejado”. Antes de ser pastor presbiteriano, no entanto, Joel já havia sido designado ao cargo eclesiástico de evangelista na Assembleia de Deus, igreja que sua família fazia parte. Nascido em uma família com pais já eram evangélicos, ele teve sete irmãos, junto dos quais foi socializado com os ensinamentos desta igreja.

Eu nasci num lar evangélico, meu pai já era pastor quando eu nasci, meu pai era pastor da Assembleia de Deus, e enfim, a gente teve uma vida muito pobre e muito piedosa, então a gente sabia que tudo que a gente tinha não era prontamente nosso. São oito filhos, né, e dos oito filhos eu sou pastor, fui ordenado primeiro na igreja Assembleia de Deus, fui consagrado evangelista, fui o evangelista mais novo da Assembleia de Deus, que o clero de cima divide assim... Então eu fui o evangelista mais novo da Assembleia de Deus de Bela Vista. E aí depois fui para o Seminário Presbiteriano Teológico de Fortaleza, continuei estudando.

Já evangelista assembleiano, Joel decide estudar teologia em uma seminário de outra matriz evangélica, o da Igreja Presbiteriana⁶⁸, que foi a denominação que passou a fazer parte posteriormente. É importante notar que, como liderança desta igreja, o entrevistado colaborou com a criação de projetos sociais para assistir pessoas em situações de vulnerabilidade e com escassez no acesso aos serviços públicos. A situação que o fez se afastar dessa institucionalidade, no entanto, foi um problema conjugal, que acarretou em sua separação, e conflitos com outras lideranças em razão da forma como geria a administração da igreja.

Era muito jovem. E aí fui para o Seminário Teológico de Fortaleza, de origem presbiteriana, me formei no Seminário e aí fui servindo na Igreja Presbiteriana, servi na Congregação de Pentecoste como pastor auxiliar da Primeira Igreja de Fortaleza. Nesse período eu também já trabalhava em outras organizações, eu sempre trabalhei em outras organizações, mas cheguei a ser presidente do Sínodo Setentrional, que vai de Fortaleza até o Amazonas. E nesse período a gente nessa função de liderança, a gente cria barcos-hospitais no Amazonas para atender as pessoas, e eu comecei, tinha uma experiência profissional diferente, e comecei a pedir auditorias nas contas da igreja, queria um negócio mais organizado e prestação de contas, e comecei a ter problemas políticos dentro da igreja, com outros problemas pessoais, eu me separei nessa época, aí juntou um problema político com problema pessoal e eu saí da Igreja Presbiteriana Independente, mas continuei ali próximo, apoiando a igreja no que era possível, nunca me afastei, muitas amizades, a gente continuou parceiros, né, não tinha processo disciplinar, nada contra mim. Aí mais à frente, eu encontrei um grupo de amigos também pastores e “cara, se a gente fosse fazer uma igreja, pensar uma igreja, o que a gente fazia de... Vamos zerar tudo”, porque até então a gente ainda acreditava que ainda era possível e tal. E aí desse sonho nasceu a Igreja Simples, que era uma igreja que se reunia na rua, numa praça, e as pessoas eram livres, podiam fazer qualquer coisa, a gente não se importava, se quisesse ficar ali, tudo bem, tinham domingos que tinham cinquenta pessoas, tinham domingos que tinham três, a gente estava ali para compartilhar a

⁶⁸ As diferenças entre essas denominações não se devem apenas pelo fato da Assembleia de Deus ser uma igreja pentecostal que foi fundada, no Brasil, em 1911, e a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil ser protestante-histórica com origem em uma dissidência da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1903. Ambas também professam doutrinas distintas a cerca da salvação pregada pelo cristianismo. A IPI segue as ideias da liderança reformadora de João Calvino, que sistematizou a ideia de predestinação: a crença de que Deus, antes da criação do mundo, já havia escolhido quem seria salvo e quem seria condenado, não sendo, portanto, uma escolha dos sujeitos por se converterem ou não. Já a igreja AD segue a linha teológica arminiana, baseada no pensamento do holandês Jacobus Arminius, que contrariando o calvinismo explica a salvação através da ideia do livre-arbítrio. Ou seja, a salvação não seria uma escolha de Deus, mas de cada sujeito, não havendo, portanto, uma predestinação.

experiência de fé. E a renda, então, a gente colocava a serviço, pessoas em situação de rua, e era muito bacana que no momento do ofertório quem tinha botava e quem precisava tirava, então a gente se recusava a acumular e gastar dinheiro com estrutura e tal. Era isso que a gente fazia. Aí chegou ali a transição do golpe contra a presidente Dilma aí esfacelou a gente também, e com a chegada do Bolsonaro nós fechamos o projeto porque havia uma incompatibilidade de posicionamentos entre os pastores e aí a gente “não, vamos guardar a Igreja Simples” e a gente nunca mais se reuniu depois disso.

Após seu afastamento da IPI, Jamieson decide fundar um novo tipo de igreja, uma igreja que não possuía estrutura burocrático-institucional chamada de Igreja Simples. No entanto, como ele relata, o projeto foi abortado em razão da conjuntura política, especialmente porque a deposição da presidente Dilma Rousseff e a eleição do Bolsonaro estavam fazendo surgir entre os fundadores do projeto conflitos e divergências políticas. Aqui, mais uma vez, como nos outros dois interlocutores “desigrejados”, a eleição presidencial de 2018 foi um evento crucial para o rompimento de relações na comunidade religiosa, ainda que diferente do modelo convencional das denominações. Como é possível notar a seguir, após o fim da Igreja Simples, Joel não manteve mais nenhuma relação com outras denominações, professando e advogando por uma fé que, para ele, não deve estar ligada a instituições.

Essa ideia da instituição, da institucionalização do movimento de seguidores e seguidoras de Jesus Cristo me acompanha há muitos anos. Então eu sempre estranhei, “caramba, por que a gente está pensando em estrutura, acumulando dinheiro, quando o Evangelho exige da gente outra coisa?”. Cara, a igreja me parece um hospital onde as pessoas não têm alta, o doente não tem alta. Você mantém ali as pessoas, a pessoa chega ali quebra emocionalmente, enfim, com vários problemas e motivações que as pessoas procuram a igreja, mas elas não têm alta para sair. A pessoa chega na igreja e fica, ela não vai para o mundo em hipótese alguma, ela fica presa na instituição. **Então eu sempre disse “cara, tem alguma coisa errada com a instituição ou do jeito pelo menos como a gente está gerindo esse negócio”.** Então essa não é uma ideia nova, não nasceu agora, eu sempre estranhei isso porque pô, eu trabalhava numa igreja ali na Princesa Isabel no Centro, cheio de morador em situação de rua, pessoas em situação de rua, eu falei “cara, vamos botar um chuveirão, a gente recua a grade da igreja, transforma a frente da igreja numa pracinha, bota um chuveirão, uma pia, onde as pessoas em situação de rua possam tomar banho”, “não, mas elas vão quebrar”, “tudo bem, a gente conserta de novo, mas vamos ofertar aqui um chuveirão, uma pia para ela lavar a roupinha dela, escovar os dentes”. “Não, as pessoas vão depredar o patrimônio”, então eu, cara, de que adianta um patrimônio que não está a serviço de ninguém? E as pessoas depois reclamavam, “puxa, tá tendo muito assalto na rua”, evidentemente vai ter assalto, bicho, um monte de gente que chega ali uma vez por semana, no domingo, e quer que as pessoas olhem para elas assim “olha, que bom que você está aqui”, não. Existe uma territorialização da cidade, existe um pertencimento, a cidade é de quem se apropria dela. **Então eu sempre tive esse pressentimento, essa compreensão, aí fui maturando, “cara, tem alguma coisa errada”, até que eu tive condições políticas, pessoais e emocionais de dizer “cara, não tô mais a fim disso”,**

eu acho que 2016, 2017, eu disse “cara, não quero mais”. Desde então, eu ainda falo em algumas igrejas, o pessoal me chama, umas igrejas mais progressistas e tal, as igrejas inclusivas, mas eu evito e vou em respeito às pessoas que estão lá, né. Eu tenho muito respeito pelas pessoas, eu conheço gente que está nas comunidades fazendo excelente trabalho, mas eu acho que a instituição não é a resposta que o Evangelho queria de nós em pleno século XXI.

5.2. TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO DOS VALORES POLÍTICOS DE EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS DA ASSEMBLEIA DE DEUS:

A vivência universitária, o contato com a teologia crítica, a experiência de trabalho em organizações de direitos humanos, os diferentes contatos com realidades de desigualdade social, a descoberta da sexualidade, o autoidentificação racial etc., todas essas foram variáveis que estiveram presentes na biografia dos interlocutores que, em dado momento, optaram pela política progressista ou de esquerda e, em seguida, por conflitos ideológicos com as suas comunidades de fé, se tornaram “desigrejados”.

Essas variáveis, todavia, não estão presentes apenas no discurso de trajetória dos interlocutores analisados nas páginas anteriores. Estas foram percebidas no relato de outros participantes, como os fiéis assembleianos que analisaremos a seguir, como Matias, Giovana, Roberto, Miriam e Gisele.

Durante as entrevistas, me chamou atenção o impacto causado em alguns interlocutores pelo contato com realidades de desigualdade social através de trabalhos missionários geridos pelas suas denominações. Os casos de Zilma e Joel, relatado em páginas anteriores, não são os únicos. Como será possível perceber a seguir, Matias e Giovana também relataram a experiência de missões e o contato, através dela, com realidades com pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade como marcadores biográficos importantes para a mudança em suas visões de mundo, especialmente no questionamento de dogmas e, posteriormente, com aproximação de visões de mundo progressistas. Ambos nasceram em famílias evangélicas da Assembleia de Deus e cresceram nessas igrejas. Ele nasceu no interior do estado da Bahia, em Itagibá. Ela, no interior do Espírito Santo, em Serra.

Eu já nasci no chamado “berço evangélico”, quando eu nasci os meus pais já eram evangélicos, já faziam parte da Assembleia de Deus. E o meu pai é presbítero na Assembleia de Deus, a minha mãe... O meu pai também já tomou conta de igreja, que é o pastorear a igreja, ele já foi pastor de três congregações, já implantei igreja junto com ele também.

Eu morei em uma cidade pequena de 70 mil habitantes, que foi onde eu comecei nessa igreja, e eu fundei nessa cidade um projeto chamado

“Projeto Overdose”, que era um projeto voltado para a juventude da cidade, né, onde a gente pregava para a juventude da cidade, dentro desse projeto havia outras ramificações, como o CT Overdose, que era o Centro de Treinamento Overdose, esse Centro de Treinamento era voltado basicamente para a interpretação de textos bíblicos e aí eu queria que os meninos aprendessem pelo menos a ler a Bíblia, e aí eu não estou falando nada de interpretar, hermenêutica, nada disso, eu estou falando somente de português, saber deles como localiza o sujeito numa frase e tal, que a minha intenção era fazer com que a partir disso esses jovens conseguissem também chegar na universidade, e eu percebia muito essa vontade neles, essa disposição deles em relação a isso. E aí eu iniciei esse Projeto Overdose, na época nós tínhamos trinta jovens no setor da cidade, em três meses a gente saiu de trinta para cento e vinte jovens dentro da igreja, e foi tipo algo que todo mundo conhecia dentro da cidade. **Aí dentro do Overdose, eu também separei um grupo de missões urbanas, que havia mais duas pessoas comigo. Esse grupo de missões urbanas, nós éramos mais voltados basicamente para o público de rua, para as profissionais do sexo, e para locais aonde nós sabíamos que havia intensidade do tráfico de drogas na cidade. E foi aí que eu comecei a me “decepcionar” [gesticula aspas] em relação ao Ministério, de certa forma, porque eu não senti o apoio e nem o amparo da denominação em relação a esses processos. Eu me lembro de uma garota de programa que eu conheci que me relatou que foi membro da Assembleia de Deus durante treze anos, foi batizada, e ela perdeu o emprego no lugar onde ela morava e acabou vindo para a Bahia, e quando ela veio para a Bahia, ela encontrou a forma de sobrevivência na prostituição, e por conta disso ela relatava que tinha vontade de sair da prostituição porém não tinha recursos para isso e nem como fazer, e **eu comecei a questionar o meu posicionamento enquanto “evangelista” [gesticula aspas], missionário, nesse sentido, né, porque não adianta eu apenas... Eu comecei a falar “cara, como é que eu vou falar para a pessoa que existe uma outra forma de vida e não oferto e nem tenho meios para que essa pessoa viva essa outra forma”, sabe.** E aí eu levei isso - como eu já estava na liderança da juventude no setor - levei isso para cima, né, para o pastor estadual do meu ministério, e aí assim, a receptividade dele em relação ao Projeto foi bastante interessante, tipo “ah, nossa, muito bom o que vocês estão fazendo”, mas foi basicamente assim “muito bom o que vocês estão fazendo, continuem, mas a gente não pode fazer nada”. **E aí eu fiquei bastante decepcionado em relação a isso, mas ainda continuei naquela nossa esperança juvenil de mudar o mundo e não sei que, os meninos também junto comigo, aí aconteceram outros casos um pouco mais delicados no Ministério que a igreja também não se posicionou, o que me fez decidir que era uma estrutura muito complicada para eu lidar, mas eu ainda estava suportando o contexto.****

[Matias, 25 anos e professor de sociologia]

Eu vivi a vida inteira na igreja, né, os meus pais se converteram quando eu tinha alguns meses de vida, talvez 1 ano no máximo, então eu vivi a vida toda na igreja, cresci na igreja, todos os momentos da minha vida eu tive muito contato com a igreja. Mas eu cresci numa Assembleia de Deus, da qual os meus fazem parte até hoje, e esse foi, assim, o contexto, né, que eu cresci. É uma igreja... Para quem conhece, né, quem sabe, a gente do Brasil sabe que é uma igreja um pouco mais conservadora, pentecostal, e essa foi a minha criação até os 18 anos. Um pouco antes de eu fazer 18 anos eu me envolvi com missões urbanas, e aí, nesse processo de me envolver com missões, eu fiz algumas viagens, tanto aqui no meu estado do Espírito Santo quanto para alguns lugares do sertão nordestino, na Bahia, no Piauí e em Pernambuco. E aí depois, quando eu voltei para cá... Eu fiquei uns dois anos envolvida nisso, em missões urbanas, enfim, nesse tipo de coisa.

E aí quando eu voltei, eu tinha mais ou menos uns 18 anos, foi quando eu decidi sair da Assembleia de Deus, eu senti que eu não cabia mais naquilo, e desde nova eu sempre me considerei uma pessoa... Eu sempre gostei de perguntar muito o “porquê” das coisas, e isso foi uma coisa que fez parte da minha vida inteira, assim, toda a minha vida eu me senti uma pessoa muito curiosa, e eu gostava de saber do motivo das coisas. E em algum momento eu percebi, eu falei “cara, eu não consigo mais me enquadrar aqui, eu já não penso mais da forma como os meus pais pensam, e eu já não consigo viver dessa forma”. E aí foi quando eu saí da Assembleia de Deus e passei a frequentar uma outra igreja perto da minha casa, né.

Como eu cresci nesse contexto da Assembleia de Deus e eu nunca tinha tido contato com outras coisas, eu tinha sim com alguma coisa que eu lia, que eu pesquisava, que eu procurava e tal, mas quando eu fiz essa viagem para o Piauí... **Eu fiz para uma Escola de Missões lá, então a gente ficou uns três meses estudando e tal, e a gente estudou várias coisas, e eu também tive contato com uma outra realidade, até realidade de comunidade cristã, assim, e eu entendi que realmente tinham coisas que, assim, não precisavam ser daquele jeito, não eram daquele jeito.** Porque tem muito isso de falar assim “não, é isso aqui que é o certo, a gente que faz o certo e tal, e é desse jeito que tem que ser, que funciona”, e aí **depois eu ter contato com uma outra coisa e observar e falar “não, mas assim, não necessariamente, pode ser que seja outra coisa também, existe uma outra possibilidade de leitura, uma outra possibilidade de entendimento e tal”.** E aí quando eu tive contato com essas outras coisas, até com pensamento teológico mesmo, né, como eu vim da Assembleia de Deus, que tinha uma linha teológica específica, e quando eu passei a ter contato com outra coisa, e eu passei a observar e falar **“olha, isso faz muito sentido para mim”**, e comecei a ler sobre, a perguntar, pesquisar, caminhar com pessoas que podiam me falar um pouco mais sobre aquilo.

[Giovana, 23 anos e estudante, grifo meu]

Como é possível perceber, Giovana e Matias tiveram experiências com trabalho missionário. Essa vivência provocou outros desdobramentos. Em Matias, um contato maior com realidades de vulnerabilidade social e em Giovana, além do contato com a pobreza, também pôde aprender outras perspectivas teológicas que a provocaram uma reflexão sobre as crenças que recebeu desde a infância. Com Matias isso também ocorreu. Ele relata que ingressou na universidade pública no mesmo ano que ingressou no seminário de teologia. Começou a estudar na universidade o curso de Biologia e, em seguida, transferiu sua matrícula para o curso de Ciências Sociais. Essas duas experiências concomitantes, ao estar na universidade e no seminário, também o fizeram questionar os valores herdados por sua família e aprendidos na igreja.

A princípio bastante conflituoso, porque **quando eu entrei na universidade eu não entrei em Ciências Sociais, eu entrei no curso de Biologia. Já no curso de Biologia eu tive acesso a algumas disciplinas e discussões e teorias que já me colocaram um pouco em conflito, em relação que eu considero que eu sempre desconfiava mas nunca tinha ouvido falar e**

nem sabia que alguém tinha falado sobre, mas são alguns questionamentos que a gente sempre tem na mente pairando e que a gente só precisava ouvir alguém falar e falar “nossa, cara, eu sempre pensei isso aí mas não sabia que eu pensava”. E em relação à igreja e ao modo de ser cristão, eu sempre, principalmente em relação ao modo de ser cristão dentro da Assembleia de Deus, eu sempre me questionei bastante de ter que seguir determinadas doutrinas e regras e preceitos os quais, para mim, não tinham significado. Então se não tinham significado eu ficava sempre me perguntando porquê eu precisava seguir determinados conceitos e porquê eu precisava estar em determinados contextos, porque não tinha um motivo, uma motivação, e não tinha algo que me explicasse efetivamente o porquê daquilo. E quando eu entrei no curso de Ciências Sociais e no seminário de Teologia, eu me deparei com essas discussões um pouco mais vivas do meu cotidiano, eram mais frequentes agora, e foi onde, digamos que eu comecei a ter um pouco mais de autonomia em relação ao pensamento porque agora eu comecei a produzir a minha forma de conhecimento, não apenas reproduzir algo que me passavam. E eu acho que isso foi o que foi mais fundamental na minha trajetória, foi começar agora a ter autonomia em relação ao pensamento e à forma de interpretação da minha vida, forma de interpretação bíblica, de saber que não existia apenas um modo de pensar a Bíblia, de saber que não havia apenas um modo de ser cristão, e que a minha visão não era a única correta, que existiam outras visões que precisava ser consideradas e que o que eu sabia era muito pouco. **Então quando eu chego na universidade eu me deparo com um mundo de conhecimento bastante amplo, de leque de discussões muito grande, e isso faz com que primeiro eu me questione que o que eu sei é muito pouco para que eu ficasse em minha autossuficiência intelectual a princípio, de dizer “não, eu estou certo, isso aqui é o que a Bíblia diz e é o que a gente tem que pregar”, eu falei “não, existem milhares de anos de produção de interpretação bíblica, existem milhares de anos de história da igreja e precisam ser consideradas”.**

[Matias, 25 anos e professor de sociologia]

Como lugar de produção de conhecimento científico, a Universidade se constituiu como um espaço de questionamentos e reflexões sobre os dogmas de fé. Nas páginas anteriores vimos que esse processo também ocorreu na trajetória do nosso interlocutor, também de origem assembleiana, Otávio. Outra interlocutora de origem assembleiana que teve sua trajetória marcada pela vivência universitária foi Larissa. Larissa, que é filha de pastor da Assembleia de Deus, também é pedagoga e está, hoje, como vereadora de Fortaleza.

Pois é, eu acho assim... **Eu fui avançando na vida, chegando à universidade, entendendo um pouco mais sobre os processos históricos que constituem a esquerda, eu acho Cristo um conto fantástico, eu acho Cristo uma sacada incrível de um povo perseguido, né, reivindicar esse lugar no mundo. E aí, como eu fui uma pessoa que eu lia muito a Bíblia, lia muito porque eu também era professora da escola dominical, então fiz todos os cursos, tinha sobre mim a expectativa de ser “A Pastora”, né.**

Olha, para mim foi um processo, foi um processo, mas teve um momento, inclusive, esse momento é mais recente, né. **Houve um processo porque nessas questões, como eu coloco, eu enfrentei muitas crises com os dogmas da igreja evangélica e de como eu acabava também sendo essa**

peessoa que também curtia a juventude, que também encontrava as pessoas e tudo mais, então isso para mim também foi um processo muito desafiador, mas acho que a compreensão dessa construção, é como eu digo, que para mim estava muito organizado, porque foi isso, para mim não houve o emprego de uma força para conseguir fazer essa transição, chegar na universidade, lutar pelo RU noturno, pelo acesso ao ônibus, pelo acesso à moradia. São coisas que inclusive na igreja também as pessoas reivindicam e fazem construção.

Olha, drogas, o debate de drogas, né, a questão de pessoas que se drogavam, pessoas que entravam na marginalidade, pessoas que eram usuárias, eu encontrei essas pessoas na minha comunidade cristã, porque a igreja concentra todos os desdobramentos sociais daquele entorno comunitário, entendeu? **Então eu tive muitos amigos que eu perdi para as drogas, inclusive por isso que quando eu entrei na universidade eu não era a favor da legalização das drogas, porque eu tinha muitos amigos que eu perdi para as drogas, e a gente não fazia esse debate, né.**

[Larissa, 31 anos, vereadora de Fortaleza, grifo meu]

Larissa relata que, na Universidade, teve contato com o movimento estudantil e suas pautas reivindicatórias por melhorias para os estudantes. Nessa vivência, ela afirma ter tido contato com outras ideias, como a reivindicação pela legalização das drogas, que a fez mudar seu posicionamento sobre essa questão. Interessante notar que sua atração à esquerda, na Universidade, se dá por questões de justiça econômica para os alunos desfavorecidos. Seu contato com outras pautas, como a legalização das drogas, ocorre posteriormente. Entretanto, Larissa relata que sua primeira experiência de contato com a esquerda não acontece no ambiente universitário, mas ainda quando adolescente, através de familiares integrantes de partidos progressistas e de movimentos em defesa da meia-passagem na cidade.

Menino, em 2004, o Juraci não ia mais dar carteirinha de estudante, e todas as carteirinhas pararam de valer, e a gente tinha que ir pro ProMédio todo dia de manhã e depois ia para a escola, e aí **eu lembro que em 2004 a gente estava lá assistindo aula no ProMédio, eu estava de manhã porque eu estudava na escola regular à tarde, a escola era na Vila Manoel Sátiro, e aí os professores que eram, inclusive, estudantes do IFCE, da UECE, eram tipo professores de cursinho popular com bolsas, né, eles começaram a dizer “olha, gente, tá tendo uma manifestação, é muito importante”, porque a Prefeitura ficava justamente ali na Avenida Luciano Carneiro, lá em cima, né. E aí eu sei que eles disseram “vai passar por aqui e a gente pode seguir”, e aí quando a manifestação passou a gente estava no ProMédio ali na Luciano Carneiro também, a gente simplesmente sai do ProMédio e vai caminhando. Eu lembro muito, eu dizendo “gente, a primeira vez que eu vi a Luizianne eu estava na rua [Ri], na manifestação, era a Luizianne e a Louisianne [Ri]”, porque foi justamente nessa manifestação de 2004, né. Aí a gente foi, todo mundo subiu caminhando em direção à Prefeitura, e aí a Prefeitura muito ostensiva, né, nada mudou, mas enfim [Ri], vem com os [áudio falha] e o pessoal vindo com os cavalos para cima da gente, então os estudantes começam a jogar pedra, foi um horror, assim, eu lembro da gente correndo, descendo aquela rua, descendo a Luciano Carneiro que inclusive hoje dá ali na Avenida dos Expedicionários, aí a gente correndo para descer para aquela rua. As minhas**

amigas caíram, eu fiquei com o braço todo ensanguentado porque foi muito violenta a reação da política, muito violenta mesmo, todo mundo pulando catraca para conseguir chegar em casa e tudo mais. **E aí eu lembro que quando eu cheguei em casa, a mamãe ficou desesperada, minha mãe ficou louca, não deixou nem eu tomar banho, me pegou e me levou lá na minha avó, porque a minha avó já era militante, minha avó era filiada ao PCdoB, e minha avó era da área da saúde, então ela era também da área, militava e tudo mais, tinha viajado já. Aquela história do índio que foi queimado vivo em Brasília, a minha avó foi, porque isso aí foi antes de 2000, inclusive, a minha avó foi e tudo, trouxe fotos, então é como eu estava te dizendo, a minha realidade de ter essa participação política na família sempre existiu. Aí eu lembro que minha avó disse assim “e aí, deu certo?”. [Ri]. A minha avó lá queria saber de nada, queria saber era se eu ia continuar.** E eu acabei tomando banho lá na minha avó e indo para a escola, porque minha avó morava ali no Parque São José, na Luiz Vieira, e eu estudava no Henriqueta Galeno, que era na Manoel Sátiro. E aí a gente teve essa vitória, né, na semana seguinte as carteirinhas em seguida a gente teve inclusive a vitória da Luizianne, né, mudou a Prefeitura, a primeira gestão dela foi uma gestão muito importante para a cidade. **Então eu acho que na verdade foi isso, entendeu, a minha experiência de embate na luta foi inclusive um embate que a gente ganhou, então para mim isso acabou também sendo muito importante.**

[Larissa, 31 anos, vereadora de Fortaleza, estudante de Direito, grifo meu]

É notável, portanto, que o contato com ideias da esquerda política não começa na Universidade, mas no próprio seio familiar, através da avó. Ainda antes do ingresso no ensino superior, Larissa teve um contato com a esquerda em uma manifestação de rua em defesa da meia-entrada estudantil, evento que, segundo seu próprio relato, considera marcante na sua biografia. Essas variáveis no processo de socialização sem dúvida colaboraram para que, no ambiente acadêmico, nossa interlocutora possuísse uma pré-disposição a aderir ao progressismo.

Ao reafirmar a importância do ingresso na Universidade, especialmente no curso de Ciências Sociais, para que pudesse refletir sobre seus valores políticos e religiosos, Matias lembra que após essas mudanças ocorreram conflitos no interior da sua comunidade religiosa em razão dos seus posicionamentos, o que acabou levando a sua ruptura com a igreja Assembleia de Deus.

E aí eu acho que o marco para eu começar a ter esse pensamento foi o curso de Ciências Sociais, quando eu comecei realmente a estudar sobre a religião e pensar sobre as formas de organização religiosa, e eu me lembro da primeira vez que eu li “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, do Weber, e eu justamente comecei a questionar inclusive o posicionamento da igreja. E o livro da “ética protestante” do Weber foi bastante determinante. Quando eu li “A ética protestante” do Weber, a discussão dele é sobretudo a partir da ética protestante, a partir do que Calvino pregava sobre a ética protestante, do posicionamento sectário da Igreja em relação ao mundo e como isso deu as bases para a fundamentação da sociedade capitalista e tal, e eu sempre comecei a

pensar o seguinte, “tá, se a Igreja tem capacidade para fundamentar um sistema global, mundial, como o capitalismo, por que ela não tem condições de fundamentar as bases de uma sociedade que seja solidária e que seja comunitária nesse sentido, em que todos tenham acesso às mesmas coisas, em que nós não tenhamos privação de bens, em que não tenhamos pessoas passando fome? Se a igreja tem capacidade de fundamentar as bases para essa forma de sociedade específica, ela também tem a possibilidade de formatar as bases para essa outra forma de viver em sociedade. E aí entra um critério importante de quando foi que eu decidi migrar, sair da Assembleia de Deus, também, foi justamente quando eu tivesse acesso a esses contextos de como que os cristãos, como que as comunidades cristãs se organizaram durante a ditadura militar, como que alguns pastores foram expulsos de suas denominações, outros foram denunciados, presos, como o Rubem Alves dentro da Igreja Presbiteriana. Eu descobri que teve uma Presbiteriana que surgiu dentro da ditadura militar - tem a IPB, que é a Igreja Presbiteriana do Brasil, e a IPU, que é a Presbiteriana Unida do Brasil, que surgiu dentro do contexto de ditadura militar com os pastores que foram “expulsos” [gesticula aspas] de certa forma da Igreja Presbiteriana que apoiou a ditadura militar e entregou alguns pastores que eram considerados progressistas ou comunistas, né, para ser mais claro, foram entregues à polícia na época. E eu comecei a questionar, “cara, se for instaurada uma ditadura militar, a primeira pessoa que esses pastores aqui da igreja vão entregar será eu, então não faz sentido eu ter uma comunidade em que as pessoas querem ver o meu mal, sabe? Querem me ver morto, de certa forma.” Aí eu falei “não, não dá para continuar numa comunidade como essa.” Foi onde eu decidi que seria o meu processo de migração da Assembleia de Deus, porque para mim se tornou realmente insustentável.

Daí em 2018 isso se intensificou por conta das eleições, o meu pastor presidente estadual não se declarou apoiador de nenhum candidato, ele teve uma postura até bastante ética, a meu ver, em relação às eleições de 2018, **porém a liderança da igreja nacional, que ficava em São Paulo, foi muito incisiva em relação ao apoio ao presidente Jair Bolsonaro, e os meus embates foram muito a partir disso, porque teve episódios bastante significativos que acabaram por me desanimar bastante, como por exemplo uma certa feita que tinham certos amigos que congregavam numa igreja em São Paulo e eles me relataram que receberam do Ministério uma carta de recomendação de voto do pastor presidente da igreja declarando apoio ao Jair Bolsonaro, inclusive na Marcha para Jesus ele esteve no palco, no trio elétrico, ao lado do presidente também, fazendo arminha, e eles postavam fotos com armas sempre nas redes sociais, o Facebook foi o palco de proselitismo deles em relação ao governo**

[Matias, 25 anos e professor de sociologia]

Mais uma vez as eleições presidenciais de 2018 surgem como um marco provocador de rupturas no interior das comunidades religiosas. Durante a entrevista, isso foi percebido nos depoimentos dos interlocutores Zilda, Joel, Otávio e, dessa vez, no relato de Matias. Todavia, como analisamos, diversas são as variáveis biográficas que interpelaram estes sujeitos assembleianos à via progressista. O contato com realidade de desigualdades sociais através de missões (Matias e Giovana), o contato

com outras perspectivas teológicas que se chocam com perspectivas conservadoras (Matias, Giovana e Zilda), o ingresso em no politizado ambiente da Universidade pública (Larissa e Zilda), a participação do movimento estudantil (Larissa) e o pertencimento à uma família com participação em ativismos de esquerda (Larissa).

É possível observar, contudo, que outras variáveis de muita importância estiveram presentes na trajetória desses interlocutores, especialmente a compreensão da sua própria sexualidade ou o contato com o movimento LGBT, ainda antes de ingressarem no mundo universitário e se identificarem como pessoas progressistas ou de esquerda.

Então, eu faço parte de uma rede de apoio a cristãos LGBTs, que é a rede Juntas. O Juntas é uma comunidade inclusiva e também uma comunidade afirmativa, onde nós consideramos justa toda forma e toda experiência cristã, de certa forma, né. E aí nós somos uma comunidade que não consideramos a homossexualidade, a homoafetividade enquanto sendo uma prática pecaminosa, hoje isso é muito mais tranquilo para mim. Quando eu vivia na Assembleia de Deus eu tratava isso como sendo uma prática pecaminosa, mas sempre naquela desconfiança, sabe, “cara, mas por que que é?”. E aí eu sempre reproduzi o que me diziam a respeito de alguns textos bíblicos, algumas coisas bastante seletas e tal, mas não tinha certeza daquilo que eu pregava, sabe? **Eu me lembro que eu tive alguns jovens no meu Ministério que se declararam, falaram comigo que estavam em conflito em relação à sexualidade porque achavam que gostavam de pessoas do mesmo sexo, e eu me lembro que eu não soube lidar muito bem com isso, na verdade eu nem falei para eles que era pecado, nem falei que não era, eu só disse que ia orar juntamente com eles para que Deus de alguma forma esclarecesse, ajudasse ele na trajetória, porque era uma trajetória bastante difícil, porém eu não me sentia preparado para lidar com isso porque, dentro da comunidade, eu sabia que a Igreja Assembleia de Deus trata como um pecado, porém eu, no meu particular, não tratava isso como um pecado, porém eu não sabia como dizer isso nem sistematizar isso. E a partir do conhecimento da rede do Juntas eu comecei a vivenciar com pessoas que já tinham passado por essa experiência de conflito em relação à fé e à sexualidade, à orientação sexual, e que com o tempo essas pessoas começaram a se entender e se reconhecer dentro da comunidade, dentro do cristianismo. E de entender também que as produções teológicas que acabavam por encaixar a homoafetividade como sendo uma prática pecaminosa eram produções teológicas formuladas por um grupo seletivo de pessoas, e que no sentido geral não havia uma base bíblica consistente para justificar que a homossexualidade era um pecado “eterno” [gesticula aspas] como a forma que a igreja majoritária prega.**

[Matias, 25 anos e professor de sociologia]

Eu faço parte de um grupo que é o Juntas. Nós somos uma rede, inicialmente era uma rede de apoio para pessoas cristãs LGBTs que não se sentiam abraçados, assistidos pela igreja e tal, era um lugar seguro para você estar com pessoas... No início eu entrei em parafuso, eu falei “meu Deus, perai”. A gente quando vem de um lugar muito restrito, quando a gente tem o primeiro contato com uma coisa muito diferente

a gente toma um choque assim, né. Mas aí desde o começo eu me dispus, eu falei “não, eu não vou chegar com nenhum tipo de prejulgamento, nem nada desse tipo”. A minha intenção e a forma como eu estava naquele lugar... Eu queria ouvir as pessoas, eu queria entender o que elas pensavam e tal, e a gente teve muitos momentos de troca nesse sentido. E caminhar com eles me fez olhar para também essas coisas, né, muitas coisas além disso, com um olhar de muito menos apontamento e julgamento do que era como eu tinha sido ensinada. Então eu tinha sido ensinada de uma forma, eu tinha sido ensinada, por exemplo, que “ah, o gay até pode ser gay e crente”, e isso já era uma fala super evoluída da minha juventude - [não era] nem adolescência, juventude -, “ele até pode ser gay e estar na igreja, mas ele não pode ser praticante”, e aí tinham essas coisas assim, né, nesse sentido. E aí eu fui entendendo, tipo, “o que é isso? Como funciona isso? O que representa isso? O que isso quer dizer?”. **E eu tive a oportunidade de, mesmo não sendo uma pessoa LGBT, inserida nesse lugar, o que foi um privilégio enorme de poder estar nesse lugar, poder ouvir dessas pessoas, poder ouvir a dor dessas pessoas, compartilhar da dor dessas pessoas, e aprender, assim. E isso me transformou, isso transformou a forma de olhar para o outro, isso transformou a forma de olhar para Deus e entender também o olhar de Deus para as outras pessoas, então. Por isso que eu falo que caminhar com eles me tornou uma pessoa muito melhor, me santificou realmente.**

[Giovana, 23 anos e estudante, grifo meu]

Então eu lidei com várias pessoas LGBTs na igreja antes de entrar na faculdade, entendeu? Então assim, é por isso que eu penso, assim, tinham muitas pessoas LGBTs na igreja, muitos meninos que eram afeminados, que queriam expressar a sua vontade, mas que gostavam muito de Jesus e que estavam ali dentro da igreja. Então o que era que a gente fazia, eu, pelo menos, permitia que os meninos participassem de coisas, a gente fazia arranjos para que as pessoas conseguissem estar naquele espaço. Debater sobre isso sempre foi um desafio, mas eu tinha um privilégio, né, eu era a filha do pastor, então eu podia botar os debates, entendeu?

Mas houve um momento específico, que foi em 2018, né, **em 2018 eu conversei com a minha família sobre também ser uma pessoa LGBT**, que ainda tem mais essa, né, porque é isso, nós somos pessoas que temos múltiplas questões na nossa vida, né, e aí tinha mais essa questão que eu tive que conversar com a minha família **porque eu estabeleci um relacionamento e não queria abrir mão desse relacionamento e precisava inclusive comunicar à minha família sobre o meu relacionamento mas que inclusive as minhas decisões não tinham nada a ver com essa relação. E ainda que essa relação acabasse ou acabe um dia, eu continuaria sendo uma pessoa LGBT para além dessa pessoa com quem eu me relaciono.**

[Larissa, 31 anos, vereadora de Fortaleza, grifo meu]

O contato com pessoas e com movimento LGBTQIA+ fizeram alguns interlocutores, como Matias e Larissa, questionarem a teologia hegemônica que condenava a homossexualidade. Matias, por exemplo, relata que guardava desconfiança a cerca dessa perspectiva, mas que foi com o contato com uma organização LGBTQIA+ que o fez ter certeza da sua posição pró-diversidade. Da mesma forma ocorreu com Gabriela, que tinha concepção de que ser LGBTQIA+ era

pecado. A partir do contato com a rede Juntas, uma organização de apoio a LGBTQIA+ evangélicos, essa perspectiva mudou. Larissa, no entanto, além do contato com pessoas LGBTQIA+ na igreja, que a fez questionar a perspectiva conservadora, também se reconheceu como uma pessoa LGBTQIA+ anos depois.

Até o momento de serem entrevistados, Matias e Giovana já não faziam mais parte da igreja Assembleia de Deus, apesar de ainda se reconhecerem no pentecostalismo da denominação. Ambos faziam parte, naquele momento, de uma comunidade inclusiva no estado do Espírito Santo, para onde Mateus se mudou para ser professor de sociologia da rede pública na cidade de Vila Velha. A comunidade da qual Matias e Giovana faziam parte era a Igreja Anglicana Comunidade Âncora. Já Larissa ainda se considerava como membra da igreja Assembleia de Deus, no entanto afirmava ter pouco tempo para participar do cotidiano da comunidade religiosa, indo poucas vezes ao templo.

Outra variável interessante foi a experiência de alguns interlocutores com movimentos grevistas, como os assembleianos Roberto, que tem 60 anos de idade e é pastor em Mossoró, e a Miriam, que tem 58 anos de idade e é esposa de pastor em Fortaleza. Nessas greves, os interlocutores tiveram contato com partidos e grupos de esquerda. O contato de Miriam com movimentos grevistas se deu na Universidade, como estudante de enfermagem, e como servidora pública do sistema de saúde. Já a vivência de Roberto com movimentos grevistas se deu como operário metalúrgico, mas também como servidor público da Petrobrás e da Caixa. Hoje, Roberto é aposentado.

Na minha época nós tivemos eu acredito que foram três greves, nós enfrentamos três greves. Naquela época [Ri], as greves eram de movimento de rua mesmo, fechavam a Reitoria, aquela coisa. Eu participei, mas assim, não [era] liderança, mas ia, né, para as ruas. Também participei de greve do Ministério da Saúde há muitos anos atrás, ainda era solteira, acho que o Ministro da Saúde era Rafael não sei o quê, e eu participei, a gente ia para os postos para dar explicações à população, entendeu, porquê que estava em greve por melhores salários, melhores condições, aquela coisa toda. Assim, eu nunca me candidatei a nada não, assim, nunca tive essa inspiração para ocupar cargo público, essas coisas.

Porque assim, tinha muito debate, muita discussão. Naquela época, quem levava a maioria desses movimentos lá da UFC era o Odorico, o Odorico era estudante de Medicina, não sei se você conhece, hoje ele tem livros escritos e tudo, e todas aquelas discussões, né, sempre abrem os olhos, sempre você passa a ler mais, né, a investigar mais as coisas, a se interessar mais pelos assuntos. Com certeza.

[Miriam, 58 anos e enfermeira aposentada, grifo meu]

Atualmente eu moro aqui em Mossoró porque vim a trabalho, certo, eu vim transferido pela empresa, uma estatal na qual eu trabalhei 12 anos, que foi a Petrobrás, eu fui admitido aí em Fortaleza e por questões de necessidade tive que vir para cá, e aqui fui ficando. E fiquei, criei meus filhos aqui, sou casado, tenho dois filhos, dois rapazes, um mora em Campina Grande e o outro mora aí em Fortaleza. **E da Petrobras eu saí para a Caixa - não é que eu saí para a Caixa, eu saí da Petrobras por uma outra circunstância, e algum tempo depois eu entrei na Caixa, certo, não saí da Petrobras para ir para a Caixa não, saí da Petrobras, fiz outras coisas, depois fui para a Caixa.**

Antes de vir para a Petrobras trabalhei numa indústria metalúrgica, então eu sempre trabalhei em categorias operárias muito fortes, né, muito presentes nas lutas que se deram dos anos 1980 para cá. Então eu fui metalúrgico, trabalhei numa metalúrgica lá em Fortaleza, apesar de que a gente estava já no finalzinho da ditadura, no final quase ali chegando em 79-80, mas a participação no sindicato, até por conta da repressão, não era muito forte mas era presente. A gente tinha algumas ações de sindicato e tinha algumas ações... Foi na época que surgiram também as Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, que foram elas que deram a sustentação, foram o braço religioso, digamos assim, do PT, que foi um partido... Assim, antes que eu me esqueça, eu não sou filiado ao PT, eu não sou petista, mas assim, depois que eu trabalhei na SEMAG, que eu trabalhei numa grande metalúrgica, eu fui para a Petrobras e tive que enfrentar logo de cara uma greve muito pesada. Eu embarcava para Paracuru e de cara a gente teve que enfrentar uma greve, então isso foi despertando em mim, entendeu, um sentimento de categoria, um sentimento de luta. De lá para cá eu vim para Mossoró, que sempre foi uma cidade também aguerrida, um cidade libertária e tudo, ainda fiquei um bom tempo na Petrobras e quando saí, parece que me perseguia [Ri] essa coisa de categoria engajada, digamos assim. Quando deixei de ser petroleiro, aí fui bancário, aí pronto, bancário é que é forte mesmo. Tudo isso foi somando, foi despertando em mim de que lado eu deveria estar, de que lado eu precisava estar para poder assim, para poder colocar em prática as coisas que eu acreditava. Num Estado justo, num sentimento de honestidade, coisas óbvias que todo mundo deve ter e que ultimamente têm sido esquecidas.

[Roberto, 60 anos, pastor em exercício da Assembleia de Deus e servidor público aposentado, grifo nosso]

Roberto, como outros entrevistados, nasceu e foi socializado em uma família evangélica integrante da Assembleia de Deus. Miriam, ao contrário, nasceu e foi socializada em uma família católica, se tornando evangélica pouco antes de ingressar na universidade. Importante destacar que, como visto na experiência de outros interlocutores, Roberto também foi estudante da Universidade pública e chegou a cursar Letras e Ciências Sociais, que não foram concluídos. Sua formação posterior foi em Direito.

Eu fiz o curso de Letras lá em Fortaleza, mas não concluí. Eu cursei Letras na UECE e aqui eu cursei Ciências Sociais, fiz metade de Ciências Sociais e de lá do curso de Ciências Sociais eu migrei para Direito, e aí finalmente

concluí. Eu sou graduado em Direito e sou advogado, assim, não milito, mas sou.

O curso de Ciências Sociais, assim... O curso de Letras eu fiz por gostar muito, eu ainda gosto muito de literatura, essa coisa da língua ainda me atrai um pouco ainda apesar de eu não ter concluído, né. **Ciências Sociais eu sempre, por questão... Era o curso que aqui na época tinha mais a ver com questões filosóficas, com questão de História, com questão de Estado, e eu sempre me preocupei com questão de Estado, sempre me preocupei com o ser social e com o papel que o Estado pode exercer na vida do cidadão, de que maneira o Estado tanto pode ajudar como pode não ajudar, né. O Estado tanto pode agregar valor e somar ao cidadão como também pode não, né, depende da linha ideológica para onde esse Estado caminha. Como a nossa História é cíclica, a cada momento nós vamos ter essas rupturas de... A gente vive hoje um Estado meio que dissociado do cidadão, defende bandeiras que não têm muito a ver com as questões mais próximas do cidadão. Sempre me interessou essa questão de Estado e cidadania, e a História como um todo, é um assunto que sempre vai me interessar.**

[Roberto, 60 anos, pastor em exercício da Assembleia de Deus e servidor público aposentado, grifo nosso]

A minha mãe e meu pai sempre foram católicos, nós somos uma família... Éramos dez irmãos, três já partiram e aí hoje nós somos sete irmãos. Minha mãe sempre foi católica, mas a primeira que se converteu foi a minha irmã, a Cláudia, que inclusive mora aqui vizinho no mesmo condomínio. Ela se converteu primeiro, ainda muito adolescente, muito jovem, acho que ela tinha uns 17 anos, e ela passou seis meses sozinha nessa situação de a única crente da família, sofreu muita discriminação porque, para a minha mãe, uma filha ter se convertido ao protestantismo - naquela época se falava assim [Ri] - era semelhante a uma filha que tivesse se perdido, ou seja, se prostituído. E ela ficou ali firme, aquela firmeza da minha irmã tocou muito a mim e a minha irmã mais velha. A Irismar na época estava se formando em Odontologia e até se converteu mesmo antes de mim pelo testemunho da Cláudia, que era a caçula, foi algo que tocou muito, foi muito forte a persistência dela, e ficar tranquila, calada, sem responder, sem brigar, sem chutar o balde, né. Aquilo tocou muito os nossos corações. E aí essa conversão, eu nessa época fazia o primeiro ano do segundo grau, aquela época era segundo grau, na Escola Marvin, aceitei Jesus e aí até hoje, para a glória e honra do Senhor.

A Cláudia aceitou Jesus na Assembleia de Deus, mas a minha irmã mais velha, conversando comigo, "Mulher, vamos aceitar Jesus mas vamos aceitar Jesus numa igreja mais liberal", porque na Assembleia ninguém pode usar calça comprida, era assim uma coisa muito rígida, não era como nos dias de hoje, "E aí a gente usa calça comprida, aquela coisa, e eu não quero ir para a Assembleia, vamos para a Batista". Então nós aceitamos Jesus na Batista, mas um mês depois eu fui para a Assembleia porque o meu coração... Entendeu? [Ri]. Tava lá. E eu fui para a Assembleia, e eu permaneço até hoje.

[Miriam, 58 anos e enfermeira aposentada, grifo meu]

Roberto e Miriam se identificam como pessoas de esquerda. Esse reconhecimento e o compartilhamento de valores desse espectro político foi, por vezes, motivo de conflito com seus irmãos de fé. Miriam chegou a relatar um afastamento da sua congregação por não conseguir conviver com membros apoiadores do presidente da República Jair Bolsonaro.

Interessante notar que apesar de Roberto não ter tido experiências de contato com a pobreza, seja através de trabalho missionário ou em organização de Direitos Humanos, relata que ele próprio e sua família vivenciaram isso, durante sua infância e juventude.

Eu nasci numa família evangélica, né, um lar cristão, e a minha vida, digamos assim, desde a minha mais tenra idade sempre foi ligada à igreja, a trabalhos, a atividades vinculadas à igreja. Mas quando chegou na minha pós-adolescência eu me afastei, me afastei um pouco. **Meus pais já eram evangélicos e nós éramos 9 filhos, tem um que já é falecido,** e minha família é toda espalhada assim [Ri], parece família de cigano porque eu moro em Mossoró, mas eu tenho irmão que mora na Bahia, eu tenho irmão que morou muito tempo no Rio de Janeiro, São Paulo. Então é uma família... **Porque a minha geração e a geração anterior à minha, que é a dos meus irmãos, porque eu sou ali mais ou menos do meio, é uma família que viajou para o Sul não é porque queria, as dificuldades eram muito grandes no Nordeste, ainda continuam, mas naquela época a saída era a rodoviária ou o aeroporto.**

[Roberto, 60 anos, pastor em exercício da Assembleia de Deus e servidor público aposentado, grifo meu]

Gisele também é integrante da Assembleia de Deus e afirmou ter se sentido, como outros interlocutores, desconfortável na convivência da comunidade religiosa em razão da sua opção política de ser contra o presidente Jair Bolsonaro e ter posicionamentos progressistas.

Infelizmente, quando se trata do povo cristão, a gente encontra um rebate muito grande, porém sem fundamento, porque a gente vê que eles só puxam realmente para o lado de que “ah, ele quer combater a corrupção”, “ele quer combater a forma como hoje está distorcida do mundo”, “ele é de direita”, ou então a gente vê realmente essa forma que nada que a gente possa realmente dizer que eles têm certeza naquilo dali e que tem base, né. Porque a gente vê pela estatística, e por tudo que ele fez na gestão dele de que ele não fez nada, ele praticamente, pelo contrário, só está afundando mais. Então assim, eu sempre me coloco contra

Eles só não conseguem entender como a pessoa sendo evangélica vai contra os pensamentos de alguém que é de direita, entendeu? Então fica aquela situação chata, porém segue-se normal, em nenhum momento teve interferência sobre isso.

[Gisele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo meu]

Um fato biográfico importante para ser percebido no relato de Glória é que ela é ser mãe solteira e divorciada em um ambiente religioso que supervaloriza a família nuclear e heteropatriarcal. Ela afirma que é estigmatizada na congregação por ter optado pelo divórcio em detrimento do ensinamento pastoral que a aconselhava a não abandonar o casamento.

Sou mãe também, tenho uma filha de 20 anos, e **sou divorciada, certo, o que já não se torna muito fácil, que eu acredito que você deva já entender um pouco que na religião já se torna algo bem difícil, principalmente dentro da igreja evangélica, uma mulher ser divorciada, principalmente se no caso ela precisar ou tiver necessidade de entrar em um outro relacionamento, se torna ainda mais difícil.** Mas, devido às circunstâncias, eu me separei, me divorciei legalmente, já sou divorciada há mais de quinze anos. É isso. E sou da Assembleia de Deus.

A gente sempre se sente um pouco excluída, querendo ou não tem isso de exclusão porque a igreja prega muito a família, muito mesmo a família, então a gente se sente assim com uns olhares um pouco atravessados, mas o pastor tenta fazer aquela intermediação dentre o casal, só que já chegou num ponto em que não tinha mais jeito, né. Então assim, intervir mesmo não houve interferência, **mas a gente sente, principalmente no dia que é Culto da Família, a gente sente mais aquela situação assim em que você fica um pouco desconfortável.** Entendeu?

[Gisele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo meu]

É notável que o divórcio deu a Gisele uma experiência religiosa diferente no ambiente evangélico, pois esta foi vivenciada a partir do estigma de mulher divorciada que decidiu de forma consciente por encerrar um relacionamento que, segundo os preceitos religiosos, deve ser “até que morte separe”. Cabe lembrar o fim de um casamento também um marcador biográfico para Jamieson Simões, que, junto de outros conflitos internos na denominação, acarretaram a sua saída da IPI.

Roberto, Miriam e Gisele são interlocutores que permanecem como membros da Assembleia de Deus, ao contrário de Otávio, Matias e Giovana, que decidiram romper com a denominação, e de Larissa, que tem pouco contato com a comunidade religiosa e tem as atividades políticas como principal espaço de vivência. É interessante perceber que os interlocutores que permanecem como assembleianos são justamente os que relatam mais ou menos resistência em temas como sexualidade e direitos reprodutivos. Roberto, Miriam e Gisele se colocaram prontamente contra o direito à interrupção da gravidez até a décima segunda semana de gestação. Da mesma forma, os três consideram a homossexualidade um pecado, embora Roberto e Gisele advoguem pelo direito ao casamento civil igualitário. Miriam, no entanto, é contrária, pois entende o casamento como uma instituição sagrada entre homens e mulheres.

Uma união homoafetiva bate de frente [com aquilo] que é, digamos assim, o princípio zero da criação. Isso teve no passado, inclusive no passado bíblico, mas sempre foi combatido com aqueles que pensavam, digamos assim, de acordo com a Torá, que são os cinco primeiros livros da Bíblia. Então a Torá, digamos que seja a Bíblia inicial do povo judeu, tinham coisas, tinham regras de fé e de defesa da fé que não abriam mão, uma delas

é a questão da união não homoafetiva. **Então eu acredito no casal, na questão do homem e mulher, na questão do procriar, na questão de encher a terra, ou seja, eu ainda sou muito família, né. Obviamente que família hoje o termo está bem diversificado, agora isso não quer dizer, repito, que um casal, duas pessoas do mesmo sexo resolvam se unir da forma que hoje a lei permite, ainda que de forma meio capenga mas permite, isso não quer dizer que eu vou apedrejar, entendeu?** Porque eu acreditar, olhe... A minha regra de fé é essa, a sua é outra, e eu respeito a sua regra de fé, entendeu? A minha ausência de aplausos não quer dizer presença de jogar pedra, entendeu? **Então são essas questões, a questão do aborto, a questão da união homoafetiva.**

O aborto, a questão do aborto, ainda sou muito reticente com relação à questão do aborto. A questão do aborto, que eu não vejo como algo assim tão absoluto. Para mim, aborto, obviamente tem as questões que inclusive até a lei permite, o Supremo já se posicionou sobre isso, sobre algumas situações, mas assim...

[Roberto, 60 anos, pastor em exercício da Assembleia de Deus e servidor público aposentado, grifo nosso]

Como cidadã, eu penso que a gente tem que respeitar a opinião das pessoas, a gente tem que entender que cada ser humano é individual, ele tem as suas individualidades, ele tem as suas escolhas e a gente tem que respeitar. Se eu respeito você conforme você é, com as suas escolhas, da sua forma, não tem como não viver em harmonia; **agora se eu quero impor àquelas pessoas o que eu penso, torna-se difícil porque ninguém é igual, certo? Com relação ao cristianismo, a gente sabe realmente, a própria Bíblia realmente trata o homossexualismo como algo sendo um pecado, diante de Deus é algo que ele realmente trata como um pecado,** porém eu acho que no mundo que a gente está vivendo hoje, a gente tem que abrir mais a mente, a gente tem que entender as outras pessoas.

Eu concordo até certo ponto com relação ao estupro. Certo? Com relação a “meu corpo, minhas regras”, eu acho que a partir do momento que você é responsável por uma vida, você é responsável pela sua vida, você também é responsável por aquela vida que você formou, foram suas escolhas. É seu corpo, suas regras, mas também foram suas escolhas. Se a mulher hoje tem n formas de se prevenir, o homem também, e chegam a fazer uma vida, **aquela vida ali também tem que ser amparada pelo Estado, também tem que ter direito inclusive a viver, entendeu?** Então eu penso que em casos de estupro realmente é algo muito desumano, às vezes tem criança de 12 anos que não tem condições psicológicas nem físicas para cuidar de si, e, no entanto, até mesmo a igreja ou alguns da sociedade se impõem dizendo que não, é contra, é contra, é contra. **Mas quando se trata para mim de uma pessoa que tem um poder de decisão, que já é um adulto, já é maior, já é vacinado, já tem toda a forma de se precaver contra aquilo dali e optou, eu acho que o Estado também tem que amparar aquele outro indivíduo que está em formação.**

[Gisele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo nosso]

O que é que para nós na Bíblia, o que é que a Bíblia nos ensina, o que é que ela nos situa, a forma como ela faz. **O que é que Deus fez? Ele criou o homem e a mulher, Ele criou macho e fêmea e Ele mandou povoar a Terra, Ele não criou homossexualismo,** mas essas coisas que sempre existiram tomaram, assim, uma conotação muito grande a ponto de mexer com as leis, né, mexer com a sociedade, mexer com tudo, com tudo. **Eu não consigo dizer, assim, “Isso é coisa da modernidade”, para mim não é, não é. Eu não lido bem com isso.**

Sobre o casamento. Pronto. **Para mim, casamento é algo, assim, mais do que formal, é algo, assim, divino, né, é um momento de união. E a união, para mim, ela tem que ser entre homem e mulher. Para mim. E a lei obrigar um pastor a celebrar um casamento entre pessoas do mesmo sexo, eu acho que está completamente fora do propósito.**

[Miriam, 58 anos e enfermeira aposentada, grifo meu]

Miriam se apresenta como uma pessoa de esquerda. Afirma que é eleitora do Lula e contra Jair Bolsonaro. Todavia, ainda assim, além de considerar a homossexualidade um pecado contrário as leis da “criação”, demonstra uma confusão comum propagada pelos setores políticos conservadores da sociedade brasileira, que é de que o casamento civil igualitário obrigaria líderes religiosos a celebrarem casamentos homossexuais contra a sua vontade. Ao ser interpelada por mim para que desse sua opinião sobre o casamento civil, ela reafirma sua posição contrária. Isso também ocorreu sobre a questão do aborto.

Aí no ambiente civil... Porque o casamento, o civil, é que garantirá a... Como é que a gente fala... Os direitos legais na união estável, a união que é estável, que está ali formalizada civilmente. A gente costuma dizer que o casamento é o civil. Para mim, eu não acho correto, não acho.

Bom, sobre o aborto, né... Como eu te disse no começo, eu tenho a minha convicção de ligação com Deus que eu não quero e nem deixo abalar por nada, **que a vida não pode ser tirada, para mim a gente não pode interromper uma vida. Então existem, eu inclusive trabalhei com isso muito tempo, planejamento familiar, existem N formas de evitar uma gravidez que estão aí para todo mundo utilizar. Eu não acho certo a pessoa engravidar e simplesmente quer tirar.** Eu não vejo muito sentido nisso.

[Miriam, 58 anos e enfermeira aposentada, grifo meu]

É digno de nota que estes mesmos fiéis que apresentam resistência às pautas dos direitos reprodutivos e ao casamento civil igualitário, uma demanda do movimento LGBTQIA+, apresentam simpatia pelo movimento negro, pela luta contra o racismo e por políticas afirmativas para pessoas pretas e pardas. Quando perguntados sobre cotas raciais e outras políticas de reparação à desigualdade racial no Brasil, os interlocutores afirmaram:

Acho necessário. Porque muita gente diz que é o contrário, né, que quando você faz isso você está é fazendo com que as minorias se sintam mais menores [sic] ainda, mas sempre que se falou disso é um assunto polêmico mas **eu acho que a tentativa de se fazer isso, longe de ser uma tentativa de privilegiar este ou aquele segmento, esta ou aquela categoria, antes disso a tentativa, a meu ver, e o que é sempre defendido, é diminuir o fosso. O país, a nação, o Estado foi tão cruel com algumas minorias, né, a gente vê resquício disso ainda no nosso dia a dia, que tudo que for feito, tudo que for possível fazer de forma espontânea ou de forma legal, seja através de atitudes ou seja através de leis, eu acho válido, desde**

que o objetivo seja sempre diminuir esse abismo entre pessoas que tiveram no passado dificuldades para ascender principalmente ao mercado de trabalho e que ainda hoje respinga na nossa sociedade. Sou a favor sim de cotas.

[Roberto, 60 anos, pastor em exercício da Assembleia de Deus e servidor público aposentado, grifo nosso]

Olhe, **o racismo é um câncer na nossa sociedade.** Sempre foi. O racismo sempre foi algo, assim... **Todo tipo de discriminação que leva ao radicalismo precisa ser combatido, e a gente sabe que quem é que tem grandes oportunidades em todas as áreas nessa vida.** São pessoas que nasceram em berço de ouro, pelo menos em classe média alta, o resto tem que ralar muito, né. **Se tiver uma corzinha mais escura, meu filho, aí é que o negócio pega, e se for mulher, aí é que o negócio pega mesmo. Então eu acho que é justo ter cotas sim, acho que é justo que haja punição para quem pratica o racismo,** porque o negócio era assim, a gente sempre sofreu bullying a vida toda, né, na escola, qualquer lugar, todas as pessoas sofrem bullying, e isso é muito naturalizado, “Ah, isso é normal”, é rotineirizado. Mas não pode ser rotineirizado, tem que haver de fato movimentos, as coisas têm que tomar uma posição, assim, de dizer “Você fez, você paga pelo que você fez”. **Acho que tem que ter cota mesmo, e tem que se definir direitinho, quem é negro, quem é pardo, quem é amarelo [Ri] e quem é branco.**

[Miriam, 58 anos e enfermeira aposentada, grifo meu]

Eu não sou a favor das cotas porque eu acho que o negro, o pobre, o deficiente físico, todos eles têm que ter o direito igual a todos. Então assim, eu acho que é errado, mas infelizmente, se não existir ainda assim essa cota, essa minoria, ainda mais difícil fica do pobre, do negro entrar, né. Eu não sou a favor das cotas, mas infelizmente tem sido um recurso com que eles têm conseguido entrar.

[Gisele, 38 anos, atendente de call-center e estudante de ensino superior, grifo meu]

Dois pontos nesses relatos devem ser observados com atenção. O primeiro é a capacidade de Miriam de analisar a desigualdade sob os prismas de classe, raça e gênero. Uma perspectiva que intersecciona desigualdades, portanto. O segundo é o relato de Gisele, que afirma não concordar com os diferentes tipos de cotas em nome de um princípio igualitarista que despreza o impacto das desigualdades na concorrência. Apesar de negar as cotas, reconhece, no entanto, que esta tem sido a única forma de garantir o acesso de negros e pobres à Universidade pública.

Na análise das entrevistas dos interlocutores de origem ou ainda membros da Assembleia de Deus, a maior denominação evangélica do país, é possível perceber que existem determinantes biográficos que os interpelaram a interpretar o mundo a partir de uma perspectiva progressista ou à esquerda. A vivência ou o contato com uma realidade de vulnerabilidade social (Matias, Giovana e Roberto), o contato com outras perspectivas teológicas que se chocam com perspectivas conservadoras

(Matias e Giovana), o ingresso em no politizado ambiente da Universidade pública (Larissa, Matias e Roberto), a participação do movimento estudantil ou movimentos grevistas (Larissa, Roberto e Miriam), a experiência de estigma dentro da comunidade religiosa (Gisele) e o pertencimento à uma família com participação em ativismos de esquerda (Larissa). Obviamente, nenhuma destas variáveis poderiam, sozinhas, provocarem mudanças no comportamento político dos atores. Trata-se da soma de uma multiplicidade de variáveis que resultaram na formação de evangélicos mais ou menos progressistas.

5.3. TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO DOS VALORES POLÍTICOS DE EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS DE IGREJAS PROTESTANTES HISTÓRICAS:

Os interlocutores protestantes históricos que entrevistei durante a pesquisa eram oriundos de denominações diversas. Marcelo, 55 anos, começou sua trajetória como evangélico há 30 anos na Igreja Batista de Manaus (AM), cidade onde residia e trabalhava como operário industrial. Ao migrar para Fortaleza (CE), em 2001, não manteve vínculos com essa denominação, mas permaneceu frequentando igrejas de tradição protestante-histórica, passando pela Igreja Cristã Internacional, a Igreja de Cristo e, por último, a Igreja A Ponte, de tradição calvinista e onde está integrado como membro hoje.

Manoel relata que a partir de 2001, ao chegar na capital cearense, passou a participar de projetos sociais coordenados pela igreja da qual fazia parte. Afirma que esse foi um marco que dividiu sua vida em duas partes, o antes e o depois. Desde aquele momento, Marcelo continuou a trabalhar em projetos de assistência a populações vulneráveis da cidade e até mesmo auxiliar na fundação de movimentos sociais, como pode ser lido em seu relato.

A minha vida se divide em dois, a primeira e a segunda parte. A primeira parte foi de 1985 até 2001, eu trabalhei na indústria. Era supervisor de produção, enfim, era um negócio meio louco, né. **De 2001, eu saí desse emprego aí vim morar aqui em Fortaleza, e aí eu me descobri nessa questão... A igreja começou “Ah, vamos montar um projeto, dá para você ajudar?”, eu fui fazer umas pesquisas e tal, e aí eu me apaixonei por essa história, né, eu vi coisas que... [Havia] Muita gente [com quem] eu podia contribuir, né.** Uma das coisas que me chamou atenção, quando eu fui fazer essa pesquisa, é que uma menina de 24 anos, na época, já era mãe de seis filhos, e a minha filha de 24 anos não era nem casada ainda, entendeu? E uma menina com 24 anos era mãe de seis filhos. Aí eu digo, “Como é que a gente pode fazer para trabalhar [nisso]?”, porque uma mãe com seis filhos morava num negócio que era menor que isso aqui, né, era

uma vida difícil, aí eu pensei “Eu posso fazer alguma coisa, né. Não posso fazer tudo, mas vou...”. E aí a partir daí eu digo “Não, eu quero trabalhar nesse projeto”, e aí eu realmente trabalhei sete anos. **Não sabia nada, era um cara que vinha da indústria para a questão social, né, mas eu me dispus a aprender, e ser sensível a essas causas. Isso foi em 2005, aí em 2006 eu conheci um movimento e ajudei a formar esse movimento, que era a Reaja**, que era um movimento de igrejas, tanto evangélicas como católicas, projetos sociais, associações que se juntaram, porque naquela época tinham muitos problemas aqui nessa comunidade, no Grande Jangurussu - como têm ainda, mas naquela época tinham algumas coisas que eram bem gritantes.

[Marcelo, 55 anos e educador social, grifo meu]

Nota-se, nesse relato, que o contato com situações de vulnerabilidade social se configura como um evento importante na trajetória de Marcelo, o aproximando de movimentos sociais e organizações comunitárias. Essa variável, como visto nas páginas anteriores, também foi percebida em outros atores, como Zilda, Joel, Matias e Giovana.

A experiência com a vulnerabilidade social também é um marcador importante na biografia de Laura, que tem 61 anos, é trabalhadora doméstica aposentada e membra da Igreja Presbiteriana Independente. No entanto, em sua trajetória, Laura não assistiu a desigualdade como expectadora, mas foi a sua própria vivência. Nascida no interior da Bahia, na cidade de Campo Formoso, ela migrou para a cidade de São Paulo ainda jovem com sua filha ainda com três anos de idade. Mãe solteira, foi lá que conheceu a igreja evangélica e se converteu, como é possível ler no seu relato.

Eu nasci na Bahia, com 23 anos eu vim embora para São Paulo, cheguei aqui e fui trabalhar de doméstica, trabalhei 35 anos, sou aposentada desses anos que eu trabalhei, e é por aí, já estou aqui graças a Deus aposentada, com boa disposição ainda. Mas não foi fácil viu, Matheus, porque agora a doméstica tem muitos direitos, antes não tinha, antes eu era quase escravizada. **Eu entrava na cozinha 7 horas da manhã e ia para a minha casinha meia noite, para 6 horas da manhã estar em pé de novo. Isso foi por muitos anos, muitos anos. De 10 anos para cá as coisas melhoraram porque a doméstica já teve seu direito direitinho. E foi por aí.** Eu trabalhava em dois, três serviços para poder me manter com meus dois filhos, o Mateus e Graciete, que eu acho que você sabe, eu tenho a Graciete de 42 anos e tenho o Mateus de 28. E foi assim, lutando, trabalhando muito, muito, muito, para assumir meus compromissos direitinho. Graças a Deus deu tudo certo

O meu irmão mais velho já morava aqui, e **quando ele chegou lá, eu com a minha filha com três aninhos, trabalhando no Sol, aí ele fez um convite, “você não quer ir para São Paulo? Lá você trabalha na sombra”.** **Eu não pensei duas vezes, eu já arrumei a mochila e já botei nas costas, peguei minha filhinha de três aninhos e vim embora.** Quando cheguei aqui foi

difícil, foi muito difícil, foi tão difícil que eu dava o pão para a minha filha e esperava para comer à noite quando os patrões fossem almoçar.

Olha, foi uma moça que encheu muito o saco, “bora para a igreja”, essa moça é até pernambucana, “bora para a igreja, que Deus é maravilhoso, bora para a igreja, Lu, bora para a igreja”. Aí eu comecei a ir. No começo eu não assistia nem o culto todo, eu já saía para fora [sic], porque eu me achava muito assim apontada, sabe, o pastor falava e eu não entendia, ele lia a Bíblia e eu não entendia, foi muito difícil. **Eu sou quase analfabeta, eu só assino o meu nome, então para eu aprender foi difícil, mas eu sei, olha, Matheus, eu sei a Bíblia todinha de cor, o lugar que você abrir, e eu não sei falar, mas eu sei tudo, Salmo, tudo. É o pastor falando e eu já tenho na mente. E sei o momento da oração e sei tudo.**

[Laura, 61 anos e trabalhadora doméstica aposentada, grifo meu]

Laura ainda mora em São Paulo, mas atribui a melhora nas condições de vida dos seus familiares na sua cidade natal aos governos petistas de Lula da Silva e Dilma Rousseff. A experiência de ter sofrido com a pobreza e, ao mesmo tempo, ter sido beneficiária de políticas públicas de governos de esquerda, a faz afirmar com convicção “sou petista”, ainda que ela mesma não conheça as diferenças entre as classificações convencionais do mundo político, esquerda e direita.

Olha, eu sou petista, né. Os oito anos que o PT ficou no comando administrando foi muito bom, muito bom. Eu fui passear no Nordeste em 1988, eu voltei chorando porque, Matheus, quando eu vi que nós aqui [estávamos] tudo no bem bom, com água, com luz, muita comida, todos bem vestidos, e minha família lá sofrendo, os meus dois irmãos caçulas. Eu voltei chorando. **Aí eu passei 22 anos sem voltar lá, porque eu não podia, né, tinha que dar de comer às crianças, não podia, minha mãe que vinha passear aqui nos ver. Quando eu fui em 2006 eu chorei mas foi de alegria, vi todo mundo bem, água, luz, televisão, geladeira. Eu voltei chorando de alegria.** Então foi bom, muito bom, muito bom, melhorou, agora estamos sofrendo de novo, viu, Matheus, estão sofrendo de novo.

[Laura, 61 anos e trabalhadora doméstica aposentada, grifo nosso]

Outro interlocutor que teve sua experiência de fé marcada por contato com realidades de vulnerabilidade e pobres foi Daniel, que tem 24 anos e é estudante de psicologia e teologia. Há cerca de dois anos, após seu casamento, Daniel tornou-se membro da Igreja Batista para acompanhar esposa. Ele, no entanto, nasceu e cresceu em uma família da Igreja Presbiteriana Independente. Afirma que descobriu o cristianismo, de fato, quando ainda com 20 anos assumiu a liderança do Ministério de Missões da IPI.

Bom, eu **nasci em berço cristão, né, minha mãe se converteu bem novinha, acho que na adolescência, e eu nasci num berço cristão.** Então de lá para cá eu posso dizer para você que eu me converti quando fiquei de maior, 18 anos, é aquela história, filho de crente não significa que é “crentinho”, né. [Ri]. Então a conversão foi com 18 anos

O que é realmente ser cristão, e quando eu descobri o que era ser cristão houve essa transformação que partiu [de] dentro de mim, e foi aí que eu assumi o Ministério de Missões, que particularmente [eu acho que] não é para ser um Ministério, porque Missões é para ser para todos. Acho que eu passei dois anos como líder, foi que eu comecei a ter experiências novas, né, a gente começou a mobilizar ação social, a gente pegou a igreja e incluímos dentro da sociedade com esse intuito mesmo de ajudar, de colocar alimento na mesa de quem precisa, de socorrer de forma psicológica aqueles que precisam também. Então eu confesso para você que não foi algo assim “pá!”, num dia só, foi um processo, a minha conversão literalmente foi um processo, uma caminhada dentro desses dois primeiros anos da minha vida adulta, e eu comecei a entender realmente o que era o Evangelho e foi um processo de transformação.

[Daniel, 24 anos e estudante de psicologia, grifo meu]

Merece destaque que o que Daniel considera como sua conversão ocorreu em contato com realidades de desigualdade social, sendo essa experiência, portanto, um ponto de partida e um marco a partir do qual interpretará a sua fé. Diferente de Marcelo, Daniel não teve experiências em muitas igrejas. Marcelo ao relatar sua passagem por diversas igrejas, justifica que a divergência ideológica com as comunidades o fizeram tomar essas decisões.

Eu já passei por várias, né. Não tem muito essa questão de “paixão”, se eu vejo que as coisas são do jeito que é na Bíblia, desvirtua um pouquinho, eu não tenho problema de ir para outra não, entendeu, ou ficar em casa. O que é importante é aquilo que eu creio, aquilo que eu defendo. Não é verdade?

Então, **eu tenho que estar em uma comunidade que condiz [sic] muito com aquilo que eu defendo e que é [de acordo com a] Bíblia, né, aquilo que Jesus defendeu. Por exemplo, eu estava agora numa igreja que a gente viu que o pastor tinha uma tendência de direita, né, aí a gente capou o gato. Entendeu? Não só por isso, mas isso também pesou muito, entendeu? Então assim, eu não tenho, “Ah, eu sou batista, eu sou...”. Não, eu sou de Jesus. Entende? E onde eu vejo que as coisas não estão muito... Não sei se é uma forma de radicalismo, não sei, mas se você não está bem naquele lugar, você não pode... Né? **Porque igreja é comunhão, se você não tem comunhão com aquilo que acontece ali, você não pode, né, não é verdade?****

[Marcelo, 55 anos e educador social, grifo meu]

Marcada por rupturas também é a trajetória de Gustavo, que 39 anos, é socioeducador, estudante de teologia e, hoje, membro da Igreja de Cristo. Gustavo relata ter se convertido a fé evangélica ainda muito jovem, aos 14 anos, por influência de um colega de classe da escola que estudava que, por sua vez, era filho de pastor da Igreja Batista do bairro. A escola em que estudava era de matriz protestante, apesar de sua família ser católica não-praticante. No ambiente escolar, ele teve

contatos com dezenas de filhos de pastores e teve aulas de religião a partir de uma perspectiva evangélica.

Ao integrar a Igreja Batista, Gustavo se tornou próximo da família do pastor e passou a vivenciar, desde então, experiências que questionavam uma perspectiva conservadora do cristianismo, que, até então, era majoritária na congregação a qual fazia parte. Segundo ele, essas reflexões que o faziam questionar viam, sobretudo, da família pastoral, que liderava a igreja.

Então, por exemplo, **nessa igreja não podia bater palma, a liturgia era aquela coisa, não podia ter instrumentos como bateria e tudo, não podia ter nenhum tipo de instrumento de percussão, era tipo um violino, um piano, sabe, às vezes um instrumento de sopro.** Bonito de ser ver, mas é aquilo. **E quando eu ia para a casa pastoral, os filhos dele... Há, no universo gospel, uma gama de bandas de rock cristãs, música cristã das mais variadas formas e tudo, então quando eu ia para a casa pastoral, o Gabriel, que era filho dele, ouvia muito rock cristão, rock americano de bandas cristãs americanas, e bandas de rock daqui do Brasil, então... Aí eu olhava assim, “Mas a igreja não proíbe?”, aí falou assim “É, a liturgia da igreja fala isso, mas não é bem isso, é assado”, aí que eu comecei a perceber que nem tudo aquilo que a igreja fala é necessariamente aquilo cristalizado. Então, desde a minha conversão, sempre foi assim: “Gustavo, a igreja diz isso assim, mas não é bem assim, é assado, entendeu?”. Então, por exemplo, quando tinha shows aqui dessas bandas, o pastor pegava toda a juventude da igreja e a gente ia escondido assistir essa banda sem falar para a congregação, que era mais conservadora, entende? **Então já começou essas rupturas aí, e desde esse tempo eu já fui meio que percebendo que às vezes a gente pode discordar da igreja, que a igreja pode falar uma coisa...****

E quem me discipulou foi a esposa do pastor, que é uma intelectual, assim, ela era muito adepta da leitura, o pastor ficou com toda a galera lá, só que ela pegou e falou assim “Esse aí pode deixar que eu cuido dele”, porque eu era mais questionador e tal. E basicamente foi ela que me ensinou a ler, a ter o hábito de leitura, porque como eu era menino de bairro eu nem ligava para esse negócio de livro, de literatura, e **todo questionamento que eu tinha, ela pegava e me dava um livro, entendeu? Então, eu lembro que quando eu estava questionando esse negócio, “Por que a gente não pode bater palmas na igreja?”, “Por que a gente não pode tocar rock na igreja?”, “Por que a gente não pode fazer isso?”, ela me deu um livro chamado “É proibido: O que a Bíblia permite e a Igreja proíbe”. Aí foi tipo pá, “Caraca, quer dizer que existem ideias que a igreja fala que não necessariamente a gente é obrigado a aceitar!”.**

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

Importante perceber que, desde o início da sua trajetória como evangélico, marcam a sua experiência o contato com pessoas que o ensinaram questionar os dogmas da igreja. Além disso, Gustavo também teve acesso, através da esposa do pastor, à bens culturais que criticavam doutrinas conservadoras do meio evangélico e o apresentavam outras perspectivas de cristianismo. Portanto, embora em uma

congregação conservadora, o questionamento e a quebra de regras, como relatado nos episódios em que o pastor levava jovens para shows, fizeram parte da sua constituição como evangélico e provocaram a sua primeira ruptura com alguma denominação.

Até que, depois de um ano e meio, a cúpula da igreja descobriu... **A igreja descobriu isso aí, que o pastor tinha os pensamentos mais abertos em relação a isso, aí o líder da convenção Batista foi lá na igreja promover uma assembleia, e nessa assembleia foi colocado isso do pastor e o pastor falou “Eu penso assim”, e foi colocado “E aí, a congregação ainda quer ele como pastor?”, e a maioria da igreja, como era da velha guarda - porque muita gente jovem foi entrando, porque quando eu entrei na igreja, quase toda a minha sala de aula foi para lá, mas não tinha quórum, ainda não era a maioria da igreja -, então a maioria da igreja optou por expulsar o pastor. Aí tipo assim, com um ano e meio de convertido, eu já passei pela minha primeira ruptura, por assim dizer, de romper com a igreja.** Então quando o pastor pegou e levantou, uma galera que apoiava ele pegou e levantou junto com ele, ele fez meio que uma congregação, assim, por conta própria. **Então assim, isso foi importante para mim, porque eu não tenho a experiência religiosa de ser uma tábula rasa e ter uma ideia absoluta.**

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

Como Gustavo, a trajetória evangélica de Natanael, que tem 55 anos e está desempregado, também foi marcada pela presença do questionamento aos dogmas. Neivaldo nasceu e foi socializado em uma família evangélica da igreja Batista. Apesar de evangélicos, a família o proporcionou amplo acesso à bens culturais do mundo secular. Fato que, segundo ele, o conferiu outra perspectiva sobre o Evangelho.

Eu me sinto assim uma pessoa superprivilegiado, porque **eu nasci numa família de muita cultura, sabe, muita cultura, eu desde pequeno eu tive Chico Buarque na minha casa, a princípio foi uma coisa que me influenciou bastante, né, muito mesmo.** E eu também tenho um lado muito sensível, **eu gosto muito de escrever poesias, gosto de escrever crônicas,** né, algumas pessoas até dizem que... Porque eu nasci no dia 22 de setembro, que é quando começa a primavera, né [Ri], então as pessoas às vezes associam esse meu lado, né, muito sensível. **Então eu tive um lar assim... Foi muito bom eu ser dessa família porque realmente eu tive uma bagagem cultural que eu trago até hoje, sabe, o meu gosto musical, com Clube da Esquina, pessoal do Ceará, foi formado nessa época, né.**

[Natanael, 55 anos e desempregado, grifo meu]

É importante para a nossa análise a constatação de Natanael de que foi a partir do seu acesso à cultura que passou a conciliar sua profissão de fé às ideias de esquerda.

Como eu era evangélico, eu tinha esse receio, “Ah, será que eu posso ser de esquerda mesmo sendo evangélico? Vai ter algum conflito? Vai ter alguma questão?”. Eu já conhecia, né, mas eu passei a conhecer

muito, procurei a ler, a ouvir, um compositor cubano chamado Pablo Milanés, então a partir do Pablo Milanés que eu tive essa certeza, né, que é a esquerda mesmo, sabe. Então quando eu comecei a ouvir as opiniões dele, hoje talvez nem tanto, mas na época ele defendia muito o governo cubano e tudo. Então é essa leitura. Pablo Milanés. É um compositor cubano. **Então a obra dele, sabe, me fez assim me ver uma esquerda de luta, sabe.** Eu acho muito bonita a história da América Latina, a esquerda na Argentina, a esquerda no Chile, em Cuba. Então essa luta aí...

[Natanael, 55 anos e desempregado, grifo meu]

Assim como outros interlocutores de matriz pentecostal, Natanael mostra resistência a pauta do direito ao aborto. Segundo ele, o aborto é uma forma que pessoas irresponsáveis buscam para encobrir seus erros. Ao mesmo tempo, Neivaldo diz que não teria nenhum problema com a orientação sexual de um filho, caso este fosse homossexual.

Olha, o pensar... Essa questão do aborto, eu assim, eu fui de uma geração onde o sexo se abriu muito, né, então assim... Assim, eu acho que o problema da minha geração é que 90% das pessoas que queriam fazer o aborto, sabe como é que eles faziam? Eles conheciam o cara numa festa, né, as mulheres conheciam o cara numa festa, iam transar e aí engravidavam, tá certo. Então assim, houve uma responsabilidade ali, a pessoa deveria ter se cuidado e tal, então assim, as pessoas... **Eu vejo assim, que a maioria das pessoas usam o aborto para encobrir o seu erro,** entendeu?

Então eu acho que há uma preocupação muito grande, "Ah, eu estou preocupado porque eu estou achando que o meu filho é gay." Poxa. [Ri]. Se o seu filho é gay... Não tem uma coisa que... Eu acho que esse tipo de conduta nas igrejas, sabe, está mascarando as igrejas, sabe. **Tenho minhas posições políticas, sabe, gosto de falar sobre política, mas eu acho que tem de haver o respeito. Por exemplo, se o meu filho fosse homossexual, ele continuaria [sendo] meu filho, continuaria [sendo] meu filho.** Lógico, mas eu penso assim... Eu sou louco por criança, né, penso numa casa cheia de netos, tenho esses pensamentos mesmo, "Ah, mas são pensamentos ultrapassados", poxa, não sei, são os meus pensamentos, são coisas que eu fui criado assim. Então do jeito que eu respeito as pessoas, eu quero que as pessoas me respeitem também as minhas ideias.

[Natanael, 55 anos e desempregado, grifo meu]

Outros interlocutores, como Daniel e Marcelo, acreditam que a homossexualidade é um pecado. Porém, acreditam na afirmação de direitos civis para a população LGBTQIA+, como pode ser lido nos relatos a seguir.

Quanto o direito ao aborto, Marcelo se posiciona de forma contrária e Daniel, apesar de afirmar que, como homem, não se sente no direito de opinar sobre essa pauta, diz, em seguida, ser favorável ao tratamento do aborto como uma questão de saúde pública. Daniel relata que esse posicionamento se formou após complicações no parto da sua esposa, que a colocou em risco de vida. Esse evento o fez refletir

sobre as dificuldades vividas pela mulher e sobre os privilégios que os homens usufruíam.

Assim, eu **acredito que isso não é uma questão da igreja. A igreja não tem que se posicionar numa questão civil, agora eu acho que a igreja não deve também fazer o casamento. Porque você tem que separar, né, o que é civil e o que é espiritual, religioso, né.** Para mim, **a questão da igreja fazer, ser obrigada a fazer o casamento, eu não concordo,** entende? Mas acho que eles precisam... Até eu estava conversando com a Sâmia, como é que a pessoa passa a vida toda com a pessoa e aí, no final, não ter direito, né? Então eu acho que deve ter essa segurança, entendeu? Agora assim, eu acho que a igreja precisa respeitar os homossexuais, precisa receber... Agora, por exemplo, se eu quero fazer parte daquela comunidade e a comunidade tem uma doutrina, umas regras, eu preciso talvez me adequar àquilo, né, não é verdade? **Mas quanto a essa questão do casamento civil, eu não tenho nada contra, acho que precisa ser respeitado isso aí, precisa ser feito.**

MATHEUS: Entendo. É que alguns evangélicos hoje em dia não entendem mais a homossexualidade como pecado. Como é que você entende isso ainda hoje?

É uma questão meio polêmica, né? [Ri] Porque a Bíblia fala como pecado, né.

[Marcelo, 55 anos e educador social, grifo meu]

Aí é uma coisa que eu não... **Eu sou contra o aborto.** A não ser na forma que é previsto na Justiça, né, na lei, de quando a criança tem uma má formação, que a gente sabe que é comprovadamente... Aí tudo bem. **Mas acho que não deveria se interromper, né, a gravidez. Eu sou contra.**

[Marcelo, 55 anos e educador social, grifo meu]

A minha posição como cristão diz que nós somos livres para escolher o que a gente quiser, certo, a minha posição como cristão. A questão civil é que são direitos, e direitos precisam ser exercidos, Jesus defendeu isso, né, como eu disse, Jesus era político, então questões como imposto, que por mais exorbitantes que fossem na época, Jesus disse “dai a César o que é de César, dá a Deus o que é de Deus. Eu não vim para abolir nada, eu vim só para cumprir tudo que está aqui”. A lei era uma forma política também da época, então querendo ou não Jesus seguia isso. E da mesma forma precisa também ser sincero com isso, se é um direito que é deles, para quê que eu vou intervir? Não existe. Então como um cristão também eu preciso dizer “cara, como cristão a gente precisa ser justo, a gente é contra a iniquidade, a iniquidade é injustiça, então se a gente precisa ser justo, a gente precisa apoiar também essas pautas e dizer ‘poxa, o cara está casando com quem ele gosta de acordo com a orientação dele, então que ele case, entendeu’.”

MATHEUS: Como cristão, você crê que a homossexualidade seria um pecado?

Como cristão, dentro da palavra de Deus, a homossexualidade sim.

[Daniel, 24 anos e estudante de psicologia, grifo meu]

Porque é o seguinte, eu não sei se você sabe, não, não sabe, mas **a minha esposa quase faleceu no parto, né,** e quando eu vi todo o sofrimento dela acerca do que ela passou, ela teve quase 48 horas de trabalho de parto, dentro das 48 horas de trabalho de parto ela teve uma violência obstétrica,

dentro dessa violência obstétrica ela foi parar no centro cirúrgico para fazer a reconstrução do canal de parto porque ela teve uma hemorragia grave, teve uma laceração de 3º grau, o rompimento do períneo até o ânus. **Então foi algo assim absurdo para uma gravidez natural, aliás, para um parto natural, teve que tomar uma “raqui”, uma raqui você toma quando faz uma cesária, mais invasivo ainda. Então quando eu vi tudo isso, eu fiquei pensando “meu Deus, por que a gente se dá ao trabalho - a gente homem, né - se dá ao trabalho de colocar o pecado sempre naquilo que não nos convém?”**. Porque quem sofre não sou eu, não é você, né. Quem sofre não somos nós, quem sofre são elas. A gente sabe que não existe método contraceptivo 100% garantido que você não vai engravidar, a camisinha não significa que você não vai engravidar, o anticoncepcional da mesma forma, nem o DIU, e o DIU ainda pode causar mais problemas junto com o anticoncepcional também. E o homem... Aí eu digo que eu não tenho local de fala, porque eu não uso método contraceptivo a não ser a camisinha, eu não sofro dores de parto e eu não penso em nenhum puerpério, que é um período também complicadíssimo da mulher. **Então quando eu penso em aborto, eu não consigo colocar ainda uma coisa religiosa no meio, espiritual, nesse sentido, eu não consigo ter base para isso, porque é uma coisa que ainda está em mim e que eu preciso desenvolver em mim. Mas quando eu penso numa questão de saúde pública isso parece ser muito válido, porque a gente sabe o número de mulheres que têm morrido. E ninguém é um eremita no Brasil para dizer que não quer fazer sexo, não quer ter relação com ninguém.**

[Daniel, 24 anos e estudante de psicologia, grifo meu]

Já Laura, diferente de Marcelo e Daniel, quanto às sexualidades, crê que a pessoa homossexual foi feita como tal pelo próprio Deus. Portanto, esta não seria uma escolha. Partindo dessa lógica, Laura afirma que o casamento civil igualitário deve ser garantido e para justificar esse posicionamento, utiliza histórias de pessoas que conheceu e do seu próprio filho, que é homossexual. Na pauta do aborto, no entanto, Laura mantém uma posição contrária, quando interrogada se é favorável ou não favorável a legalização do procedimento de interrupção da gravidez até a décima segunda semana de gestação.

Olha, eu acho que devia já ter liberado, porque eles querem mandar na mente das pessoas. Por que não já libera? Porque há muito tempo, eu já tive patrão gay que era casado... Com mulher, né. E ele não era feliz, mas por causa da família obrigavam ele ter uma mulher. Foi meu patrão muitos anos, e ele delegado, mas a família forçou ele a casar para não discriminar a família. Não era pior, porque a mulher adotou filho. Foi uma palhaçada. **Eu acho que eles já deviam liberar. Eu acho que já devia liberar, porque, Matheus, quando tem a Parada Gay aqui em São Paulo não é um ou dois, é a metade de São Paulo que entra ali naquela Parada Gay. Eles sabem a verdade e ficam negando.**

É tudo de Deus. Se Deus permanecer você ser um homem gay, por que ele não fez o contrário? Não é nem uma escolha, eu acho assim, não é nem uma escolha... Nasceu, não tem nem como você escolher a sua mente. Já nasce gayzinho, não é porque ficou rapaz e pensou “ah, vou ser gay porque é mais bonito”, não, gente! Já nasceu com aquilo, como é que eu quero te dizer... Lá no Norte quando as mulheres não tinham filho, falavam assim “ah, ela é maninha, não pode ter filho”, pois então o homem filho

também nasceu gay, ele não virou depois, ele já nasceu. **Eu tenho o meu filho, ele era pequenininho e eu sentia, mas só que eu não queria aceitar, mas eu sabia, porque quando eu pegava na mãozinha dele para nós andarmos juntos, eu sentia, a mãozinha dele era mole, não era que nem a da minha filha.**

[Laura, 61 anos e trabalhadora doméstica aposentada, grifo nosso]

Aí não, não, **eu acho que é muito errado. Deixa nascer, deixa viver.** É muito fácil eu pegar minha vaca, porque tem uma cabra lá, fazer o parto antes dos meus cabritinhos nascerem? É igual eles fazem, isso aí eu acho muito errado, viu, Matheus, eu não concordo não, não, não, não. **Quando precisa, que o menino vem doente ou não tem cérebro ou não tem cabeça, aí sim, aí sim porque é o jeito, porque vai sofrer mãe e filho. Mas sem saber e pegar e fazer o aborto eu acho um... Eu discordo.**

[Laura, 61 anos e trabalhadora doméstica aposentada, grifo nosso]

Interessante perceber que a contrariedade ao aborto não é absoluta para Laura, assim como não é para Marcelo e os assembleianos Gisele e Roberto. Concordam que o aborto deve ser legal para casos previstos em lei, como em caso de estupro, quando põe em risco a vida da mulher ou anencefalia.

Gustavo, um dos interlocutores oriundos do protestantismo histórico, também se posicionou a favor dos direitos das pessoas LGBTQIA+. Relata uma experiência biográfica que marcou o sua trajetória como evangélico foi o tratamento discriminatório dado por uma igreja da qual fez parte a um amigo que era homossexual, mas que ainda não tinha tornado a sua sexualidade pública, e fazia parte dessa mesma igreja, ocupando importantes espaços de liderança. Gustavo afirma que esse evento o fez refletir sobre os valores pregados pelas igrejas evangélicas e, em razão desse acontecimento, rompeu com a denominação que fazia parte.

[...] a partir disso se espalhou, e quando se espalhou e se tornou público, e pelo fato de esse meu amigo ser um líder na igreja, e ter se tornado público, o pastor-titular não teve tato nenhum para lidar com isso e resolveu tratar isso publicamente na igreja desligando ele no culto de domingo, desligando ele de todas as suas funções e falando que ele estava em estágio de disciplina. Esse estado de disciplina nas igrejas basicamente é o quê: se ele for líder, ele passa um tempo sem participar de nenhuma atividade, aí ele passa um período no gabinete pastoral uma vez por semana para ser “tratado” nesses termos, e quando o pastor perceber que ele está ok e tudo, reinsere ele de volta, né. **Só que meu amigo foi pego de surpresa, e quando o pastor expôs o meu amigo, ele pegou e levantou na igreja no culto de domingo, aos prantos, transtornado, totalmente arrasado por ter sido exposto, por ter sido uma coisa que ele guardava a sete chaves e tal, e ele saiu da igreja. Sem pensar, eu levantei e saí junto com ele. Todo mundo viu. Então, a partir desse momento, foi a minha segunda ruptura.** Nesse tempo, cara, eu não tinha ideia, não tinha nem literatura em português ainda da questão da igreja inclusiva, da questão da literatura trazendo um olhar mais ameno para a questão da homossexualidade, não existia isso na época, né. Então eu fui no instinto. **Qual foi o meu instinto? “Doutrinariamente a**

igreja pode até estar certa, mas a atitude dela está bizarramente errada, não é assim que se trata alguém, não é assim que se liga com alguém nesse sentido.”

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

A partir desse relato, faz sentido afirmar, portanto, que mesmo antes de Gustavo se afirmar como progressista ou ser defensor dos direitos LGBTQIA+, ele presenciou uma situação de homofobia que o decepcionou e traumatizou, alterando, dessa forma, o curso da sua trajetória como evangélico. Hoje, no entanto, Gustavo é profissional do sistema socioeducativo voltado para crianças e adolescentes em conflito com a lei. Segundo ele, esse trabalho o fez enxergar algumas questões sociais de modo diferente.

Mais uma vez sou eu lidando com outra minoria, né. Enquanto a sociedade evangélica conservadora apoia a redução da maioria, a criminalização, tipo assim, o desprezo com a massa carcerária, a ideia de “bandido bom é bandido morto” - acredite que é um lema que muito evangélico, de alguma forma, acredita, e de uma forma totalmente descontextualizada até pauta isso em uma passagem ou outra do Antigo Testamento, como tem que ser. **Então o meu olhar sobre isso é o que abre uma lente para mim para olhar todas as áreas. Enxergar a violência de uma outra forma, enxergar a questão da desigualdade de outra forma. Eu chamo isso de ser discípulo de Jesus, há quem chame isso de comunista ou socialista, entende?** Eu mesmo nunca li nada, assim, nunca li Marx.

[Gustavo, 39 anos e socioeducador, grifo meu]

Na análise das entrevistas destes interlocutores que são membros de igrejas protestantes históricas, foi possível perceber uma diversidade de determinantes biográficos que os inclinaram para perspectivas políticas progressistas ou de esquerda. A vivência ou o contato com uma realidade de vulnerabilidade social (Marcelo, Daniel, Laura e Gustavo), o acesso à bens culturais e à outras perspectivas teológicas (Daniel, Natanael e Gustavo), a experiência pessoal de um trauma relacionado a questões de gênero ou sexualidade (Gustavo e Daniel).

5.4. TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO DOS VALORES POLÍTICOS DE EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS DE IGREJAS INCLUSIVAS:

Durante a pesquisa, entrevistei três interlocutores membros de igrejas inclusivas. Lia, 50 anos, da Igreja Anglicana Episcopal do Brasil, em Araranguá (SC). Sophia, 35 anos, da Comunidade Cristã Missão Para Todos, em Ipatinga (MG) e Bárbara, 36 anos, da Comunidade Cidade de Refúgio.

Essas denominações são conhecidas como “inclusivas” por aderirem a uma perspectiva teológica baseada em uma passagem bíblica de Atos dos Apóstolos segundo a qual Deus não faz acepção de pessoas. Dessa forma, as igrejas que portam essa perspectiva teológica buscam a propagar uma perspectiva do Evangelho que tenha como central a inclusão de pessoas LGBTQIA+, negras e negros, mulheres e pessoas com deficiência. No Brasil, onde a maioria das igrejas evangélicas ainda carregam um discurso que classifica a homossexualidade, a bissexualidade e transexualidade como pecados, as igrejas inclusivas tornaram-se conhecidas por sua aceitação e acolhimento do público LGBTQIA+.

Lia, que se identifica como uma mulher negra e indígena da tribo Fulni-Ô, é reverenda de uma dessas igrejas, a Igreja Anglicana Episcopal do Brasil. Nascida em Recife (PE), ela vive hoje em Santa Catarina, na cidade Araranguá, para onde se mudou há pouco mais de um ano a fim de ocupar o cargo de reverenda na Igreja Anglicana da cidade. Ela relata que cresceu em uma família de origem católica e relata que, desde a sua adolescência, teve experiências com formas múltiplas de espiritualidade. Em razão do alcoolismo sofrido por seu pai, sua mãe buscava diferentes religiões para auxiliá-la na cura do marido, como a umbanda e o espiritismo.

E, por conta da bebida do meu pai, a minha mãe buscava, mesmo sendo católica romana, respostas em outras tradições, como a umbanda, por exemplo, centro espírita, e, como eu sou a única filha entre irmãos, onde ela ia eu ia junto, eu a acompanhava. Nas idas, não compreendi à época isso também, sem dúvida, **eu sempre ficava impactada com as diferenças** e, também, com todos os aprendizados que também a fé cristã me deixou infelizmente, né, inclusive de preconceito e discriminação em relação a essas tradições.

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Anos mais tarde, aos 18 anos, Lia se torna evangélica através da igreja Assembleia de Deus, da qual seu irmão já fazia parte. Ela relata que sua curiosidade para conhecer esta igreja se deu em razão da mudança de comportamento do seu irmão, anteriormente violento. Poucos meses após a sua conversão, Lia relata seu desejo de estudar teologia para se tornar missionária. Afirma que esse desejo se deu por um incômodo com a leitura usual da bíblia na congregação que justificavam “usos e costumes” que, em sua perspectiva, eram censuras misóginas direcionadas às mulheres e por acreditar que, sendo uma missionária, poderia ajudar seu pai com o problema do alcoolismo, bem como outras famílias que viviam com esse mesmo problema.

Então, dito isto, **na adolescência ainda, finalzinho dela, aos 18, meu irmão que já estava participando de uma denominação evangélica pentecostal, que era a Assembleia de Deus, me convidou para conhecer a Assembleia de Deus.** E eu fui, porque como nós brigávamos muito entre nós, e isso era reflexo da ambiência de violência doméstica, inclusive, meu pai com a minha mãe, violência gera violência, né, quem vive num lar de violência acaba replicando a violência... Porque eu fiquei intrigada como é que ele tinha mudado tanto de comportamento, estava convertido, né. E eu fui com ele ao culto sem qualquer compromisso para saber se tinham feito uma lavagem cerebral, e **desde então fiquei, fiquei quatro anos na Assembleia de Deus, tempo suficiente para me apaixonar pela prática de leitura bíblica, de interpretação de textos, porque me incomodava que as narrativas dos diáconos da igreja, que não haviam estudado Teologia, eram extremamente misóginas, sabe? Do “não pode”, “o que as mulheres não podem fazer”, quase sempre vinculadas aos usos e costumes, “como se comportar”, “o que vestir”, “o que fazer”.** Bom, eu já tinha sido cerceada a infância inteira, né, minha adolescência também, aí eu vou para uma religião que também quer me cercear. **Eu entrei aos 18, fiquei lá por quatro anos, participava de todas as atividades sobretudo as referentes a estudo,** lá conheci um irmão mais velho com quem eu conversava bastante porque ele era bastante estudioso, e alguém que tinha mente mais aberta, e eu perguntei a ele... Não, ele disse para mim, **reconheceu o meu potencial, se eu não gostaria de estudar Teologia, porque eu perguntei a ele se havia a possibilidade de se fazer um curso para melhor compreender a Bíblia, para que eu pudesse, inclusive, interpretar de outros jeitos os textos que algumas lideranças locais interpretavam, né.** E algumas situações eram muito gritantes, sabe, no cotidiano das relações lá, e aí eu não tinha argumento muito plausível, eu tinha a interpretação de texto do Ensino Médio, né. Eu sempre gostei de estudar, estudei em boas escolas públicas, todas públicas, e, portanto, aprendi a fazer interpretação de texto, e **me incomodava que essa interpretação de texto no texto da Carta do autointitulado Apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 13, curiosamente as pessoas evidenciavam o dom de línguas como se fosse o suprassumo dos dons, e me incomodava porque quando você lê o texto está evidente que o dom primeiro é o do Amor, qualquer coisa que seja feita, se não passar pelo crivo do Amor, não vai ter relevância.** E aí eu lembro que eu fazia na contramão, enquanto no culto e nas atividades outras que aconteciam, todo mundo pedia o batismo no Espírito Santo, eu fazia a minha oração pedindo para não falar em línguas, e se falasse, que houvesse interpretação, porque me irritava muito o que para mim parecia bagunça, quando muitas pessoas falam e não tem quem interprete. Porque também o mesmo texto dizia que “os dons são dados para a edificação da Igreja”. Como pode haver edificação quando há muita gente falando ao mesmo tempo, [e] ninguém interpreta o texto? E se cria um elitismo no meio, que as pessoas que são batizadas no Espírito Santo parecem ser mais santas que outras, né. **Então isso me incomodava de sobremaneira.**

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Além do incômodo do com a interpretação bíblica sob prismas machistas, Lia demonstra, ainda, desconforto com a compreensão pentecostal de supervalorização da *glossolalia*. Estes fatos, somados aos problemas vivenciados por sua família a motivaram a estudar teologia.

Então eu fiquei quatro anos na Assembleia de Deus apenas, e foi uma experiência muito positiva porque lá **eu despertei o interesse para estudar**

Teologia, e fui fazer Teologia inicialmente com o interesse de fazer Missiologia, porque eu queria ser missionária local, inclusive, não era transcultural, era local. Eu tinha pretensão de que, como missionário, podia ser que eu pudesse ajudar o meu pai a se recuperar e todos os alcólatras que tinham no bairro, porque em bairro de periferia, assim, há quase que um bar por morador, né, de tantos bares que há.

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Em razão do seu conhecimento acerca de outras tradições religiosas, a sua vivência em outras religiões e, sobretudo, por sua mãe ainda ser católica, Lia afirma que a descoberta da perspectiva ecumênica a trouxe conforto por, então, compreender que ela não precisaria invalidar a experiência de fé da sua família. Dessa forma, por uma questão familiar, optou por uma perspectiva teológica aberta aos diferentes credos e tradições espirituais, não compreendendo, portanto, o cristianismo como uma verdade absoluta por sobre o mundo.

Me matriculando no Seminário Batista do Nordeste, na ocasião, em Tejió Pernambuco, eu estudando **primeiro me incomodei muito porque a fé que eu herdei era da minha mãe, isso eu não duvidava. Eu não achava que a minha mãe necessariamente tivesse que se converter, porque assim, porque eu estava agora na igreja evangélica eu não achava que ela tivesse que estar também, sobretudo porque ela estava feliz sendo católica, inclusive mesmo sendo da Assembleia de Deus eu ia com ela para a missa.** E passei a ficar observando, com mais reverência ainda, que as pessoas, principalmente as mulheres - porque na maioria das vezes a religião tem mais mulheres, né -, como elas eram devotas, como elas professavam uma fé genuína, e como era responsabilidade grande de quem é liderança cuidar disso de maneira a não manipular essa fé. **E aí no Seminário eu vi uma disciplina que era “Religiões, seitas e heresias”. Tu pode imaginar o objetivo dela, né. O objetivo dessa disciplina era quase assim, explicitamente separar o joio do trigo, o que era verdadeira e o que era falso, as seitas muito ligadas a heresias. Só que no meu caso o tiro saiu pela culatra, porque quando eu comecei a ler sobre tradições antigas, e aí eu olhei para o cristianismo, eu disse assim “nossa, chegamos ontem e nos sentimos os donos da verdade absoluta, né”. Então eu fiquei muito impactada de conhecer outras tradições mesmo que fosse uma coisa, digamos assim, *en passant*, sem profundidade, mas isso me levou a buscar ler mais sobre outras tradições para respeitá-las, porque eu não as conhecia. Então foi o efeito inverso. E aí também uma outra perspectiva, quando eu descobri o conceito de Ecumenismo, em relação ao qual o Seminário Batista era extremamente negativo, para mim ele se tornou hiper positivo [Ri], porque eu disse “olha, tem aí o viés para que respeitemos a diferença de eu estar na Assembleia de Deus e a minha mãe estar na Católica”. Só que depois eu fui percebendo que o conceito de Ecumenismo não precisa ficar limitado às tradições cristãs, que aliás é o que eu professo. Por exemplo, o Ecumenismo Secular amplia o espectro, né, é na perspectiva expansiva de reconhecimento que vivemos numa casa comum e temos a responsabilidade porque há uma interação, uma integração, tudo está interligado, precisamos nos cuidar mutuamente, então pouco importam as diferenças. Isso foi, sinceramente, uma descoberta singular para a minha caminhada, porque isso me tirou um peso enorme, era terrível quando eu achava que eu tinha o direito de dizer ao outro que ele estava errado e que eu é que tinha a verdade absoluta porque eu é que estava na igreja correta, e por aí vai.**

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Outro importante momento para a trajetória de Lilian foi o contato com as tradições do catolicismo que faziam uma “leitura popular da bíblia” e, através delas, a vivência com movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo ela, como pode ser lido abaixo, estas experiências a conferiram outra perspectiva do Evangelho.

O Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, o CEBI, também foi um marco muito importante na minha caminhada. No CEBI, na juventude, eu participei com o Padre José Raimundo Oliva do que então se convencionava a chamar Escola Bíblica Jovem do CEBI, e **foi lá onde eu conheci o meu grande amor, meu amado, inclusive, o Antônio. E o que me encantava é que a leitura popular da Bíblia me instrumentalizava com condições para enxergar a sabedoria popular, perceber que as pessoas, que às vezes nem sabiam ler, agricultoras, mas tinham uma formação na vida que assegurava a elas condições de ler a vida e a Bíblia desde outra perspectiva.**

No CEBI, uma das vezes eu conheci, porque nós assessoramos um grupo do MST, foi a primeira vez que eu conheci o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e eu gosto sempre de contar essa experiência singular, porque era um encontro de pessoas jovens e adultas, e uma das pessoas do MST, uma das mulheres, levou a criança, uma filha pequena - acho que porque não teve com quem deixar -, e uma das nossas pegou um bombom Sonho de Valsa da bolsa, tirou e deu para a menina, e ela ficou muito feliz e saiu correndo, e eu que naquela época era chocólatra pensei “eu acho que ela vai comer escondida na cozinha”, e a guria volta da cozinha com a mãozinha espalmada e o bombom partido em muitos pedacinhos, e ela foi na circularidade ali oferecendo o pedacinho de chocolate para cada pessoa. Primeiro eu fiquei envergonhada, porque eu jamais faria aquilo, né, porque chocolate não é uma coisa que se compartilha - pelo menos naquela época, agora eu enjoiei -, **mas o gesto daquela criança me impactou porque no gesto ela disse o que ela tem aprendido a partir da vivência no MST, entende? E aquilo era Evangelho, era a partilha.**

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Lia afirma, ainda, que a sua autocompreensão como mulher, negra e indígena, a instigou na busca por outras perspectivas teológicas que contemplassem essas diferentes realidades de sujeito e pudesse dar ela uma leitura bíblica que capaz de legitimar a luta política feminista, antirracista e indigna. Ela relembra que, através da CEBI, conheceu Santana, reverendo metodista, que a ensinou sobre a possibilidade de uma leitura bíblica desde uma perspectiva afrodiaspórica e antirracista. Afirma, ainda, que foi a partir dessa convivência e dos ensinamentos desta liderança religiosa que teve seu interesse por integrar o movimento negro despertado.

Estou fazendo e estudando Teologia até hoje, né [Ri], porque com a minha vivência, e eu preciso me qualificar e atualizar sempre, despertar, por

exemplo, que **eu não estudei Teologia Negra no Seminário e nem na faculdade, eu busquei aprender sobre Teologia Negra por uma questão identitária. Eu busquei sobre Teologia Feminista Negra por uma questão identitária. Eu descobri a importância de ser ler e aprender e ouvir sobre a espiritualidade indígena. Eu busquei aproximação para aprender com as tradições de matrizes africanas.** E isso tem sido uma pauta fundamental na minha caminhada.

É saber, por exemplo, que **os povos originários, dos quais eu tenho o privilégio de ter a ancestralidade, têm os seus direitos recorrentemente ameaçados,** e agora com a discussão sobre o Marco Temporal essa ameaça é ainda mais gritante, eu não posso me silenciar diante de uma realidade dessa. **Então, ser evangélica é estar incomodada e incomodar.**

Um outro momento no CEBI, eu tive a oportunidade de conhecer o então Pastor Metodista Santana, e o Santana, o Reverendo Santana agora já é ancestral, ele faleceu este ano. [Silêncio]. **Inclusive fico emocionada por isso, porque o Reverendo Santana é um desbravador da luta antirracista dentro das igrejas evangélicas, e ele fundou o CENACORA, o Centro Ecumênico de Combate ao Racismo, e com ele ficou a semente de que eu deveria também assumir essa pauta, é por isso que nós temos a Pastoral hoje, inclusive, é por isso que eu faço parte do CECUNE, é por isso que eu sou ativista antirracista, não apenas por ser negra, como se isso já não bastasse, mas porque um dia conheci o Reverendo Santana que nos disse que era possível ler a Bíblia desde essa perspectiva, e dizer desde dentro da igreja que precisamos suspeitar que estamos no país mais negro fora da África e as nossas igrejas são embranquecidas e embranquecedoras, e nos espaços de poder e decisão não estão as pessoas negras.** Eu aprendi isso com ele. E essa lágrima agora é de reverência à memória ancestral dele.

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Além da afirmação das identidades de mulher, negra e indígena, Lia também afirma que ser nordestina também é um dos fatores identitários que colaboram para que ela pense os ensinamentos de Jesus a partir de uma visão de esquerda. Lembra, ainda, que por ser nordestina assistiu políticas de governos de esquerda que afirmaram a cidadania da população nordestina, ainda que possuía críticas a estes mesmos governos.

E como eu mencionei, e nunca vou negar isso, eu sou seguidora de **Jesus Cristo, que explicitamente fez escolha preferencial pelas empobrecidas, pelas excluídas, eu não podia ser de outro lado senão do lado de esquerda,** porque eu entendo que esse posicionamento político assegura, por exemplo, que essas pessoas que estão à margem, inclusive à margem das políticas, que é necessário pensar políticas que afirmem o direito dessas pessoas como cidadãs. **Eu tenho o privilégio da memória de ter experimentado, por mais críticas que eu tenha também pessoalmente e que possa reconhecer de outras, né, em relação aos governos que tivemos de esquerda, mas eu sou nordestina e conheço um pouco da História do Brasil, e sei muito bem que as fatias do bolo foram extremamente desiguais ao longo da História neste país.**

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Assim como Lia e, em páginas anterior, Otávio, outras interlocutoras tiveram o processo de autoconsciência identitária de raça, gênero ou sexualidade, como um marcador biográfico importante, que as conduziram a uma perspectiva evangélica progressista. Bárbara, que tem 36 anos e é pastora na Comunidade Cidade de Refúgio, é uma dessas que teve como marcador biográfico o seu processo de autocompreensão como mulher lésbica.

Bárbara se tornou evangélica aos 11 anos de idade, na Igreja Renascer, em São Paulo, por influência da tia. Assim como Lia, sua aproximação da igreja evangélica se deu em um período de turbulência familiar, quando seus pais estavam em processo de separação. Bárbara lembra que a igreja foi um lugar de acolhimento para que ela pudesse fugir de um ambiente doméstico que a fazia sofrer em razão do alcoolismo do pai e as constantes brigas entre ele e sua mãe. Por vezes, ela relata, era na igreja onde ela tinha a refeição do dia.

E ali foi quando eu comecei a ter relações de amor na igreja, porque meus pais brigavam muito, como meu pai era muito baladeiro, vivia bêbado, trazia uma situação para dentro de casa muito avassaladora de brigas e discussões, e minha mãe tentando lidar com aquilo, eu não via relação de amor dentro de casa. E quando eu cheguei na igreja, por mais que esse montinho fosse uma brincadeira, o montinho depois era um fliperama no final do culto, porque tinha fliperama na igreja, era comer o pão que o líder trazia com mortadela, então às vezes era o meu lanche, minha refeição, era a brincadeira das crianças. **Então isso fez eu descobrir que existia amor, e que esse amor era unido por Deus, e foi aí que eu aceitei Jesus sem saber quem Jesus era, eu aceitei o Amor depois de viver na igreja. Então aquilo que eu não conseguia ter na minha casa eu tinha na igreja,** conseqüentemente, eu ia para a igreja o tempo todo, de segunda a segunda, eu estudava, ia para a igreja, saía de lá quando acabava o culto, ia para casa, dormia, estudava, ia para a igreja, e carregava o meu irmão comigo, quando eu conseguia, né, porque ele era menor e eu tinha que cuidar dele, e **quando eu conseguia ir para a igreja com ele, senão tinha que ficar em casa. Então toda vez que eu conseguia fugir desse ambiente, que para mim era de muita dor, eu ia para a igreja, e na igreja eu encontrei uma família, um acolhimento.**

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

É possível pensar, sob uma perspectiva sociológica, que a igreja se constitui não apenas como uma rede de compartilhamento de experiências espirituais, mas como uma comunidade em que se constroem novos tipos de conexões emocionais e novos tipos de famílias forjadas não necessariamente a partir da consanguinidade, mas, sobretudo, a partir da convivência e do compartilhamento de uma fé comum, que

é, ao mesmo tempo, o que dá coesão ao grupo. Não à toa, os fiéis chamam uns aos outros de “irmãos” e “irmãs em Cristo”.

Ainda na Igreja Renascer, com 19 anos Bárbara foi ordenada pela direção eclesiástica como pastora, fato que a fez se dedicar ainda mais à vida religiosa. Sua atuação como pastora na igreja, porém, foi interrompida pela necessidade de sair da casa da sua mãe em razão de uma situação de violência doméstica provocada pelo seu padrasto. Esse momento, com ela relata, provocou um afastamento da denominação.

Bom, aí eu continuei morando com a minha mãe, ela arranhou uma pessoa e ela se casou com um pastor extremamente tradicional, mas muito tradicional e extremamente machista. **Ele [o padrasto] começou a podar a minha liberdade de ir e vir, já que eu era uma mulher, até o dia que ele me agrediu, e aí eu saí de casa com os meus 21 anos. Aí eu fui para a igreja, né, eu não tinha para onde ir. Eu fui para a igreja pedir apoio e eles me arranjaram o lugar de uma irmã da igreja para eu ficar durante um tempo e eu fiquei nessa irmã, passei por um processo muito difícil, mas foi aí que eu percebi que eu tinha dedicado a minha vida inteira à igreja e eu não tinha uma profissão.** E quando eu saí de casa e fui morar de favor na casa de alguém, eu percebi o quanto isso era real, e aí eu precisei... Eu fiz uma escolha de me dedicar por alguns anos aos meus estudos, à minha vida profissional. **Eu fazia muito na igreja, e quando eu precisei eu não tive o mesmo retorno com essa instituição, e isso mexeu bastante comigo, e aí eu fui viver a minha vida.**

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

Como é possível notar em seu relato, Bárbara sofre uma decepção com a comunidade e, por esse motivo, se afasta, sendo uma evangélica “desigrejada” durante 7 anos. Como em relatos anteriores de outros interlocutores, a decepção aqui também surge como um fator preponderante para o afastamento das instituições eclesiásticas.

É nesse interregno como desigrejada que Bárbara se compreende como uma mulher lésbica e muda sua perspectiva acerca da homossexualidade, já que quando integrava a Igreja Renascer, acreditava ser um pecado. A partir dessa autodescoberta da sexualidade, decidiu retornar à instituição e, então, fazer parte da igreja inclusiva Comunidade Cidade do Refúgio, que é liderada pelo casal de pastoras Lanna Holder e Rosânia Rocha.

A minha primeira experiência com alguma mulher foi com 24 anos, ou seja, foi entre esse processo de eu sair da Renascer e ir para a Cidade de Refúgio, foi nesse período que eu estava sem denominação, mas antes de eu ficar com uma menina... Quando eu saí da Renascer, eu acho

que eu passei um ano sentindo e ouvindo Deus, aliás, eu acho que eu passei todo esse período fora de uma denominação sentindo e ouvindo Deus, e isso me trouxe algumas **certezas porque eu tinha algumas visões que aquela pessoa que estivesse “desigrejada”, que é um termo que se usa muito hoje, ela estaria fora de Deus**, inclusive, né, se ela estivesse fora de uma instituição, ela estaria fora da visão, estaria fora de Deus. Eu acho que isso é muito importante para eu começar a falar da minha experiência com uma outra mulher. **Então quando eu fiquei com 24 anos, eu tive a minha primeira experiência com uma mulher.**

Eu não dependia de ninguém, então não precisava me assumir para ninguém, não precisava chegar e falar assim, “olha, eu te devo essa informação”, eu não devo essa informação a ninguém. **E ao mesmo tempo eu senti muito o amor de Deus. E eu comecei a pesquisar igrejas.** Eu fui para algumas igrejas onde eu não senti Deus. Eu. Outras pessoas sentiram, não são igrejas que são ruins, mas aquele não era o lugar para mim. **Quando eu fui para a Cidade de Refúgio, eu fui numa sexta-feira num culto de louvor e adoração, e nesse culto de louvor e adoração eu senti tanto Deus, e era como se Deus falasse assim “é aqui o seu lugar”.**

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

Bárbara, hoje, atua como pastora nesta denominação e, dentre as suas muitas funções, atua na recepção e educação religiosa de indivíduos LGBTQIA+ recém-chegados na igreja. Ela relata que, nessa experiência, aprendeu sobre traumas e experiências de sofrimento que centenas de sujeitos LGBTQIA+ carregam em razão da sua sexualidade ou identidade de gênero.

Sophia, como Bárbara, também teve sua vida religiosa marcada pela sua orientação sexual. Oriunda de uma família católica, ela relatou, em entrevista, que se tornou evangélica em 2017, em um período difícil de adoecimento mental. Como já se identificava como mulher lésbica, sua conversão ocorreu em uma igreja inclusiva, a Igreja Cristã Contemporânea, denominação que também é pentecostal. Sophia diz ter conhecido essa comunidade através do seu irmão, também homossexual e evangélico.

Além da sexualidade, Solange menciona gostar de Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT) em razão do que os seus governos fizeram pelo região Nordeste, em especial pela sua cidade, no interior da Paraíba

Então, eu tenho um carinho pelo PT igual eu te falei, pelo motivo do que o Lula fez no início pelo Nordeste, né, como eu te falei, eu sou de uma cidade do interior, uma cidade muito pobre onde existe um sistema de coronelismo muito forte, então na época eles não permitiam que nenhuma empresa entrasse porque era uma forma de escravizar o povo. Por exemplo, meu pai cansou de trabalhar de uma forma em que ele recebia por dia um tantinho de feijão, dois, três ovos, era uma forma de pagamento. Eles faziam com que o povo fosse bem escravizado mesmo, e eles não

permitted que as empresas entrassem. **Depois que o Lula ganhou a primeira eleição, ele montou projetos e formas onde as empresas começaram a entrar lá, e melhorou demais a vida da população. Não é que o Lula deu o Bolsa Família para que as pessoas vivessem de forma miserável não, ele permitiu que as empresas entrassem nesses locais, ele permitiu que as pessoas vivessem de forma digna, podendo trabalhar e ter o seu dinheiro, e entre vários outros projetos, como a questão da água, que só quem passou sede sabe o quanto é difícil.** Eu lembro que eu era criança e minha mãe andava horas atrás de água, aí tem essa questão das cisternas que eles fizeram lá onde hoje todo nordestino tem água, conseguem juntar água e passar o ano todo com água em épocas de seca. **Então foram projetos muito importantes. Então eu tenho esse carinho pelo início do PT.**

[Sophia, 35 anos e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Hoje, Sophia é casa com Rosângela, que é pastora da Comunidade Cristã Missão Para Todos, no interior de Minas Gerais. Ela afirma que, apesar de ocupar o delicado local de “esposa da pastora”, na igreja, não se isenta de se posicionar sobre questões políticas e se considera radical na afirmação dos seus direitos. Dentre algumas questões, Sophia diz ser favorável a legalização da interrupção da gravidez até a décima segunda semana de gestação para que o número de abortos diminuam e mulheres não morram em abortos inseguros.

Agora fora sim, fora eu me posiciono como uma cidadã que luta pelos meus direitos, **sou extremamente radical, me considero radical na busca pelo direito de igualdade, de justiça.** Então eu observo que essa ânsia de igualdade e de justiça é muito ligada à esquerda, né, eu vejo [que] a direita tem aquela coisa pela exclusividade do direito dos ricos, onde exclui muitos pobres.

Então eu acho que nesse contexto, trazendo para a questão da saúde, ter um acompanhamento, eu sei que o SUS hoje está muito desorganizado, mas o projeto SUS em si é um projeto muito bacana e que cabem muitas coisas, e **se a gente de repente trazer isso para a questão do SUS e trabalhar de uma forma bacana, com acompanhamentos igual a gente trabalha com a questão das pessoas que são trans, que eles têm acompanhamento durante um bom tempo com psicólogo, trazendo para eles a realidade do que vai ser feito, como que vai ser feito, fazendo eles refletirem se é aquilo mesmo que eles querem, eu acho que se a gente pegasse essa questão do aborto e trouxesse para dentro desse contexto, com esse trabalho, eu tenho quase certeza que esses números de aborto talvez fossem até diminuir, porque a gente sabe que o aborto é proibido por lei mas existem muitos casos de clínicas clandestinas e elas trabalham a todo vapor fazendo abortos clandestinos.** Então eu acho que se a gente pensar por esse lado talvez seja positivo trazer... Eles falam de uma forma tão agressiva, “é questão de tirar vida”, **talvez não seja uma questão de tirar vidas, mas uma questão de salvar vidas.**

[Sophia, 35 anos e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Sobre a questão do aborto, Bárbara também afirmou ser favorável a descriminalização, pois, segundo ela, ter esse posicionamento seria seguir o exemplo

de Jesus Cristo, pois as mulheres pobres realizariam abortos em situações de risco, enquanto ricas realizam de forma segura. Para ela, as concepções de fé que enxergam o aborto como algo pecaminoso não devem ser impostas a outros sujeitos.

Eu não posso querer impor a lei acima de todos, porque Jesus fez curas no sábado e falou “O que mais importa, cumprir a lei ou amar o outro? Se o teu boi caísse no sábado, você não iria salvá-lo? Claro que você iria salvá-lo.” Porque não era importante a lei em si, mas o amor ao outro, esse era o significado da coisa, era que naquele momento de sábado você descansasse, porque é importante para a nossa saúde mental, mas isso não pode ser um limitador de eu ajudar e amar e curar ao outro. **E quando eu falo isso, eu estou falando sobre a descriminalização do aborto, porque mulheres periféricas morrem em abortos clandestinos, e a gente gasta mais com a nossa saúde cuidando dessas mulheres que passam por problemas de saúde após esses abortos do que realmente se a gente descriminalizasse e tivesse todo um procedimento dentro do nosso país em que a mulher que quisesse, pudesse de forma segura. Porque a mulher rica aborta, só que ela aborta num lugar seguro para ela, mesmo que seja clandestino, é num lugar seguro. A mulher pobre não. Então eu não posso impor a minha lei sem amar essa pessoa, e as mulheres com complicações depois de um aborto são muitas, as mulheres que morrem, as mulheres que ficam estéreis, e eu não posso dizer que Deus [diz] “tá vendo? Quis abortar, ficou estéril”, não, não é isso. É que a sociedade não entendeu que, “pera, o meu preceito de que eu não faria um aborto não significa que eu tenho que impor a minha fé, as minhas condições na vida de alguém”.**

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

Diferentes dos interlocutores de outros tipos de denominações – pentecostais e protestantes históricas –, as interlocutoras das denominações inclusivas são, em sua totalidade favoráveis a legalização do aborto, assim como defendem os direitos LGBTQIA+, sendo elas mesmas integrantes de comunidades inclusivas para esse grupo social. Além disso, também apoiam ou são ativistas do movimento negro, como é o caso de Lia da Conceição, que integra organizações antirracistas e se identifica como ativista do movimento LGBTQIA+.

Integro o Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE), que é uma organização gaúcha antirracista do movimento negro que já existe há 34 anos em Porto Alegre-RS. Também componho a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco. **E sou uma permanente ativista de algumas pautas, além destas que atravessam as minhas identidades, eu também sou ativista do movimento LGBTQIA+, também sou ativista da pauta da promoção do respeito à diversidade religiosa.**

[Lia, reverenda anglicana, doutora em teologia e 50 anos, grifo meu]

Sophia, que também se identifica como uma mulher negra, diz que políticas afirmativas são essenciais para que a desigualdade racial no Brasil diminua. Já Bárbara, além de apoiar a causa do movimento negro, afirma que o racismo, assim

como outras pautas dos movimentos sociais, são discutidas no interior da congregação.

Eu, como negra também, acho importante porque o povo negro sempre foi, durante um bom tempo foram pessoas [a quem] foram negados os seus direitos até como ser humano, né. E o negro foi, durante muito tempo, condenado e escravizado e [teve] negados os seus direitos, e hoje não é diferente ainda, apesar de a gente estar numa época bem avançada em muitas coisas, a gente vê que o negro quando entra em shopping, entra em algum lugar, é olhado de forma torta, é perseguido, é sempre visto de uma forma preconceituosa, então sim, os direitos de cota e tudo mais [são] o mínimo que o Estado pode estar fazendo para amenizar todo o sofrimento, toda a perda que esse grupo, que é maioria, né - a gente não pode falar que nós somos minorias, mulheres não são minorias, os negros não são minorias - então é o mínimo que o Estado pode estar fazendo para reconhecer o quanto eles erraram durante anos.

[Sophia, 35 anos e estudante de ensino superior, grifo nosso]

Por exemplo, a população negra no nosso país sofre com o racismo estrutural, e a gente precisa não colocar eles em pé de igualdade, mas a gente precisa, como sociedade, e ainda mais pessoas brancas, dar subsídios para que eles estejam nos mesmos lugares que a gente, porque nós temos condições melhores, como pessoas brancas.

A Cidade de Refúgio tem isso de forma mais esporádica, mas ela tem sua comunidade, no sentido de a comunidade se autocorrige, então quando alguém vai lá e fala alguma coisa que é um termo racista, a comunidade vai na hora naquela pessoa e autocorrige essa pessoa.

[Bárbara, 36 anos, pastora da igreja Cidade de Refúgio e Contadora, grifo meu]

Na análise das entrevistas destas interlocutores integrantes de comunidades inclusivas, foi possível notar alguns eventos biográficos que as inclinaram para perspectivas políticas progressistas ou de esquerda. O contato com movimentos sociais (Lia), ter origem em uma realidade de pobreza e ser beneficiado por políticas públicas de governos de esquerda (Lia e Sophia), a autoidentificação racial ou sexual (Lia, Bárbara e Sophia) e o contato com perspectivas teológicas progressistas (Lilian e Bruna).

5.5. EVANGÉLICOS PROGRESSISTAS – UM TIPO IDEAL:

Como averiguado nas páginas anteriores, é possível notar a presença das seguintes variáveis nas entrevistas dos 19 (dezenove) interlocutores participantes da pesquisa: experiência de trabalho com movimentos sociais/estudantis/trabalhistas ou com organizações de Direitos Humanos; contato com perspectivas teológicas críticas e progressistas; contato ou vivência em realidades de vulnerabilidade e pobreza; beneficiamento de políticas públicas de governos de esquerda; vivência em espaços

universitários; conflitos ideológicos ou decepção com alguma comunidade religiosa evangélica; autoidentificação racial e/ou sexual ou contato com grupos LGBTQIA+ ou antirracistas; influência política de esquerda familiar e experiência de estigma no interior da denominação evangélica.

Tabela 16: sistematização de variáveis na trajetória familiar por interlocutor:

	Experiência com movimentos /org. de Direitos Humanos	Contato com perspectivas teológicas críticas	Contato ou vivência em realidades de vulnerabilidade	Beneficiamento de políticas públicas
Giovana		X	X	
Daniel			X	
Matias		X	X	
Otávio	X	X	X	
Larissa	X		X	
Sophia		X	X	X
Bárbara		X		
Gisele				
Gustavo				
Joel	X	X	X	
Zilda	X	X	X	
Lia	X	X	X	
Marcelo			X	
Natanael				
Afonso				
Miriam	X			
Roberto	X			
Laura			X	X

Tabela 17: sistematização de variáveis na trajetória familiar por interlocutor:

	Conflitos ou decepção com a comunidade religiosa	Autoidentificação sexual/racial ou contato com movimentos LGBTQIA+/negros	Influência familiar	Experiência de estigma na comunidade religiosa
Giovana		X		
Daniel				
Matias	X	X		
Otávio	X	X		
Larissa		X	X	
Sophia		X		
Bárbara	X	X		X
Gisele	X			
Gustavo	X			

Joel	X			
Zilda	X			
Lia		X		
Marcelo	X			
Natanael				
Afonso				
Miriam	X			
Roberto				
Laura				

Com esses dados, é possível, então, construir um tipo ideal desses evangélicos progressistas. Para Max Weber (2015) os tipos ideais não expressam o conteúdo da realidade social como ela é em sua própria essência. Trata-se de um meio para que o sociólogo organize a realidade de forma lógica, sem a pretensão de traduzir a forma extada da estrutura do mundo. Os tipos ideais são instrumentos de análise do real, para melhor ordená-lo, pensá-lo e compreendê-lo. São construções que, a partir dos sujeitos, o pesquisador tenta captar conteúdos comuns a estes, eliminando as particularidades para a criação de um desenho geral.

Nessa pesquisa, é possível notar através das tabelas acima que pelo menos 5 (cinco) das 8 (oito) variáveis repetem-se com frequência na maioria dos trajetória dos interlocutores. São elas, por ordem de quantidade de repetição: 1) o contato ou a vivência em realidades de vulnerabilidade e pobreza; 2) conflitos ideológicos ou decepção com alguma comunidade religiosa evangélica que fez parte; 3) contato com perspectivas teológicas críticas e progressistas; 4) a experiência com organizações políticas de esquerda (movimentos sociais/estudantis/trabalhistas ou de Direitos Humanos); 5) passou por um processo de autoidentificação como negro, indígena ou LGBT, ou teve contato com movimentos antirracistas e pró-diversidade;

A partir disso, podemos aferir que evangélico progressista típico ideal desta pesquisa é o indivíduo que, em algum momento da sua biografia, teve contato com a pobreza, enfrentou conflitos ou decepções em alguma comunidade religiosa, teve contato com perspectivas teológicas críticas, teve experiência com organizações políticas de esquerda (movimentos sociais, estudantis, trabalhistas ou Direitos Humanos) e passou por um processo de autoidentificação racial ou LGBTQIA+, ou teve contanto com movimentos dessa natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho teve como objetivo, ao longo de quatro capítulos, compreender a construção da identidade evangélica progressista a partir dos marcos biográficos de um grupo de 19 (dezenove) evangélicos progressistas de diferentes partes do Brasil, bem como diferentes níveis de escolaridade e atuação profissional. Pretendeu-se, ainda, captar como essa identidade política se construiu em um momento de polarização política e quais as tensões dentro e fora do campo, a partir do autorreconhecimento como evangélico progressista.

Tive como foco de análise os determinantes biográficos expostos através de entrevistas guiadas semiestruturadas. Procurei, por um lado, explorar os sentidos subjetivamente atribuídos por estes interlocutores ao “ser evangélico” e o “ser progressista”, e a complexa relação dos entrevistados com essas identidades. Por outro lado, procurei abordar a diversidade do campo evangélico através de uma observação da relação destes fiéis com as suas comunidades, os seus conflitos, e as suas trajetórias de vida. Estes elementos foram considerados chaves para uma avaliação das adesões destes fiéis ao progressismo e/ou esquerda do espectro político.

No capítulo 2, analisei o processo de separação da Igreja e do Estado no Brasil. Advoguei, a partir de uma perspectiva weberiana, que o “processo de secularização” descrito por este autor não pode ser confundido com o “processo de desencantamento do mundo”. Destaquei que, para a obra weberiana, o processo de secularização implicava, principalmente, a emancipação jurídico-política do Estado com relação à religião e o declínio de sua função integradora da sociedade. Já o “processo de desencantamento do mundo”, que não pode ser tomado como sinônimo do “processo de secularização”, seria o processo de racionalização da própria religião.

Analisei, ainda, que a secularização não é linear ou universal, tampouco diz respeito ao completo desaparecimento da religião da esfera pública, e que, diferente da secularização de tipo europeia, no Brasil o processo de secularização não significou, necessariamente, o arrolamento da religião para a esfera privada. Este fato, por sua vez, conferiu caráter distinto a formação do pluralismo religioso no país, tendo a Igreja garantido privilégios no Estado e na sociedade que, mais tarde, fez com que outras religiões fossem incentivadas a ocuparem espaços laicos ou disputarem os

mesmo privilégios do poder católico, fato que se coloca como um desafio da contemporânea democracia brasileira.

No capítulo 3, discuti de quem estamos falando quando utilizamos a categoria “evangélico”. Com Machado (2006) e Mariano (2014), explanei que este termo, na América Latina, recobre o campo religioso formado por denominações cristãs nascidas e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI e designa tanto as igrejas protestantes históricas como as pentecostais e neopentecostais. No entanto, esta é uma categoria nativa do subcontinente que remete a uma série de características que englobam um número cada vez maior de pessoas, especialmente no Brasil, não permitindo que qualquer pesquisador possa, portanto, falar de “o” evangélico, mas “os” evangélicos, pois se trata de um campo diverso e complexo.

Ainda neste capítulo, apresentei, a partir do trabalho de Ricardo Mariano (2015), os tipos-ideais das denominações evangélicas brasileiras, compreendendo as diferentes origens históricas, tradições doutrinárias e vínculos institucionais. Quatro tipos ideais foram apresentados: 1) o protestantismo histórico, que faz referência às principais igrejas oriundas da Reforma Protestante europeia do século XVI; 2) o pentecostalismo clássico, que remete às primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil no início do século XX; 3) o deutropentecostalismo, que se inicia em meados da década de 1950, na cidade de São Paulo, com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular e 4) o neopentecostalismo, iniciado no Brasil na década de 1970 e com potente fortalecimento nas décadas de 1980 e 1990 e que tem como características a ênfase na guerra espiritual, a teologia da prosperidade, a liberalização dos usos e costumes e o funcionamento das igrejas como empresas. Apresentei, também, no capítulo 2, a genealogia das igrejas evangélicas presentes no Brasil.

No capítulo 4, discuti uma análise dos sentidos construídos subjetivamente pelos 19 interlocutores que participaram da pesquisa e atribuídos à identidade evangélica. Para isso, tomei como ponto de partida a sociologia weberiana, que toma o indivíduo com o núcleo de compreensão dos fenômenos sociais. A tarefa do sociólogo, segundo essa perspectiva, seria analisar os a realidade social, partido dos diferentes significados (sentidos) que os indivíduos atribuem às suas experiências.

Com essa perspectiva sociológica, apontei, a partir de uma análise das entrevistas, que os fiéis progressistas operam uma reinterpretação da mensagem

bíblica de Jesus Cristo sob perspectivas de justiça social, antirracistas e feministas e que, através dessa releitura do Evangelho, realizam ou uma negação da identidade evangélica, pois esta estaria associada a grupos religiosos conservadores, ou uma afirmação dessa identidade para que esta não mais seja uma propriedade exclusiva de grupos conservadores, sectários e de direita, mas também de progressistas, tolerantes e de esquerda, pautando, a partir disso, o que seria identidade evangélica “verdadeira”.

Discuti, também no capítulo 4, os usos estratégicos da identidade evangélica. A partir dos conceitos de desempenho e representação de Erving Goffman (1985), aponte que, segundo os relatos dos entrevistados, ocorria, por parte deles, uma tentativa de influenciar outros indivíduos através da afirmação da identidade “evangélica” em contraposição ao uso hegemônico de viés sectário, conservador e de direita.

No capítulo 5, apresentei aspectos diferenciados da socialização e da história de vida dos interlocutores que influenciaram na formação de suas visões de mundo com características progressistas ou de esquerda. A partir da perspectiva sociológica de Berger e Luckmann (1985), discuti como mundo social é “filtrado” pelo indivíduo a partir das experiências biográficas que o formaram. Segundo esses autores, a socialização do indivíduo em uma estrutura social objetiva o oferece aquilo chamam de “significativos”, que se encarregam de dar definições as situações objetivas que se apresentam ao longo da vida. É através dos significativos mediadores do mundo social recebidos durante o processo de socialização, fundamentados nas biografias individuais, que os atores apreendem e interpretam o mundo. Foi a partir dessa perspectiva sociológica, que trata que as experiências prévias proveem ao ator um acervo de conhecimento para uso nas ações sociais ao longo da vida, que discuti a socialização e a trajetória de vida dos evangélicos progressistas.

Nesse sentido, através da análise sociológica das entrevistas, foi possível notar a presença de variáveis comuns na trajetória dos entrevistados, como a experiência de trabalho com movimentos sociais/estudantis/trabalhistas ou com organizações de Direitos Humanos; contato com perspectivas teológicas críticas e progressistas; contato ou vivência em realidades de vulnerabilidade e pobreza; beneficiamento de políticas públicas de governos de esquerda; vivência em espaços universitários;

conflitos ideológicos ou decepção com alguma comunidade religiosa evangélica; autoidentificação racial e/ou sexual ou contato com grupos LGBTQIA+ ou antirracistas; influência política de esquerda familiar e experiência de estigma no interior da denominação evangélica.

Com isso, pude construir um tipo ideal do evangélico progressista desta pesquisa. Como aponta a obra de Max Weber (2012), o tipo ideal não é uma idêntica fotografia da realidade, mas de uma abstração para melhor analisá-la, captando conteúdos comuns do objeto e eliminando as particularidades para a criação de um desenho geral. O tipo ideal desta pesquisa se constitui a partir de 5 (cinco) principais variáveis. Trata-se do indivíduo evangélico que, em algum momento da sua biografia, teve contato com a pobreza, enfrentou conflitos e/ou decepções em alguma comunidade religiosa, teve contato com perspectivas teológicas críticas, teve experiência com organizações políticas de esquerda (movimentos sociais, estudantis, trabalhistas ou Direitos Humanos) e passou por um processo de autoidentificação racial ou LGBTQIA+, ou teve contanto com movimentos dessa natureza.

A contribuição dessa pesquisa se constitui a partir da percepção desses elementos. Os assim chamados evangélicos progressistas possuem trajetórias de vida peculiares que, por sua vez, os inclinaram à esquerda do espectro político. Assim se tornaram não através de uma intervenção intelectual que os convenceu de que as bandeiras levantadas pela esquerda eram “melhores” ou mais “racionais”, mas através de uma trajetória de vida repleta de marcadores biográficos que fizeram com que as bandeiras de esquerda fossem mais bem recebidas por esses interlocutores. Afinal, o mundo social é interpretado pelos sujeitos a partir das suas próprias experiências. Portanto, estes elementos comuns às trajetórias dos interlocutores faz com que seja possível construir um tipo-ideal do evangélico progressista.

Outra contribuição desta pesquisa foi ampliar a discussão sobre a complexidade e, logo, a diversidade do campo evangélico. Ao discutir a existência de um grupo de evangélicos que se identificam com partidos e bandeiras progressistas ou de esquerda – um grupo que, aliás, é historicamente presente nesse campo religioso –, foi possível, ainda, mostrar que mesmo entre esses evangélicos progressistas não há unanimidade ou completa adesão à algumas pautas. Como foi possível notar na análise das entrevistas, enquanto alguns fiéis descreem de

instituições, outros creem; enquanto alguns fiéis sentem desconforto ou até negam a identidade evangélica, outros aceitam e reafirmam esta identidade através de outras interpretações do evangelho, e enquanto alguns fiéis apoiam sem ressalvas a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, bem como os direitos civis para pessoas LGBTQIA+, outros possuem resistência e acreditam se tratam de práticas pecaminosas e ofensivas à Deus.

Este trabalho, no entanto, não pretendeu ser generalizante. As condições de pesquisa imersas em uma pandemia global de COVID-19 limitaram o alcance de interlocutores entrevistados, bem como a diversidade de denominações. Não puderam ser alcançados por esta pesquisa evangélicos progressistas neopentecostais, de igrejas pentecostais além da Assembleia de Deus e de igrejas protestantes históricas como Metodista e Luterana, que um possuem número significativo de fiéis no Brasil.

Existem, ainda, lacunas deixadas por este trabalho que poderão ser preenchidas por trabalhos posteriores, como adversidades de ser evangélico no interior da esquerda e ser de esquerda na igreja evangélica. Estes elementos surgiram na nossa pesquisa, mas não com a qualidade suficiente para que pudéssemos acrescentar neste texto. Outro elemento a ser preenchido por outros trabalhos ou pesquisadores diz respeito ao aprofundamento dos valores e do comportamento políticos portados por esses evangélicos progressistas. Como apresentado no texto, existem contradições e nem todas as bandeiras levantadas por grupos progressistas e de esquerda na arena pública são vistas com bons olhos por estes fiéis. Resta saber, no entanto, como isso ocorre em um grupo com número maior de interlocutores.

Todas estas lacunas, no entanto, poderão ser preenchidas a partir dos pontos levantados por esta pesquisa. Para isso, outras pesquisas de diferentes áreas e com diferentes metodologias serão cruciais.

REFERÊNCIAS:

ABRANCHES, Sérgio Henrique. **Presidencialismo de Coalizão: O Dilema Institucional Brasileiro**. Rio de Janeiro, Dados, Revista de Ciências Sociais, 1988.

ABRANCHES, Sérgio Henrique. **Presidencialismo de Coalizão: raízes e evolução do sistema político brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ABRANCHES, Sérgio Henrique. **O tempo dos governantes incidentais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. "**Pelo Senhor, marchamos**": os evangélicos e a ditadura militar no Brasil. 2016. 310 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.

ARENDT, Hannah. **O que é política: fragmentos das obras póstumas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

AUBRÉE, Marion. O transe: as respostas do xangô e do pentecostalismo. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 7, n. 37, p. 1070-1075, 1985.

AVRITZER, Leonardo. **O Pêndulo da Democracia**. São Paulo: Todavia, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. São Paulo: Zahar, 2017

BEGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIROLI, Flavia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero e neoconservadorismo na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BIVALHA, Alexandre Oliveira. **Os desigrejados: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas**. 2020. 116 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política: volume 1**. 11. ed. Brasília: UNB, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **O Evangelho do Cristo Cósmico**: a busca da unidade do todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BURITY, Joanildo A. Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista Eletrônica Rever**. São Paulo, nº 4, ano 01, 2001.

BURITY, Joanildo A; MACHADO, Maria das Dores Campos (Org.). **Os votos de Deus**: evangélicos e eleições no Brasil. Recife: Editora Massangana, 2006.

BURITY, Joanildo A. De onde vêm os referenciais para uma tomada de posição político-eleitoral? (I). **Novos Diálogos**, 20 set. 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. De políticos de Cristo: uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: BURITY, Joanildo A.; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Os votos de Deus**: evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Editora Massangana, 2006. Cap. 2. p. 29-90.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa**: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

CASANOVA, José. **Public Religions in the Mordern World**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

COHN, Gabriel. Alguns problemas conceituais e de tradução em Economia e Sociedade. In: WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora UNB, 2012. p. 11-15.

CUNHA, Magali Nascimento. Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do *facebook* e do *twitter*. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 217-244, dez. 2017.

CUNHA, Magali Nascimento. Religião e política no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000: o protagonismo dos evangélicos. **Fronteiras: Revista de Teologia da Unicap**, v. 3, p. 40-65, 2020.

DORE, Rosemary; SOUZA, Herbert Glauco de. Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 25, n. 3, p. 243-260, set. 2018.

DANTAS, Bruna Suruagy. **Religião e Política**: ideologia e ação da “bancada evangélica” na Câmara Federal. Tese de Doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011

DIP, Andrea. **Em nome de quem?**: A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DURKHEIM, Èmile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Èmile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Edipro, 2012.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontro, 1994.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

GARCEZ, Eliane Fioravante. Weber, Schutz e a busca de: uma análise comparativa. **Em Tese**, [S.], v. 11, n. 1, p. 63, 31 jul. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**: caderno 11. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.

GUIGOU, Nicolás. Religión y política en el Uruguay. **Civitas. Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 43-54, 2006.

GÜNTHER, Hartmut. Como elaborar um questionário. **Laboratório de Psicologia Ambiental**, Brasília, n. 1, p.1-15. 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Fé e Saber**. São Paulo: UNESP, 2013.

HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da Secularização**: sobre razão e religião. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LEONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. **Revista de História**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 105-157, 1951

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e religião**: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MACHADO, Maria das Dores Campos.; PICCOLO, Fernanda Delvalhas (Org.). **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p.29-56, jun. 2012.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião e Política no Brasil Contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p.45-72, dez. 2015.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e dos mercados religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. **Cadernos ISER**, 22, p. 37-86, 1989.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão bibliográfica. **BIB**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 41, p. 33-48, jan. 1999.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MIGUEL, Luis Felipe. **Aborto e Democracia**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 657-672, 2012.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, v. 74, n. 1, p. 47-65, mar. 2006.

MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no brasil. **Etnográfica** [Online], v. 13, n. 1, p. 7-16, maio 2009.

MONTERO, Paula. Jürgen Habermas: religião, diversidade cultural e publicidade. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, v. 9, n. 84, p. 199-213, jul. 2009.

MONTERO, Paula. Religião, Laicidade e Secularismo: um debate contemporâneo à luz do caso brasileiro. **Cultura y Religión**, Iquique, v. 7, n. 2, p. 13-31, dez. 2013.

MONTERO, Paula (org.). **Religiões e controvérsias públicas**: experiências, práticas sociais e discurso. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

MONTES, Maria Lucia. **As figuras do sagrado**: entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MOUFFE, Chantal. Religião, democracia liberal e cidadania. In: BURITY, Joanildo A.; MACHADO, Maria das Dores Campos (org.). **Os Votos de Deus**: evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006. Cap. 1. p. 15-27.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Intervenção. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée (Org.). **Misticismo e Novas Religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. São Paulo: Zahar, 2020.

ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 53, n. 18, p. 53-69, out. 2003.

ORO, Ari Pedro; URETA, Marcela. Religião e Política na América Latina: uma análise da legislação dos países. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 27, p. 281-310, 2007.

PACHECO, Ronilso. **Teologia Negra**: o sopro antirracista do Espírito. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

PAVEZ, Thais Regina. **Crime, trabalho e política**: um estudo de caso entre jovens da periferia de São Paulo. 2015. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PIERRUCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, 1998.

PIERRUCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Do lulismo ao bolsonarismo**. 2018. Entrevista. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/581843-do-lulismo-ao-bolsonarismo-entrevista-especial-com-rosana-pinheiro-machado>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Depois de Bolsonaro, o bolsonarismo permanecerá**. 2022. Disponível em: <https://revistapb.com.br/entrevistas/depois-de-bolsonaro-o-bolsonarismo-permanecera/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo**: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos, v. 2, p. 215-53, 2008.

REINA, Morgane Laure. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades de ser negro na igreja evangélica. **Plural: revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 253-275, 2017.

RIBEIRO, Renato Janine. Religião e política no Brasil contemporâneo. In: FRIDMAN, L (Org.). **Política e Cultura, século XX**. Rio Janeiro: Relume Dumará, p. 99-110, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um brasil pós-político. São Paulo: Caminhos, 2021.

RUSSO, Mauricio; OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. Devagar e sempre com fé em Deus: os evangélicos cearenses nos censos demográficos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, p.129-150, jun. 2011.

SANTOS, Hermílio. Apresentação da edição brasileira. In: SCHÜTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social**: uma introdução à sociologia compreensiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 11-14.

SCHÜTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social**: uma introdução à sociologia compreensiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social: escritos** I. Compilado por Maurice Natanson. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**: Marx, Durkheim e Weber. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Herbert Glauco de. **Contra-hegemonia**: um conceito de Gramsci. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História das Ideias Religiosas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1968.

VALLE, Vinicius do. **Entre a religião e o Lulismo**: um estudo com pentecostais em São Paulo. São Paulo: Recriar, 2019.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. **Religião e Política**: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de

LGBTs no brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião/Fundação Heinrich Böll, 2013.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES. **Oração de traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES. IRMÃOS CONTRA O IMPÉRIO: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no brasil. **Debates do Ner**, [S.l.], v. 1, n. 39, p. 13-80, 31 jul. 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES. Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. **Plural. Antropologías desde América Latina y del Caribe**, [S. l.], n. 6, 2021.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES; MOURA, João Luiz. Identidades, números e histórias de evangélicos nas eleições 2020. **Evangélicos À Esquerda no Brasil**: entrevistas com lideranças e coletivos nas eleições de 2020, Rio de Janeiro, v. 73, n. 40, p. 7-10, dez. 2021.

VILLAZÓN, Julio Córdova. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver!**: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. Cap. 7. p. 164-176.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Volume 1. 4. ed. Brasília: Editora Unb, 2015.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Volume 2. 4. ed. Brasília: Editora Unb, 2012.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. A religião e a esfera pública. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 139-159, 2008.

ZILIO, Lara Bethânia. **O agonismo no pensamento político de Hannah Arendt**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ZILIO, Lara Bethânia; COSTA, João Gabriel Castro da. Agonismo e pluralidade no pensamento político de Hannah Arendt. **37º Encontro Anual da Anpocs**: Simpósios de Pesquisas Pós-Graduadas, Águas de Lindóia. 2013.